

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

MESTRADO EM CULTURA E TURISMO

VINÍCIUS JOSÉ RIPOL DE FREITAS

NOVIDADES EM GOIÁS VELHA

UM ESTUDO SOBRE O CONTEXTO TURÍSTICO

NA ANTIGA CAPITAL GOIANA

ILHÉUS, JULHO DE 2004

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

VINÍCIUS JOSÉ RIPOL DE FREITAS

NOVIDADES EM GOIÁS VELHA

UM ESTUDO SOBRE O CONTEXTO TURÍSTICO

NA ANTIGACAPITAL GOIANA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA AO MESTRADO EM
CULTURA E TURISMO, LINHA DE PESQUISA “MEMÓRIA
IDENTIDADE E REPRESENTAÇÕES CULTURAIS”, SOB ORIENTAÇÃO DO
PROF. DR. MILTON MOURA

ILHÉUS, JULHO DE 2004

NOVIDADES EM GOIÁS VELHA

UM ESTUDO SOBRE O CONTEXTO TURÍSTICO

NA ANTIGA CAPITAL GOIANA

VINÍCIUS JOSÉ RIPOL DE FREITAS

DISSERTAÇÃO APRESENTADA, PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE, AO MESTRADO EM CULTURA E TURISMO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ E UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA.

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: CULTURA E TURISMO

ORIENTADOR: PROF. DR. MILTON ARAÚJO MOURA

Ilhéus, 29 de julho de 2004.

Prof. Dr. Milton Araújo Moura (Orientador) - UFBA

Prof. Dr. Antônio Albino Canelas Rubim - UFBA

Prof. Dr. Hélio Estrela Barroco - UESC

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa a toda a população vilaboense, em especial àqueles que responderam questionários e entrevistas ou me concederam apoio para resolução dos inmensuráveis contratempos por mim encontrados. Desejo veementemente que este trabalho sirva de referencial para a melhoria da qualidade de vida dessa população.

AGRADECIMENTOS

Recordo-me agora da outra oportunidade que tive de fazer agradecimentos em um trabalho acadêmico, e muitos daqueles que agradei, voltarei a fazê-lo agora.

Agradeço inicialmente e novamente aos Deuses do Universo, que mais uma vez permitiram com que eu terminasse um trabalho científico, sendo este muito mais laborioso que o anterior.

Agradeço novamente ao meu núcleo familiar, que sempre me deu apoio para que eu realizasse meus feitos. Meu pai Braz, minha mãe Maria, meus irmãos Paulo, Raquel e em especial Cleuton, que muitas vezes me aconselhou em momentos delicados. Agradeço também ao meu primo Assis, pessoa de fundamental importância no desenvolvimento de minha vida literária.

Agradeço novamente aos amigos e companheiros de pesquisa Miguel Donizete Gusmão Filho e Aline Fagner de Carvalho e Costa que foram pessoas essenciais no decorrer de toda a minha vida acadêmica. Porém, não só por isso são fundamentais em minha vida, são dádivas que os Deuses me deram, as quais preservo com muito esmero. Agradeço também às crianças: Mariana e Adrimar, cujos pais têm residência eterna em meu coração.

Finalmente, agradecimentos novos. Em primeiro lugar a toda a minha turma, um grupo nota 11, que se fez coeso e alegre, formando o melhor “panelão” em que já vivi ou mesmo tive notícias. Agradeço a todos professores da Universidade Estadual de Santa Cruz que contribuíram para o crescimento da minha formação acadêmica. Agradeço em especial ao Hélio Barroco, a Maria de Lourdes carinhosamente “Tica”, ao Paulo Terra e a Marisa Donatelli. Contei com apoio especial de todos esses professores, e mais do que um vasto conhecimento acadêmico, revelaram possuir um coração ainda mais pulsante e vivo do que suas reverberantes mentes. Também ao professor Jorge Araújo, dono de uma simplicidade e erudição inigualáveis. Agradeço também a Graça Argolo, pessoa de inigualável simpatia e profissionalismo. A CAPES, instituição que financiou grande parte da realização desta pesquisa.

Agradeço em especial ao meu orientador Milton Moura, que muito se empenhou para que esta dissertação resultasse no melhor trabalho possível. Assim, eximo-o desde já de qualquer falha que possa haver nesta pesquisa. Milton, mais do que um orientador acadêmico, se revelou uma excelente pessoa e um grande amigo. E guardo com carinho e para toda a vida muito do que foi por ele a mim transmitido.

SUMÁRIO

	Resumo	i
	Abstract	ii
	Lista de Tabelas	iii
1	INTRODUÇÃO	001
2	DISCUSSÕES CONCEITUAIS	007

2.1	Campo de Pesquisa do Turismo	007
2.1.1	O Turismo como Objeto de Pesquisa Científica	007
2.1.2	O Contexto Turístico em Foco	015
2.2	Reflexões Acerca do Patrimônio Cultural	021
2.2.1	Patrimônio Cultural: Itinerário de Concepções	022
2.2.2	A Questão Patrimonial no Brasil	030
2.2.3	Patrimônio Cultural: Consagração e Descaso	035
2.2.4	As Apropriações do Patrimônio	036
2.3	Identidade Cultural: Um Olhar Contemporâneo	040
2.3.1	Mundialização da Cultura e Identidade Cultural	041
2.3.2	Comunicações Globais: Referências de uma Cultura para o Mundo	046
2.3.3	O Consumo pós-moderno e a Inclusão Social	049
3	 ALGUMAS NOTAS SOBRE A HISTÓRIA DE GOIÁS VELHA E A ATUAÇÃO DO IPHAN	053
4	 O CONTEXTO TURÍSTICO EM GOIÁS VELHA	064
4.1	Procedimentos metodológicos	064
4.2	Apontamentos sobre o Enfoque Econômico	070
4.3	Breve análise do Enfoque Ambiental	076
4.4	Descrição e análise do Enfoque Estrutural	082
4.4.1	O Enfoque da Superestrutura	082
4.4.1a	As principais Festas da cidade	082
4.4.1b	Grupos Artísticos com Destaque	098
4.4.2	Enfoque da Infraestrutura	103
4.4.2a	Locais de Visitação no Núcleo Patrimonial	104
4.4.2b	Espaços Públicos Urbanos Recomendáveis para Eventos	115
4.4.2c	Ambiência do Entorno Agregada pelo Contexto Turístico	118
4.5	Análise do Enfoque Sócio-cultural.....	120
4.5.1	Análise sobre a Percepção do Grupo 1 (empreendedores)	120
4.5.2	Análise sobre a Percepção do Grupo 2 (funcionários)	136
4.5.3	Análise sobre a Percepção do Grupo 3 (econômico esporádico)	150
4.5.4	Análise sobre a Percepção do Grupo 4 (sem ocupação econômica)	161
4.5.5	Análise sobre a Percepção do Grupo 5 (gestores e formadores de opinião)	173
4.5.6	Análise Comparada dos Grupos	197
4.6	Análise do Enfoque do Planejamento	205
4.6.1	Ambiência da Cidade Atrativa ao Contexto Turístico	214
4.6.2	Ambiência do Entorno Atrativa ao Contexto Turístico	207
4.6.3	Pontos Estratégicos para o Desenvolvimento do Contexto Turístico Socialmente Sustentável em Goiás Velha	213
4.6.4	Principais Parceiros para Implementação do Plano	225
5	 CONSIDERAÇÕES FINAIS	229
6	 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	235
7	 ANEXOS (somente em CD-room)	

- Mapa de Goiás Velha
- Decreto-Lei de 30 de novembro de 1937
- Código Mundial de Ética de Turismo
- Princípios Internacionais do Turismo
- Metas para o Turismo 2003-2007 AGETUR (Agência Goiana de Turismo)
- Questionários dos Grupos 1,2,3 e 4
- Roteiro para Entrevistas do Grupo 5.

RESUMO

Analisa-se efeitos e impactos do Contexto Turístico em Goiás Velha, Estado de Goiás, enfocando a percepção da população local e distintamente a do autor sobre o turismo. O título de Patrimônio Cultural da Humanidade (2001) tem papel de destaque como um incremento do imaginário vilaboense, sendo assim foi um referencial para a realização desta Dissertação. A pesquisa partiu de aspectos teóricos sobre e para a epistemologia do turismo, reflexões acerca do Patrimônio Cultural e entendimentos sobre questões de identidade cultural contemporânea. A metodologia proposta partiu de aspectos relativizadores da ciência pós-moderna. Diversos métodos de coleta de dados foram utilizados: revisão bibliográfica, entrevistas, aplicação de questionários e análises de fontes secundárias. A estrutura analítica foi criada para estudos do contexto turístico em localidades. Assim, o objetivo norteador desta pesquisa foi o entendimento do contexto turístico em Goiás Velha. Entende-se o contexto turístico como uma combinação de sub-contextos ou enfoques, são eles: sociocultural, planejamento, estrutural, ambiental e econômico (o contexto ambiental é analisado em menor escala e o contexto econômico encontra-se apenas em indicativo, para não comprometer a qualidade dos resultados obtidos). Dessa forma, aprofundam-se questões referentes aos enfoques estruturais, socioculturais e planejamento. O enfoque estrutural apresenta excelentes condições imateriais e boas condições materiais; o sociocultural apresenta um quadro estável e receptivo ao turismo; o aspecto ambiental apresenta poucos impactos e efeitos, em decorrência do contexto turístico. No enfoque do planejamento, detectou-se a inexistência de uma sistematização para qualquer plano governamental ou coletivo. Os resultados extrapolam o tradicional plano analítico da ciência, apresentando propostas de intervenção empírica no sentido de estimular um desenvolvimento socialmente sustentável do turismo em Goiás Velha.

Palavras chave: Patrimônio Cultural, Turismo, Identidade local, Goiás Velha.

WHAT'S NEW IN OLD GOIÁS
A STUDY OF TOURISTIC CONTEXT IN THE FORMER CAPITAL OF GOIÁS

Author: Vinícius José Ripol de Freitas

Advisor: Prof. Dr. Milton Araújo Moura

ABSTRACT

In this paper, we analyze the effects and impacts of touristic context in Goiás Velha, State of Goiás, focusing on the perception of the local population, and especially that of the author, on tourism. The title of Cultural Patrimony of Humanity (2001) has a special role as an addition to the imaginary of the people of Goiás Velha, and is thus a reference point for the realization of this dissertation. The research took as a point of departure theoretical aspects about and for the epistemology of tourism, reflections concerning cultural patrimony and understandings about questions of contemporary cultural identity. The proposed methodology takes off from relativizing aspects of post-modern science, in which epistemological liberty is fundamental for the author. The analytic structure was created for studies of touristic context in localities. Touristic context is understood as a combination of subcontexts or foci, including sociocultural, planning, structural, environmental, and economic foci. (The environmental context is analyzed at a smaller scale and the economic context is found merely as an indication, in order not to compromise the quality of the obtained results). In this manner, we examine in depth questions regarding the structural, sociocultural, and planning foci. The structural focus presents excellent non-material conditions and good material conditions; the sociocultural focus presents a situation stable and receptive to tourism; the environmental aspect presents few impacts and effects as results of the touristic context. In the focus on planning, we detected the lack of existence of a systemization for any governmental or collective plan. The results extrapolate the traditional analytic plan of science, presenting proposals for empirical intervention to stimulate a socially sustainable development of tourism in Goiás Velha.

Key words: Cultural Patrimony, Tourism, local Identity, Old Town Goiás.

LISTA DE TABELAS

TABELAS DO GRUPO 1

EMPREENDEDORES DO CONTEXTO TURÍSTICO

1.1	Tipo de estabelecimento.....	121
1.2	Idade do empreendedor.....	122
1.3	Tempo do empreendimento.....	122
1.4	Grau de escolaridade.....	123
1.5	Grau de escolaridade por tempo do empreendimento.....	123
1.6	Tempo de residência.....	124
1.7	Razão do empreendimento.....	125
1.8	Razão do empreendimento por tempo de atividade.....	125
1.9	Influência do título de patrimônio no fluxo de visitantes.....	126
1.10	Influência do título de patrimônio no fluxo de visitantes por tempo do empreendimento.....	126
1.11	Opinião sobre o FICA.....	127
1.12	Opinião sobre o FICA por tempo do empreendimento.....	128
1.13	Satisfação com o estabelecimento.....	129
1.14	Satisfação com o estabelecimento por tempo do empreendimento.....	129
1.15	Benefício à maior parte da população vilaboense pelo título de patrimônio.....	130
1.16	Benefício à maior parte da população vilaboense pelo título de patrimônio por tempo do empreendimento.....	131
1.17	A importância do título de patrimônio.....	131
1.18	A importância do título de patrimônio por tempo de trabalho	132
1.19	Gestão municipal do turismo.....	133
1.20	Gestão municipal do turismo por tempo do empreendimento.....	133
1.21	Possui outra atividade remunerada.....	134
1.22	Possui outra atividade remunerada por tempo do empreendimento.....	134
1.23	Papel e atuação do IPHAN na cidade.....	135
1.24	Papel e atuação do IPHAN na cidade por tempo de trabalho.....	135

TABELAS DO GRUPO 2

FUNCIONÁRIOS DE EMPREENDIMIENTOS DO CONTEXTO TURÍSTICO

2.1	Idade do entrevistado.....	137
2.2	Grau de escolaridade.....	137
2.3	Tempo de trabalho.....	138

2.4	Grau de escolaridade por tempo de trabalho.....	138
2.5	Tipo de estabelecimento.....	139
2.6	Tipo de estabelecimento por tempo de trabalho.....	139
2.7	Satisfação com o trabalho atual.....	140
2.8	Satisfação com o trabalho atual por tempo de trabalho.....	140
2.9	Pretende ter outro emprego no futuro.....	141
2.10	Pretende ter outro emprego no futuro por tempo de trabalho.....	141
2.11	Influência do título de patrimônio no fluxo de visitantes.....	142
2.12	Influência do título de patrimônio no fluxo de visitantes por tempo de trabalho.....	142
2.13	Opinião sobre o FICA.....	143
2.14	Opinião sobre o FICA por tempo de trabalho.....	144
2.15	Benefício à maior parte da população vilaboense pelo título de patrimônio.....	145
2.16	Benefício à maior parte da população vilaboense pelo título de patrimônio por tempo de trabalho.....	145
2.17	A importância do título de patrimônio.....	146
2.18	A importância do título de patrimônio por tempo de trabalho.....	146
2.19	Gestão municipal do turismo.....	147
2.20	Gestão municipal do turismo por tempo de trabalho.....	147
2.21	Possui outra atividade remunerada.....	148
2.22	Possui outra atividade remunerada por tempo de trabalho.....	148
2.23	Atuação do IPHAN na cidade.....	149
2.24	Atuação do IPHAN na cidade por tempo de trabalho.....	149

TABELAS DO GRUPO 3

PESSOAS QUE APRESENTAM CONTATO ECONÔMICO ESPORÁDICO COM O CONTEXTO TURÍSTICO

3.1	Tipo de contato.....	150
3.2	Idade do entrevistado.....	150
3.3	Grau de escolaridade.....	151
3.4	Tempo de trabalho.....	151
3.5	Grau de escolaridade por tempo de trabalho.....	152
3.6	Influência do título de patrimônio.....	152
3.7	Influência do título de patrimônio por tempo de trabalho.....	153
3.8	Opinião sobre o FICA.....	153
3.9	Opinião sobre o FICA por tempo de trabalho.....	153
3.10	Benefício à maior parte da população vilaboense pelo título de patrimônio.....	154
3.11	Benefício à maior parte da população vilaboense pelo título de patrimônio	

	por tempo de trabalho.....	155
3.12	A importância do título de patrimônio.....	155
3.13	A importância do título de patrimônio por tempo de trabalho.....	156
3.14	Gestão municipal do turismo.....	156
3.15	Gestão municipal do turismo por tempo de trabalho.....	157
3.16	Possui outra atividade remunerada.....	157
3.17	Papel e atuação do IPHAN na cidade.....	158
3.18	Papel e atuação do IPHAN na cidade por tempo de trabalho.....	159
3.19	Satisfação com a produção do estabelecimento.....	159
3.20	Satisfação com a produção do estabelecimento por tempo de trabalho.....	161

TABELAS DO GRUPO 4

PESSOAS QUE NÃO APRESENTAM OCUPAÇÕES DIRETAS DO CONTEXTO TURÍSTICO

4.1	Intervalo de idade por quantidade de habitantes.....	161
4.2	Idade do entrevistado.....	162
4.3	Grau de escolaridade.....	162
4.4	Região da cidade.....	163
4.5	Grau de escolaridade por região da cidade.....	164
4.6	Influência do título de patrimônio no fluxo de visitantes.....	164
4.7	Sabe o que é o FICA?.....	165
4.8	Sabe o que é o FICA? Por região da cidade.....	165
4.9	Participação no FICA.....	166
4.10	Participação no FICA por região da cidade.....	166
4.11	Opinião sobre o FICA.....	167
4.12	Opinião sobre o FICA por região da cidade.....	167
4.13	Benefício à maior parte da população vilaboense pelo título de patrimônio.....	168
4.14	Benefício à maior parte da população vilaboense pelo título de patrimônio por região da cidade.....	168
4.15	A importância do título de patrimônio.....	169
4.16	A importância do título de patrimônio por região da cidade.....	169
4.17	Papel do turismo na cidade.....	170
4.18	Papel do turismo na cidade por região da cidade.....	171
4.19	Papel e atuação do IPHAN na cidade.....	171
4.20	Papel e atuação do IPHAN na cidade por região da cidade.....	172

5.1 - Escolaridade.....	197
5.2- Influência do título de patrimônio no fluxo de visitantes.....	198
5.3 - Benefício à maior parte da população vilaboense pelo título de patrimônio.....	199
5.4 - A importância do título de patrimônio.....	201
5.5- Gestão municipal do turismo.....	202
5.6- Papel e atuação do IPHAN na cidade.....	203

A cidade e seus turistas

A cidade de Goiás, sendo um conjunto social tradicionalista e fechado, não entendeu nem justificou o turista. Acostumada a receber visitas, dispensar atenções e cortesia aos

que chegam, não o entende e se surpreende, com este tipo novo e suas atitudes desatentas, longe do padrão aceito e requerido.

Quem faz visitas tem praxe e um protocolo, mesmo modesto, de apresentação, estatuído e conservado. Traz um traço remoto com a terra, com a cidade e suas famílias. Estranho que seja, tem uma linha definida e aceita. Já o turista foge a este padrão. É indiferente. Descontraído, displicente, impessoal, chiclete. Entra porque a porta está aberta, costume de Goiás. A cidade é quente e a estrutura interna das casas canaliza aeração pelos corredores de entrada. A maioria das casas abrem suas portas pela manhã, e só fecham à noite. A famigerada "porta do meio", que preserva o interior, abre para a peça que em Goiás chamam varanda, em regra mais ampla da construção, onde a família se reúne, recebe, trabalha, conversa e toma refeições.

Portas abertas. O turista vai entrando como em terra de ninguém, indiferente a uns tantos princípios. Abrogou de normas sociais corriqueiras. Não revela preceitos comezinhos. É despojado e muito do seu, à vontade. É um passante, anônimo, genericamente turista, de curiosidade despolida que agride a família tradicional, não muito flexível e que qualifica esta atitude de desplante.

O turista entra sem bater, um ar superior. Invariavelmente, porta uma objetiva dela se serve. Faz perguntas extemporâneas, não aguarda um entendimento prévio. "Quantos anos a Senhora tem? Quantos anos têm esta casa? A senhora conheceu os bandeirantes?... a senhora mora sozinha? Não tem vontade de mudar para Goiânia? Não passeia?"

Francamente, tais perguntas não levam ao entrosamento que as famílias goianas preservam.

Tem mais: a liberdade que tomam de invadir. Vão entrando, salas, quartos, cozinha, quintal. Nem cumprimentam a dona da casa presente. Tudo com a liberdade indiferente de um passante, sem nome nem retorno. Não ligam ao juízo que possam fazer desta conduta, inédita nos Reinos da minha Cidade.

Afinal que o turista vem e vai. Não abrem caminho ao turismo informativo e social, que muitos procuram. E como a cidade ainda não tem guias, como em outras partes, eles não se limitam ao que Goiás oferece publicamente. Igrejas e museus de portas fechadas e falta de guias. Vale muito aqui o artesanato comercial, bem amplo do pátio interno do Convento Dominicano, que mantém uma cooperativa em benefício de artesãos, que espalhados ao acaso pela cidade. Vale também o mercado e o museu comercial de Jair Figueiredo, que nunca se esvazia e onde muito há o que comprar. E ele é envolvente e ótimo comerciante.

Não sei se assim será por toda parte. Sei que nas velhas cidades de Minas, as famílias também sentem dificuldade, mas as coisas por lá são diferentes, havendo muito o que ser visto e guias para acompanhar. No entanto, confessamos que há de permeio um turismo inteligente, polido e muito agradável de receber e que deixa e leva as melhores impressões.

Nenhuma censura nesta análise. Tempos novos, gente nova, desligada de práticas remotas e de um passado distante.

Cora Coralina.1985

1 INTRODUÇÃO

A velha cidade da velha poetisa passa por tempos novos. Uma das expressões mais evidentes da nova etapa da velha cidade se revela pelos seus novos visitantes. Se antes quem vinha à cidade eram pessoas que carregavam consigo traços, mesmo remotos, da cidade e das famílias, agora os visitantes mais freqüentes não trazem as mesmas características; têm uma designação genérica: o *turista*, muitas vezes *indiferente*, *descontraído*, *displicente*, *impessoal*, *chiclete*, como disse nossa anciã.

O que essa nova categoria de visitantes têm despertado na antiga capital goiana? E, por outro lado, o que pode ser e o que tem sido despertado nos visitantes pela Velha Goiás? Como têm sido os contatos entre as pessoas da cidade e essa nova categoria de visitantes? Como tem a cidade se preparado para recebê-los? Como tem sido o trabalho daqueles que exercem o papel de articular as organizações sociais no que tange ao turismo? O que tem sido gerado para a cidade com esse novo intercâmbio que está sendo realizado? O que poderíamos compreender do que a natureza acha dessa nova configuração da cidade? Antes de tudo, cabe perguntar se e como a população local deseja receber essa categoria por vezes tão incômoda, qual seja, os visitantes não familiares. Estas são as perguntas que compõem o eixo central desta pesquisa.

Dito de forma convencional, o objetivo desta investigação é responder como vem se dando e como poderia e deveria se dar o processo de turistização da antiga capital goiana. Sendo este o objetivo principal da Dissertação, uma série de outras questões se apresentam como de especial importância tanto aos efeitos de construir o objeto como de problematizar o próprio sentido do trabalho intelectual.

Assim, para compreender o turismo em Goiás Velha, através desta Dissertação, uma série de perguntas se fizeram fundamentais. São indagações que vislumbram o universo, ou contexto turístico, de forma a entender os enredos que o turismo vislumbra em Goiás Velha. Portanto, mais do que uma hipótese a ser testada, esta Dissertação se centra numa série de perguntas que são respondidas ao longo dos capítulos.

Os questionamentos iniciais encontram-se no plano epistemológico dedicado ao turismo, campo de estudo ainda tenro, porém de futuro auspicioso. Então, no âmbito desta primeira ordem de perguntas, coube colocar as questões: De que forma deveria ser realizada uma pesquisa científica sobre o turismo? Como

poderiam ser encaminhadas pesquisas no sentido de buscar a construção de um saber científico que apresente bons resultados para a sociedade? Como pensar o turismo sob a ótica da ciência?

Como suporte para o desenvolvimento destas questões, foi necessário também colocar uma pergunta que, epistemologicamente, está para aquém e para além da presente pesquisa: O que é, e como tem se desenvolvido o próprio pensamento científico? Assim, as primeiras indagações desta investigação caminharam para a compreensão da ciência e de suas relações com o turismo.

Na *démarche* desta reflexão, outras indagações também se fizeram fundamentais. Vejamos. Tendo em vista Velha Goiás sustentar o insólito título de Patrimônio Cultural da Humanidade, impôs-se também aprofundar teoricamente os conceitos de Patrimônio Histórico, Cultural ou Histórico-Cultural. Fez-se também discutir, em nível nacional e internacional, quais são os pontos referenciais para a construção do que hoje chamamos de bens patrimoniais? Como surgiu a institucionalização da valorização do patrimônio histórico em território nacional? Quem são os responsáveis pela gestão desse patrimônio? E em nível local? Quem cuida dos bens patrimoniais da Velha Goiás? E, tendo em vista toda essa digressão sobre o patrimônio, como se pode pensar em desenvolver estratégias para uma melhor formação de educação e vivência patrimonial? Assim, as discussões acerca do patrimônio partem, nunca perspectiva ocidentalista, da Idade Antiga, poucas referências na Idade Média, consagrando-se na Idade Moderna, e, no que pode ser entendido como encaixo da emergente pós-modernidade, brota a valorização mais significativa para os bens patrimoniais, quando surgem as categorias universalizantes de patrimônio.

O desdobramento destas intrigações levou, ainda, a outros questionamentos: Como pensar a cultura neste contexto de sociedade pós-moderna? Quais são as influências dessa nova égide social sobre as culturas locais? Como têm se dado as novas configurações identitárias? Qual o papel e a atuação da comunicação nesta etapa societal global contemporânea? Como o turismo e a cultura poderiam ser, e são, agentes ativo-reflexivos neste contexto? Essa ordem de perguntas se fizeram fundamentais para contextualizar a sociedade vilaboense na ótica global, notar como tais antagonismos culturais global-local se re-formam naquela cidade.

Também foi de suma importância tecer *Algumas Notas sobre a História de Goiás Velha e da Atuação do IPHAN*, o que corresponde a uma breve incursão numa área de conhecimento que não se identifica propriamente com a discussão desta Dissertação. O capítulo expressa as principais referências para a compreensão do processo histórico da antiga capital de Goiás. Trata-se de um suporte para um melhor acercamento do leitor com relação à cidade, e não de uma reflexão situada no reino da historiografia. O aprofundamento aqui corresponde a uma compilação de dados que comparecem como balizas da história de Goiás Velha. Por isso, trata-se de um capítulo pouco extenso, com o intuito de apresentar os processos históricos mais relevantes de Goiás Velha.

Após a incursão na historiografia vilaboense, segue a *Análise do Contexto Turístico em Goiás Velha*, apresento os dados levantados, ora analisados, ora apenas indicados sobre o contexto turístico na antiga capital. O contexto turístico é aqui entendido como o entrosamento orgânico de cinco enfoques, os quais respondem pela existência de um locus turístico. As questões pertinentes ao contexto turístico dizem respeito a cinco ordens de enfoques, e a maneira aqui vislumbrada de se analisar o contexto turístico é através da sistemantização através de impactos e efeitos, conceitos comumente utilizados, sem no entanto haver algum clareamento sobre os mesmos. Aqui, tais conceitos chaves representam ação e reação, respectivamente. Assim, cada impacto gerado em um enfoque do contexto turístico gera um efeito dentro do mesmo.

O primeiro enfoque tratado é o *econômico*, que diz respeito às relações econômicas do turismo, comumente entendido como o mais relevante dentre os enfoques, uma vez que, são os benefícios econômicos o principal motivador para grande parte da atuação social de pessoas. Dentre os estudos turísticos, são estes, os estudos econômicos do turismo, os que apresentam mais longas referências históricas, constituindo a primeira ordem de análise do turismo.

Entretanto, outros enfoques também devem ser avaliados ao se estudar o contexto turístico. Num segundo momento, as questões ambientais se apresentam. As perguntas aqui são para responder sobre os impactos e efeitos do turismo em uma localidade. No caso em questão, pode-se perguntar: Como o turismo tem se relacionado com o meio ambiente natural em Goiás Velha? O turismo ambiental ou ecológico tem sido realizado de forma responsável naquela localidade? E o que se deve fazer com vistas a incrementar o turismo em Goiás Velha, sem danificar os recursos do meio ambiente?

Um terceiro enfoque que toma corpo para o estudo do turismo diz respeito às questões estruturais. Qual é a estrutura turística que Goiás Velha possui? O que pode ser feito para, de forma simples e eficaz, aumentar responsabilmente a estrutura turística da cidade?

Um quarto enfoque diz respeito às pessoas e à cultura da cidade. Este foi sem dúvida o mais extenso foco analítico desta Dissertação. A compreensão dos efeitos causados nas pessoas, em seu cotidiano, físico e imaginário. Que impactos e efeitos da turistização têm sido observados na identidade cultural vilaboense? Qual a percepção da população sobre o turismo? Para responder a essa pergunta, fiz uma análise segmentada da população, dois modelos foram utilizados: um primeiro que divide a população de acordo com três regiões por mim estipuladas sobre a cidade, são elas: o núcleo patrimonial, o entorno patrimonial e a periferia distante. A outra forma de segmentação para análise da população foi baseada na tipologia criada por Jost Krippendorf, na qual apresenta cinco olhares possíveis dentro de um lócus turístico, são eles: os empreendedores das atividades turísticas, os funcionários dos empreendimentos, os empreendedores ou funcionários esporádicos, a parcela da população que não apresenta ocupação direta dentro do contexto turístico, geralmente a maior parte dos habitantes do lócus e finalmente a percepção, a qual diz respeito à visão dos gestores e formadores de opinião.

Assim, a análise dos impactos e efeitos do contexto turístico em Goiás Velha no que diz respeito ao enfoque sócio-cultural foi traçada pela própria população, cabendo a mim o papel de analisar as percepções da população.

Um quinto e último enfoque diz respeito às questões de administração e planejamento. Existem e como tem sido feitos os planos de desenvolvimento turístico de Goiás Velha? Como têm sido as metas e diretrizes para a atividade turística daquela cidade? Como os agentes organizados (poderes públicos ou instituições particulares) têm trabalhado no sentido de desenvolver o turismo em Goiás Velha?

As questões referentes ao contexto turístico em Goiás Velha, o quarto capítulo, é certamente bem mais extenso que os outros. Prefiro conservá-lo assim para não dispersar elementos de investigação e demonstração que se remetem ao mesmo objeto específico. Os procedimentos metodológicos e técnicos concernentes a esse capítulo são colocados no início do mesmo, no sentido de oferecer ao leitor uma compreensão melhor de como foi construída a análise e os métodos de coleta de dados desta Dissertação.

O turismo não pode ser visto como uma atividade meramente econômica, ou geradora de recursos. Pensar sobre a atividade turística nos permite contemplar diversas esferas da ordem social. Conciliar a

atividade turística com preservação ambiental e valorização das culturas locais são perspectivas que apresentam grande potencial como estratégia de desenvolvimento para diversas sociedades. E a atividade turística pode, se bem planejada, contribuir em muito rumo a uma nova forma de desenvolvimento, que valorize o meio ambiente e a própria humanidade.

Cabe então à academia analisar e apontar como a atividade turística pode ser planejada e implementada de forma a valorizar o meio ambiente e as culturas locais. Dessa forma, assumindo este papel da academia, tomo como foco analítico Goiás Velha, visando aqui, acima de tudo, contribuir para a melhoria das condições em que se pratica o turismo naquela cidade. Isto se conecta, existencialmente, à minha vontade de ser um agente de mudança social, acreditando ser a pesquisa científica um caminho para a realização dessas vontades.

A ciência, aqui, é percebida segundo o modelo colocado por novos autores da epistemologia, como Boaventura Souza Santos, Earl Babbie e Marutschka Moech. Na visão aportada por estes autores, a ciência deve cumprir um papel social, algo que se reflita em melhorias para aqueles, ou melhor, o quadro social que é objeto de estudo.

Enfim, mesmo reconhecendo suas limitações, este trabalho se coloca como tributário da postura intelectual desenvolvida por Gramsci (1968), quando discorre sobre o perfil do intelectual orgânico como agente de renovação cultural, em busca de um papel na agregação ou desagregação de uma relação de hegemonia.

O desfecho desta pesquisa se dá por um cotejamento entre a metodologia aqui proposta e os resultados alcançados por este trabalho. Assim, as perguntas acima colocadas encontram-se sinteticamente respondidas nas considerações finais deste trabalho.

2 DISCUSSÕES CONCEITUAIS

2.1 CAMPO DE PESQUISA DO TURISMO

2.1.1 O TURISMO COMO OBJETO DE PESQUISA CIENTÍFICA

A explosão por que passa o turismo tem gerado problemas epistemológicos. Um exemplo disso é a variedade de formulações conceituais que denominam esta atividade: turismo como indústria, atividade econômica, ciência, ação social, atividade que dura mais de 24 horas, fenômeno aculturador, dentre outros.

São diversos os conceitos que norteiam essa atividade. Entretanto, nem sempre esses conceitos convergem rumo a um sentido que consiga abarcar todas as esferas envolvidas pela grande teia do turismo. Assim, fica claro uma necessidade de aprimoramento conceitual.

A insipiência dessa atividade como fenômeno de relevância mundial reflete essa carência metodológica. A um fenômeno com tamanha importância, não podem faltar instrumentos analíticos eficazes na busca da sua compreensão. Levando-se em conta que o turismo é um campo vasto e carente de contribuições, proponho aqui incrementar seus instrumentos de análise, visando a contribuir para um melhor planejamento e estudo do fenômeno turístico.

Para melhor entender o turismo, proponho um conceito que vem nortear as atividades que possam envolver esta área. Trata-se do “contexto turístico”, que visa superar as divergentes conceituações sobre o fenômeno turístico, tendo em vista que os conceitos tradicionalmente empregados ao turismo dizem respeito a alguns de seus aspectos, não conseguindo abrangê-lo de forma geral.

Na nova visão sobre a ciência aludida já na Introdução, estudiosos apontam que “a ciência não busca a verdade definitiva, mas a utilidade. Teorias científicas não devem ser julgadas por sua verdade relativa, mas pela medida de sua utilidade em melhorar nossos conhecimentos do mundo ao redor” (Babbie, 1999, p.54). Ou, de acordo com Marutschka Moech (2000), o objetivo da ciência no cenário pós-moderno não é mais a busca da verdade. O seu eixo se desloca para a busca pelo poder, o problema passa para a base da constituição do discurso desse poder e sua legitimação.

Ora, esta nova perspectiva por que passa a ciência, não mais a busca da verdade, mas de um poder ou uma utilidade, revela o que Bachelard (1985) chama de “razão de renascimento quase inesgotável para o espírito científico”. E é fundamental estarmos atentos para esta renovação pela qual passa a ciência quando nos propomos a realizar qualquer atividade que lhe seja inerente. “Poder-se dizer que o problema de utilizar eqüitativamente o conhecimento científico que temos é um problema de urgência maior do que a produção de mais conhecimento científico na sociedade contemporânea”. (Chalmers, 1994, p.59).

Vale apontar algumas diferenças entre as fases moderna e pós-moderna da ciência, ou seja, variações dos paradigmas que regem cada uma dessas instâncias da construção do saber.

A ciência moderna se fundamenta em paradigmas cuja forma de conhecimento procede pela transformação da relação eu/tu em relação sujeito/objeto, uma relação feita de distância, estranhamento mútuo e de subordinação do objeto frente ao sujeito. Constitui-se contra o senso comum e recusa as

orientações para a vida que dele decorrem. Na ciência moderna, a única forma de conhecimento válido é aquela realizada pela perspectiva científica, cuja validade está na objetividade do conhecimento produzido. A proposição do conhecimento objetivo representou hegemonicamente as perspectivas científicas desde o surgimento das ciências sociais até fins do século XX, quando alicerces dessa visão moderna começaram a ser questionados. A própria existência de um trabalho que alcance a objetividade também é questionada. Hoje, pensa-se em metodologias que não descartam a subjetividade do pesquisador, impossível de ser neutralizada em uma pesquisa.

O distanciamento entre sujeito e objeto, a neutralidade e a objetividade absolutas propostas resultam, assim, como mitos da compreensão iluminista da razão e da ciência; uma ciência pós-moderna prefere assumir toda a carga subjetiva implícita em uma pesquisa do que simplesmente negá-la, ou descartá-la. A ciência é feita por homens, e esses não deixam de sê-lo para serem cientistas.

A ciência moderna tendia a reduzir o universo dos observáveis ao mundo dos quantificáveis, e o rigor do conhecimento ao simples rigor matemático. Tal proposição implica a descaracterização de objetos de cunho qualitativo, por não serem objetos de mensuração matemática (não aplicáveis ao plano cartesiano). O que não poderia ser numericamente quantificado não poderia ser cientificamente analisado. A ciência pós-moderna superou esse paradigma moderno. Hoje, há a possibilidade de estudos subjetivos que consigam produzir um conhecimento válido tanto quanto os graficamente apresentáveis. Como pensar em estudos culturais e humanos baseados por calculadoras? A busca por generalizações mostra-se, então, drasticamente ameaçada quando se pensa em estudos que assumam cargas de subjetividade.

A ciência moderna lançava mão da produção de um discurso que se pretendia rigoroso, antiliterário, sem imagens ou metáforas, analogias ou outras figuras de linguagem, como uma escrita sem cores. Assim, corria o risco de ser um discurso desencantado, triste e sem imaginação, bem distante dos discursos normais que circulam na sociedade. A ciência pós-moderna já apresenta outras possibilidades de formulações, mais leves e próximas à retórica literária, que hoje transita proficuamente com a ciência.

Boaventura Souza Santos (1989, p.36) aponta duas circunstâncias para a crise de um paradigma científico, como a que se apresenta:

A primeira foi avançada por Kuhn (1970) e consiste na acumulação de crises no interior do paradigma quando as soluções que este vai propondo para elas, em vez de as resolver, geram mais e mais profundas crises. A segunda consiste na existência de condições sociais e teóricas que permitam recuperar todo o pensamento que não se deixou pensar pelo paradigma e que foi sobrevivendo em discursos vulgares, marginais, subculturais.

Tomando como referência as linhas de Boaventura Souza Santos, posso inferir que a primeira condição para a crise pode ser exemplificada pela insolvência do método da ciência moderna no sentido de lidar com questões de caráter subjetivo e qualitativo, questões dessas naturezas urgiam por explicações, e os métodos quantitativos são incapazes de sanar satisfatoriamente tais proposições.

No que diz respeito ao segundo ponto para a crise e efervescência de um novo modelo de pensar científico, a existência de “condições sociais e teóricas que permitam recuperar todo o pensamento que não se deixou pensar pelo paradigma e que foi sobrevivendo em discursos vulgares, marginais, subculturais”, tomo como exemplo um outro ponto levantado por Boaventura Souza Santos, quando discorre sobre os preconceitos. Para ele, os nossos preconceitos são constitutivos do nosso ser e provém da nossa história, e por isso não podem ser levemente considerados cegos, infundados ou negativos, devem sim, ser objetos de

análises para saber de seu fundamento.

Ora, o autor parte em defesa dos preconceitos sociais, pois vê neles um forte substrato de representatividade do pensamento social, não devendo ser simplesmente descartado da esfera da ciência por não ser um conhecimento metódico e sistematicamente produzido, entretanto trata-se de algo que tem valor para as sociedades e pode até mesmo apresentar uma confirmação com aquilo que os cientistas modernos almejavam, isto é, a verdade.

Boaventura Souza Santos aponta para uma nova relação entre ciência e senso comum, em que qualquer deles é feito do outro e ambos fazem algo novo. Tais inferências propõem o fim do que foi por ele chamado de “etnocentrismo científico”, pelo qual a ciência moderna desconsidera toda a produção que não lhe é pertinente. Porém, buscamos hoje superar tal etnocentrismo e construir outras formas de construção do saber.

Ao propor contribuir para a construção de um campo de pesquisa do turismo, creio também na validade de discutir algumas questões apresentadas por Thomas Kuhn (2001) sobre ciência e paradigma científico; idéias essas essenciais nesta etapa incipiente de discussão sobre uma possível cientificidade do turismo.

Kuhn distingue entre ciência e campo de pesquisa pela existência de um paradigma. Uma ciência só pode ser considerada como tal depois da existência de um grupo de idéias que sejam comuns aos pesquisadores e estudiosos daquela área. Kuhn apresenta duas características fundamentais para o surgimento de um paradigma:

Suas realizações [de uma nova ciência] foram suficientemente sem precedentes para atrair um grupo duradouro de partidários, afastando-os de outras formas de atividade científica dissimilares. Simultaneamente suas realizações eram suficientemente abertas para deixar toda a espécie de problemas para serem resolvidos pelo grupo redefinidor de praticantes da ciência. Daqui por diante deverei referir-me às realizações que partilham essas duas características como paradigmas, um termo estritamente relacionado com “ciência normal” (ibidem p. 30).

No campo de estudos que concerne à atividade turística, está claro a carência dessas duas características essenciais para a existência de um paradigma. Ainda não existe um núcleo que consiga agregar os estudiosos do turismo e menos ainda um método capaz de resolver todas as espécies de problemas provenientes dessa área de estudos.

Para Kuhn, a aquisição de um paradigma é um sinal de maturidade no desenvolvimento de qualquer campo científico que se queira considerar. Entretanto, na ausência de um paradigma ou de algum candidato a paradigma, todos os fatos possivelmente pertinentes ao desenvolvimento de determinada ciência podem parecer igualmente relevantes.

Ora, no caso do turismo, é claro a inexistência de um paradigma que consiga contemplar toda a atividade turística. Segundo Kuhn, nos primeiros estágios de desenvolvimento de qualquer ciência, homens diferentes confrontados com a mesma gama de fenômenos os descrevem e interpretam de maneiras diversas. Essas divergências desaparecem nas áreas que são chamadas de ciência.

As divergências desaparecem paulatina e posteriormente, de uma vez por todas. Seu desaparecimento é triunfo de uma das escolas pré-paradigmáticas, “a qual devido às suas próprias crenças e preconceitos, enfatiza apenas alguma parte especial do conjunto de informações” (*idem, ibidem*, p.37). Assim, o surgimento de um paradigma implica a sobreposição de algum modelo analítico sobre os demais

que se propunham a explicar determinada ordem de fenômenos.

Dessa forma, antes de haver um paradigma vigente, deve-se ter algo como um conflito de pré-paradigmas, os quais, cada um através de um método próprio, explica uma gama de fenômenos abarcados pelo determinado campo de pesquisa. Os paradigmas adquirem seus status porque são melhor sucedidos que seus competidores na resolução de alguns problemas que o grupo de cientistas reconhece como graves.

Uma possível ciência do turismo está ainda em um estágio de apresentação de propostas a paradigma. Todavia, creio que o campo de pesquisa norteado pela atividade turística não pode ser abarcado por uma só ciência, ou talvez até possa ser, mas de uma forma pouco contemplativa de todo o fenômeno turístico. Com efeito, uma análise do turismo que tente contemplar todos fenômenos envolvidos por este campo de pesquisa não pode ser feita através de uma única ciência.

O turismo tem implicações de diversas ordens. Uma única ciência dificilmente conseguiria abarcar toda a gama de fenômenos envolvidos pela atividade turística. Neste momento pergunto: como é possível criar uma ciência que envolva aspectos de áreas tão distintas como a antropologia, a biologia, a geografia, a economia, a ecologia, dentre outras? Um cientista capaz de estudar, de forma satisfatória, elementos dessas áreas só poderia porém ser proveniente de Krypton.

Por isso, acredito que a melhor forma de estudar o turismo é através de uma abordagem transdisciplinar, em que diversas ciências contribuiriam de alguma forma para o estudo dessa atividade, formando assim, um campo de pesquisa transdisciplinar.

Esta preocupação também é comungada por outros autores como Denker para a qual “o turismo torna-se metodologicamente complexo, na medida em que recorre aos procedimentos metodológicos de outras áreas tais como a Psicologia, a Antropologia, a Sociologia, Economia, Administração, Estatística, História, entre outras” (2002, p.24). A busca ou construção de uma ciência do turismo deve estar atenta ao método de estudo que a atividade turística demanda, um método que, para maximizar sua eficácia, deve lançar mão de instrumentos de várias disciplinas, o que dificulta a criação de uma ciência única para a atividade turística.

Apresento agora uma distinção e aspecto fundamental do modelo analítico do turismo que diz respeito às noções de efeitos e impactos, comumente tratados como sinônimos. Visando a construir tal distinção, tomo como impactos as causas que agem nos contexto turístico, isto é, os fenômenos que causarão algum tipo de reação na comunidade receptora; por efeitos, entendo as reações das comunidades e do meio ambiente; são as respostas apontadas pela comunidade e pelo meio ambiente aos impactos causados pelo turismo.

Este método de pensar em impactos e efeitos está baseado em outro modelo há tempos utilizado pela atividade científica, que diz respeito ao princípio da causalidade. Tal princípio prega que todo e qualquer evento pode ser causalmente explicado.

Uma explicação causal dos fenômenos turísticos pode se remeter às idéias de Popper (1998), autor que discorre sobre o princípio da causalidade, para ele:

Oferecer uma explicação causal de certo acontecimento significa deduzir um enunciado que o descreva, utilizando, como premissas da dedução, uma ou mais leis universais, combinadas com certo enunciados singulares, as condições iniciais. [...] as condições iniciais descrevem aquilo que, habitualmente é chamado de “causa” do evento em questão. A predição descreve aquilo que é normalmente chamado de efeito. (p. 62-

Assim, no modelo de análise agora proposto para o contexto turístico, existem as causas, o que chamo de impactos, que para Popper eram as *condições iniciais*, e as conseqüências, o que chamo de *efeitos* e Popper, de *predição*. Esta proposição de base metodológica parece válida, pois permite contemplar todas as ciências que podem ter o turismo como objeto de estudo. Essa proposta permite um trânsito fecundo de transdisciplinaridade, tendo em vista que é essa a melhor estratégia de se produzir conhecimento.

Entretanto, o modelo aqui proposto introduz um terceiro elemento analítico sobre a causalidade. Trata-se de uma nova perspectiva sobre as condições iniciais da construção do conhecimento. Acredito que, antes de acontecer uma ação, ou impacto, já existia uma realidade pré-estabelecida, assim, o ponto de partida para a análise é essa realidade, que é a condição inicial. Dessa forma, sintetizo: alguma força causa um impacto em uma condição inicial, e como resposta a esse impacto decorre o efeito.

Atualmente, o princípio da causalidade encontra-se em descrédito nas perspectivas científicas, pois tal princípio visava uma análise inexorável, isto é, X necessariamente implicaria Y. Não podemos fazer afirmativas de tal natureza, mas é possível estabelecer quais sejam as prováveis respostas, o que entendo por efeitos, devido às ações causadas, o que tomo por impactos.

Não é a intenção prever um acontecimento, nem cabe à atividade científica fazer estudos dessa natureza; aqui, penso o princípio da causalidade apenas como um referencial para este modelo. Não parece possível estabelecer os acontecimentos futuros, mas, a partir de análises teóricas baseadas em outros casos, é possível imaginar uma gama de possibilidades as quais tendem a ser decorrentes da implantação do contexto turístico. Assim, quando aqui apresento o princípio da causalidade, proponho uma relativização do mesmo, não tentando determinar com precisão milimétrica os acontecimentos, mas traçar possíveis reações para determinados acontecimentos.

O grande problema que incorre da consideração do princípio da causalidade está em sua relação com outro postulado que a atividade científica se fundamentou, e hoje também se apresenta em crise. Trata-se do determinismo. O princípio da causalidade, visto como determinístico, tem necessariamente implicações

diretas e visa o acerto e previsibilidade sobre os acontecimentos futuros. O determinismo é um postulado metodológico que consiste na previsão exata dos acontecimentos, determinado rigorosa e objetivamente pelo presente.

Vejamos o que isto tem a ver com o problema do planejamento, quando se coloca a necessidade de análise do comportamento de determinadas variáveis em decorrência de alterações induzidas dos estímulos. Uma aproximação entre planejamento e causalidade foi feita por Myrian Baptista. Para a autora:

Analisar não somente as causas que atuam sobre os fenômenos, mas também as possíveis conseqüências e, principalmente, os processos totais emergentes como função das possíveis realimentações positivas ou negativas, medidas pelas decisões seletivas dos indivíduos direta ou indiretamente envolvidos (1991, p. 40).

Assim, o estudo preliminar não esgota o planejamento, mas deve ser permanentemente realimentado por informações procedentes de novos estudos e pesquisas. Dessa forma, o planejamento não pode ser visto simplesmente como uma relação estática de causa e efeito, mas deve-se estar atento ao decorrer do processo, quando novas ações podem ser imperativas, o que não implica uma fuga da causalidade; somente se apresenta a possibilidade de novas ações durante o processo de execução do planejamento, sem contudo, negar o princípio da causalidade como fundamento do planejamento.

Na teoria do planejamento, existe uma estrutura chamada “análise de conseqüência da ação” (Mirian Baptista, 1991). O que é a conseqüência da ação senão seu efeito? O planejamento visa analisar uma realidade conhecida e transformá-la em outra desejada, ora, o que é isso se não uma relação de causa e efeito? Se o princípio da causalidade perdeu a sua credibilidade perdeu-se também toda validade do planejamento, o que só abre espaço para os acontecimento imprevistos, o que defendo, não pode ser verdade, pois as estruturas de planejamento são freqüentemente lançadas pelas estruturas organizacionais das sociedades e quando bem estruturadas, é muito raro não incorrer no sucesso.

2.1.2 O CONTEXTO TURÍSTICO EM FOCO

Neste momento da reflexão, cabe conceituar o turismo em relação a alguns conceitos apresentados adiante. A atividade turística tem estado relacionada a uma ampla variedade de conceitos, os quais se confrontados podem ser vistos como incongruentes ou mesmo divergentes. De acordo com Beni (1998), há três tendências para definição do turismo, quais sejam: a econômica, a técnica e a holística.

As definições econômicas dizem respeito às implicações econômicas e empresariais da atividade turística. Um dos primeiros conceitos apresentados nesta vertente foi elaborado por Herman Von Schullard em 1910 (citado por Beni, 1998, p. 36), para quem o turismo é: “a soma das operações, principalmente de natureza econômica, que estão diretamente relacionadas com a entrada, permanência e deslocamento de estrangeiros para dentro e para fora de um país, estado ou região”.

As definições econômicas em pouco evoluíram a partir deste conceito. As acepções de turismo sob a égide econômica são das mais antigas encontradas, tendo em vista que foi essa ciência a primeira a tratar do fenômeno turístico.

A segunda tendência, de acordo com Beni, diz respeito às definições técnicas do turismo. Nesta vertente, há uma distinção entre turistas e excursionistas, na qual o termo excursionista diz respeito àqueles

visitantes que permanecem por menos de 24 horas, enquanto os turistas são os visitantes que ficam no lugar por mais de 24 horas, pernoitando. Este conceito é adotado pela Organização Mundial de Turismo e pela EMBRATUR.

Essa vertente, apesar de apresentar uma conceituação clara e de fácil compreensão, não abrindo margem para polêmicas conceituais, é por demais irrisório, não contemplando toda a gama de diversidade embutida no contexto turístico. Trata-se de um conceito com pouca validade para a atividade acadêmica, pois sua simplicidade não dá margens para análise mais aprofundada do turismo, servindo apenas como um medidor de entradas e saídas.

A terceira tendência se refere às definições holísticas, que de acordo com Jafar Jafari (citado por Beni 1998 p.38), “é o estudo do homem fora do seu local de residência, da indústria que satisfaz suas necessidades, e dos impactos que ambos, ele e a indústria, geram sobre os ambientes físico, econômico e socio-cultural da área receptora”.

Nessa vertente de turismo, há uma preocupação não somente com efeitos econômicos, mas também com físicos e socioculturais. Essa visão foi certamente um novo e forte elemento para a compreensão do turismo. Contudo, creio que um conceito de turismo corre sempre o risco de não conseguir definir todas as áreas envolvidas da atividade turística. Por exemplo, tal conceito de Jafari, que se propõe a ser uma aceção holística, não contempla as possibilidades acadêmicas e de planejamento do turismo, isto é, não dá margem para a construção de um campo de estudos do turismo, que, queiram alguns ou não, trata-se de um fenômeno que caminha a passos largos.

Outro ponto de carência nesse conceito de Jafari é que ele não contempla a dinâmica do contexto turístico. Preocupa-se com os impactos, mas não se preocupa com a forma com que tais impactos surgiram. Pensar em turismo deve remeter inicialmente à forma com que tal contexto é implementado, isto é, o conceito de turismo deve contemplar a atividade desde antes do seu planejamento, isto é, as condições iniciais, posteriormente aos impactos e finalmente aos efeitos daqueles impactos em uma condição inicial. Assim, dessa forma é possível fazer uma análise realmente holística do turismo.

Para melhor direcionar os estudos sobre a atividade turística, formulei o “contexto turístico” para contribuir na superação dessa carência de um conceito de turismo que consiga contemplar toda a atividade turística. Aqui não se opera uma conceituação geral para turismo, pois um conceito dessa natureza pode apresentar alguma carência analítica e epistemológica.

A formulação do contexto turístico visa ser aberta e flexível. Esse conceito pode vir a ser modificado, matizado ou reconfigurado, em virtude justamente da sua relatividade como instrumento teórico-metodológico. Admite-se que novos elementos podem vir a ser considerados na configuração do contexto turístico.

Então, por motivos de ordem operacional, sugiro uma conceitualização múltipla do contexto turístico. Ou seja, é possível desta forma construir o conceito de contexto turístico a partir do aspecto que seja do nosso interesse evidenciar. A percepção que ilumina o caminho aqui percorrido aponta para cinco aspectos ou enfoques fundamentais do contexto turístico, como segue.

Um primeiro enfoque sobre o contexto turístico diz respeito às atividades econômicas envolvidas pelo turismo. Questões essenciais da economia são destacadas nesse recorte, tais como: oferta dos produtos turísticos, quais são as demandas dos turistas, o consumo envolvido no processo turístico, e enfim, toda a

trama mercadológica envolvida pelo contexto turístico. Os impactos são comumente relacionados à chegada de divisas na comunidade; quanto aos efeitos, tratam-se de como estas divisas serão reabsorvidas pelo mercado (efeito multiplicador, gastos induzidos, etc). As disciplinas que melhor municiam este recorte correspondem às chamadas ciências econômicas e contábeis.

O segundo recorte diz respeito às questões sócio-culturais e está relacionado com as ações e relações sociais surgidas em decorrência do turismo em uma localidade. Este viés de análise diz respeito à configuração do perfil turístico de uma localidade; ou as relações em consonância de uma identidade turística. Este recorte se ocupa em responder como o turismo e a cultura podem se relacionar formulando novos elementos para a cultura de um local que passa a ser cunhado com o adjetivo turístico.

Neste recorte, os impactos estão primordialmente relacionados ao contato entre os turistas e a população local. Contudo, não se limitam aos contatos com os turistas, estendendo-se aos diversos tipos de articulação social surgida em uma cidade turística. Os efeitos se relacionam às respostas sócio-culturais dadas pela comunidade com o incremento dessa atividade em suas vidas. Este recorte pode remeter a estudos de diferentes disciplinas, pode ser empreendido como objeto pela antropologia, psicologia, sociologia, geografia e direito, dentre outros campos epistêmicos.

Outro recorte diz respeito ao planejamento; relaciona-se à produção e gestão de produtos turísticos. Trata-se da administração da atividade turística. É no âmbito desse quadro que o turismo é elaborado. Talvez possa ser apontado como o aspecto central no contexto turístico, tendo em vista que essa vertente analítica é desenvolvida para que as outras possam estar em ordem e harmonia. Porém, para que isto ocorra, é de suma importância que os demais aspectos estejam bem desenvolvidos e estudados para que o turismo possa gerar os resultados esperados.

Os impactos observados nesse âmbito estão relacionados ao estudo e à implementação de uma atração turística. Os efeitos dizem respeito aos resultados da operacionalização do produto em questão: como as atividades turísticas são geridas, para onde são canalizados os lucros, etc. Esses elementos são forte indicadores de quais efeitos podem decorrer neste contexto. Os nichos disciplinares que podem responder a este setor são: a administração, os cursos de gestão, marketing, etc.

O próximo enfoque diz respeito à relação entre o turismo e o meio ambiente. De que forma pode o turismo alterar o ecossistema no qual a atividade acontece, ou seja, quais são as conseqüências do turismo sobre o meio ambiente? Este âmbito tem elevada importância, levando-se em conta o atual estado de degradação em que se encontra o meio ambiente. A atividade turística pode ser tanto um elemento que vem conservar a natureza quanto ser um elemento degradador do meio. Assim, este olhar concerne à forma na qual a atividade turística está sendo implementada sobre os aspectos ambientais.

Os impactos aí observáveis estão entre os mais lamentáveis percebidos no universo do turismo. A degradação do meio ambiente é, sem dúvida, um dos mais preocupantes impactos causados pelo turismo. Contudo, como efeito, podem surgir respostas positivas, as quais conciliam conservação e uso sustentável da natureza, ou os efeitos podem ser ainda mais negativos, com um maior incremento da destruição da natureza. As disciplinas que subsidiam este âmbito são a biologia, a geografia, a química, a oceanografia, etc.

Por fim, há ainda o aspecto estrutural relacionado aos aparatos materiais e mesmo imateriais para a realização da atividade turística. O aspecto estrutural divide-se em infraestrutural e superestrutural. Na parte de infraestrutura, é necessário a montagem, construção ou adaptação de locais para que a atividade turística

se realize. Já no aspecto superestrutural estão as questões imateriais, basicamente os atrativos culturais que podem servir de sustentação para a estimular a visitação.

Os impactos causados no âmbito infraestrutural dizem respeito às reações no lócus turístico em decorrência da implementação e formatação de um produto turístico. Verifica-se aí a importância de elementos pertencentes à engenharia, e à arquitetura. Os impactos aí observados implicam efeitos inesperados, como a multiplicação de vendedores ambulantes ou prestadores de serviços que surgem sem um planejamento prévio, à construção de residências secundárias, especulação imobiliária, construção de rodovias, bares, hotéis, e qualquer outro elemento que vise dar mais estrutura ao contexto turístico.

A estrutura turística é dividida por Margarita Barretto (2001, p.39) em duas partes: superestrutura e infra-estrutura. A superestrutura é aquela em que se localizam as atrações naturais e culturais e o conceito de infra-estrutura turística foi analisado por Margarita Barretto e para essa autora, a infra-estrutura turística é a somatória de:

- Infra-estrutura de acesso (estradas, aeroportos, portos, rodoviárias, estações de trem, etc.);
- Intra-estrutura básica urbana (ruas, iluminação pública, saneamento, etc.);
- Equipamentos turísticos, que são as construções que permitem a prestação de serviços turísticos (alojamentos, nos núcleos receptores, agências, nos núcleos emissores, transportadoras entre ambos);
- Equipamentos de apoio, que são as instalações que permitem a prestação de serviços que não são exclusivamente turísticos, mas são quase indispensáveis para o desenvolvimento desta atividade (rede médico-hospitalar, rede de atenção ao automóvel, rede de entretenimento etc.).

Pensar no turismo sobre o prisma científico não é uma tarefa simples. Todavia, a construção de um saber turístico se faz relevante pois a atividade turística não pode ficar à mercê dos agentes mercadológicos que visam pouco além do lucro. A construção deste campo de pesquisa visa então gerar retornos para além dos econômicos. Conforme Marutschka Moesch (2000) é preciso construir um saber-fazer acadêmico para nortear a atividade turística, não somente um fazer-saber mercadológico do turismo.

Para essa autora, quanto mais a atividade cresce, mais surgem conceitos. Ora, tal fato pode ser explicado pelo crescente acúmulo de conhecimentos envolvidos pela atividade científica e imagino que cada conceito seja mais lapidado que os anteriores. Este pensamento de Moesch vai ao encontro de outro, elaborado por G. Bachelard. Para ele:

Não há método de pesquisa que não acabe por perder sua fecundidade inicial. Chega sempre uma hora em que não se tem mais interesse em procurar o novo sobre os traços do antigo, em que o espírito científico não pode progredir senão criando novos métodos. Os próprios conceitos científicos podem perder sua universalidade [...] todo o pensamento científico deve mudar ante uma experiência nova, um discurso sobre o método científico será sempre um discurso de circunstância, não descreverá uma constituição definitiva do espírito científico (1985, p.121).

Pretendo, assim, mostrar que conceitos e métodos científicos são constantemente postos à prova e, como parte do processo de construção da ciência, é normal que conceitos, teorias e métodos surjam e caiam por terra. O campo de pesquisa do turismo ainda engatinha como um bebê, dando seus primeiros passos, porém sendo bem alimentado, em breve tal campo conseguirá caminhar com grande fôlego.

Certamente, a formulação de um método de estudos não é algo simplório e propor mudanças e criação de uma nova estrutura de análise do turismo é algo sensível, porém fundamental. E a atividade científica

precisa disso, é feita assim, de construções e desconstruções. Outro pensamento que estimula nesta árdua tarefa é a polêmica afirmação de L. Juvet (citado por Bachelard), que “insiste sobre o fato de que as idéias mais ousadas e fecundas são devidas a cientistas muito jovens” (P.150).

2.2 REFLEXÕES ACERCA DO PATRIMÔNIO CULTURAL

Oração da População pelo Patrimônio

Patrimônio nosso que estais a granel
Valorizado seja teu nome
Que deixem a nós o nosso reino
Para que seja feita a nossa vontade
Sobre Igreja, cultura ou antigo quartel
Pelo pão nosso de cada dia trabalhemos hoje
Perdoai pelas nossas ofensas
Não nos deixeis cair qualquer construção
E livrai-nos dos cupins do mal
Amém.

2.2.1 PATRIMÔNIO: ITINERÁRIO DE CONCEPÇÕES

As questões referentes ao patrimônio não são recentes. De longa data este termo vem se tornando parte da vida cotidiana das pessoas. Contudo, o que tem se alterado -ou desenvolvido- é o significado deste termo.

Em fins do século XIX, têm início na Europa debates sobre a conservação/restauração/proteção/intervenção/reconstrução/revitalização de imóveis com valor extraordinário (Pellegrini Filho, 2001). Dessa forma, surge o primeiro grande avanço sobre o conceito de patrimônio, não se restringindo mais àqueles objetos ou construções que pudessem ser comercializadas. Patrimônio passa a ser, também, aquilo que possui valor para uma sociedade. Estabelece-se, então, o acréscimo do adjetivo *cultural* ao termo *patrimônio*, surgindo assim o que foi denominado de *patrimônio cultural*.

Nesse novo conceito, reduz-se o caráter exclusivista e particularista, para se pensar em uma forma coletiva de patrimônio, pois já se pensava em preservar as construções como uma beneficência para a coletividade. Agora, o patrimônio não se limita mais somente àquele que possui sua propriedade, mas passa a ser visto como algo representativo de um povo, como um elemento concreto de uma cultura ou identidade do

mesmo.

Nesta nova forma de se pensar em patrimônio, dá-se valor exclusivamente a bens materiais, principalmente a grandes construções como palácios, castelos, fortalezas, pontes e igrejas. Ou seja, nesta nova aceção de patrimônio, valorizam-se as construções que se destacavam pela sua imponência arquitetônica e histórica.

Todavia, a noção de patrimônio não se limitou aos bens tangíveis. De uma ampliação deste conceito, surgem os patrimônios culturais imateriais. Nesta nova visão, elementos da cultura, tradição e identidade dos povos passam a ser vistos como patrimônios culturais. Tais elementos podem ser designados como patrimônio cultural, pois: primeiro, apresenta valor para a sua população (portanto é patrimônio); segundo, são elementos representativos da identidade de um grupo social (não são exclusivistas ou pertinentes a indivíduos isolados).

Outra mudança significativa sobre o conceito de patrimônio cultural diz respeito à valorização de construções não somente devido à sua antigüidade, mas principalmente devido à sua representatividade e significado para a população.

Seguindo esta forma de se conceituar patrimônio, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura UNESCO, desde 1972, tem analisado e distribuído títulos a cidades, monumentos e reservas de algumas categorias de patrimônios mundiais como Patrimônio Cultural e Natural. São patrimônios de grande envergadura que apresentam relevância não somente para a população local, mas para toda a humanidade.

De acordo com a Convenção para a proteção do Patrimônio Cultural e Natural, aprovada em Novembro de 1972, em Paris, pela conferência geral da UNESCO, ficou definido que Patrimônio Cultural são **monumentos**: obras arquitetônicas, esculturas ou pinturas monumentais, objetos ou estruturas arqueológicas, inscrições, grutas e conjuntos de valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência. Os **conjuntos** são: grupos de construções isoladas ou reunidas, que por sua arquitetura, unidade ou integração à paisagem, têm um valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência. Por sua vez, os **sítios** são: obras do homem ou obras conjugadas do homem e da natureza assim como áreas, incluindo os sítios arqueológicos, de valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico.

Por outro lado, Patrimônio Natural são os **monumentos naturais** constituídos por formações físicas e biológicas ou por conjuntos de formações de valor universal excepcional do ponto de vista estético ou científico, também podem ser as **formações geológicas e fisiográficas** e as zonas estritamente delimitadas que constituam habitat de espécies animais e vegetais ameaçadas de valor universal excepcional do ponto de vista estético ou científico. Os **sítios naturais** são áreas naturais estritamente delimitadas detentoras de valor universal excepcional do ponto de vista da ciência, da conservação ou da beleza natural.

Dessa nova forma de se conceber patrimônio, temos uma variedade de exemplos, que podem variar entre formações naturais e humanas, como as festas, as danças, as comidas típicas de cada região, ou seja, as tradições e o folclore em geral. Assim, vale frisar que todas as sociedades têm os seus bens patrimoniais próprios.

Patrimônio é algo que tem valor. Durante muito tempo esse termo significou um valor que pudesse ser monetariamente quantificado. A aceção de patrimônio funde-se a outra, a de monumento, ocasionando

assim, uma ampliação de sua semântica. O sentido original do termo provem do latim *monumentum*, que deriva de *monere* (advir, lembrar), aquilo que traz à lembrança alguma coisa. Trata-se de tocar, uma memória que se faz viva. Nesse sentido, chama-se monumento tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer com que outras gerações saibam sobre acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças.

Monumento tem uma relação/atuação direta sobre a memória. Ele a elabora e envolve de forma que lembre o passado, fazendo-o vibrar como se fosse presente. Mas esse passado invocado e convocado não é um passado qualquer: é localizado e selecionado, rememora algo marcante para o grupo, na medida em que pode, de forma direta, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar.

Para aqueles que edificam, assim como para os destinatários das lembranças, o monumento é um instrumento de segurança. O monumento assegura, acalma, tranqüiliza, constitui uma garantia, um referencial sobre as origens e marcos do grupo que é reverenciado.

Para Françoise Choay:

Chamar-se-á monumento tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças. A especificidade do monumento deve ser precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória. Não apenas ele a trabalhe a mobiliza pela mediação da afetividade, de forma que lembre o passado fazendo vibrar como se fosse presente. Mas esse passado invocado, convocado de certa forma encantado, não é um passado qualquer: ele é localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode de forma direta, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade ou religiosa, nacional, tribal ou familiar (2001, p. 18).

Assim, o monumento é visto como um instrumento ou dispositivo de segurança que visa certificar às pessoas alguns referenciais sobre suas identidades; os monumentos seriam como portos seguros para a identificação cultural de cada povo. Todavia, o papel do monumento neste sentido foi perdendo sua importância nas sociedades ocidentais. Para Choay, tal perda da função memorial do monumento se deve principalmente ao desenvolvimento e aperfeiçoamento e difusão de memórias artificiais. O surgimento da imprensa, por exemplo, veio a dar uma nova estrutura para os instrumentos de memória. Pois seria capaz de fazer outros arquivos de memória, tão capazes ou ainda mais, do que as construções que existiam com fins de deixar registro grandes feitos ou ocorridos em cada povo.

O monumento simbólico erigido para fins de rememoração está praticamente fora de uso nas grandes sociedades. Na medida em que essas passam a dispor de técnicas mnemônicas mais eficientes, aos poucos deixam de edificar monumentos com essa função. Assim, abre-se espaço para o surgimento de outro tipo de monumento, o que é tratado pelos estudiosos do tema como monumento histórico.

As duas noções que muitas vezes se confundem são, em alguns aspectos, divergentes ou antagônicas. A diferenciação dos dois conceitos é realizada por Aloïs Riegl (Citado por Kersten (2000); Choay (2001) e Gonçalves (1996). O que difere as duas formas é que, enquanto o monumento tem sua função determinada a priori e desde sua construção já se sabe o que se quer preservar com aquela edificação, o monumento histórico é pensado a posteriori, é por exemplo um edifício antigo que passa a ser objeto de análise de historiadores ou amantes da arte e esses lhe atribuem valores.

O que difere é o sentido e função. O monumento, desde a sua construção, apresenta função

delimitada, enquanto o monumento histórico é um enfoque contemporâneo sobre algo de origem do passado. Enquanto os monumentos são presentes e vivos, os monumentos históricos passam por processos de ressurgência e revalorização, são monumentos que dotados de valor merecem olhares da sociedade, para não serem esquecidos e destruídos pelo tempo ou pela própria sociedade. Os monumentos históricos não surgem como tal, mas são considerados assim por serem de representatividade de um passado que vale a pena preservar.

Os monumentos históricos que se encontram em destaque são novos olhares sobre as antigas construções. O conceito de *monumento histórico* é de origem francesa, pós revolução; entretanto, as reais bases para se pensar em monumento histórico remetem ao século XV, quando da revolução humanista dos saberes e da humanidade.

Choay aponta o Renascimento como o período em que poderíamos situar a origem dos monumentos históricos. Certamente, bases mais remotas de existência dos monumentos históricos podem ser apontadas, como a valorização da cultura grega pelos romanos. Entretanto, há uma grande divergência entre esses dois momentos de valorização. A valorização dos romanos para com as produções gregas se dava pelo próprio fato de seu valor não se pender à sua relação com uma história à qual conferissem autenticidade ou permitissem datar, nem à sua antigüidade; buscavam conhecer e reverenciar as realizações de uma civilização superior. Enquanto modelos, servem para suscitar uma arte de viver e um refinamento que só os gregos tinham.

Por outro lado, somente no período renascentista é que se pode perceber, no contexto de civilização ocidental, o surgimento de um tipo de valorização de antigas produções culturais pautadas em um interesse histórico.

O surgimento do interesse histórico pelas construções soma-se à idéia moderna de estado-nação. Esse se baseia, dentre outros fatores, na existência de um patrimônio cultural coletivo e unificador. Patrimônio esse que cria uma visão de uma cultura comum, que constitui o sustentáculo da nacionalidade.

Ao associar edificações e monumentos comemorativos à glória de uma nação, o conceito de patrimônio se recobre de sentido ideológico, pois o passado e a tradição são escritos que visam o interesse daqueles que controlam sua formação e reprodução.

No período renascentista, são apontados por Choay dois tipos de posturas que indicam a formação desse monumento histórico. Dois tipos de agentes com atitudes e motivações distintas. Por um lado, aqueles que valorizavam a abordagem literária, por meio de textos clássicos. É através da literatura que se lançaram bases para essa forma de valorização. Esses agentes não se interessam nos monumentos em si. Para eles, o testemunho do texto sobre o passado é mais importante que todos os outros. Aos edifícios antigos, eles preferem as inscrições que lhes dizem respeito.

Por outro lado, a essa abordagem literária dos edifícios antigos opõe-se uma outra, que se interessa sobretudo pelas formas. Nessa ótica, a valorização se dava pelas construções. Essas são arquivos históricos suficientes para possibilitar a formação dos monumentos históricos.

Outro momento paradigmático apontado por Choay foi o Iluminismo. Este período representou uma renovação conceitual de como ver as antiguidades. A grande mudança está relacionada ao olhar dado às artes. Por um lado, registra-se a expansão dos colecionadores e dos apreciadores na direção de novas camadas sociais. Antes as coleções estavam estritas às camadas mais abastadas. Agora, há uma maior ampliação das possibilidades artísticas; surgem também novas práticas como exposições, vendas públicas, catálogos, etc.

Por outro lado a reflexão sobre a arte se desenvolve e ultrapassa as teorias de cópias, como as empregadas pelos romanos ao se remeterem aos gregos.

É deste período também uma importante mudança na percepção daqueles que trabalhavam com a valorização dos monumentos e das artes. Enquanto da origem da valorização existia a dicotomia entre aqueles que prezavam pela literatura e outros pela arquitetura, há nesse novo contexto uma simbiose que vai proporcionar finalmente se pensar em valorizar todos os patrimônios como um todo, sem sobreposição de um em relação a outro. Certamente, cada qual lança mão de suas especificidades, pois valorizar, preservar e conservar literatura se faz de um modo bem diferente daquele aplicado às construções.

Enquanto se multiplicavam as coleções privadas, foram criados os primeiros museus de arte (*British Museum, Museu Pio Clementino, Louvre*). O desenvolvimento dessas instituições, inspiradas nos modelos do museu de imagens e da coleção de arte, inscreve-se no grande projeto filosófico e político do Iluminismo: vontade dominante de democratizar o saber, de torná-lo acessível a todos pela substituição das descrições e imagens das compilações de antiguidades por objetos reais.

É deste período também o surgimento do debate sobre conservação/restauração (conservadora ou intervencionista). É na Inglaterra que tem início uma ação sistematizada de preservação. A atitude britânica se deve à indignação dos antiquários por assistirem a monumentos góticos serem destruídos pelo vandalismo religioso, por ocasião da Reforma Protestante. Os danos causados aos monumentos religiosos legados pela Idade Média são sentidos como um atentado contra as obras vivas da nação. Criaram, assim, uma estrutura de proteção, privada e cívica, que seria característica da Grã-Bretanha até o início do século XX.

O processo ocorrido na França deve ser analisado com cautela. Foi no período da Revolução Francesa que se assistiu a um grande paradoxo em relação aos bens patrimoniais. Destruição e valorização se destacam nesse período.

A obra conservadora dos comitês revolucionários resulta de dois processos distintos. O primeiro é a transferência dos bens do clero, da coroa e dos emigrados para a nação; o segundo é a destruição ideológica de que foi objeto uma parte desses bens. Esse processo destruidor suscita uma reação de defesa imediata, comparável à que foi provocada pelo vandalismo dos reformados na Inglaterra. Contudo, na França, a postura da reação assume outra dimensão e outro significado. Ela não visa apenas à conservação das igrejas medievais, mas, em sua riqueza e diversidade, à totalidade do patrimônio nacional.

Foi durante os tempos revolucionários que os bens móveis foram transferidos de seus depósitos provisórios aos definitivos, aberto ao público, nas recentes instituições chamadas de museus. Esses têm por função servir à instrução da nação, reunindo obras de arte. Além de, conforme o espírito enciclopedista, os museus ensinariam civismo e história, assim como as competências artísticas e técnicas.

Já os bens imóveis ensejavam outros problemas, em outra escala, e as comissões revolucionárias encarregadas de sua conservação mostravam-se ainda mais despreparadas para isso no que no caso dos depósitos ou museus. Os revolucionários não dispunham de infra-estruturas técnicas e financeiras que lhes permitissem substituir as antigas funções das construções. Era necessário inventar novos usos para os edifícios que haviam perdido sua destinação original.

Vale notar que o próprio Estado revolucionário havia ordenado, por decreto, ações destrutivas destinadas a arcar com despesas e equipamentos militares. Um exemplo de “vandalismo institucionalizado” (Choay, 2001) é a decisão da Assembléia Legislativa francesa no sentido de decretar a fundição das pratarias

e dos relicários, e de telhados de chumbo ou de bronze de catedrais e igrejas em peças de artilharia.

Paradoxalmente, a conservação emana do mesmo aparelho de que deriva o vandalismo institucionalizado. O governo revolucionário cria posteriormente um decreto que visa motivar e institucionalizar a conservações dos bens que apresentam interesse para a história, ou valor pedagógico.

Na ótica do ocidentalismo, Inglaterra e França despontaram como referenciais de valorização do Monumento; os demais países paulatinamente seguem caminhos semelhantes. Com o advento da era industrial, há o que Choay denomina de “consagração do monumento histórico”. Amplia-se o status adquirido pelo monumento histórico com o surgimento e expansão da era industrial. Esse status pode ser definido por:

Um conjunto de determinações novas e essenciais, relativas à hierarquia dos valores de que o monumento histórico é investido, suas delimitações espaço-temporais, seu estatuto jurídico e seu tratamento técnico [...] A revolução industrial como ruptura em relação aos modelos tradicionais de produção, abria um fosso intransponível entre dois períodos da criação humana. Quaisquer que tenham sido as datas, que variam de acordo com cada país, o corte da industrialização continuou sendo, durante toda essa fase, uma linha intransponível entre um antes, um que se encontra o monumento histórico isolado, e um depois, com o qual começa a modernidade. (*idem, ibidem*, p.126-127).

Dessa forma, a consagração do monumento histórico acontece paralelamente à entrada na era moderna, baseada nas novas estruturas de produção industrial e organização social Estado-Nação.

Entretanto, somente no século XX é que se veio a estruturar e buscar formas de organização e planejamento para os monumentos históricos. A primeira conferência internacional para a conservação do Monumentos Históricos aconteceu em Atenas, em 1931; só participaram países europeus.

Com o fim da Segunda Guerra, os bens patrimoniais passaram a constituir tema de discussões estimuladas pela imensa perda do patrimônio edificado europeu, como bombardeamento de inúmeras cidades. Nesse contexto foi criado o *International Council of Monuments and Sites*, ICOMOS, visando reunir órgãos de proteção aos monumentos. De acordo com Márcia Kersten (2000, p. 91): “o enfoque central desse conselho esteve voltado à conservação e ao restauro do patrimônio urbano, entendido como “conjunto arquitetônico de significação cultural humana”.

Em 1964, aconteceu em Veneza a Segunda Conferência Internacional para a conservação dos monumentos históricos, sob a responsabilidade do ICOMOS. Deste congresso resultou a *Carta Internacional Sobre Conservação e Restauração de Monumentos e Sítios*, documento que orienta a implantação de políticas comuns aos países participantes. A Carta rompeu com a noção de monumento histórico, que definia como grandes e colossais edifícios, que até 1960 tinha balizado as ações práticas e as reflexões teóricas, apontando para a importância do monumento enquanto parte de um conjunto mais amplo.

Outro encontro fundamental para a história e consagração do Patrimônio foi a Conferência Geral da UNESCO em Paris, em 1972. Nesse momento, os discursos e as práticas incorporaram a mundialização de valores culturais ocidentais no âmbito do patrimônio. Como já dito, foi dessa Conferência que surgiu o conceito de Patrimônio cultural em nível mundial.

Somente após três séculos do início da colonização europeia, com a fuga da família real portuguesa para o Brasil, tiveram início as preocupações em preservar alguns bens que poderiam ser definidos como patrimoniais. Os bens reconhecidos eram oriundos da colonização portuguesa ou gerados em seu interior, aqueles pertencentes aos povos indígenas e aos diferentes grupos étnicos que compunham a população escravizada, foram desconsiderados.

A problemática referente à identidade nacional brasileira era apontada pelas questões raciais. Os pensadores que se debruçavam sobre o tema sempre recorriam à idéia de “raça” para explicar a formulação identitária nacional. Somente ao longo das segunda e terceira décadas do século XX, o problema veio a ser discutido, não mais em termos raciais, mas culturais, como uma busca da “brasilidade”, de uma “essência”, “alma”, ou uma identidade cultural da nação brasileira.

No Brasil, a historiografia teve início no século XIX, marcada por uma forte apologia ao poder. Durante o período colonial, não foi além de uma série de relatos e crônicas de viajantes, dirigidos a poucos e poderosos senhores da Colônia, valorizando fatos e ações individuais.

A República não alterou de forma significativa essa situação. Os mesmos padrões historiográficos desenvolvidos sob o Império continuavam a ser repassados, acrescentando-se a eles tons patrióticos. Contava-se a história do país como de uma nação pacífica, formada sem grandes conflitos, composta por um povo ordeiro. Na realidade, a memória dos conflitos era camuflada, desrespeitada e subjugada à visão do vencedor. Fatos e personagens heróicos ocultavam a opressão e subordinação de índios, negros e mesmo de imigrantes.

Foi somente com o início da postura relativizadora das ciências sociais que se passou a observar para o “outro”, como agente partícipe da formação da história. No Brasil, o movimento modernista é um marco na formação inicial de um pensamento voltado para o olhar daqueles que não detinham os meios oficiais de registro da memória e da história.

Aqueles intelectuais identificados com o modernismo e associados ao regime político do Estado Novo concebiam a si mesmos como uma elite cultural e política cuja missão era “modernizar” ou “civilizar” o Brasil, elevando o país ao plano das nações europeias mais avançadas.

Dentre os participantes da Semana de Arte Moderna de 1922, Mário de Andrade foi quem mais influenciou as discussões sobre patrimônio cultural, preocupando-se em entender as especificidades do país, suas condições locais e regionais, que indicavam uma consciência da nossa condição de subdesenvolvimento e essa valorização do nacional como uma das chaves para se superar essa condição.

Mário de Andrade apresentou uma produção que contempla diversas áreas do conhecimento, antropologia, artes plásticas, música e filosofia, e considerava que o artista deveria servir à humanidade pela adoção do conceito de arte enquanto gesto transformador. O engajamento do artista é visto por ele como uma das realizações mais significativas do modernismo.

Toda a sua trajetória de participação política e produção intelectual foi decisiva para que Mário de Andrade superasse o conceito de patrimônio com a inclusão de bens intangíveis, vocábulos, lendas e cantos e diversas outras formas de expressão popular.

Pouco antes da Revolução de 1930, Mário de Andrade encaminhou, ao Congresso Nacional, um projeto de lei que reconhecia o direito de desapropriação com indenização e de preferência para compra pelo Estado dos bens definidos como patrimoniais. Esse projeto trazia, como novidade na história da legislação

brasileira, o termo “patrimônio”, para designar o acervo dos bens culturais. Entretanto, o fechamento do Congresso inviabilizou sua tramitação.

O anteprojeto proposto por Mário de Andrade abarcava amplo espectro de temas, no qual o bem imóvel apareceria como uma das possibilidades de ser inventariado. A proposta de Mário de Andrade sugeria que os museus brasileiros deveriam expor suas coleções e objetos do acervo com instrumento informativo, e educativo. A proposta de Mário de Andrade foi tão vanguardista para sua época que o mundo só veio a se estruturar, no que tange a patrimônio, conforme sua visão, na década de 1970.

De qualquer forma, seu anteprojeto tornou-se um referencial e uma meta a ser seguida pelas políticas de patrimônio nacional. E o texto por ele escrito é base até hoje das leis nacionais que tangem as questões de Patrimônio (anexo I).

De acordo com Gonçalves (1996), é possível perceber duas estruturas de formulação/planejamento/construção das políticas oficiais de patrimônio cultural no Brasil.

A primeira está ligada a Rodrigo Melo Franco de Andrade, que foi diretor da antiga SPHAN (Secretaria de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) desde sua fundação, em 1937 até 1969, quando Rodrigo Melo veio a falecer.

A segunda estrutura de coordenação das políticas de patrimônio é centrada na pessoa de outro presidente, Aloísio Magalhães. O processo de renovação ideológica e institucional da política oficial de patrimônio cultural, sob sua liderança, se desenvolveu durante os anos setenta. Trata-se de uma nova estrutura de percepção sobre a identidade cultural brasileira.

Gonçalves se refere à autoridade cultural desses dois intelectuais. Cada estratégia é realizada na medida em que persuade um público; são capazes de apresentar e representar, através de seus discursos e de suas práticas à frente da política oficial de patrimônio, a maneira mais autêntica da identidade cultural da nação. Assim, formaram duas matrizes de autoridades intelectuais que regeram as políticas de patrimônio durante as duas grandes fases de gestão do patrimônio nacional.

A estratégia assumida por Rodrigo Melo, ao narrar o que chama de “uma obra da civilização”, é a de um observador objetivo e racional, cujo propósito é registrar, de modo mais rigoroso, os acontecimentos, personagens e objetos associados ao patrimônio nacional. Busca preservar e valorizar a tradição brasileira, vista como um objeto de conhecimento científico, histórico e ao mesmo tempo como uma fonte de autenticidade pessoal e coletiva. A tradição é descrita e explicada em termos científicos e racionais, ao mesmo tempo em que deve ser resgatada e defendida como a fonte da identidade cultural brasileira. O Brasil é oposto a nações “mais maduras” ou “mais civilizadas”. No entanto, isso não traz como consequência uma visão negativa ou pessimista da cultura brasileira, porém o sentido de que se tornará uma nação plenamente moderna, civilizada e madura, na medida em que os brasileiros venham a reconhecer, assumir e defender sua cultura ou “tradição”.

Segundo Rodrigo de Melo, a proteção do patrimônio não é uma atividade “romântica” ou “sentimental”, mas um dever cumprido por todas as nações civilizadas do mundo. A “causa” é apresentada como devendo interessar a todos os cidadãos brasileiros, transcendendo assim, a todas as diferenças sociais.

As primeiras décadas da existência do SPHAN são classificadas como o “período heróico”. Marcado pelo fato de que as pessoas tinham de ser persuadidas até mesmo da existência de um patrimônio histórico e artístico brasileiro. Chega-se a uma outra em que se discute a necessidade de preservar diferentes espécies de

patrimônio cultural. Em 1979, Aloísio Magalhães assume a direção do SPHAN e dá início a uma nova política para o patrimônio cultural brasileiro.

Os últimos anos da década de 1970 caracterizaram-se como um período de abertura política e de liberalização do regime político em vigor. Alguns intelectuais vieram a ser convidados e concordaram em participar em alguns níveis de governo, notadamente na área de política cultural.

Quando contrastada com a narrativa histórica de Rodrigo de Melo, em que o Brasil aparece como “civilização” e “tradição”, a de Magalhães parece mais próxima de um antropólogo, cuja autoridade está baseada numa teoria sistemática da cultura e da sociedade. Sua política cultural está orientada por alguns valores, em teorias que informam a moderna antropologia. Assim, Magalhães substituiu o “patrimônio histórico e artístico” de Rodrigo pela noção de “bens culturais”. Os bens culturais são concebidos como indicadores a serem usados no processo de identificação de um caráter nacional brasileiro, definido não apenas pelo passado ou pela tradição, mas por uma trajetória histórica norteada pelo futuro.

Em oposição ao enredo da narrativa de Rodrigo de Melo, articulado pelas idéias de “civilização” e “tradição”, a narrativa de Magalhães é articulada pelas noções de “desenvolvimento” e “diversidade cultural”. Diferentemente de Rodrigo de Melo, seu propósito não é civilizar o Brasil preservando uma tradição, mas revelar a diversidade da cultura brasileira e assegurar que ela seja levada em conta no processo de desenvolvimento.

O propósito de Aluísio Magalhães é identificar e preservar o caráter nacional brasileiro de forma que o processo de desenvolvimento econômico e tecnológico possa prosseguir sem que isto represente uma perda de autonomia cultural frente aos países do primeiro mundo.

Para Magalhães, o Brasil possui uma cultura que ainda não adquiriu estabilidade e permanência e encontra-se ainda num processo de formação. Nesse processo, a ênfase é colocada na diversidade cultural existente no Brasil e na sua singularidade em relação a outras nações.

Durante essa segunda fase de gestão, recontextualiza-se a política de patrimônio cultural do SPHAN com o propósito de formular e propor nova alternativa. Enquanto, para Rodrigo de Melo, os principais problemas enfrentados pelo SPHAN são a ignorância e a indiferença da população em relação à existência mesma do patrimônio. Magalhães critica a política tradicional do SPHAN, na medida em que deixa de lado certas dimensões do patrimônio cultural brasileiro, como as diferentes formas de cultura popular. Acusa essa política de não ter seguido o projeto original de Mário de Andrade em 1936, onde aquelas dimensões eram contempladas.

Assim, Magalhães amplia a noção de Patrimônio Cultural de modo a incluir elementos que não se restrinjam à categoria de arte e arquitetura colonial brasileira. Diferentes formas de cultura popular passam a ser valorizadas, como: arte e arquitetura popular, artesanatos, religiões, esportes, festas. Esses bens são valorizados não por uma suposta exemplaridade, mas como parte da vida cotidiana e como formas de expressão de diferentes segmentos da sociedade brasileira.

Essa visão pluralista e, antropológica do Brasil é, então, concebida por Aloísio Magalhães e seus colaboradores como um instrumento fundamental no processo de democratização política e socio-cultural da sociedade brasileira.

Os bens patrimoniais, como elementos representativos da cultura de um povo são fatores fundamentais para a coesão do mesmo. É através dos bens culturais das sociedades que haverá a formação

das identidades culturais. A forma de organização social encontra-se intimamente ligada às construções culturais da mesma e as produções simbólicas de todos os povos nada mais fazem do que representar, canalizar e constituir a afirmação para cada povo da sua existência enquanto ser social.

2.2.3 PATRIMÔNIO CULTURAL: CONSAGRAÇÃO E DESCASO

O Patrimônio Cultural encontra-se hoje em destaque, tamanho é o enfoque sobre essa categoria que é fácil afirmar que a cada dia a importância atribuída aos bens patrimoniais é maior que nos anteriores.

A UNESCO dedicou o ano de 2002 a esse tema. Certamente, a importância atribuída aos bens patrimoniais culturais não crescerá *ad infinitum*; porém, se tal relevância atualmente atribuída a tais bens ainda não muito aumentar, corre-se o risco de não haver uma valorização conforme a importância desses bens culturais devidamente necessita.

A consagração do Patrimônio Cultural foi anteriormente apontada colocando-se em destaque, no nível internacional, a criação de uma legislação específica sobre o tema na França em meados da década de 1820, e em nível nacional, com a criação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, em 1937 (quando se chamava SPHAN), e, mais recentemente, na Constituição de 1988, quando o Patrimônio Histórico e Cultural passa a ser objeto de proteção governamental.

Pode parecer de longa data a valorização dos bens patrimoniais; contudo, efetivamente pouco tem sido feito. Assim, a valorização, preservação e conservação de bens patrimoniais é necessidade ainda carente de agentes atuantes.

Jorge Araújo, tendo pesquisado arquivos e bibliotecas por todo o país, certificou que "... a cultura, entre nós, no entanto, está sendo liquidada a golpes de língua morta e vil... é fácil chegar à conclusão que os cuidados do Brasil com a cultura praticamente não existem." (2002, p. 25). Pensar em cuidar da cultura é inevitavelmente pensar em cuidar dos bens culturais, do patrimônio cultural, pois se tratam de categorias estreitamente ligadas.

O porquê do descaso brasileiro pelos bens culturais é também objeto de análise /de Araújo:

Precisamos é da perpetuação da grande burrice nacional, a nossa formidável e sesquipedal ignorância: pública, ampla, geral e irrestrita... Para consumo paradisíaco de poucos sobram recursos. Para coisas do espírito, restam discursos. Para tudo dinheiro aparece, menos para aparelhar condignamente os produtores de cultura (p.14).

Paradoxalmente, discursos referentes à proteção, valorização e conservação de bens patrimoniais existem às sobras. Essa categoria, tão propagada nos dias contemporâneos, não recebe na prática (nas políticas públicas ou ações governamentais) a atenção que lhe é recomendada.

2.2.4 AS APROPRIAÇÕES DO PATRIMÔNIO

Vem da Revolução Francesa a propaganda da democratização do saber; enquanto esse não fosse amplamente divulgado, qualquer tipo de melhoria social ficaria travada. A base para valorizar é conhecer.

Enquanto as pessoas não tivessem acesso aos seus bens patrimoniais e vissem tais bens como representativos de suas pessoas, todo e qualquer esforço no sentido de preservar seria em vão.

É necessário, então, que as pessoas se vejam refletidas em seus bens patrimoniais. Esse é o primeiro passo para que a sociedade experimente responsabilidade social para com o patrimônio.

É possível visualizar esta relação a partir da seguinte figura:

Esta figura representa as formas de apropriação do Patrimônio. A base representa o ponto de partida, as propriedades do Patrimônio. A primeira delas, a propriedade propedêutica, está relacionada ao início da vivência patrimonial pelas pessoas. Conforme já disse anteriormente, todas as sociedades detêm bens patrimoniais e, através da propriedade propedêutica, os indivíduos passam a utilizá-los, vivê-los ou consumi-los. A propriedade propedêutica é o que vai fazer o indivíduo se tornar um membro da sociedade em que vive, pois é desse momento que ele internaliza pelo menos parte dos bens patrimoniais da sociedade a qual a pessoa faz parte. Todos os indivíduos vivem, participam, consomem ao menos uma parte dos bens (materiais ou imateriais) de sua sociedade. É a base, pois, a maior parte das pessoas não consomem nem vivem seu patrimônio, ficando apenas em uma parte do que poderia ser por elas consumido. Assim, a apropriação propedêutica se refere à uma vivência patrimonial bastante limitada; é a mais freqüente, quando os agentes sociais vivenciam de forma muito limitada o que sua sociedade oferece. Isto acontece quando as pessoas não vão aos museus e teatros, não participam de eventos culturais que acontecem em sua localidade.

O segundo plano do triângulo se refere à apropriação pedagógica do patrimônio. A apropriação pedagógica não se dá no plano da vivência, mas sim, no da educação patrimonial. Consegue englobar um número maior de pessoas, as quais são instruídas sobre o patrimônio. Neste plano de apropriação patrimonial, as pessoas passam a saber de maneira ampla quais são os bens patrimoniais que existem, em especial, em sua sociedade. E, além de aprenderem sobre a existência de seus bens patrimoniais, aprendem também como lidar com eles, estimulando assim, o desenvolvimento de responsabilidade social do cidadão para como seus bens patrimoniais. A apropriação pedagógica é uma estratégia para aumentar a quantidade de pessoas que alcançam a apropriação psicológica.

O terceiro plano do triângulo se remete às propriedades psicológicas do patrimônio. Nesta superior forma de apropriação, as pessoas internalizam seus bens patrimoniais, passando a vê-los como parte de si próprias. Os indivíduos que alcançam a apropriação psicológica participam ativamente das produções culturais de sua sociedade. Entretanto, apenas um pequeno número de pessoas vive amplamente seus bens patrimoniais e participa ativamente da vivência que o patrimônio pode proporcionar.

Na apropriação psicológica, o patrimônio pertence às pessoas como essas pertencem ao patrimônio. As propriedades psicológicas, como as propedêuticas, estão no ambiente da vivência patrimonial. Contudo, aqui a vivência é feita de uma forma plena, onde os agentes sociais participam, atuam, vivem e consomem intensamente seus bens patrimoniais. Nesse plano, as pessoas conhecem os museus de sua cidade, assistem e fazem apresentações culturais e têm grande estima pela sua cultura e seu patrimônio. A representação para as propriedades do patrimônio em um plano ideal deve ser representada quando os indivíduos conseguem unir as três formas de apropriação do patrimônio, isto é, quando os indivíduos desde a sua criação, já consomem, vivem e conhecem seus bens patrimoniais, nutrindo por eles uma elevada estima. E a apropriação pedagógica pode ser estimulada através da própria vivência. Assim, as propriedades se dão de uma forma fluida, sem necessidade de estratificação; todos são membros ativos no que tange aos bens patrimoniais.

Entretanto, ainda que a definição de um patrimônio comum sirva para unificar diferentes grupos sociais e étnicos, esse patrimônio também se estrutura como espaço de luta material e simbólica, reproduzindo diferenças ao demonstrar o acesso preferencial de alguns à produção e consumo de bens, em detrimento de outros. Para que haja uma simbiose das três formas de apropriação do patrimônio, é fundamental que

todos tenham condições, materiais e simbólicas de viver seus bens patrimoniais.

De acordo com Domingas Moraes, “o conhecimento do lugar vivido possibilita-nos compreendê-lo e atribuir-lhe valor. Um valor apreendido pela memória dos sentidos, resultado das experiências vividas e impregnado de pensamentos, sentimentos, emoções corpo e ação” (2002, p. 37).

Dessa forma, as pessoas só podem atribuir valor a algum tipo de patrimônio cultural se este faz parte do seu cotidiano. Assim, pensar em qualquer estratégia de valorização do patrimônio é inócua desde que a população não sinta como parte do seu cotidiano aquele patrimônio. Se não vivem o patrimônio, não há como atribuir a ele algum tipo de valor.

As formas de apropriação do patrimônio são uma maneira de vislumbrar as relações entre as pessoas e seus bens patrimoniais. Perceber como se dão tais apropriações é um fator fundamental para decolar uma estratégia para estimular uma vivência patrimonial que agregue as pessoas em todos os níveis de apropriação, o que só causaria benefícios à sociedade, tendo em vista que a vivência lúdica proporcionada pelo patrimônio proporciona o estreitamento dos laços de afinidade entre as pessoas, o que é indiscutivelmente, algo que desenvolveria a responsabilidade social das pessoas para com sua comunidade e em consequência para si próprias.

2.3 IDENTIDADE CULTURAL: UM OLHAR CONTEMPORÂNEO

Neste final de século, fala-se muito em crise de identidade do sujeito. O homem da sociedade moderna tinha uma identidade bem definida e localizada no mundo social e cultural. Mas uma mudança estrutural está fragmentando e deslocando as identidades culturais da classe, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade se antes as identidades eram sólidas localizações, nas quais os indivíduos se encaixavam socialmente, hoje elas se encontram com fronteiras menos definidas que provocam no indivíduo uma crise de identidade (Hall, 2001).

Com essas palavras, Stuart Hall apresenta *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, no qual discute como o mundo contemporâneo busca encontrar novas formas de expressões identitárias. O autor coloca a dualidade encontrada em questões identitárias nos contextos global e local bem como a fragmentação/descentralização do sujeito contemporâneo, levando-se em conta que tais são elementos-chaves no processo de reconfiguração da identidade cultural.

Na esteira desta pista, analiso as expressões do mundo contemporâneo levantando duas características fundamentais para entendermos questões identitárias contemporâneas. São elas a comunicação social e o consumo. Acredito que essas duas categorias são fortemente expressivas de todas as identidades culturais e alcançam destaque no mundo atual.

Estudo as expressões identitárias contemporâneas em três recortes: num primeiro momento, apresento um debate teórico sobre a questão da mundialização da cultura, analiso as bases com as quais se sustentam uma sociedade com natureza mundializada e como se dão as construções de identidades culturais sobre bases modernas e pós-modernas. No segundo momento, apresento uma discussão sobre as articulações que ligam o mundo contemporâneo. Para isso, discuto sobre os meios de comunicação como sendo os grandes interlocutores da “aldeia global”. Finalmente, num terceiro e último momento, apresento o turismo em seu contexto pós-moderno, apontando de que forma pode inserir-se em uma sociedade e quais podem ser os efeitos nas culturas, quando a atividade turística passa a fazer parte da sua vida cotidiana.

2.3.1 MUNDIALIZAÇÃO DA CULTURA E IDENTIDADE CULTURAL

Discutir a mundialização da cultura deve considerar, inicialmente, o questionamento sobre a existência de uma sociedade global e sobre quais patamares uma sociedade de tal natureza estaria baseada.

Dois aspectos podem ser considerados fundamentais na sociedade globalizada: os processos de comunicação, base hegemônica da sociedade mundializada, e os de consumo, instância de legitimidade dos comportamentos e valores.

O processo de mundialização, para Renato Ortiz (1994), se revela através do cotidiano. É pelas práticas das atividades corriqueiras que percebemos como esse processo se dá. Muitas vezes, deixamos passar despercebidos, mas muitos elementos provenientes de outros lugares estão muito presentes no correr dos dias de todas as sociedades. Quando consumimos este ou aquele artigo, estamos participando desde cedo de todo um processo que, queiramos ou não, caminha a passos cada vez mais largos.

A existência de uma cultura global não implica o extermínio de outras. A imposição assume hoje formulações mais amenas; agora as culturas são “negociadas”, “ressemantizadas” ou “ressignificadas”. São formas de apresentar embates culturais, o que abre espaço para um caminho de mão dupla, isto é, as

culturas somam-se via alteridade. Podemos encontrar, por exemplo, diversos aparatos da cultura brasileira aplicada na Europa e nos Estados Unidos, como por exemplo a capoeira e a Igreja Universal do Reino de Deus, cada vez mais difundidas no mundo.

Assim, o mundialismo não se identifica com a uniformidade. Desde quando se iniciou a discussão sobre a mundialização da cultura e formação de uma cultura global, instalou-se a assertiva de que o mundo caminhava para a constituição de uma cultura homogênea, como algo inevitável, e que em longo, mas não infinito prazo, as culturas já não existiriam, pois haveria apenas uma cultura hegemônica sobre o planeta. Contudo, tal receio é hoje desconexo das principais análises. A questão da formação de um só bloco humano é descartada.

O processo de constituição de uma cultura global não descarta as culturas locais; na verdade, pode fortificar algumas bases com as quais as localidades se sedimentam. É através da possibilidade e temor de fragmentação de suas estruturas culturais locais que os agentes se sentem ainda mais motivados a manter suas produções simbólicas. As culturas são definidas internamente, guardando a capacidade de reinterpretar os elementos estranhos, oriundos de fora.

Renato Ortiz afirma que uma cultura mundializada corresponde a uma civilização cuja territorialidade se globalizou. Pelo menos desde Émile Durkheim (1995), o espaço e o tempo já eram notados como categorias socialmente estabelecidas. Contudo, somente em tempos contemporâneos, tais categorias sociais puderam se desvelar como tais, isto é, se fossem categorias da natureza, não poderiam sofrer transformações por conseqüências de organização social, porém, como são categorias criadas pela humanidade, são passíveis de se encontrar frente a possibilidades de novas estruturas.

Assim, o substrato territorial deixa de ser fundamental para pensar em uma sociedade global. Com essa nova configuração espacial, o conceito inabalável de espaço começa a ser questionado. “Não lugar”, “entre-lugar” “terceiro espaço”, “(des) (re) territorialização” são conceitos que surgiram para contextualizar o espaço na ótica contemporânea, a partir da qual pode-se pensar em uma sociedade que não é fundamentada num substrato espacial, algo que seria impensável até “tempos modernos”.

Podemos então perceber como conceitos e categorias encontram-se ameaçadas nessa nova configuração por que passam as culturas. Outra categoria socialmente estabelecida e que se encontra em vias de questionamento diz respeito ao conceito de exterior. Quando se pensa no exterior como aquilo que está além das fronteiras, tudo parece ser facilmente resoluto, mas, se pensarmos que as fronteiras se encontram cada vez mais diluídas, a categoria “exterior” tem sua complexidade analítica aumentada.

Como aplicar o conceito de exterior às pessoas que vivem em regiões de fronteira, quando pertencem a culturas de dois ou mais países? Muitas dessas pessoas teriam dificuldades de se expressar em um sentido de pertencimento a uma das duas culturas, pois na verdade são pessoas que pertencem às duas, formando híbridos culturais.

Outros casos de fronteiras, num exemplo de maior alcance, são os blocos econômicos que estão surgindo por todo o mundo. Imagine-se o leitor uma criança que nasce hoje em algum dos países da comunidade européia, viaja livremente pelos países desse bloco, consome, comunica-se e transita sem nenhum tipo de problema. Como poderia ser formada a noção de fronteira na mente de um indivíduo que não vive balizado por elas?

A identidade cultural é uma necessidade dos seres sociais que precisam de balizas para se referenciar, para saber o que são e as formas com que devem agir quando em grupo. Vale então relacionar a questão da identidade cultural à noção de pertencimento, isto é, forma-se uma identidade através de pessoas que pertencem a grupos em comum. Uma identidade ou expressão identitária diz respeito a um conjunto de elementos que englobam um grupo social, são compartilhados, experimentados e regem as ações dos atores sociais. De certa forma, posso dizer que a identidade é a representação de si próprio, e quando se pensa em um grupo social, tal conceito deve ser ampliado, sendo portanto representativo desse grupo enquanto um ser único (mas não delimitado).

Para Stuart Hall, a identidade cultural encontra-se hoje fragmentada, descentrada. Isto implica que os sujeitos também se apresentam descentrados e fragmentados; não se encontram em uma, mas várias identidades. Tal ampliação das identidades culturais implica ou decorre do aumento dos papéis sociais de que os sujeitos lançam mão nas sociedades contemporâneas. Hoje, a vida das pessoas encontra-se dividida em vários micro-papéis sociais, e quanto maior o número desses papéis na sociedade, maior o número das identidades fragmentadas que constituem os indivíduos.

Para Peter Berger:

Um papel pode ser definido como uma resposta tipificada a uma expectativa tipificada. A sociedade pré-definiu a tipologia fundamental. Usando a linguagem do teatro, do qual se derivou o conceito de papel, podemos dizer que a sociedade proporciona o *script* para todos os personagens. Por conseguinte, tudo quanto os atores têm a fazer é assumir os papéis que lhe foram distribuídos antes de levantar o pano (1980, p. 108-109).

De acordo com a teoria dos papéis sociais, as ações humanas já são previamente estabelecidas e se

enquadram de acordo com o contexto. Entretanto, o que se pode perceber é um aumento das representações culturais, ficando os indivíduos com identidades cada vez mais fragmentadas, pois tomam cada vez mais papéis na sociedade. As pessoas desenvolvem cada vez mais atividades, e cada uma dessas atividades demanda um papel social específico, assim, os indivíduos não se centram mais em uma identidade, mas sim em uma múltipla identidade.

Dessa fragmentação pela qual têm passado os agentes sociais contemporâneos, é perceptível o acontecimento de um "jogo das identidades", apontado por Hall, para quem as pessoas devem se balancear e se dividir em suas múltiplas faces de um mesmo ser.

As identidades são representativas da dimensão da sociedade em questão, isto é, podemos pensar em uma identidade cultural que envolva um bairro, uma cidade, um estado, um país, um continente e até mesmo todo o planeta. Essas duas últimas são categorias muito recentes para o pensamento intelectual.

Durante a modernidade, no contexto de ocidentalização, o Estado representava a principal forma de identidade existente. As identidades se encontravam centradas na nação, a instituição com maior respaldo para se pensar em identidade cultural, assim (ainda) é a nação o sistema de representatividade cultural como maior respaldo existente.

Vale salientar que as nações, categorias socio-administrativas de maior alcance entre os séculos XV e XX, são comunidades imaginadas, isto é, são construções sociais que representam coletividades delimitadas por um território específico. Sendo uma comunidade imaginada, a nação é uma invenção. E a cada dia tal invenção perde uma parcela do seu respaldo reconhecido e acumulado.

O que acontece com a nação não lhe é exclusivo. Isto é, a desconstrução por que passa tal categoria de representação afeta também outras categorias que se encontravam em mares estáveis em tempos modernos. Vejamos alguns exemplos: a "invenção das tradições" (Hobsbawm, 1997), a "invenção da história" (Buzzi, 2002), "a invenção do patrimônio" (Ministério da Cultura/IPHAN, 1995) a "invenção da identidade" (Chauí, 1992). Com base nesses questionamentos, categorias fundamentais da modernidade são colocadas em xeque. Os pontos centrais que nortearam as sociedades ocidentais encontram-se agora sob uma perspectiva crítica instável. As nações, as tradições, as identidades e a própria história são questionadas. Antes, eram tidas como categorias absolutas; agora, sob um novo enfoque social, são apontadas como criações sociais. Antes eram vistas como espontâneas; agora, perdem sua área de exteriores aos indivíduos. Sendo criações sociais, tais categorias encontram-se mais passíveis de serem desconstruídas ou reconfiguradas. Assim, o que se percebe é que as vias tradicionais de representação social encontram-se em crise.

Um exemplo que vale ser mencionado diz respeito à formação de identidades culturais em âmbitos macro-sociais. Se pensarmos no Estado-Nação, sua representatividade tem perdido respaldo para o surgimento de outras formas com as quais as pessoas se identificam. O declínio da hegemonia das identidades nacionais abriu espaços para o surgimento de outras, por exemplo na formação de identidades de cunho supra-nacionais.

Tomo como referência dois autores que discutem o tema da formação de uma identidade cultural no âmbito do Mercosul. Roxana Patiño (1998) discute sobre o processo de integração multicultural nos países do cone sul da América e Frederico Morais (2002), autor que, ao analisar a Bienal Latino Americana de Arte, busca constituir uma legitimação e afirmação para a arte na América Latina.

Esses autores, sob óticas diferentes, apresentam um mesmo objetivo: compreender a constituição da identidade cultural latino-americana. Na verdade, pode-se entender que sua proposição vai além da mera análise. Levando-se em conta que uma identidade é inventada, posso dizer que estão contribuindo para a constituição (ou invenção) dessa identidade.

Para defender seu ponto de vista sobre uma formação de uma identidade cultural na América Latina, Frederico Morais apresenta uma interessante perspectiva sobre as identidades contemporâneas, as quais são explicadas pela sua "teoria do gasômetro". O que simboliza a dificuldade de ser fechado, delimitado, traçado suas fronteiras, pois é algo fluido e de fácil dispersão. Algo semelhante acontece com as identidades culturais, tendo em vista que são difíceis de delimitar através de suas fronteiras espaciais, ou que essas fronteiras não representam de forma satisfatórias as suas identidades.

Um exemplo dessa fluidez das identidades, ou da teoria do gasômetro aplicada às identidades, é levantado por Guerreiro de Freitas (2000), autor que, ao discutir a formação de uma identidade cultural baiana, aponta que essa não é única e delimitada pelas fronteiras espaciais do Estado, mas que dentro da própria Bahia existem diversas formas de baianidade, e que, nas regiões de fronteira, tal identificação se assemelha mais com os estados vizinhos. Assim existem várias "Bahias" dentro do que é entendido como o estado da Bahia. Dessa forma, é fácil perceber que uma identidade cultural não pode ser definida eficazmente por fronteiras espaciais.

2.3.2 COMUNICAÇÕES GLOBAIS: REFERÊNCIA DE UMA CULTURA PARA O MUNDO

Durante a década de 1950, McLuhan apresentou uma base teórica que causaria grande alvoroço entre os intelectuais da época, e até alguns de hoje. A grande proposição desse autor ficou conhecida pela expressão “aldeia global”, que por sua vez diz respeito a uma coletividade, em níveis planetários (Rodrigues, 1993). Hoje, tal teoria de uma cultura mundializada e homogênea não é apresentada e defendida com o vigor da década de 1950, pois já está claro que as tendências da globalização não se orientam para engolir as culturas locais, mas sim deslocá-las. O mundialismo não se identifica com a uniformidade, pois os processos de globalização e mundialização não implicam no aniquilamento dessas culturas de base locais.

O que restaria, então, desse debate? O que vale frisar aqui é que, caso as culturas se mostrassem indiferentes a esse processo de homogeneização planetária, os meios de comunicação encontram-se aptos a corroborar com tal perspectiva de unidade cultural planetária. O mundo não caminha rumo à unicidade, mas os meios de comunicação se encontram cada vez mais capazes de sustentar tal “aldeia”.

Uma vez posta a capacidade dos meios de comunicação em níveis mundiais, apresento algumas considerações sobre as formas com que tais meios se articulam, representam e informam o mundo contemporâneo.

Estamos hoje em contato permanente e instantâneo com uma multiplicidade de mundos da experiência que se situam fora do horizonte da nossa percepção espontânea, fazendo com que a nossa percepção da realidade ultrapasse cada vez mais as barreiras de espaço e de tempo que delimitam os nossos quadros de referência da nossa percepção da realidade e as fronteiras do nosso mundo.

À medida que as fronteiras que separavam tradicionalmente as comunidades humanas se diluem, com a instauração de cada vez mais sofisticados dispositivos midiáticos, é notória a instauração de uma experiência planetária que se sobrepõe à experiência cultural concreta enraizada nos quadros tradicionais de representação da realidade. Entretanto, não é pelo fato de a informação se ter tornado transnacional, independentemente do lugar em que vivem podem todos assistir ao desenrolar dos acontecimentos que passamos necessariamente a partilhar uma mesma visão do mundo e a possuir uma mesma representação da realidade. A forma de interpretação dos acontecimentos será formulada pelas lentes provenientes da cultura das pessoas.

De acordo com Castells (2000), o surgimento de um novo sistema eletrônico de comunicação caracterizado pelo seu alcance global, integração de todos os meios de comunicação e interatividade potencial, está mudando e mudará para sempre nossa cultura. As culturas são formadas por processos de comunicação. E todas as formas de comunicação são baseadas na produção e consumo de sinais. Como a cultura é mediada e determinada pela comunicação, as próprias culturas, isto é, nossos sistemas de crenças e códigos historicamente produzidos são transformados e de maneira fundamental pelo novo sistema tecnológico e o serão ainda mais com o passar do tempo. Por meio dessa influência do novo sistema de comunicação, mediado por interesses sociais, políticas governamentais e estratégias de negócios, está surgindo uma nova cultura: a cultura da “virtualidade real”, categoria central de análise da “sociedade em redes trabalhada por Castells.

De acordo com esse autor, o padrão comportamental mundial predominante aponta para as sociedades urbanas, nas quais o consumo da mídia é a segunda maior categoria de atividade depois do trabalho e, certamente, a atividade dominante nas casas.

O problema principal é que, enquanto a grande mídia é um sistema de comunicação de mão única, o processo real de comunicação não o é, mas depende da interação entre emissor e o receptor na interpretação da mensagem.

Entretanto, o fato de a audiência não ser objeto passivo, mas sujeito interativo, abriu caminho para sua diferenciação e subsequente transformação da mídia, que, de comunicação de massa, passou à segmentação e adequação ao público, a partir do momento em que a tecnologia, empresas e instituições permitiram essas iniciativas.

Essa nova mídia determina uma audiência segmentada, diferenciada, que, embora maciça em termos de números, já não é uma audiência de massa em termos de simultaneidade e uniformidade da mensagem recebida. Assim, o antigo conceito de *massa* é melhor expressado se tomarmos como referência *massas*, pois não há mais a produção de algo que seja voltado para todas a sociedade como pregava tal conceito. Hoje, há uma tendência à segmentação e à formação de diversos extratos populacionais. É por isso aqui se prefere o termo *massas*, pluralizando os grupos, que não são (ou talvez nunca tenham sido) um grupo

unitário, como o conceito de *massa* defendia.

Outra análise de Castells que merece destaque corresponde à sua ótica sobre a Comunicação Mediada por Computadores (CMC). O autor diz que essa é muito recente; todavia, as mudanças acontecem tão rapidamente em tecnologia e a difusão da CMC é tão veloz que boa parte da pesquisa disponível da década de 1980 não mais se aplica às tendências sociais dos anos 1990, exatamente o momento histórico em que a nova cultura da comunicação está tomando forma.

Para Castells, a CMC não é um meio de comunicação geral nem o será em um futuro próximo. Embora seu uso se expanda em ritmo fenomenal, a CMC ainda excluirá a maior parte da humanidade por um longo tempo, ao contrário da televisão e outros meios de comunicação de massa. Portanto, embora realmente esteja revolucionando o processo de comunicação e por meio dele a cultura em geral, a CMC é uma revolução que se desenvolve em ondas, começando nos níveis de educação e riqueza mais altos e provavelmente incapaz de atingir grandes segmentos da massa sem instrução, bem como países pobres. No que tange aos efeitos sociais oriundos da CMC, Castells apresenta ressalvas; afirma que ainda não se conhece o grau de sociabilidade existente em tais redes eletrônicas, nem quais são os efeitos culturais dessa nova forma de sociabilidade. Mesmo assim, o autor arrisca algumas perspectivas de uso dessa nova forma de expressão da cultura mundial, afirmando:

[...] cada vez mais temerosas de contágio e agressão pessoal, os indivíduos procuram alternativas para expressar sua sexualidade e, em nossa cultura de super-estimulação simbólica, a CMC com certeza oferece avenidas para a fantasia sexual principalmente porque a interação não é visual, e as identidades podem ser ocultadas (*ibidem*, p.385).

O que caracteriza o novo sistema de comunicação, baseado na integração em rede digitalizada de múltiplos modos de comunicação, é a sua capacidade de inclusão e abrangência de todas as expressões culturais. Só a presença desse novo sistema integrado permite a comunicabilidade e a socialização da mensagem.

Eis então a grande perspectiva dessa nova forma de comunicação, que pela primeira vez expressa o termo *comunicação* em seu sentido apropriado, pois, quando se pensa nos meios de comunicação até antes da possibilidade de dialogar (a grande inovação da CMC), tratava-se de caminhos de apenas uma via, contrariando a possibilidade de dialogização da comunicação. Finalmente, entramos em um processo que seja realmente comunicacional em grandes dimensões. Nem o jornal, nem o rádio ou a televisão haviam conseguido isso; as respostas dadas a tais meios de comunicação eram muito trabalhosas e pouco eficientes.

2.3.3 O CONSUMO PÓS-MODERNO E A INCLUSÃO SOCIAL

Gildo Dorfler (1980), discorre sobre como se dão “novos ritos e novos mitos” na sociedade atual, buscando constituir um material simbólico sobre o que chama de *a civilização do consumo*.

Para esse autor, o grande paradigma dos tempos atuais gira em torno do consumo, que seria “a base da nova era”. Assim, o que orienta os povos nessa etapa societal é a capacidade de consumo dos indivíduos.

Assistimos então ao surgimento de uma civilização do consumo.

Tal perspectiva apontada por Gildo Dorfler encontra forte evidência empírica. A partir daí, podemos refletir sobre a relação entre o padrão de inclusão e as formas como se organiza o consumo.

A paráfrase “consumo, logo existo” expressa de forma muito fecunda os tempos em que nos encontramos. A ditadura do consumo pode ser verificada, explícita e implicitamente, em todas as sociedades que se encontram sob a égide de ocidentais, pós-modernas, ou simplesmente capitalistas. O que se pretende, neste momento, é apontar que e como a atividade turística expressa e é expressão dessa civilização do consumo e, em um instância posterior, por ser o turismo um criador de consumo, trata-se de um potencial criador de inclusão social. Caberia, aqui, registrar uma carência referencial, correspondente à escassez de uma bibliografia que contemple o tema turismo sob a ótica do consumismo, salvo na esfera da economia. Porém, numa perspectiva cultural, o consumo turístico é um objeto carente de tratamento acadêmico.

Uma das poucas referências encontradas sobre turismo e consumo está em Almeida. Para a autora: O consumo configurar-se como uma grande janela, uma forma de se expor como um ser global. E, o turismo se aproxima cada vez mais de um novo tipo de consumo e pode ser encarado com uma atividade que ultrapassa uma simples forma de utilização do tempo livre (1998, p.124).

A partir desse comentário, fica fácil perceber as formas de expressão do turismo no mundo contemporâneo, relacionadas à emergência de um consumo de caráter global. Talvez essa seja uma das maiores virtudes do turismo enquanto estratégia de consumo. É devido à suas possibilidades de inter-relações transnacionais que o consumo se apresenta de forma tão particular.

Outro desafio neste âmbito da problemática é entender o consumo turístico como carregado de uma forte

possibilidade de enriquecimento cultural, tendo em vista que tal consumo possibilita o intercâmbio de culturas e conhecimentos. Isso faz do consumo da atividade turística algo muito enriquecedor para aqueles consumidores que procuram tal fonte para satisfazer suas necessidades.

Entretanto, diversas ressalvas costumam ser apontadas quando se toma o turismo como agente dinamizador da cultura. Autores que discutem os impactos e efeitos do turismo sobre a cultura sugerem uma gama de fatores que indicam os malefícios que o turismo pode causar em uma cultura, quando a sociedade que dá substrato àquela cultura passa a fazer parte do contexto turístico. Mimese, aculturação, pastiche, depreciação das tradições e dependência são apenas algumas das ocorrências mais encontradas nas bibliografias.

Pensar o turismo sob a ótica do consumo aponta para outra questão fundamental: como se dão as relações no mercado dessa atividade de consumo? Em linhas gerais, o mercado diz respeito ao lugar onde ofertantes e demandantes se encontram para satisfazerem suas necessidades de compra e venda de produtos.

O turismo apresenta aqui uma originalidade singular, considerando que tal consumo pode ser classificado em turismo *emissivo* e *receptivo*. Isto corresponde à subdivisão observável no mercado turístico: enquanto alguns se dedicam mais a enviar, outros se especializam em receber turistas.

Tal divisão tem implicações que merecem ser aprofundadas. As localidades especializadas em receber turistas correm diversos riscos quando se dedicam de forma excessiva a essa atividade, pois os impactos e efeitos provenientes de um forte consumo turístico têm implicações que podem transformar completamente as sociedades. Geralmente, tais impactos e efeitos se dão numa relação inversa com o tamanho da localidade.

O consumo turístico apresenta-se como uma via de mão dupla, isto é, pode ser tanto o turismo o objeto de consumo das pessoas, quanto as pessoas serem o objeto de consumo do turismo. Tudo dependerá da forma como o contexto turístico for implantado em cada localidade.

O consumo, nicho de demonstração e participação efetiva na sociedade, encontra-se como um elemento norteador das sociedades contemporâneas. Torna-se então o turismo uma atividade também representativa das sociedades contemporâneas, tendo em vista que pode ser entendido como uma das formas mais expressivas de representação do consumo.

Além disso, levando-se em conta a relevância do consumo nas esferas sociais contemporâneas, devemos pensar em estratégias que possam cada vez mais incluir maiores quantidades de pessoas, permitindo que elas se encaixem enquanto atores sociais ativos nas estruturas de consumo. Não se trata de afirmar simplesmente que o consumo seja um problema, mas sim reconhecer como problema a maneira desenfreada com a qual os padrões sociais capitalistas nos impõem. O que pode ocorrer, e merece atenção dos pesquisadores, é que muitas vezes as pessoas pensam que estão consumindo, enquanto, na verdade, estão sendo consumidas. O consumo deve passar pelos crivos substantivos e adjetivos, isto é, pensar no que e como consumir.

O turismo apresenta duas oportunidades de pensar o consumo: de forma *direta*, para aqueles que estão consumindo os produtos turísticos, como de forma *indireta*, quando possibilita àqueles que trabalham com o turismo tornar-se consumidores, por haverem gerado possibilidades de consumir.

A inclusão social pode ser entendida como uma possibilidade de participação. A atividade de consumo é um viés de participação. Assim, pode-se pensar no turismo como uma forma de estimular a participação pois, como gerador de consumo, é uma estratégia de gerar participação e inclusão social.

Toda forma de inclusão social deve levar em conta as bases culturais da respectiva sociedade. Para se pensar em alguma forma de inclusão, deve-se sempre partir da formação cultural do grupo em que se almeja a inclusão. Neste sentido, a reflexão e a pesquisa sobre a identidade cultural é de importância fundamental.

! ALGUMAS NOTAS SOBRE A HISTÓRIA DE GOIÁS VELHA E ATUAÇÃO DO IPHAN

Mesmo não sendo este um trabalho propriamente historiográfico, convém colocar algumas notas sobre a trajetória de Goiás Velha, bem como do processo de desenvolvimento do turismo e da atuação do IPHAN. Este sucinto levantamento historiográfico visa a servir de suporte para as reflexões contidas no capítulo seguintes.

Não é tarefa fácil traçar um histórico da ocupação das terras e que hoje correspondem ao Estado de Goiás e, em especial, a Goiás Velha. Essa dificuldade resulta basicamente de dois motivos.

A primeira dificuldade decorre da ausência de relatos sobre as primeiras ocupações indígenas na região, pois qualquer referência deveria partir desses, que são os primeiros habitantes de Goiás. Contar a história de um lugar a partir da conquista pelo europeu seria etnocentrismo e não se sustenta cientificamente. Segundo Bertran (1999), os habitantes pioneiros da região constituíam o tronco Jê, índios caçadores e de relativa passividade, de língua, etnia e costumes diferentes daqueles dos habitantes do litoral, os Tupis Guaranis. Na região, encontravam-se principalmente os Goyazes, os Crixás e os Acroás, entre outros.

Foram dizimadas pelo processo de colonização.

Contudo, a historiografia oficial ainda insiste, na maioria das vezes, em apresentar a chegada das bandeiras como marco inicial da ocupação do estado:

O processo de ocupação do Estado de Goiás, que se iniciou nas primeiras décadas do século XVIII com o descobrimento de minas de ouro, inseriu-se no quadro de apogeu da economia mineradora (Souza e Carneiro, p.15).

O segundo entrave para se apontar o início da ocupação humana do que corresponde ao Estado de Goiás está relacionado às próprias entradas ou bandeiras (como se tornaram mais conhecidas). Mesmo no âmbito dessa visão eurocêntrica de história, não há entre os historiadores um consenso sobre a chegada dos conquistadores. O interior da América do Sul, durante os séculos XVI e XVII, foi praticamente renegado pelos conquistadores. Assim, os registros sobre visitantes desse período variam conforme a fonte. Os dados mais remotos se referem às bandeiras de Sebastião Marinho, em 1592, e a de Antônio Macedo e Domingos Grou, que percorreram essas terras entre 1590 e 1593. Entretanto, existem registros oficiais de pelo menos outros nove grupos de bandeirantes até aquela de Bartolomeu Bueno da Silva Filho.

Durante todo o século XVII, o território de Goiás foi percorrido por aventureiros, sem que nenhum desses demonstrasse interesse em se fixar na região, visto que, naquela época, o aprisionamento de índios satisfazia aos interesses das expedições. A captura e venda de índios era a principal atividade das bandeiras até fins daquele século. Historiadores como Coelho (1997) afirmam que foi com o objetivo de captura de índios que Bartolomeu Bueno da Silva esteve aqui. Mesmo encontrando certa quantidade de ouro, o que lhe movia era o comércio certo de índios.

Todavia, a maior parte dos historiadores acredita que o motivo mais forte da chegada dos bandeirantes era mesmo o ouro, ficando a captura dos índios em segundo plano. Sobre o processo de ocupação do centro do país e o trato com os índios, vale apresentar a passagem de Modesto:

A fase em que as bandeiras só encontravam de positivo a escravização do índio é marcada pela não descoberta de metais preciosos, embora sua procura se fizesse com renovada insistência. Assim, até que se encontrasse ouro, os sertanistas se divertiam capturando o gentio (1974, p. 60).

As bandeiras passaram por boa parte do centro do país, variando entre dezenas e centenas de pessoas, constituídas por homens livres e com alto grau de disposição a enfrentar o completo inesperado em busca da fortuna. Uma quantidade de lendas sobre animais imensos e povos guerreiros altamente maléficos regia o imaginário dos bandeirantes. Sabiam apenas que atrás das matas haveria mais matas e que, depois de algumas tribos, encontrariam outras tribos, mas esperavam encontrar, em algum momento da travessia, o Eldorado.

Com esses sonhos, passaram por Goiás milhares de homens, dentre eles Bartolomeu Bueno da Silva, o *Anhangüera*, que em tupi-guarani significa *Diabo Velho*. Percorreu boa parte do Planalto Central em fins da década de 1680, retornando com amostras de ouro e índios capturados. Contava que conheceu tribos com riquezas, sendo que dentre elas destacavam-se os *Goya*, povo pacífico. Anhangüera não obteve respaldo; tomaram-no como velho e louco. Se havia encontrado povos com tamanha riqueza e docilidade, por que não os teria dominado? Essa pergunta ainda não foi respondida pela historiografia.

Entretanto, em 1720, Bartolomeu Bueno da Silva Filho pede autorização à coroa portuguesa para retomar o caminho percorrido por seu pai. Partiu então com escassas informações em busca dos índios e do ouro narrados por seu pai. A bandeira desse Bartolomeu percorreu por mais de três anos o centro do Brasil sem nada encontrar. Dos 500 homens do grupo inicial, restavam, ao final de três anos, menos de 100. A bandeira se dizimava paulatinamente; entretanto, em 1722, consegue finalmente encontrar a região

narrada pelo *Diabo Velho*. O ouro existia; os índios pacíficos e ordeiros também. Bartolomeu Bueno da Silva Filho retorna a São Paulo com cerca de 50 homens, declara à coroa seus achados e, por tal mérito, é feito Superintendente das minas recém descobertas.

Retorna à região e, em 1727, funda o Arraial de Sant'Anna. Por ele mesmo foram fundados outros arraiais: Barra, Ferreiro, Anta e Ouro Fino, sendo que o primeiro ainda existe como vilarejo e, do segundo, sobraram ruínas e a igreja de São João Batista (descrita no *enfoque da estrutura*, Capítulo 4). Foi, portanto, a descoberta do ouro que deu origem à Capitania de Goiás, semelhante ao ocorrido em Minas Gerais e Mato Grosso.

A partir do século XVIII, foram fundadas vilas e arraiais com vias à exploração mineradora no centro do país: Cuiabá (1719), Meia Ponte, atual Pirenópolis (1731), Niquelândia (1735), Natividade (1738), Paracatu (1744) e Santa Luzia (1746) foram as de maior destaque; certamente diversas outras povoações se formaram em decorrência da exploração do ouro, que no entanto se caracterizaram pela efemeridade da exploração.

Por outro lado, inicialmente era proibida qualquer atividade em região mineradora que desviasse a mão-de-obra escrava da exploração do metal. Já em 1730, eram proibidas, por carta de D. João a Caldeira Pimentel, a plantação de cana e a instalação de engenhos para fabricação de aguardente e rapadura na região das minas de Goiás (Coelho, 1996).

Vale notar a inexistência de uma agricultura durante o início da capitania. A produção agrícola era incapaz de acompanhar o rápido crescimento populacional da região e o difícil transporte de suprimentos de outras regiões do país levaram a um extraordinário aumento dos preços dos gêneros alimentícios e surtos periódicos de fome e enfermidades.

Somava-se a isso o total desinteresse da população mineradora em relação à agropecuária como forma de desenvolvimento econômico, o que era reforçado pelas autoridades governamentais, que, preocupadas unicamente com a produtividade e os rendimentos dos impostos apresentados pela mineração, procuravam obstruir qualquer tentativa de desenvolvimento de produção econômica com base em atividade que, de uma forma ou de outra, viesse a desviar a força do trabalho escravo, que por sua vez deveria estar ocupada exclusivamente com a mineração.

Entre os aldeamentos de índios na região, tem destaque o papel da atual cidade de Mossâmedes, antiga aldeia de São José de Mossâmedes, a cerca de 30 km de Goiás Velha. Era lugar de residência para os governadores e também um aldeamento indígena já para "gentis cristãos".

Nas aldeias indígenas, os índios das missões encontravam-se mais protegidos contra os abusos de todo tipo. Quem molestasse os índios das missões, sendo mulato, mameluco ou negro, recebia 200 açoites na parte mais pública do arraial e dois meses de cadeia. E sendo branco, ser-lhe-ia imposta a pena de extermínio. Assinou o documento o Conde dos Arcos (Modesto, 1974, p. 99).

Merece registro também a situação das mulheres na província. Os bandeirantes e os primeiros colonizadores não levaram consigo mulheres. Entretanto, havia momentos em que os homens também passavam por temores, quando mantinham relações estáveis e chegava alguma autoridade. Havia uma forte apreensão entre os homens por perderem suas mulheres. Saint-Hilaire narra: "a chegada de um general em Vila Boa espalhava o terror entre os homens e punha em alvoroço a ambição das mulheres. Já se sabia que o militar em breve escolheria uma amante, e assim cada qual temia por perder a sua" (citado por Palacin, 1972, p. 125)

Todavia, o sonho do eldorado pouco durou. Na região de Goiás, mais do que na de Minas Gerais e menos um pouco que em Mato Grosso, a rapidez com que se processou o esgotamento das jazidas foi alarmante.

Segundo Funes (1996), a exploração mineradora em Goiás se desenvolveu em um espaço de tempo relativamente curto, tendo se iniciado por volta de 1726, chegando ao máximo de sua produtividade em meados da década de 1750, para a partir de então entrar em um processo de declínio, coincidindo com a queda das outras duas regiões produtoras, Minas Gerais e Mato Grosso.

Assim, a exploração aurífera durou cerca de 50 anos, se se consideram aí as fases de ascensão, apogeu e início do declínio, indo da grande produção inicial aos pequenos empreendimentos mineradores das últimas décadas do século XVIII.

Com o fim do período colonial, a produção aurífera goiana se reduziu drasticamente. Entretanto, nunca houve em Goiás um esgotamento da produção aurífera ou desaparecimento do ouro em Goiás, conforme se encontra em Funes (1996) e diversos outros autores. A produção aurífera deixou de ser a principal fonte de renda da região; porém, continua presente ainda hoje. Um fato que vale ser apresentado é a recente inauguração (maio de 2003) de uma grande mineradora na cidade de Faina (60 km de distância de Goiás Velha), apresentando uma produção média de 10 kg de ouro por mês. E é ainda o ouro o principal produto de mineração do Estado de Goiás.

Foi durante o apogeu da produção aurífera que teve início a autonomia política do Estado de Goiás. Em 25 de julho de 1749, o arraial de Sant'Anna é promovido a vila, surgindo assim a Vila Boa de Goiás, e

paralelamente tem início a Capitania de Goiás. Esta data é até hoje marcada como o aniversário da cidade.

Com o final de exploração mineradora como base principal da economia goiana a partir da segunda metade do século XVIII, um grande contingente de mineradores passou para outras regiões, em busca de outras formas de enriquecimento rápido. Sendo assim, ficou em Goiás apenas parte do grupo de aventureiros que viria a se tornar a base da população goiana. Não tendo como abandonar a região, ou mesmo por não ter aonde ir, permaneceram aqui os libertos e trabalhadores livres, que se envolveram com mineração de pequena escala e agricultura de subsistência. Permaneceram também índios, que nesse momento estavam divididos em dois grupos, os aldeados e os livres, estes últimos dispersos pelo sertão, em suas aldeias, considerados ainda como ameaça.

Finalmente e como elemento dominador, ficaram alguns brancos vinculados à organização político-burocrática, funcionários públicos que passaram a ser, também, grandes proprietários de terras, assim como do comércio existente nos poucos núcleos que conseguiram persistir.

Em fins do conhecido apogeu do ouro em Goiás, em 18 de Setembro de 1818, uma medida tomada por D. João VI eleva a Vila Boa à categoria de cidade, surgindo daí a cidade de Goiás. Aumento da importância política, queda da relevância econômica. Certamente, tais fatos guardaram entre si interdependência e concomitância. A vila se transformou em cidade, com mais honra e status; entretanto, com lastros cada vez mais diminutos.

Assim, não havendo mais a produção do ouro para garantir a compra de tudo quanto necessitavam, o mineiro se viu forçado a escolher entre duas alternativas: o abandono puro e simples da capitania ou a dedicação a uma atividade até então considerada inferior. Dessa forma, o mineiro se transformou em criador e lavrador, dando início, assim, às atividades agrícolas e pecuárias na Capitania de Goiás.

É interessante notar que, com a queda da produção do ouro, houve um aumento da estabilidade social (Palacin, 1972). Não se temia mais o contato com os outros, como acontecia quando o ouro poderia ser facilmente roubado, e começou a haver equilíbrio demográfico entre homens e mulheres.

A província também participou dos movimentos liberais que eclodiram no Brasil no século XIX. Um dos principais foi a organização das sociedades abolicionistas, que tomaram impulso a partir de 1870. Félix de Bulhões foi denominado *Castro Alves goiano* pela sua eficaz atuação na campanha contra a escravidão.

A Lei Áurea não causou surpresa na província de Goiás, uma vez que, desde o declínio da mineração, os altos preços dos escravos levaram à substituição paulatina do escravo por trabalhadores agregados, meeiros e parceiros. As sociedades abolicionistas aqui existentes colaboraram para a conscientização e repúdio ao regime escravista.

A substituição do escravo pelo imigrante levou os fazendeiros a compararem a produtividade do trabalho produzido pelo escravo e do trabalhador livre. O imigrante, trabalhador assalariado, recebia após a colheita, fazendo suas compras no barracão do patrão. Dentro de pouco tempo, os fazendeiros perceberam que o trabalho assalariado levava a uma maior acumulação de capital do que o regime escravocrata anterior.

A notícia da Proclamação da República chegou em Goiás em 28 de novembro de 1889 (Souza; Carneiro, 1996). Entretanto, tal novidade não implicou mudanças significativas. Em Goiás, já havia se consolidado um forte poderio familiar que formava oligarquias, lideradas por coronéis acompanhados por capangas armados, constituindo a maior força política e econômica até o fim da República Velha e a ascensão de Getúlio Vargas, o que, por sua vez, implicou consideráveis mudanças no plano político goiano.

As oligarquias se sucederam no poder desde o advento da República, destacando-se as famílias Bulhões e Xavier de Almeida e, em maior instância, os Caiado. O período de 1912 até 1930 é conhecido em Goiás como *caiadismo*, pois essa família exerceu poder quase total sobre a coisa pública.

A Revolução de 1930 leva ao poder Pedro Ludovico Teixeira, o que abriu uma nova fase da história de Goiás. Foi imposto um governo provisório, composto por três membros, entre eles Pedro Ludovico, que foi posteriormente nomeado interventor. A maior medida de Pedro Ludovico foi a transferência da capital, visto pela população da então capital Goiás como um ultraje feito por um de seus filhos.

Entretanto, a mudança da capital se fazia necessária; foram alegados motivos geográficos, pois, sendo Goiás uma cidade delimitada por morros e encostas, seria difícil sua expansão.

Saint-Hilaire como que ratifica a visão sobre a ambiência imprópria para a expansão da cidade, em suas palavras:

A vila foi construída no fundo de uma espécie de funil, sendo inteiramente rodeada de morros de altura desigual. No entanto, a paisagem que a cerca nada tem de melancólica. Os morros não são altos e as matas que os cobrem mantêm-se permanentemente verdes. Não sendo muito fechadas, elas dão ao lugar a aparência tristonha e severa das regiões das florestas virgens. Além do mais, a cor do céu, mesmo no mês de junho, quando geralmente não é tão bonita em outros lugares; mostrava-se ali um azul luminoso para os lados do sul os morros são mais baixos, deixando ver no horizonte a Serra Dourada.

Seu cume se pode assim dizer nivelado, e suas encostas nuas e acinzentadas dão uma pitoresca aparência à paisagem (citado por Moraes, 2002, p. 52).

A ausência de água em quantidades maiores foi outro motivo para a transferência da capital. Alegava-se ser a região de Goiás carente de água para uma capital que poderia se desenvolver.

Todavia, o grande motivo de criação de uma nova capital não foi geográfico, mas político. A mudança visava o afastamento do poder das antigas oligarquias dos órgãos governamentais, pois Bulhões, Caiados e outras famílias já estavam enraizadas em Goiás. Assim, em 1933 é lançada a pedra fundamental de Goiânia; em 1937, ocorre a transferência em definitivo da capital.

Para a cidade de Goiás, foi como o golpe de misericórdia. Se o declínio do poder econômico se deu paulatinamente com a redução das minas auríferas, o declínio do poder político se deu num golpe instantâneo. A transferência da capital provocou rancor e descontentamento por parte da população vilaboense. Contam-se diversas histórias de pessoas que enlouqueceram devido à mudança.

Com a mudança da capital, Goiás passou de capital a apenas mais uma cidade do interior. Daí surgiu o conhecido apelido de *Goiás Velho* ou *Goiás Velha*, como forma de se contrapor a Goiânia, que era o novo. E a própria semântica de Goiânia estimula ao apelido de *Velha* para Goiás, pois etimologicamente Goiânia vem da junção de *Goyá* com *neo*; *Goyáneo* se tornou *Goiânia*, ou a nova Goiás.

Contudo, o que na época da transferência pareceu ser o mais duro golpe ressurgiu hoje como um golpe de sorte. A transferência da sede administrativa do Estado para Goiânia possibilitou que Goiás Velha fosse preservada em termos de patrimônio arquitetônico.

A partir da década de 1980, a Goiás Velha foi contemplada com recursos federais, estaduais e da iniciativa privada, empregados na restauração de prédios públicos e casario colonial, movimento insipiente que durante a década de 1990 viria a tomar corpo.

A primeira idéia de se premiar a cidade com o título de Patrimônio Cultural da Humanidade partiu de um ex-prefeito no início da década de 1990. Contudo, não obteve apoio de pronto, o que só se verificou com a visita de representantes do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios, ICOMOS, que, juntamente com o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN, dão corpo ao Movimento Pró-Cidade de Goiás. Esse movimento visava a obtenção do título para a cidade.

Em 1998, o governo estadual solicitou formalmente ao Ministério da Cultura a candidatura de Goiás junto à UNESCO. Em março de 1999, o ministro formaliza o pedido do título de Patrimônio Cultural da Humanidade para Goiás, na sede da UNESCO em Paris.

Em janeiro de 2000, uma comissão do ICOMOS visitou a cidade e deu parecer favorável à outorga do título. Todavia, para a outorga, a cidade deveria passar por diversas reformas, como a restauração do Centro Histórico e o aterro de fios elétricos e telefônicos. Depois de realizadas as mudanças, a aprovação foi anunciada em março de 2001.

Em 27 de junho de 2001, a UNESCO concedeu o título de Patrimônio Cultural da Humanidade a Goiás Velha, que passa a fazer parte do seleto grupo de oito patrimônios culturais da humanidade no Brasil.

O início do tombamento na Goiás Velha se deu em 1950, quando o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN inscreveu monumentos de Goiás Velha nos livros de Tombo das Belas Artes, no Livro Arqueológico e também no livro Etnológico e Paisagístico.

A atuação do tombamento se deu em duas fases distintas - a primeira nos anos iniciais da década de 1950 e a segunda, quase 30 anos depois, em 1978. No seu primeiro momento de atuação na Goiás Velha, o então SPHAN inscreveu apenas igrejas. Em 13 de abril de 1950, foram tombadas as igrejas de Nossa Senhora da Boa Morte, São Francisco de Paula, Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora d'Abadia e Santa Bárbara. Em julho do mesmo ano, foi tombado o Quartel do XX. Em maio de 1951, foram inscritos em livro de Tombo o Palácio Conde dos Arcos e a Casa de Câmara e Cadeia. Em 1953, foi tombada a igreja de São João Batista, encerrando os tombamentos de primeira fase.

A segunda fase se deu em 1978, quando foram tombados o Chafariz da Boa Morte, a igreja Matriz de Santana, o prédio da Real Fazenda, o Palácio da Instrução, a Casa de Cora Coralina, o Liceu de Goiás, a Casa do Bispo, o Mercado Municipal e o Chafariz da Carioca.

A lista de bens tombados foi ampliada, passando a integrar vários logradouros que se encontravam no entorno imediato dos principais monumentos, bem como as ruas e largos que os interligavam. Assim, nesta segunda fase, foram tombadas as seguintes ruas: Dom Cândido, Bartolomeu Bueno, Guedes de Amorim (até o largo da Boa Vista), Senador Eugênio Jardim, d'Abadia, 13 de maio, Passo da Pátria, Couto Magalhães (até a esquina com a rua Dr Corumbá), Sebastião Fleury Caiado (da entrada da cidade até a terceira ponte); somam-se a essas ruas as praças Zacheu Alves e Castelo Branco (antigo Largo do Palácio), além das ruas Moretti Foggia, Félix de Bulhões (até a casa nº 9 inclusive), o conjunto arquitetônico e urbanístico do largo do Chafariz e aquele da rua da Fundação.

Foi criada uma lei estadual para proteger o patrimônio tombado. Em 1980, enfim, todos os bens que já se encontravam tombados pelo governo federal passam a ser tombados também pelo governo estadual. No

âmbito do governo municipal, não há leis sobre tombamento.

Um fato instigante sobre os bens tombados em Goiás Velha está relacionado à igreja do Rosário. Os registros apontam sua construção em 1734, mas o único tombamento que incide sobre a igreja do Rosário é enquanto parte do conjunto arquitetônico. O não tombamento da igreja se deve ao fato de, quando completou duzentos anos de idade, em 1934, foi demolida e em seu lugar foi construída outra igreja, que destoa completamente de todas as outras construções arquitetônicas da cidade, com uma arquitetura neogótica.

O IPHAN, por perceber o alto valor do patrimônio de Goiás Velha, instalou aí a XVII Secretaria Subregional, que responde pela preservação e conservação do patrimônio histórico e cultural de Goiás Velha e seu entorno desde então. A presença do IPHAN em Goiás Velha foi fundamental para a busca e obtenção do título de Patrimônio da Humanidade, tendo em vista que há décadas vem exercendo o trabalho de fiscalização e controle dos bens patrimoniais.

Do ponto de vista historiográfico, não se pode afirmar, de forma simplificada, que a fase *mais importante* da trajetória de Goiás Velha no tempo foi o apogeu do ciclo do ouro, no século XVII. Por outro lado, é inegável que a conservação de seu patrimônio arquitetônico, em parte ocasionado pela própria transferência da capital, configura a cidade de forma emblemática, tal como acontece com as cidades de Ouro Preto, Mariana e Congonhas, em Minas Gerais, de um período especialmente admirado. Aliado às riquezas naturais do cerrado, o patrimônio cultural de Goiás Velha se coloca como o núcleo duro de seu caráter de produto turístico. O espetáculo formado pelo que foi conservado da época da mineração está sem dúvida entre os mais belos oferecidos pela cidade, base da instigação dos visitantes e base do despertar da sensibilização vilaboense, o rosto principal da cidade.

4 O CONTEXTO TURÍSTICO EM GOIÁS VELHA

4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A parte analítica desta Dissertação segue o modelo proposto para analisar o contexto turístico, isto é, vislumbrá-lo de acordo com cinco enfoques ou cinco sub-contextos, descritos no capítulo conceitual. De acordo com o proposto, a análise do contexto turístico está centrada em cinco enfoques: econômico, estrutural, ambiental, socio-cultural e planejamento. Tentei, assim, aprofundar o máximo possível dentro de cada um desses sub-contextos, analisando os impactos e seus efeitos nas condições iniciais de cada enfoque.

Para a análise do enfoque econômico, tentei absorver informações dos proprietários dos estabelecimentos ligados ao contexto turístico; entretanto, a maioria deles se relutou a dar afirmações, ou, às vezes, as informações visivelmente não eram condizentes com a realidade, assim, a análise do enfoque econômico ficou em carência nessa pesquisa. Devido à inexistência de bibliografia sobre a economia do contexto turístico em Goiás Velha, pude apenas deixar em indicativo algumas pautas utilizadas para se calcular efeitos econômicos do turismo.

No que tange ao enfoque estrutural, fiz uma extensa descrição da superestrutura e da infraestrutura encontrada na cidade e em seu entorno, tal análise seguiu a metodologia proposta por Barretto (2001). Para representar a superestrutura, foram levantadas as festas da cidade (44) e os grupos artísticos com destaque (17). Para descrever a infraestrutura, indiquei dados sobre a infraestrutura de acesso (estradas, rodoviárias, etc), infraestrutura urbana básica (saneamento, energia elétrica, etc), equipamentos turísticos da cidade (hotéis, restaurantes, lojas de suvenires, etc) e equipamentos de apoio (oficinas mecânicas, hospitais, etc.). Também foram levantados como parte da infraestrutura do contexto turístico os locais de visitação na área urbana (37), os locais de visitação no entorno da cidade (7) e os locais públicos para eventos (10).

O terceiro enfoque proposto diz respeito às questões ambientais. No que tange a esse enfoque, analisei outras pesquisas as quais já tratavam do tema: “turismo e meio ambiente” em Goiás Velha. Encontrei informações suficientes para o tema em questão, tendo em vista que, para colher dados e desenvolver análises sob essa ótica, seria por demais laborioso, sem a garantia de resultados satisfatórios. Entretanto, as pesquisas consultadas se mostraram suficientes para responder a esse enfoque.

O quarto enfoque proposto diz respeito às questões sócio-culturais. Aqui, os resultados dessa coleta seguiram para a análise da percepção vilaboense sobre o contexto turístico através da interlocução com outro modelo analítico.

O modelo analítico que serviu de base para a compreensão da percepção vilaboense sobre o turismo e o patrimônio é baseado em uma tipologia da população autóctone proposta por Jost Krippendorf (2000). Esse autor caracteriza cinco tipos de pessoas dentro de uma comunidade turística.

O primeiro grupo de autóctones é formado pelos proprietários de empresas vinculadas ao contexto turístico. O turista costuma ser visto com bons olhos para essa categoria, tendo em vista que os gastos dos turistas movimentam diretamente os estabelecimentos desses empreendedores.

Para analisar a percepção dos empreendedores, foram aplicados em todos os locais que se enquadram de forma direta no contexto turístico da cidade. Hotéis, pousadas, restaurantes, lojas de suvenires, balneários e espaços de visitação. Para os proprietários dos estabelecimentos, foi realizado o censo, isto é, todos que possuem estabelecimentos de infra-estrutura direta do contexto turístico.

Para a análise deste grupo, foram entrevistadas 48 pessoas, as quais possuem, ou gerenciam (quando não foi possível entrevistar o proprietário) estabelecimentos diretos do contexto turístico. As entrevistas foram feitas com os proprietários de hotéis e pousadas (17), de restaurantes (14), de lojas de artesanato e suvenires (13) e proprietários de balneários (4). São esses os principais estabelecimentos diretos do contexto turístico encontrados em Goiás Velha. Assim, a proposta aqui foi fazer uma análise censitária dos empreendedores.

Uma segunda categoria corresponde aos profissionais que estão em contato permanente e direto com os turistas: o pessoal da hotelaria, dos meios de transporte turístico e de comércio, os guias turísticos e muitos outros mais. Eles dependem do turismo e, sem este, provavelmente estariam desempregados. O turista é bem vindo porque fornece trabalho e retorno financeiro.

Já entre os funcionários, o segundo grupo descrito por Krippendorf, apliquei uma média de dois questionários por estabelecimento. Havia estabelecimentos que funcionavam somente com o dono e empreendimentos com até 30 funcionários. Assim, a pesquisa censitária desse segundo grupo não foi realizada; entretanto, a amostra coletada foi bastante significativa, tendo em vista a quantidade de

entrevistas realizadas em relação à quantidade de pessoas que trabalham diretamente no contexto turístico da cidade.

A coleta de dados deste grupo foi feita através de amostragem. Tentei entrevistar uma média de dois funcionários por estabelecimento. Por vezes, o empreendimento tinha apenas um funcionário; outras vezes, somente o proprietário trabalhava no local. O total de informantes que responderam a este questionário foi de 88 pessoas. O número de dois questionários por estabelecimentos foi estipulado por ser essa a média de funcionários existentes nos estabelecimentos do contexto turístico em Goiás Velha.

Uma terceira categoria é a dos habitantes que também mantêm contatos diretos com o turismo e freqüentes com os turistas, mas tiram apenas uma parte de seus ganhos do turismo. Suas relações com os turistas são mais distantes e suas atitudes frente ao turismo podem ser bem mais críticas. Eles admitem as vantagens que decorrem do turismo, mas também ressaltam freqüentemente os inconvenientes como as perturbações múltiplas e os atentados ao meio ambiente.

Sobre o terceiro grupo, aquelas pessoas que apresentam contato esporádico com o turismo, trata-se de um universo bastante diluído e às vezes difícil de encontrar ou mensurar; afinal, quem podem ser as pessoas que trabalham esporadicamente com o turismo? Para responder a essa pergunta em Goiás Velha, delimitei esse grupo a dois olhares encontrados naquela cidade; entrevistei os membros da associação dos barraqueiros, uma associação que trabalha com lanches durante os picos da atividade turística e pessoas que alugam casas durante os picos do turismo.

Para visualizar essas pessoas em Goiás Velha, analisei a percepção dos membros da associação dos barraqueiros, uma entidade que monta suas barracas durante os principais eventos da cidade. Além deles, entrevistei pessoas que disponibilizam suas casas para aluguel, fenômeno recente, porém crescente na cidade. A formação dessa amostra se deu por 15 entrevistas, sendo que 10 foram feitas por membros da associação e cinco com pessoas que alugam suas casas. A amostra se faz significativa, pois a quantidade de membros ativos da associação é de 27; assim, a amostra dessa categoria de população é de cerca de 40%, uma amostra extremamente significativa.

A quarta categoria é formada pela grande número de autóctones que nunca ou quase nunca se encontram com turistas. Eles manifestam as mais diversas atitudes, que vão do apoio ao repúdio, passando pela ignorância e pela indiferença, sendo esta última a mais freqüente.

O quarto grupo de entrevistas foi feito com a grande parcela da população que não apresenta contato econômico com o turismo, são os moradores que não trabalham em atividades do contexto turístico. Devido à considerável quantidade de pessoas que correspondem a essa categoria, foi preciso desenvolver uma pesquisa por amostragem.

Por ser esse quarto grupo o maior de todos, a pesquisa censitária se torna inviável, tendo em vista a população de Goiás Velha ser de 27.120 habitantes. Por outro lado, o cálculo através de uma amostra estatística pode ser feita com atividade muito menos laboriosa. Desenvolvi então um cálculo amostral baseado nos dados do Censo do ano 2000.

O cálculo da amostra foi feito de acordo com Jack Levin (1978). Adotei um erro amostral de 8% ou 92% de margem de acerto.

A população total de Goiás Velha é de 27120 habitantes, e encontra-se dividida em 8 agrupamentos etários da seguinte forma:

Tabela 1- Intervalo de idade por quantidade de habitantes

Intervalo de idade	Quantidade de habitantes
0-4 anos	2281
5 9	2388
10- 19 anos	5587
20 29 anos	4639
30 39 anos	4361
40 49 anos	3149
50 59 anos	2171
60 ou mais	2544

Para o cálculo da percepção dessa população, adotei dois filtros: não considere as pessoas que moravam há menos de cinco anos no município e as pessoas que tinham até 19 anos de idade, assim, levando-se em conta esse segundo filtro, minha população reduziu de 27120 habitantes para 16.846 (somatória de todos com 20 anos ou mais).

Os cálculos amostrais foram feitos da seguinte forma (Levin, 1978):

Variáveis:

N = tamanho da população = 16.864

n = tamanho da amostra

Eo = erro amostral = 8%

no = tamanho da amostra preliminar

Cálculo do tamanho da amostra preliminar:

$$no = 1: (Eo)^2$$

$$no = 1: (0,08)^2 \quad no = 156$$

Cálculo da correção amostral:

$$n = (N \cdot no) : (N + no)$$

$$n = (16864 \cdot 156) : (16864 + 156) \quad n = 154$$

Assim, para a população de 16.864 habitantes, é necessária uma amostra de 154 pessoas para se conseguir uma amostragem válida com margem de erro de 8%.

Os políticos e os artífices de opiniões constituem um quinto grupo. Eles desejariam elevar o nível de vida de seus concidadãos e, em geral, o seu próprio primeiramente. Dada as vantagens econômicas, será difícil encontrar nesse grupo quem desaprove o turismo.

Sobre o quinto grupo apresentado por Krippendorff, os gestores e formadores de opinião, a coleta de dados seguiu a ordem qualitativa. Foram realizadas entrevistas com dois funcionários públicos municipais, o prefeito e o secretário de cultura e turismo, um funcionário do IPHAN, dois ativistas de fundações e organizações culturais da cidade e um religioso que também é presidente de associação de artesãos, o que totalizou seis entrevistas com esse grupo.

Pode-se justificar a escolha desses seis informantes para representar esse quinto grupo por ser esse a única percepção local apontada por Krippendorff analisada através de entrevistas gravadas. Neste item, vale apresentar a ressalva de Gomes (1995, p. 69) sobre os obstáculos para análise de dados qualitativos.

Esse autor afirma que: “para uma análise mais rica da pesquisa, o pesquisador tem que articular as conclusões que surgem de dados concretos com conhecimentos mais amplos ou abstratos”. Assim, Gomes sugere que o pesquisador deve ter autonomia para estipular e escolher a coleta de seus dados, para não incorrer em falhas por acumular ou faltar informações de análise. Portanto, o número de seis entrevistas respondem satisfatoriamente pelo universo dos gestores e formadores de opinião de Goiás Velha.

Analisar os olhares desses cinco grupos de pessoas apresentado por Krippendorff, em conjunto com as referências teóricas percorridas bem como referências já escritas sobre o turismo e o patrimônio em Goiás Velha, resultou na estratégia para análise do enfoque socio-cultural.

No quinto e último enfoque, o planejamento, devido à falta de uma estrutura sistematizada de planejamento para o Turismo na cidade, a análise do planejamento existente está agregada ao enfoque sócio-cultural, tendo em vista a pequena quantidade de informações provenientes daqueles que são responsáveis pelo planejamento turístico da cidade.

Entretanto, após viver e analisar o contexto turístico em Goiás Velha, não pude deixar de perceber fatores que podem estimular de forma socialmente sustentável o contexto turístico naquela cidade. Assim, o enfoque do planejamento contém indicações minhas para a consolidação de uma melhor estruturação do turismo naquela cidade. É proposta uma série de impactos, os quais almejam responder com efeitos positivos; em primeiro lugar, para a qualidade de vida da população e do meio ambiente local; em segundo, para os visitantes.

Dessa forma, a análise do contexto turístico foi realizada analisando os cinco enfoques propostos, os quais vislumbram amplamente o universo turístico de uma localidade. Vale destacar que a parte de coleta de informações se deu em duas etapas distintas: a catalogação da estrutura turística se deu entre março de 2003 e março de 2004; já as entrevistas e a aplicação de questionários aconteceram entre dezembro de

2003 e janeiro de 2004, sendo portanto todas as tabelas e informações a seguir geradas nesse período.

4.2 APONTAMENTOS SOBRE O ENFOQUE ECONÔMICO

Para a realização da análise do enfoque econômico tentei levantar dados junto aos comerciantes locais, entretanto, a maioria deles se relutou a dar informações sobre o estabelecimento, ou por vezes quando as informações eram dadas, estavam visivelmente incompatíveis com a realidade do estabelecimento. A realização de estudos sobre o enfoque econômico é fundamental para saber dos dados relativos aos proveitos econômicos do contexto turístico, bem como tirar parâmetros para possíveis estratégias de planejamento. A ausência de bibliografia referente a dados econômicos do turismo em Goiás Velha obstruiu a análise desse enfoque. E para que eu realizasse estudos econômicos em conjunto com todas as outras atividades demandadas para a realização desta pesquisa, seria necessário uma dedicação sobre-humana. Assim, deixo apenas em indicativo algumas estratégias de se perceber e se calcular a magnitude que o contexto turístico alcança.

O turismo relaciona-se a outros setores da Atividade Econômica (SEBRAE,2000), dentre eles:

Setor Industrial:

- Indústria de Plásticos;
 - De borracha;
 - De móveis;
- De perfumaria, sabões e velas;
 - Editorial e gráfica
 - Farmacêutica;
 - Fumo;
 - Construção Civil;
- Alimentos e bebidas elaborados;
 - Outros.

Setor Agrícola:

Produtos agropecuários não elaborados ou primários.

Setor Energético:

- Energia elétrica;
- Refino de petróleo;
- Combustíveis minerais.

Setor Florestal:

Madeiras

Setor Financeiro:

- Instituições financeiras;
- Instituições de seguros.

Setor de Informação:

- Administração Pública.

Setor de Comunicações:

- Telefonia;
- Correios;
- Meios de Comunicação de massa;
- Publicidade.

Setor de Comércio e de Serviços:

- Aluguel de imóveis;
- Artigos de vestuário e acessórios;
 - Assessoria de empresas;
 - Calçados;
 - Comércio;
 - Couro e peles;
 - Indústria tabagista;
 - Material de construção;
 - Meios de hospedagem;
- Produtos eletrodomésticos;
 - Produtos metálicos;
 - Produtos têxteis;
 - Recreação;
- Serviços de alimentos
 - Educação;
 - Saúde;
- Saneamento e abastecimento de água.

Setor de Transportes:

- Transporte aéreo;
- Ferrovário;
- Hidroviário;
- Rodoviário;
- Maquinários em geral para equipamentos de transporte;
- Transporte de pequeno porte para passageiros.

Os turistas fazem despesas com:

- Alojamento;
- Bebidas;
- Cuidados pessoais e medicamentos;
- Diversões/ lazer: entradas em cinemas, museus, teatros, áreas naturais, etc.;
- Excursões, visitas à localidades, guias e transportes locais;
- Fotografias(máquinas, filmes, pilhas, revelações);
- Gorjetas;
- Presentes e recordações / souvenirs;
- Refeições;
- Roupas;
- e outras despesas.

As pessoas que organizam o contexto turístico, com a receita proveniente dos gastos do visitante vai ter despesas das seguintes ordens: (SEBRAE, 2000)

- Salários;
- Impostos sobre rendimentos;
- Comissões;
- Música e entretenimentos;

Despesas administrativas e gerais;
Serviços profissionais;
Compras de abastecimento em alimentos e bebidas;
Consertos e manutenção;
Publicidade e promoção;
Utilidades públicas;
Transportes;
Licenças;
Prêmios de seguros;
Aluguel de instalações e equipamentos;
Pagamento de juros sobre recursos emprestados;
Substituição de bens de capital;
Devoluções ao governo.
Últimos beneficiados:
· Contabilistas;
· Técnicos de eletrodomésticos;
· Arquitetos;
· Fornecedores de arte e artesanato;
· Atletas;
· Advogados;
· Mecânicos de automóveis;
· Padeiros;
· Pedreiros;
· Empregados bancários;
· Açougueiros;
· Carpinteiros;
· Operadores de caixa;
· Obras de caridade;
· Fabricantes e distribuidores de cinema e vídeo;
· Padres;
· Fabricantes de vestuário;
· Cozinheiros;
· Organizações culturais;
· Dentistas;
· Proprietários e empregados de lojas;
· Médicos;
· Educadores;
· Eletricistas;
· Engenheiros;
· Agricultores;
· Pescadores;
· Transportadores de mercadorias;
· Marcenarias;
· Jardineiros;
· Empresários de lojas de recordações;
· Funcionários públicos;
· Mercarias;
· Pessoal de saúde;
· Empregados de limpeza;
· Empregados do ramo de seguros;
· Serviços de lavanderia;
· Operários;
· Fornecedoros de mobiliário;
· Pintores;
· Postos de gasolina;
· Encanadores;
· Porteiros;
· Gráficas e editoras;

- Venda e aluguel de equipamentos;
- Proprietários e empregados de restaurantes;
- Empregados de construção de estradas;
- Fabricantes de sinalização;
- Redes de transportes;
- Fornecedores de mercadorias diversas.

Do acima exposto, fica evidenciada a dificuldade de se calcular os impactos e efeitos do contexto turístico em seu enfoque econômico, não obstante, tal tarefa deve ser frequentemente realizada. O efeito multiplicador é um dos mais importantes resultados econômicos do turismo e pode ser medido pelo grau por meio do qual o dinheiro gasto pelos visitantes permanece na região de destino para ser reciclado por meio da economia local. (LAGE e MILONE, 2000)

Parte do dinheiro gasto pelos turistas em restaurantes, hotéis, atrações é destinado dentre outros despendidos, para os salários dos empregados que, por sua vez pagam aluguel, transporte, educação e fazem suas compras. O total desta renda gerada pode ser bem maior do que a soma inicialmente gasta pelos turistas, e este multiplicador expresso em termos quantitativos irá indicar quanto da renda total irá aumentar como resultado das despesas turísticas. Basicamente representa o fenômeno por meio do qual algum acréscimo inicial dos gastos totais irá ocasionar uma elevação ou uma diminuição mais proporcional do nível de renda nacional.

Infelizmente não pude calcular os impactos e efeitos econômicos do contexto turístico em Goiás Velha, entretanto, deixo em destaque a necessidade de cálculos dessa ordem. Com a junção de dados quantitativos e qualitativos se pode almejar um conhecimento válido. E a ausência desses cálculos quantitativos em muito obstrui a análise sobre o contexto turístico em Goiás Velha, entretanto a ausência desses dados econômicos não entrava a busca por informações sobre o contexto turístico, o que foi feita mais eficazmente no estudo dos outros enfoques.

4.3 BREVE ANÁLISE DO ENFOQUE AMBIENTAL

O olhar sob o enfoque ambiental é prioritário de pesquisadores como biólogos, geógrafos, botânicos, químicos, dentre outras especialidades. Mesmo não sendo eu um pesquisador de nenhuma destas áreas, consegui junto a estudos já realizados, informações sobre o tema e apresento agora uma breve descrição do meio ambiente natural que envolve Goiás Velha e seu contato com o contexto turístico.

O Cerrado, ambiente que envolve Goiás Velha, não deve ser visto com um simples bioma produtor de alimentos mas também como um sistema biogeográfico repleto de singularidades que não se restringe à possibilidade de uso do solo, mas possuidor de um conjunto de fatores que nos permite dizer que ainda tal bioma ainda tem muitas maneiras de ser sustentavelmente proveitoso.

Entretanto, este potencial não deve ser utilizado da forma pela qual tem sido utilizado, mas sim com atividades que interfiram o mínimo possível na sua estrutura natural, pois também é dotado de fragilidades que senão analisadas e conservadas poderão causar sérios danos à sua existência. Levando-se em consideração que Goiás Velha é hoje Patrimônio Cultural da Humanidade e que um dos fatores contribuintes a esta conquista foi o atual estado de conservação em que se encontra os ambientes de Cerrado que a envolve, faz-se necessário estudos que visem a estruturação de uma atividade que busque não só o complemento econômico do município, como também a relação harmônica entre a sociedade e o meio ambiente.

O Cerrado é um bioma predominantemente continental, detém 23% do território nacional, o que equivale a aproximadamente todo o território da Europa Ocidental. Encontra-se principalmente no Centro-Oeste do país, sendo o 2º domínio vegetal brasileiro, tanto em extensão territorial quanto em biodiversidade (LIMA, 2003).

Classificar o Sistema Biogeográfico do Cerrado hoje é uma tarefa complexa pois o sistema carrega consigo uma heterogeneidade muito grande, provocando algumas divergências na caracterização dos seus subsistemas ou fitofisionomias. Estas divergências nos remetem o quão importante é para a permanência do equilíbrio e interdependência das três grandes esferas (atmosfera, troposfera, biosfera), a conservação deste bioma que é dotado de uma grande biodiversidade. Quanto maior as diferenças existentes em um bioma, maior será sua biodiversidade é o que acontece com o Cerrado.

Todavia, mesmo apresentando o Cerrado uma alta biodiversidade, a própria constituição brasileira outorgada em 1988 desconsidera este bioma enquanto fundamental para a nação. Pelo seu texto, alguns biomas estão em preferência.

A Floresta Amazônica brasileira, a Mata Atlântica, a Serra do Mar, o Pantanal Mato-Grossense e a Zona Costeira são

patrimônios Nacionais e sua utilização far-se-á na forma de lei, dentro de condições que assegurem a preservação do meio ambiente, inclusive quanto ao uso dos recursos naturais. (Constituição Federal, 1988. Art. 255)

Assim, a própria Constituição nacional deprecia esse bioma, que é o segundo maior do Brasil. Justifica-se essas falhas levado-se em conta o enorme desconhecimento que impera sobre o Cerrado, contudo, a partir das décadas de 1980 e 1990 intensificaram os estudos sobre o mesmo e tais estudos têm identificado cada vez mais um ecossistema rico e importante.

O início da utilização do Cerrado de forma intensiva é datado da década de 1970, com a incorporação agroindustrial das áreas de Cerrado (Freitas, 2001), nesse período começou-se a superar o complexo rural construído e cristalizado nos dois séculos do período colonial. Essa nova utilização do Cerrado se deu dividido ao apoio de programas governamentais e particulares. A partir daí, várias outras atividades e programas foram criados com a finalidade de ocupar economicamente as áreas do Cerrado, que foi rapidamente explorado e degradado.

Hoje o bioma conta com aproximadamente 10% de cerrado natural ainda preservado (Lima, 2003). Isso se deve primordialmente ao interesse de capitalistas e dos próprios governos que priorizaram o lucro financeiro pessoal em detrimento da conservação do patrimônio natural.

Possui o Cerrado um grande potencial ecológico com uma possibilidade de desenvolvimento de um turismo tipicamente ecológico. Existe nestas novas premissas de turismo, a possibilidade de reduzir a degradação ambiental, pela qual vem o bioma sofrendo em decorrência das atividades agrícolas. São ideais pautados na interação com a natureza e no aumento da consciência da necessidade de se conservar os recursos naturais que devem constituir as diretrizes para se buscar formas de desenvolvimento. Entretanto, o turismo tradicional tem gerado sérios problemas ao meio como: destruição de ecossistemas, poluição dos mananciais hídricos, acentuada ocupação e poluição do solo, danos gravíssimos à flora e extinção de várias espécies de fauna.

Assim, tem-se a proposta de um turismo alternativo, esse traz consigo a implantação de várias atividades de cunho turístico só que buscando contato e harmonia com o meio, pois tem como meta o aumento da consciência nas atitudes, visando a conservação dos recursos naturais, saindo dos grandes centros urbanos e buscando qualidade de vida através da interação com a natureza. Assim surgiu o ecoturismo. Não obstante, mesmo as atividades de turismo ecológico continuam demandando extremo cuidado, pois a busca por ambientes exuberante e singulares, pode deixar esses ecossistemas frágeis com irreversíveis degradações, sendo apenas outra forma de exploração da natureza.

Assim, o desenvolvimento do ecoturismo deve acontecer concomitantemente à implantação ativa de Educação Ambiental, instrumento que possibilitará a mudança de hábitos os quais impedem a sustentabilidade dos recursos naturais, pois a educação ambiental é a aprendizagem de como melhorar as relações entre a sociedade e o ambiente, de maneira integrada e sustentável.

E para solidificar a construção de um pensamento ecologicamente viável é necessário analisar os movimentos sociais sobre o meio ambiente, ajudar a organizá-los e então implantar, em ambientes seguros, atividades turísticas sustentáveis que assegurem a continuidade dos ambientes do Cerrado. A paisagem do município de Goiás é constituída por Cerrado e grande parte desta constituição permanece em bom estado de conservação, o qual provém das dificuldades geográficas da região em se desenvolver atividades agrícolas, e não da consciência conservacionista do homem.

Com a busca da sociedade por ambientes naturais e saudáveis, os visitantes que procuram Goiás Velha como lazer começaram a manifestar o desejo pelas atividades desenvolvidas nos ambientes naturais que a cidade possui e que lhes são singulares. Isso tem dado início a implantação do ecoturismo, só que, ainda em pequena escala, sem estrutura e conhecimento das reais finalidades do ecoturismo em um ambiente natural, e é aí que se faz necessário a constituição de uma proposta de um turismo ecológico sustentável. O que não deixa de demandar estudos sobre a atividade, mas sim, começa-los logo em conjunto com o próprio incremento da atividade, para se ter uma vasta percepção sobre os impactos e seus efeitos no meio ambiente natural de Goiás Velha.

Em Março de 1998 foi demarcado aproximadamente 37 mil hectares legalmente protegidos como Área de Preservação Ambiental, conhecida como APA da Serra Dourada, com o intuito de preservar o atual estado de conservação deste ambiente.

Em Abril de 2003 foi elaborado um mapeamento da Serra e um estudo sobre os ambientes da mesma com vias a torná-la um Parque Estadual. E daí foi oficialmente criado o Parque Estadual da Serra Dourada (PESD). Entretanto, o processo de demarcação oficial encontra-se parado. A conquista do parque deve-se a dois fatores: a beleza endêmica encontrada na Serra Dourada e movimentos sociais que brotaram em prol da criação do Parque.

A Serra Dourada é uma constituição de diversas fitofisionomias, que possuem o Cerrado como: subsistemas campestre e de matas, não apresentando formações de Cerradão. Dentro do Campestre é possível visualizar uma predominância de Cerrado *stritu-sensu*, Cerrado Rupestre e Campo Sujo. Já nos

subsistemas de Mata são encontradas matas secas e matas siliars, há ainda a presença de ambiente de veredas. (LIMA, 2003)

Soma-se ainda os indicadores de qualidade ambiental visualizados nas mais diversas formas de plantas como *bromeliaceas e orquídeas*, e conta também com uma espécie endêmica da região, encontrada apenas na Serra Dourada, é a *Tibouchina papyrus*, mais conhecida como Papyrus ou Pau Papel, reconhecida como árvore símbolo do Estado. (*idem*)

A Serra Dourada é tida como símbolo de paisagem natural para o Município de Goiás, ao norte, Mossâmedes e Buriti de Goiás, ao sul. Esse símbolo que já tinha uma tendência ao desenvolvimento do ecoturismo, torna-se alvo dos interesses turísticos nestes municípios, já que segundo a lei, as Unidades de Conservação de Proteção Integral, que é onde se enquadra a categoria do Parque Estadual, permite além da realização de pesquisas a implantação de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de desenvolvimento do turismo ecológico (*idem*).

Isso faz da Serra Dourada, que já era vista como a principal potência ecológica da região, a principal proposta de implantação do turismo pautado nos ideais de sustentabilidade, pois agora é uma unidade de conservação e como tal deve ser protegida não só pela lei, mas por toda a sociedade que vive sem suas proximidades e também pelos indivíduos que a visitem.

De acordo com Lima (2003), o município de Goiás apresenta ambientes naturais com inúmeros índices e indicadores de qualidade ambiental, e isso tem proporcionado o desenvolvimento de um turismo ecológico, entretanto, sem a menor estrutura, tendo em vista que os visitantes não apresentam comprometimento para com o meio, a prova disso é a quantidade de resíduos sólidos deixados pela pequena quantidade de visitantes e o carregamento de amostras de bens naturais que com o passar dos anos representará uma falta para o meio ambiente.

Qualquer atividade humana em meio ambiente natural pode ser degenerativa ao ambiente, entretanto, pautado em substratos de sustentabilidade social e ambiental, o turismo ecológico é uma atividade que apresenta impactos diminutos. A incipiente atividade de ecoturismo em Goiás Velha, entretanto, ainda não está sob esses ideais. Todavia, existe a fértil possibilidade de se implantar um turismo equilibrado em todo o meio ambiente natural existente na região, tendo em vista o bom estado de conservação e a ainda baixa quantidade de visitação.

Assim, os impactos e seus conseqüentes efeitos do contexto turístico, nas condições iniciais do meio ambiente natural em Goiás Velha, ainda são muito diminutos. São primordialmente sentidos nos balneários públicos, como o Bacalhau e a Carioca, que durante os picos da atividade turística extrapolam qualquer cálculo de capacidade de carga.

O ecoturismo em Goiás Velha é ainda uma atividade que tem muito a se consolidar. O ecoturismo é o ramo do turismo que mais apresenta crescimento, assim, seu desenvolvimento se potencializa naquela cidade.

O turismo em meio ambiente natural em Goiás Velha ainda encontra-se em vias de consolidação. Existem para visitação apenas três balneários, e uma cachoeira, existindo poucas trilhas traçadas e sem a menor infraestrutura para a visitação.

A incipiência do ecoturismo em Goiás Velha aponta para a possibilidade de se estar atendo para evitar, desde o começo de sua implementação, impactos e efeitos de ordem negativa. A preparação dos guias locais com vias a sensibilizar os visitantes é fundamental para que se conserve a qualidade do meio ambiente natural de Goiás Velha.

A análise do enfoque ambiental foi feita através de referências bibliográficas e minhas percepções através de visitas e observações. Contudo, estudos mais aprofundados, da questão devem ser feitos periodicamente, para analisar os impactos e efeitos do crescimento da atividade turística no meio ambiente de Goiás Velha. Assim, minha análise foi apenas introdutória, porém, satisfatória, tendo em vista, que, a principal característica do ecoturismo em Goiás Velha estar ainda em vias de possibilidade.

4.4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO ENFOQUE ESTRUTURAL

A análise da estrutura foi feita em duas medidas, a primeira que leva em conta a infraestrutura (que está relacionada com aparatos físicos e materiais) e outra que se remete à superestrutura (que diz respeito aos aspectos imateriais e culturais).

4.4.1 O ENFOQUE DA SUPERESTRUTURA

A superestrutura se relaciona aos aspectos culturais do contexto turístico. Um inventário da superestrutura foi feito da seguinte forma: descrição das festas e dos grupos artísticos com destaque.

4.4.1.A CALENDÁRIO DAS FESTAS DA CIDADE:

1) Festa de São Sebastião (janeiro)

Acontece na Colônia de Uvá, distrito da Goiás Velha, uma das mais animadas festas da cidade. Na festa em louvor a São Sebastião acontecem celebrações religiosas, novenas, barraquinhas de comidas e bebidas e muita música para animar a noite.

2) Festa de São José (janeiro)

Acontecia na distrito da Barra ou Buenolândia, uma festa em louvor a São José, e nesse ano de 2004 voltará a realizar essa festa. Na festa costumam acontecer louvores a São José, novenas, missas e barraquinhas de comida e bebida, musicas dançantes e apresentações da Banda do VI Batalhão da Polícia Militar de Goiás.

3) Festa de Ogum (janeiro)

A festa em homenagem à entidade de Ogum acontece no dia 20 de Janeiro. Nessa festa acontecem incorporações de espíritos de soldados e caboclos, são feitas oferendas como acará, inhame, costela de boi assada, cerveja e charuto. São entoados tambores em homenagem à entidade, cânticos e danças também fazem parte das celebrações. Essa festa acontece na Tenda de Umbanda Mamãe Oxum Senzala dos Pretos Velhos.

4) Festa de Iemanjá (fevereiro)

No dia 02 de Fevereiro é celebrada festa em homenagem à senhora das águas. Na tenda de Umbanda Mamãe Oxum - Senzala dos Pretos Velhos, durante a realização dessa festa, acontecem incorporações de caboclos e caboclas das águas. Na festa acontecem também oferendas de arroz branco, peixe, frutas e flores brancas. São cantadas, tocadas e dançadas diversas músicas como referência à entidade.

5) Festejos Carnavalescos

5.a - Baile da Escolha da Rainha e do Rei Momo do Carnaval (Fevereiro)

Uma ou duas semanas antes do carnaval acontece um baile pré-carnavalesco para a escolha do Rei e da Rainha do Carnaval. Nesse baile as duas baterias da escola se apresentam e são escolhidos o Rei Momo e a Rainha do carnaval do ano presente.

5.b - Festa do Zé Pereira

Na festa do Zé Pereira as escolas de samba se apresentam e há uma inversão de vestimentas, enquanto os homens se vestem de mulheres, as mulheres se vestem de homens e assim fazem a festa ao som das escolas de samba.

5.c - Carnaval (Fevereiro ou Março)

A festa de carnaval em Goiás Velha é um dos momentos mais pulsantes entre as festividades da cidade. A cidade recebe milhares de turistas que se juntam à população vilaboense fazendo deste um dos carnavais mais coloridos e animados de todo o Estado de Goiás. Destaca-se ainda pela existência de duas escolas de samba na cidade, que percorrem as ruas durante a festa, dando mais alegria ao carnaval vilaboense.

6) Os festejos da quaresma (março e abril)

Tempo de Preparação para a grande celebração da Páscoa. Lembra o retiro de Jesus no deserto e a

caminhada do povo de Deus, que através da sua luta, vive a Páscoa de Jesus.

Todas as sextas-feiras: na Igreja São Francisco às 19:00. Missa com canto dos Motetes (músicas entoadas pela Banda do Batalhão). Os principais eventos da Quaresma acontecem durante três semanas, assim divididas:

6a - Semana dos Passos

A Semana dos Passos é vivida na Igreja de S. Francisco, onde são ouvidos os Motetes dos Passos escritos pelo compositor goiano Basílio Martins Braga Serradourada. Datados de 4 de Agosto de 1855. Foram cantados pela primeira vez na Matriz de Senhora Santana em 7 de março de 1856.

No sábado dos Passos, às sete horas, há missa com o canto dos Motetes e uma comissão dos Irmãos dos Passos retira a imagem de seu nicho na Igreja de São Francisco e a colocam no andor. Algumas badaladas compassadas, tocadas pelo sino da igreja, marcam a cerimônia de guardar a imagem sob o baldaquim.

Esse ritual se intitula Cerimônia do Encerro.

Às 20:00 horas tem início a Procissão do Desterro, assim denominada pela transposição, da Igreja de São Francisco para a do Rosário, da imagem do Senhor dos Passos. Sai então o andor carregado por oito irmãos vestidos com seus balandraus de gorgões roxos. Durante a procissão são entoados cânticos em latim.

No domingo dos Passos pela manhã há uma missa na igreja do Rosário e pela tarde após o sermão do Pretório, sai da igreja do Rosário a “Procissão do Encontro”, quando se juntam as imagens do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores que, em outra procissão iniciada na igreja da Boa Morte, sai à procura de seu Filho. Seguem os andores por ruas da cidade e durante o percurso, a procissão para em frente a 14 capelinhas denominadas “Passos”, representando os quadros da via sacra. No “Passo” da Praça do Chafariz, o andor estaciona e após o canto do Motete, executa uma volta, retomando o curso normal da procissão. Encerra-se essa procissão com o sermão da Crucificação, na Catedral.

6b - Semana das Dores

Na semana das Dores são cantados os “Motetes das Dores”, compostos por Basílio Martins Braga Serradourada. Foram cantados pela primeira vez em 10 de Abril de 1856, na Igreja da Boa Morte. Na Sexta-feira das Dores, simbolizando a volta do Calvário, sai da Catedral uma procissão transportando a imagem de Nossa Senhora das Dores. A procissão retorna à catedral após uma volta por ruas da cidade.

6c - Semana Santa

A Semana Santa tem início com o Domingo de Ramos. Acontece uma missa cantada na Catedral e Procissões de Ramos. Uma procissão parte da Igreja do Rosário para a Catedral e acontece outra procissão circular na Igreja de Santa Rita. Na Terça-feira acontece a encenação: Vida, Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo, na Praça do Chafariz.

Na Quarta-feira acontece dramatização sobre o sofrimento humano e a esperança, missa dos Santos Óleos e as 24:00 acontece a mais conhecida delas, a Procissão do Fogaréu.

Essa procissão causa grande emoção a quem a presencia. Simboliza a procura de Jesus por seus perseguidores. Antigamente só era acompanhada por homens, todos carregando tochas e andavam silenciosos e em um passo muito acelerado. Durante esse momento só se ouvem o ruído dos passos nas pedras do calçamento e o bater compassado e acelerado dos tambores.

Caminha a procissão até a igreja de S. Francisco onde é representada a dramática prisão de Cristo ao som dos tambores e do clarim, após ouvir o motete “Pater”. O Cristo nessa encenação não é simbolizado em forma de imagem ou pessoa, e sim representado por um estandarte de linho onde se vêem pintadas a frente e as costas de Jesus, sendo açoitado.

No Domingo de ressurreição, a missa é celebrada às 4:00 horas da madrugada. O coro entoa cânticos tradicionais de Aleluia, compostos em Goiás e os sinos repicam alegremente. Em seguida há missa na Igreja de São Francisco e logo depois, no largo em frente, se procede à queima do Judas e leitura de seu testamento. Este é representado por um boneco bem vestido, cheio de bombas e foguetes, que explodem sob a alegria geral, principalmente das crianças.

Esses festejos de quaresma divididos nessas três semanas acontecem desde 1745, quando aconteceu a fundação da Irmandade Bom Jesus dos Passos. E assim se encerram os festejos da quaresma. E é essa irmandade responsável por grande parte dos eventos da Semana Santa.

7) Festa de Oxossi (abril)

A festa que homenageia a entidade de Oxossi costuma acontecer no dia 19 de Abril, entretanto, caso seja vontade da entidade, a festa pode acontecer também em outros períodos. Nessa festa acontece a incorporação da entidade, momento em que é possível conversar com ela, acontecem oferendas de frutas, vinhos, carne de caça, e comidas em oferenda aos espíritos dos índios e dos caboclos. Essa festa acontece na Tenda de Umbanda Mamãe Oxum Senzala dos Pretos Velhos.

8) Festa do Divino Espírito Santo (maio)

As festas do Divino acontecem 40 dias após o término da Semana Santa. Destaca-se em Goiás Velha a Festa do Divino que acontece na Catedral de Santana. Nessa festa é possível ver um vasto número de apresentações tradicionais da cidade, como a Banda Militar, o grupo de Congo e o grupo dos Tapuios. Esses dois últimos acompanham essas festas (esses grupos serão melhor explanados abaixo) e de muito rara apresentação. Na festa também acontecem levantamento e descerramento de Mastro, procissão, novena e quermesse.

Essa festa se destaca também pela estrutura organizacional. A cada ano existe o Imperador da Festa, seis Capitães de Mastro, um Alferes da Bandeira, nove Novenários. Todos com funções específicas dentro da festa. Os festejos do Divino na Catedral de Santana tiveram início em 1834, entretanto, somente em 1871 as posições começaram a ser sorteadas, até então eram indicadas pelo Bispo.

9) Festas dos Pretos Velhos (maio)

O dia 13 de Maio, nacionalmente lembrado por ser a data da Abolição da escravatura, é lembrado na Umbanda de Goiás Velha como a data para se referenciar aos espíritos dos antigos escravos. Nessa festa acontecem incorporações de espíritos de escravos velhos, os quais são bons conselheiros. Acontecem oferendas como cachimbo, feijoada, vinho tinto, café amargo, rapadura e pinga. Essa festa é celebrada em conjunto com Nossa Senhora do Rosário, a santa que cuida dos pretos. Essa festa acontece na Tenda de Umbanda Mamãe Oxum Senzala dos Pretos Velhos.

10) Festa de Santa Rita (maio)

A festa de Santa Rita é uma das maiores festas religiosas de Goiás Velha. Essa festa acontece na paróquia que leva o nome da Santa. Durante essa festa acontecem novena, procissão e leilão. O grande diferencial dessa festa são as barraquinhas de fora da cidade. São diversos jogos e entretenimentos para as pessoas se distraírem. Também acontece durante essa festa apresentação da banda do batalhão da polícia militar, um barracão de danças onde se pode dançar durante toda a noite. O início dessa festa se deu em 1950.

11) Festa do dia das Mães da Igreja de Cristo (maio)

A Igreja de Cristo de Goiás Velha apresenta anualmente uma programação em homenagem às mães. A programação é feita por eventos que relacionam o papel da mãe na família cristã.

12) Novena de São João (junho)

As novenas em comemoração a São João acontecem em diversas comunidades da cidade, entretanto, têm destaque as que acontecem na Região do Alto Santana, pois durante essas novenas são rezadas ladainhas em latim, entre os dias 14 e 23 de junho, antecedendo a data do Santo, que é 24 de junho. Durante essa novena acontecem levantamento e descerramento de Mastro, alvorada despertada pela Banda do Batalhão Militar e procissão entre a casa do Alferes da Bandeira (aquele responsável pela confecção da mesma) e a praça na qual acontecem comemorações.

13) Festas Juninas - Santo Antônio, São João e São Pedro (junho)

Acontecem em Goiás Velha diversas festas em homenagem a esses santos. Acontecem festas em ruas na Rua Santa Bárbara, Rua do Cemitério, Praça do Beco do Cotovelo, João Francisco e setor Aeroporto).

Todas as festas apresentam estruturas semelhantes com novenas, reza de ladainha, barraquinhas de comidas e bebidas, fogueiras, levantamento e descerramento de mastro, apresentações de quadrilhas, sons dançantes (as vezes tocados ao vivo). Muitas dessas festas são animadas pela Banda do 6º Batalhão da

Polícia Militar.

14) Festa de São João Batista - Igreja do Ferreiro (junho)

A festa na Igreja do Ferreiro como uma tradicional festa de São João, é composta de fogueira, barracas de comidas e bebidas, levantamento e descerramento de mastro e leilões. O que difere essa festa é pelo fato de ela acontecer em um antigo vilarejo extinto, onde só restam a igreja e ruínas. Assim, pouco movimento há nesse vilarejo quando não está na época dessa festa.

15) Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental FICA (junho)

O Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental é o maior evento realizado em Goiás Velha, conta com apoio do Governo do Estado de Goiás através da Agência Goiana de Cultura (AGEPEL) e da Agência Goiana de Turismo (AGETUR) e Agência Ambiental do Estado.

Nesse evento são apresentadas mostras de filmes provenientes de diversos países do mundo, contemplando sempre a temática socio-ambiental. Acontecem diversas oficinas sobre cinema, bem como diversos shows com artistas de renome regional e nacional, que fazem shows em praça pública. Já tocaram durante o FICA personalidades como: Gilberto Gil, Milton Nascimento, Zé Ramalho, Elba Ramalho e Geraldo Azevedo. O festival teve início em 1999 e têm acontecido todos os anos desde então.

16) Festa da Pecuária (julho)

Certamente a festa atual mais encontrada em todo o do Estado de Goiás, a festa da pecuária também acontece em Goiás Velha e é uma das mais expressivas no calendário da cidade. No ano de 2003 foi realizada a 28ª festa agropecuária da Goiás Velha. Mantenedora de espaço próprio para a festa, o que em muito facilita a realização da mesma. Acontecem shows, leilões apresentações da Banda Militar, e exposições diversas.

17) Festa de Nossa Senhora de Santana (julho)

A festa em louvor a Nossa Senhora de Santana é apontada por ser a festa mais antiga da cidade, esta festa acontece desde os tempos do primeiro povoado, o Arraial de Sant'Anna. Esta santa foi a padroeira do arraial, da vila e é hoje a da cidade. O auge da festa acontece no dia 25 de Julho data em homenagem a santa. Nesta festa acontecem novenas levantamento e descerramento de mastro, procissões e quermesses e apresentação da Banda de Música do VI Batalhão de Polícia Militar.

18) Aniversário da cidade (julho)

No dia 26 de Julho acontece a transferência da capital de volta para Goiás. É um ato simbólico porém com vias institucionalizadas, tendo em vista que o governador vem para Goiás Velha e daqui assume o poder do Estado. Esse retorno da capital teve início na década de 1960, e acontece todos os anos desde então. Na noite acontecem shows e a população ganha as ruas da cidade para celebrar o aniversário da mesma.

Anteriormente o aniversário da cidade coincidia com a padroeira da cidade, entretanto, por decisões do governo militar, separou-se a festa cívica da festa religiosa, ficando o aniversário da cidade um dia depois da padroeira.

19) Festa do dia dos Pais da Igreja de Cristo (agosto)

A Igreja de Cristo de Goiás Velha apresenta anualmente uma programação em homenagem aos pais. A programação é feita por eventos que relacionam o papel do pai na família cristã.

20) Festa do dia do Vizinho (agosto)

Criado pela Saudosa Cora Coralina, o dia 19 de Agosto foi institucionalizado o “dia do vizinho”. Essa data serve como referência para se valorizar aqueles que apresentam convivência em conjunto conosco, nossos vizinhos. Na cidade acontecem festas nas ruas, bolos gigantes e apresentações da Banda do Batalhão Militar.

21) Festa da Pedreira de São Sebastião (setembro)

A festa que acontece na Pedreira de São Sebastião é justificada por uma lenda a qual conta que a imagem de São Sebastião desaparecia da igreja, de mesmo nome, e era sempre encontrada em um enorme lajedo próximo ao vilarejo (hoje extinto). Ninguém sabia como a imagem ia até lá, depois se concluiu que era por vontade própria do santo, e quando o trouxeram para a igreja, ele voltou para o pedregulho lá entrando e nunca mais saindo. Tal lenda justifica a festa da Pedreira de São Sebastião.

Nessa festa acontecem romarias da cidade e da zona rural, levantamento e descerramento de mastro, leilões e um grande lanche comunitário o qual faz referências à multiplicação dos pães por Jesus Cristo. O início dessa festa é apontado para fins do século XVIII.

22) Festa de Nossa Senhora da Guia (setembro)

Está sediada no Bacalhau, um histórico vilarejo da Goiás Velha, a igreja de Nossa Senhora da Guia. Essa Igreja foi construída em meados do século XIX e em sua paróquia acontece a Festa em louvor a Nossa Senhora da Guia. Durante essa festa acontecem novenas, missas especiais, barraquinhas de comidas e bebidas e procissões.

23) Festa em louvor a Nossa Senhora d'Abadia (setembro)

A festa de N. S. da Abadia em Goiás Velha apresenta uma pequena variação sobre a data da Santa. Enquanto N. S. da Abadia costuma ser celebrada em Agosto, em Goiás Velha esse festejo acontece em Setembro. A festa é organizada pela comunidade d'Abadia, constituída, especialmente, pelos moradores da rua de mesmo nome. Nessa festa acontecem novenas entre Agosto e Setembro, apresentações da Banda Militar, levantamento e descerramento de mastro, e comemorações comunitárias com leilões e distribuição de licores para as pessoas. É praticamente a única época do ano em que acontecem celebrações na Igreja, uma excelente oportunidade para se ver a charmosa igreja d'Abadia com pessoas e em comemoração. O início dessa festa não é sabido por antigas moradoras e organizadoras da festa, entretanto, a data da fundação da igreja foi em 1790.

24) Festas dos Erês - São Cosme e Damião (setembro)

No dia 27 de Setembro acontece a celebração em homenagem aos irmãos gêmeos (erês) São Cosme e Damião. Nessa festa acontecem incorporações de espíritos de crianças, oferendas como doces, balas, refrigerantes, frutas (comidas prediletas de crianças). Acontecem também diversos toques de atabaques, cânticos em línguas portuguesas e africanas e danças. Essa festa acontece na Tenda de Umbanda Mamãe Oxum Senzala dos Pretos Velhos.

25) Aniversário da Igreja de Cristo (outubro)

Todos os anos no mês de Outubro a Igreja de Cristo comemora seu aniversário. Para celebrar a Igreja, os fiéis fazem um culto especial, teatros que contam o início da Igreja de Cristo e um grande bolo é repartido entre os fiéis.

26) Festa das Crianças da Igreja de Cristo (outubro)

No dia das crianças a Igreja de Cristo de Goiás Velha prepara uma programação especial para comemorar a data. A programação visa introduzir e cultivar a criança em um ambiente cristão.

27) Festival de Artes de Goiás (outubro)

O Festival de Artes de Goiás busca reunir as mais diversas formas de expressões artísticas que existem. Teatro, dança, música, fantoche, fotografia, filmagens, desenho, pintura, entre outras, tanto sob os aspectos da prática quanto da teoria. No ano de 2003 aconteceu o VI Festival de Artes de Goiás. Organizado pelo CEFET Centro de Formação Tecnológico, é um momento para os estudantes de turismo e hotelaria aplicarem o conhecimento por eles adquiridos para a organização do evento.

28) Festas de Nossa Senhora Aparecida (outubro)

A festa de Nossa Senhora aparecida acontece no vilarejo de Areias, durante o dia da santa. Para essa festa são feitas romarias de toda a região rumo à igreja. De Goiás Velha parte também uma carreata rumo à igreja. São milhares de romeiros que caminham em louvor à santa. No dia da festa na pequena igreja de

Nossa Senhora Aparecida acontecem missas durante o dia todo.

29) Festas em louvor a Nossa Senhora do Rosário (outubro)

A festa de N. S. do Rosário é iniciada com uma novena e no décimo dia acontece a coroação de Nossa Senhora do Rosário. Durante a novena acontece uma quermesse com venda de comidas, bebidas, leilões, rifas, bingos. Essa quermesse é sempre animada por artistas locais.

O início da festa se remonta ao início da igreja, em 1734, entretanto, as configurações da festa mudaram muito. No início eram feitas diversas comemorações de cunho africano, entretanto, esse sincretismo se perdeu restando apenas as tradições católicas de ascendência européia.

Acontecem também festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário na Buenolândia, distrito histórico de Goiás Velha.

30) Festa de Santa Bárbara (novembro e dezembro)

As festas em homenagem a Santa Bárbara se iniciam dia 25 de Novembro e vão até dia 04 de Dezembro, auge da festa. Nela acontecem novenas, levantamento e descerramento de mastro, missas, terços e leilões. Apresenta ainda um diferencial bastante chamativo, durante esta festa existem ladainhas que são cantadas em latim. A festa de Santa Bárbara teve início em 1787.

31) Festa de Oxum - Nossa Senhora da Conceição (dezembro)

A festa de Oxum - Nossa Senhora da Conceição - homenageia aos espíritos de baianos, boiadeiros e ciganos. Acontecem incorporações de espíritos desses três homenageados. Durante a festa acontecem oferendas, entretanto, as oferendas a Oxum são feitas em alguma cachoeira e escolhe-se uma sexta-feira próxima ao dia oito, data mais apropriada para a festa. Dentre as oferendas vão licores, feijão com ovos, camarão e água de cheiro são ofertados à entidade. Essa festa acontece em alguma cachoeira previamente escolhida, geralmente na foz da “Biquinha”, uma queda d’água próxima à cidade.

32) Festa de Santa Luzia (dezembro)

A festa em louvor a Santa Luzia acontecem entre o Salão da Associação dos Trabalhadores de Santa Luzia e a Igreja do Rosário. O início dessa festa foi na década de 1910. Durante a festa são feitas novenas em homenagem a santa, a festa tem início na sede da associação, lá a festa dura seis dias, depois há uma procissão que leva a imagem da santa para a Igreja do Rosário e depois de três dias de festa na igreja, no quarto dia a imagem retorna, em procissão dos fiéis, para a sede da associação. Durante essa festa acontece o maior leilão da cidade, são prêmios doados pelos moradores e a eles retornam. Essa festa é a mantenedora básica da associação.

33) Reveillon (dezembro)

A passagem de ano em Goiás Velha é bastante animada. Nesse período a cidade recebe um alto número de visitantes que prestigiam a queima de fogos e se somam à população local, fazendo desta festa uma grande comemoração entre todos os presentes.

Nesta festa se destaca a participação intensa de todas as pessoas, crianças, jovens, adultos e idosos são encontrados nas ruas participando e fazendo a festa acontecer. É um evento de harmonia e entrosamento entre a população e os visitantes.

34) Festa de Reveillon da Igreja de Cristo (dezembro)

Na véspera de ano novo acontece na Igreja de Cristo de Goiás Velha um culto especial seguido se ceia comunitária. A passagem de ano dessa comunidade religiosa é passada no terreno da igreja e está aberta a qualquer visitante.

OUTRAS FESTAS:

35) Folias: de Reis, de Santos e Temporonas (diversos meses)

Existem três tipos de grupos de folias: as folias de reis, as folias de santos e as folias temporonas. As folias de Reis saem entre o Natal e o dia de Santos Reis (06 de janeiro), as folias dos santos saem conforme a época da data da comemoração do cada santo (existem de São Sebastião, folia de N. S. do

Rosário, Folia de N. S. Aparecida, e diversas pela zona rural). As folias dos santos acompanham as festas dos santos homenageados. Existem também as folias temporonas que acontecem por desejo dos fiéis, geralmente feitas devido a um pedido ou votos ao santo.

Existem duas tradições sobre os grupos de folias de reis: os grupos mineiros e os grupos goianos. O que difere cada tipo de folia é o ritmo das músicas tocadas. Geralmente são encontrados nos grupos de folia instrumentos musicais como o violão, o pandeiro e a caixa. Existe ainda um grupo de folias de destaque em Goiás Velha, pois “gira” o ano todo, percorrendo a cidade de forma constante.

36) Concurso de Bandas- André Cary

Para divulgar e estimular novos talentos foi organizado pelo coreógrafo e bailarino de Goiás Velha, André Cary, um concurso de música. O evento consta de três categorias: cantor solo, duplas e bandas. Não apresenta periodicidade certa.

37) Baila Comigo

Apresentação da companhia de Dança André Kary. Durante esse show são apresentadas coreografias ensaiadas pela companhia de dança. Não apresenta periodicidade certa.

38) Festa do Pequi

Aconteceu durante o ano de 1999 a Festa do Pequi, entretanto, não teve continuidade. A idéia dessa festa é divulgar todo o potencial do pequi, bem como de outras frutas e coisas típicas do cerrado. A temática da festa é bastante sugestiva, podendo-se pensar em voltar a estruturar essa festa.

39) Festa de Omolu Obaluaê (todas as segundas)

Omolu Obaluaê é o senhor das almas, e toda segunda-feira, na tenda de Umbanda Mamãe Oxum Senzala dos Pretos Velhos, acontece uma celebração em sua homenagem. São ofertadas pipocas, vinho e feijão preto.

40) Festa da Santa Ceia (todo primeiro domingo do mês)

Na Igreja Evangélica Assembléia de Deus, todo o primeiro domingo do mês acontece um culto especial, em louvor à Santa Ceia. Parte da estrutura do culto é alterada em comemoração ao evento.

41) Culto em Louvor aos Antepassados

Acontece na Igreja Messiânica *Johrei* todos primeiro sábado do mês uma reverência àqueles que já não se encontram mais na terra. acontece também o “*day johrei kay*” a “ grande reunião de *johrey*.
Acontecem orações, leitura dos ensinamentos.

42) Culto Mensal de Gratidão

A Igreja Messiânica *Johrei* realiza no quarto sábado de cada mês o Culto Mensal de Gratidão. Nesse culto acontecem oferendas, orações e especialmente, a vinda do Ministro. Ele vem de Goiânia para realizar a orientação.

43) Apresentação da Banda de Música do VI Batalhão da Polícia Militar

Acontece todo último domingo do mês uma apresentação na praça do Coreto uma apresentação da Banda Militar, o que sempre anima às pessoas que estão na praça.

Foram assim encontrados 43 tipos de comemorações diferentes e periódicas em Goiás Velha, esse número é altamente significativo e praticamente todas as festas acima citadas têm apelo para o contexto turístico, basta que os visitantes saibam e se sintam despertados a participarem das comemorações. Todavia, atualmente Goiás Velha não utiliza esse forte atrativo que são as festas, para solidificar o seu contexto turístico.

Não há dúvidas que as festas são estimulantes primordiais para o incremento do contexto turístico e

principalmente para a consolidação da vida em coletivo. Em seu estudo realizado sobre festas Maria Ferreira (2001) explica que as festas são expressões da cultura, e é no momento festivo que laços comunitários são reforçados. Assim, o investimento em festas além de trazer recursos para a cidade é um estimulante à coesão social. Trata-se então de investimentos e realizações prioritárias a realização de festas.

Todavia, a realização das festas deve passar por muito cuidado, pois, o efeito contrário pode vir a acontecer, ao invés das festas causarem coesão social, o planejamento indevido delas pode causar confusões e revoltas. Por exemplo, se se quer fazer com que partes das festas aconteçam independentemente da realização das festas, como a procissão do Fogaréu sair em outra época, que não a Semana Santa. Isso pode causar revolta naqueles que prezam mais pelas tradições, e por outro lado, pode causar revolta também naquele que acha que não há problema algum transformar a tradição em teatro. Assim, o estímulo à realização de festas é fundamental, não obstante, deve-se tomar cuidado com as festas tradicionais, evitando o que se convencionou chamar de “mercantilização da cultura”.

4.4.1.B GRUPOS ARTÍSTICOS COM DESTAQUE

1) Grupo de Catira

Tradicionalmente o grupo de catira acompanha as festas de folia de santos reis, entre natal e seis de janeiro. Entretanto, o grupo de catiras tem se apresentado em épocas variadas, como fazendo apresentações durante eventos na cidade. O grupo de catira é composto com pelo menos 12 pessoas, apresentando-se sempre com números pares de componentes. O grupo é composto por dançarinos e violeiros sendo todos cantores. As letras das músicas se referem a santos e santas e também sobre o viver no campo.

2) Escola de samba Associação Atlética União Goiana

A Associação Atlética União Goiana foi a primeira escola de samba a ser fundada no Estado de Goiás, em 1927, e é uma das primeiras do Brasil. conta com espaço próprio e somente sua bateria é composta por uma média de 100 pessoas. Durante os desfiles o número de pessoas na escola ultrapassa os 400.

3) Escola de samba Associação Mocidade Independente do João Francisco

A Associação Mocidade Independente do João Francisco é uma escola de samba fundada em 1988, mesmo sem ter a mesma tradição da União, a mocidade apresenta um corpo de bateria de mesmo porte que anterior. Não possui sede própria, o espaço utilizado para os ensaios é a sede da extinta secretaria do meio ambiente.

4) Os Raízeros

Grupo composto por mais de dez pessoas que se dedicam ao resgate de músicas tradicionais, a divulgação de músicas regionais e a “regional-tradicionalização” de músicas contemporâneas e de expressão nacional, isto é, cantam músicas nacionais em ritmos regionais e tradicionais.

Seus instrumentos contam com percussões, violões, viola, flauta, caxixis, corda de sopro e sanfona. Todos são vocalistas. Sem dúvida uma banda com capacidade de elasticidade notável: presente, passado e futuro são (re)arranjados com maestria.

5) Banda de Música do VI Batalhão da Polícia Militar

Fundada em 1893 a tradicional Banda do VI Militar foi iniciada com a finalidade de entoar hinos em eventos cívicos e pátrios. Apresentam um repertório eclético, tocam compositores goianos do século XIX como Manoel Félix de Amorim e Basílio Martins Braga Serradourada e também entoam músicas contemporâneas diversas. A banda hoje é uma referência nas festas em Goiás Velha e na região. Somente em festas oficiais de Goiás Velha são 22 apresentações por ano. A banda chega a fazer 100 apresentações por ano.

6) Grupo de Dança Indígena Tapuio

A dança do Tapuio acontecia tradicionalmente nas festas do Divino em Goiás Velha, agora costuma ser apresentada em eventos diversos.

Os componentes do grupo vestem-se como índios, com grandes cocares e penas na cintura e nos tornozelos e até mesmo perucas. Trazem no ombro arco e flecha e, na mão uma borduna. Formam diversas figuras de danças, acompanhando as diferentes músicas, apresentam-se em fileira dupla, em círculo, quase sempre curvados. Simulam uma luta, batem as bordunas umas nas outras. Em certo momento um guerreiro é atingido por uma flecha e morre. Os tapuios entram em lamentações, o Pajé se dirige ao morto, reza-lhe no ouvido e ele imediatamente ressuscita. Aí reiniciam danças alegres até o fim da apresentação.

7) Grupo de Congo

O grupo de Congo em Goiás Velha é composto por estrutura bastante rígida: são três músicos (um para tocar violão, outro para tocar marimba, um instrumento feito de cabaça, e outro músico para tocar o tarol, um tipo de tambor) fora os músicos o Congo é composto por mais oito pessoas nobremente vestidas de azul, aquelas que representam os cristãos, e outras 14 pessoas em nobreza par vestidas de vermelho, são os mouros. São cantadas músicas e encena-se um conflito ou apenas uma desconfiança pela aproximação de um grupo estranho. Verifica-se que o grupo que se aproxima é uma “embaixada” encarregada de levar ao Rei dos Congos uma carta de sua prima. Termina com muita alegria, comemorando-se o sucedido com uma festa em louvor a São Benedito

O Congo costuma sair três vezes ao ano: em Maio, durante a Festa do Divino Espírito Santo, em Julho na festa de N. S. Santana e em Outubro pela festa de Nossa Senhora do Rosário.

8) Grupo de Congadas

Diferentemente do que muitas pessoas imaginam, Congo e Congada são tradições distintas. As Congadas não apresentam a formalidade numérica e estilística dos Congos. As Congadas também saem às ruas em data religiosa, como o Congo, a Congada sai em louvor a Nossa Senhora do Rosário.

O grupo de Congadas se veste de forma muito mais simples, vestem roupas verdes e brancas com faixas e tiras amarradas pelo corpo e nos chapéus. Podem também sair usando um gorro sem palas chamado de bonés havaianos. O grupo de Congadas da cidade chega a ter 100 pessoas que tocam sanfonas, violas, caixas e matracas. Todavia, o grupo de Congadas de Goiás Velha está desativado por falta de instrumentos em funcionamento.

9) Grupo de Afoxé *Aiyó Delê*

No ano de 2002, foi fundado o grupo de Afoxé *Aiyó Delê*, e no dia 04 de março daquele ano tomou as ruas de Goiás Velha pela primeira vez. Esse grupo de Afoxé nasceu de um projeto de Educação Pluricultural *Odé Kayodê* que funciona diariamente desde 1995. Quem administra esse projeto é o Espaço Cultural Vila Esperança, local indicado entre aos espaços para visitação.

10) Meninos e Meninas de Angola

O grupo de Capoeira Meninos e Meninas de Angola possui cantores e tocadores de diversos instrumentos. Tocam os berimbaus: Gunga, Médio e Viola, tocam também pandeiro, agogô, reco-reco e atabaque. Esses instrumentos ressoam ao tom de diversos ritmos como : São Bento Grande, São Bento Pequeno, Jogo de Dentro, Barra Vento, Cavalaria e o mais tradicional deles: Angola. Como um grupo de capoeira angola, os Meninos e Meninas de Angola cantam, dançam, jogam, lutam e cultivam raízes africanas trazidas ao Brasil.

11) Conjunto Vocalistas Goyazes

O coral Vocalistas Goyazes existe em Goiás Velha desde 1965, é composto por cerca de 15 pessoas da cidade. O conjunto entoa músicas regionais e do folclore brasileiro em geral.

12) Coro Solo da cidade de Goiás

Inicialmente o Coro Solo de Goiás Velha era composto por grupo de irmãos que faziam apresentações em

conjunto, depois, se tornou um grupo de coral infantil e agora é um grupo de coral adulto. É um grupo feito por pessoas sem grande instrução musical, que no entanto, cantam músicas eruditas. Entoam *Beethoven, Mozart, Albert Malot* (músico do século XVI). Todavia, apresentam repertório eclético, cantam também músicas tradicionais da região. O coral é composto por mais de 40 integrantes.

13) Coral Leve Em Canto

O Coral Leve Em Canto é composto por crianças que estão no Programa Viva e Reviva Goiás, um programa da sub-secretaria Estadual de Educação que desenvolve educação patrimonial e também desenvolvem os dotes artísticos das crianças. Cantam músicas da cidade e também um repertório composto por canções infantis.

14) K Entre Nós

K entre Nós é um grupo de teatro fundado em 1980 em Goiás Velha. Composto por uma média de 30 componentes fazem apresentações de diversos teatrólogos nacionais e estrangeiros. O grupo têm em seu repertório peças que variam desde Cora Coralina (Meninos Verdes), passando por Nelson Rodrigues, Plínio Marcos, Martins Penna e *Bertold Bretch*.

15) Companhia de Dança André Kary

A Companhia de Dança André Kary reúne bailarinos que fazem dançam diversos ritmos musicais, dançam músicas clássicas bem como contemporâneas. É o maior grupo de dança de toda a região do Estado de Goiás.

16) Expressarte

O Grupo de Dança e arte Expressarte é o maior grupo artístico de Goiás Velha. Algumas de suas apresentações são feitas com mais de 100 pessoas. O grupo apresenta peças teatrais, principalmente de cunho religioso, e também desenvolvem a arte da dança contemporânea.

Considerações sobre a Superestrutura

Goiás Velha apresenta um vasto número de grupos artísticos com destaque. Esse amplo número de produtores é uma forte atração ao contexto turístico. Soma-se a esses grupos a quantidade de festas que acontecem na cidade, assim, os grupos podem se apresentar nos diversos eventos da cidade, entretanto, tanto os eventos são poucos e quando esses acontecem, é comum se trazer apresentações de fora da cidade.

Entretanto, o apontamento sobre mercantilização da cultura também se aplica aos grupos musicais, em especial, os mais tradicionais deles. Como por exemplo o grupo Tapuio, que antes se apresentava em eventos religiosos e agora apresentam em eventos diversos. A cultura não pode ser envolta em uma redoma de vidro e controlar sua dinâmica, e, caso seja vontade dos atores sociais, as festas e apresentações podem sair do calendário tradicional, como aconteceu com o grupo Tapuio, uma vez que, foi da vontade dos componentes do grupo as apresentações fora dos eventos tradicionais. E é essa vontade que deve prevalecer, dos atores envolvidos nas representações culturais. Todavia, deve-se buscar estimular a esses atores a valorização de seus aparatos culturais, para que eles não se sintam motivados a “vender” suas culturas.

4.4.2 O ENFOQUE DA INFRAESTRUTURA

Para analisar a infra-estrutura em Goiás Velha, parti de uma monografia que contemplava exatamente o tema “infra-estrutura turística na Goiás Velha”, defendida em dezembro de 2003 na Universidade Estadual de Goiás, em Goiás Velha. A referência teórica do trabalho verticalizada em Barretto (2001) analisou os quatro itens indicados pela autora. O levantamento apontou:

Infra-estrutura de acesso:

Os fatores pertencentes à infra-estrutura de acesso incluem a existência de uma rodoviária “nova” (inaugurada em julho de 1995) e uma rodoviária “velha” próxima ao mercado municipal, uma pista de pouso para aterrissagem de aviões de pequeno porte, pouso de helicópteros são feitos no gramado da Praça do Chafariz, e a rodovia que liga a Goiânia à Goiás Velha (GO- 070).

Infra-estrutura básica urbana:

Os fatores relevantes relativos à infra-estrutura básica urbana são: o novo sistema de esgoto sanitário, que despoluirá o Rio Vermelho, a fiação elétrica subterrânea nas áreas tombadas, a recuperação das características originais da arquitetura nas construções tombadas. Deve-se levar em conta que, na infraestrutura básica urbana o asfalto urbano está muito danificado e não existem banheiros públicos no centro histórico.

Equipamentos turísticos da cidade:

Foram encontrados na cidade: sete hotéis, quatorze pousadas, três hotéis-fazenda, quatro campings, quatro dormitórios, dezoito restaurantes, trinta lanchonetes, onze panificadoras, cinco pamonharias, cinco sorveterias, dezesseis “pit-dogs”, três pizzarias, onze Casas de Doce, doze supermercados e quarenta e oito mercearias. Existe uma agência turística com inscrição municipal. O centro de atendimento ao turista - CAT, não está em funcionamento.

Equipamentos de apoio:

Com relação aos equipamentos de apoio o trabalho encontrou: dois hospitais particulares, um hospital filantrópico, doze farmácias, sete oficinas mecânicas, dezoito táxis, um auto-socorro, seis auto-peças, cinco auto-elétricas, cinco borracharias, sete postos de gasolina, sete lojas de artesanato e agências bancárias do Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, Banco Bradesco e Banco Itaú.

4.4.2.A ESPAÇOS DE VISITAÇÃO NO NÚCLEO PATRIMONIAL

1) Associação dos Artesãos de Goiás

Funciona ao lado da Igreja do Rosário a associação dos artesãos de Goiás, fundada em 1977 a associação teve como finalidade a organização dos artesãos e principalmente a preservação de tradições artesanais que estavam se perdendo. Na sede da associação funciona uma loja onde são expostos trabalhos dos associados.

2) Casa da Fundação

No ano de 1751 com a lei das casas de fundição, foi adquirida uma casa para a instalação da Casa de Fundição do ouro. Feitas as necessárias adaptações, teve início ali a atividade de fundição em janeiro de 1752. A Casa de fundição funcionou até 1822 quando passou a ser edifício da Tipografia Provincial, posteriormente serviu de depósito bélico. Em 1922 foram executadas reformas no edifício que descaracterizaram por completo sua fachada, sendo aplicados ali elementos da arquitetura eclética. Foi cedida pela presidente Getúlio Vargas à entidade Goiás Clube e foi por ela utilizada até 1985 quando foi requisitada novamente pela União. Atualmente funciona o Ministério Público, o que não impede o acesso de quem queira conhecer o edifício. Ali se encontra também o Teatro Casa de Fundição, um dos locais para eventos na cidade.

3) Casa de Cora Coralina

Casa de modelo típico da arquitetura aristocrata residencial desenvolvida no Brasil durante o período da colônia. Nesta casa nasceu e morreu Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, a Cora Coralina. Conhecida como poetisa e doceira, é um dos maiores expoentes da literatura goiana. Hoje a “casa velha da ponte” como a chamava Cora, pertence à Fundação Casa de Cora Coralina, que fez da casa um museu em homenagem à poeta.

4) Casa de Dona Maria da Gruta Artesanato do Cerrado

Dona Maria Conceição R. dos Santos é conhecida como Maria da Gruta, por ter em sua casa uma gruta em louvor a Nossa Senhora. Além de cultivar enorme fé católica dona Maria da Gruta dá vida a formas tidas como mortas. Dona Maria recria objetos de decoração e esculturas zoomorfas com restos encontrados na vegetação do Cerrado. Também é poeta, já tendo publicado um livro de poemas. Em sua casa concentra a maior parte do seu acervo.

5) Casa de Dona Silvia Curado

Dona Silvia é renomada doceira da cidade. Sua fama se deve aos tratos com os alfenins, doces tradicionais e típicos de Goiás Velha. Seus bichinhos de açúcar encantam os turistas e seduzem as crianças de todas as idades.

6) Casa do Bispo

A edificação já constava em plantas da cidade em 1828, foi conhecida em princípios do século XX como palacete do Coronel Rocha Lima e em 1909 foi adquirida pelo Bispo Dom Prudêncio. Desse último proprietário se manteve o nome que se conserva até hoje. Localizada em um lajedado, situação que possibilita uma privilegiada relação à via pública, e também permite uma ampla visão do entorno e de grande parte do Rio Vermelho. O prédio pertenceu ao Banco do Estado de Goiás e posteriormente foi adquirido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e lá funciona como sede da sub-secretaria regional do IPHAN.

7) Casa do Doce

No espaço conhecido como Casa do Doce funciona a sede da Associação das Doceiras de Goiás, são mais de 60 associadas as quais conseguem complemento de renda ou mesmo a própria renda, através da produção e venda de doces artesanais. As doceiras de Goiás Velha têm em seu repertório dezenas de tipos de doces.

8) Cemitério Municipal

O cemitério municipal de Goiás Velha antes administrado pelo Hospital de Caridade São Pedro de Alcântara passou a ser gerido pela prefeitura em 1926. Existem centenas de túmulos com belas estátuas sacras e uma capela no centro do cemitério. As lápides mais antigas são datadas de 1860.

9) Chafariz de Cauda da Boa Morte

Em 1778, o Chafariz de Cauda da Boa Morte foi construído com a finalidade de dividir o abastecimento de água da cidade com o já existente Chafariz da Carioca, localizado do outro lado do rio. O termo “chafariz de cauda” é usado em virtude do arqueduto que o abastece possuir uma enorme cauda, em sua parte posterior, já o nome “Boa Morte” se deve pois o chafariz foi construído sobre os alicerces da primeira Capela da Boa Morte.

10) Coreto

O coreto atual foi construído na gestão da prefeitura de 1923, situa-se na primeira praça da cidade. Nele funciona, na parte inferior, uma sorveteria que vende sorvetes artesanais, especialmente de alguns frutos típicos do cerrado. Na parte superior do coreto existe um espaço para apresentações.

11) Cruz do Anhangüera

A Cruz que foi trazida pelo Anhangüera Bandeirante Colonizador foi instalada às margens do Rio Vermelho onde existiu no local a Igreja da Lapa, levada pela grande enchente de 1839. Na enchente do dia 31 de Dezembro de 2001 este monumento foi levado, entretanto, a cruz foi encontrada e o monumento foi reconstruído em 2002. Todavia, a cruz original foi guardada no Museu das Bandeiras e foi colocada outra em seu lugar.

12) Escola de Artes Plásticas Veiga Valle

A escola de Artes Plásticas Veiga Valle foi criada nos anos 1960 por Goiandira do Couto, pela escola passaram nomes hoje bem conhecidos no meio artístico. A escola tem por finalidade restabelecer as

tradições artísticas e culturais de Goiás Velha. Na escola são ministradas aulas de desenho artístico, pintura, escultura, modelagem, perspectiva, anatomia, história da arte e diversas oficinas aos interessados em arte. Várias atividades são realizadas incentivando a criatividade, espírito crítico livre expressão, construindo assim, para que Goiás Velha continue sendo conhecida como berço da cultura e das tradições goianas.

13) Espaço Cultural Goiandira do Couto

Este espaço reúne obras de personalidades da família Couto, em destaque as obras da pintora Goiandira do Couto. Senhora de quase 90 anos é um exemplo de altivez e alegria, recebe a todos e explica com euforia sua técnica singular de pintura. Goiandira desenvolveu e registrou sob patente a técnica de pintura em areias coloridas, as quais são as matérias-primas para suas telas. São mais de 500 tonalidades diferentes de areias encontradas na Serra Dourada pela pintora. Desde a década de 1970 seus quadros começaram a se espalhar pelo mundo e hoje são encontrados em todos os continentes.

14) Espaço Cultural Vila Esperança

O espaço Cultural Vila Esperança foi criado em 1991 por um grupo de educadores, seu primeiro evento foi a participação no festival: 500 anos de Resistência Indígena, Negra e Popular, por ocasião das contra celebrações do descobrimento da América. A partir daí começou o projeto de educação voltado para as questões étnicas no processo da afirmação de uma identidade cultural, de origem indígenas e afro-descendentes. A escola funciona em convênio com os governos municipais e estaduais. Lá existe um pequeno circo, um museu Afro e um templo de celebrações de Umbanda. É a Vila esperança a organizadora do *Afoxé Aiyó Delê* de Goiás Velha.

15) Fonte da Carioca

O chafariz do Largo da Carioca foi a primeira fonte pública de abastecimento de água construída em Vila Boa, ainda do início de sua implementação como centro minerador. O nome faz alusão à Fonte da Carioca no Rio de Janeiro devido à semelhança das águas das fontes. Atualmente a Fonte da Carioca está cercada por um complexo de lazer implantado pela Prefeitura Municipal, que engloba o rio como principal balneário público da cidade, um espaço para restaurante e um parque de diversões para crianças. Funciona ainda como sede do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, o PETI.

16) Fundação Cultural Frei Simão Dorvi- Arquivo Histórico

Nascida da extinta Fundação Educacional de Goiás, a Fundação Frei Simão administra um acervo de livros antigos e também contemporâneos. Excelente local para pesquisadores de diversas áreas que almejem fazer resgates históricos.

17) Gabinete Literário Goiano

O gabinete de literatura foi criado em 21 de abril de 1864, por Raimundo Sardinha e Costa, o Gabinete possui uma grande coleção de livros, jornais e enciclopédias raras. Trata-se ainda da biblioteca mais antiga encontrada em todo o estado de Goiás.

18) Hospital São Pedro de Alcântara

Em 1825, Dom Pedro I assina carta autorizando a construção do Hospital São Pedro D'Alcântara, às margens do Rio Vermelho, ao lado da Igreja do Carmo. É o hospital mais antigo de todo o Estado de Goiás. A história do Hospital São Pedro aponta para a vitória da luta de movimentos sociais, tendo em vista que foi através de um pedido da comunidade vilaboense feito por abaixo-assinado o que motivou o Imperador a autorizar e financiar a construção do hospital. Ainda em funcionamento, apresenta boa prestação de serviços à comunidade.

19) Igreja de Santa Bárbara

O início da construção dessa igreja foi em 1775, por intenção de Cristóvão Ferreira, que está enterrado no próprio templo. Construída no centro de um pátio murado, sobre um outeiro, junto à saída para o norte da cidade, essa igreja é alcançada por uma escadaria de 105 degraus, inicialmente de pedra-sabão e

posteriormente substituídos por cimento. Construída em blocos de pedra-sabão, a Igreja de Santa Bárbara encontra-se aberta aos fiéis principalmente no mês de dezembro, por ocasião da padroeira. Seu adro oferece uma das mais belas vistas da cidade, ao fundo a Serra Dourada, tornando-se um dos locais mais procurados por visitantes e vilaboenses.

20) Igreja de Nossa Senhora do Carmo

A Igreja de N. S. do Carmo teve sua construção iniciada em meados do século XVIII pela secretaria do governo, entretanto, a construção foi acabada pela confraria de São Benedito dos Homens Pardos Crioulos (hoje extinta), que a concluiu e a ocupou a partir de 1786. Sua arquitetura se destaca pelos arcos criados para a sustentação do coro, que nessa igreja apresentam-se com a mesma forma dos arcos trilobulados utilizados pela arquitetura árabe. Algo semelhante em toda a região só é encontrado nas vergas da porta central e das janelas do coro da Igreja de Nossa Senhora D'Abadia (COELHO, 1999).

21) Igreja Nossa Senhora D' Abadia

A Igreja de N. S. D'Abadia, um dos mais significativos exemplares da arquitetura religiosa de Goiás Velha, foi construída em 1790 com esmolas do povo. O forro da nave (teto) apresenta pintura em perspectiva barroca com trama bastante fechada composta por balcões e figuras antropomórficas. Na cena central a representação de Nossa Senhora em meio a um grupo de anjos. É o único templo em todo o Estado a apresentar o arco cruzeiro chanfrado e o acesso ao púlpito feito por escada retrátil. Apesar da simplicidade de suas linhas, é um edifício que se destaca dos outros encontrados na cidade pela volumetria e pelo jogo de planos do conjunto (Ibidem, 1999).

22) Igreja de São Francisco de Paula

Erigida em 1761, foi a terceira igreja edificada em Goiás Velha. Foi construída em uma pequena elevação, tendo à sua frente calçamento em pedra-sabão e um cruzeiro. O forro da nave recebeu pintura em 1869 com motivos que evocam passagens da vida de São Francisco de Paula, além de temas litúrgicos e florais (ibidem, 1999). Atualmente, é a sede da Irmandade do Senhor dos Passos, fundada em 1745 e ainda plenamente atuante. Nesta igreja é onde se encenava parte da procissão do fogaréu, na Quarta-feira das Trevas. A Igreja reserva a imagem do Bom Jesus dos Passos, que percorre parte da cidade em seu andor durante a Semana dos Passos, na quaresma.

23) Igreja do Rosário

A antiga Igreja do Rosário dos Pretos foi construída em 1734, sendo a segunda igreja a ser edificada em Goiás Velha, seguia modelo colonial, com torres laterais. Em 1934 a igreja foi demolida e em seu lugar foi construída a atual igreja em estilo neo-gótico. Na década de 1950 um frei dominicano pintou o interior da Igreja, e encontra-se dessa forma desde então. Atualmente existem projetos para restauração dessa igreja.

24) Igreja Matriz de Santana

No ano de 1727, data da fundação do Arraial de Sant'Anna foi construída a capela de mesmo nome. E em 1743 a capela foi demolida para a construção da igreja, com dimensões mais adequadas às necessidades impostas pelo crescente número de habitantes. Entretanto, dezesseis anos depois da edificação, em 1759, todo o teto desabou. Foi reconstruída e em 1872 a igreja sofreu novo acidente, caindo novamente. Deixou de ser a Matriz após esse acidente. Projetada para comportar uma população três vezes maior que a Catedral do Rio de Janeiro na época, a Catedral de Santana teve seu projeto alterado inúmeras vezes e voltou a ser a Matriz em 1967, ainda inacabada. Sofreu novas modificações em 1998, entretanto, sem terminá-la. Existe uma lenda que se a Igreja for construída, ela desabarará, isso impede que se faça o término dos detalhes da construção.

25) Igreja de Nossa Senhora Aparecida

A igreja de Nossa Senhora Aparecida foi construída em 1910 e está localizada no povoado de Areias a 10 Km de Goiás Velha. De arquitetura simples porém muito encantadora. Se localiza no alto de um pequeno morro, o que a dá especial destaque.

26) Igreja de Nossa Senhora da Guia

A Igreja Nossa Senhora da Guia fica localizada no distrito do Bacalhau, há 3 Km do centro da cidade. Trata-se da menor igreja construída durante o período colonial, sua datação aponta para o início do século XIX.

27) Igreja de São João Batista

Construída em 1761 no agora desabitado Arraial do Ferreira, a Igreja de São João Batista apresenta as principais características dos pequenos templos desse período na região da Capitania de Goiás. É atualmente o único edifício remanescente desse que foi um dos quatro primeiros arraiais mineradores fundados por Bartolomeu Bueno da Silva. É também um dos dois únicos templos da região, juntamente com a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, do Arraial da Barra, a conservar um cemitério em seu terreno.

28) Lyceu de Goyaz

Criado através de um decreto lei de junho de 1846 pelo presidente Dr. Joaquim Ignácio de Ramalho, o Liceu de Goiás funcionou inicialmente no pavimento térreo do edifício da tesouraria da Fazenda, sendo posteriormente transferido ao seu prédio o que o abriga até hoje. Em 1906 por pedido do governo local, houve a equiparação do Liceu de Goiás ao Colégio Dom Pedro II do Rio de Janeiro, passando assim, a ser uma das duas instituições de ensino mais importantes do país. Nesse período de existência do Liceu passaram por lá praticamente todos aqueles que, na política, na literatura, nas artes e mesmo nas profissões liberais, vieram a fazer parte da história de Goiás. Hoje funciona como escola pública de segundo grau (COELHO, 1999).

29) Mercado Municipal

Criado em 1857, passou por diversas reformas e ampliações, apresentou um outro conjunto de salas, construídas com características completamente diversas das encontradas no bloco original. A última grande reforma foi durante a segunda década do século XX. A construção em alvenaria de tijolo, com decoração em relevo elaborada em massa forte de reboco, apresenta uma parte em adobe, provavelmente aproveitada de uma antiga construção existente no local à época de sua instalação. Na composição da fachada aparece ainda a utilização da platibanda, elemento de emprego corrente nas construções ecléticas. Como todo mercado das antigas cidades, mantém ainda hoje algumas tradições, como a de ser o local de reuniões e de encontro da população local (ibidem, 1999).

30) Mosteiro da Anunciação

A juventude de 25 anos do Mosteiro Beneditino em Goiás Velha talvez pouco revele a quantidade de atividades realizadas por aquela comunidade. Além dos tradicionais ritos católicos, vigília aos sábados e missa aos domingos, o mosteiro oferece possibilidades de se ter um contato com experiências de artesanato. São artistas que trabalham em madeira, que fazem xilogravuras, artistas que trabalham com barro, gesso e parafina. Das artes destacam-se também a música e a *yoga*. O mosteiro possui uma pequena área verde, entretanto com uma grande presença de paz. Desenvolve ainda diversos trabalhos comunitários.

31) Museu das Bandeiras (Casa de Câmara e Cadeia)

A casa de Câmara e Cadeia foi construída em 1761, no reinado de D. José I e Governo de João Manoel de Melo. O prédio é um dos mais imponentes da cidade e foi construído conforme projeto encontrado no Arquivo Nacional Português (ibidem, 1999). No antigo prédio da cadeia funciona atualmente o Museu das Bandeiras, possui acervo permanente sobre o sistema prisional colonial, armas coloniais e acervo bibliográfico.

32) Museu de Arte Sacra (Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte)

A igreja foi construída em 1779 pela Irmandade dos Homens Pardos, foi levantada sobre os alicerces de uma das casas do Anhangüera Bandeirante Colonizador, na Praça da Matriz. Funcionou com Catedral e desde a década de 1960 cedia o Museu de Arte Sacra no qual reúnem objetos sacros bem como imagens

de santos. Encontra-se nesse Museu o maior acervo do escultor Veiga Valle, apontado como o maior santeiro já existente em Goiás. Veiga Valle esculpia em cedro e deixou vasto acervo de obras. É tido como o Aleijadinho de Goiás.

33) Palácio Conde dos Arcos

A construção do Palácio teve início em 1750, logo após a chegada de Dom Marcos de Noronha, o Conde dos Arcos, à cidade. Veio para assumir o governo da recém criada província de Goiás, então desmembrada da província de São Paulo. Esse edifício serviu como residência dos governadores até 1937, quando a capital foi transferida. Atualmente o palácio abriga o Museu Palácio Conde dos Arcos, com móveis coloniais, escrituras sobre a história de Goiás e um espaço para eventos.

34) Palácio da Instrução

Fundada em 1884, a Escola Normal Oficial funcionou inicialmente em conjunto com o Liceu, do qual se separou somente na década de 1930 quando foi transferida para o edifício do Palácio da Instrução. De lá só saiu por ocasião de sua mudança para a nova capital, onde recebeu a denominação de Instituto de Educação. Atualmente, com a construção de um colégio estadual na sua frente, só pode ser visto dentro do pátio do colégio. Entretanto, trata-se de um prédio de destaque, possui janelas com altura fora do normal, pé-direito também com medidas acima do usual e o piso em tabuado corrido contribuem para a maestria do edifício (Coelho, 1999).

35) Prédio da Real Fazenda

No ano de 1777 o prédio foi adquirido pelo governo. Destaca nesse edifício uma sala com paredes revestidas com pranchas de aroeira, esta sala se destinava a dar maior segurança ao ouro ali guardado. Em 1876 o prédio começou a ser sede da Caixa Econômica Federal. Atualmente o prédio é sede da Secretaria da Fazenda.

36) Quartel do XX

Sua edificação data de 1747 para alojamento do 20º batalhão militar nacional. O Quartel do XX é o mais antigo edifício oficial implantado em território goiano, sendo mesmo anterior à Casa de Câmara e Cadeia e ao Palácio dos Governadores. Como construção de finalidade militar, o Quartel do XX tem sua história vinculada a praticamente todos os movimentos políticos e sociais ocorridos no Estado, ressaltando-se que, de suas dependências saíram goianos que compuseram as tropas brasileiras na guerra do Paraguai. Foi desativado na década de 1940 e depois disso, passou por uma fase de apropriação particular, na qual o Quartel serviu de depósito, hotel e hospital. Atualmente o Quartel cedia o Centro de Educação Profissional, CEP, no qual acontecem diversos cursos à população.

37) Tenda de Umbanda Mamã Oxum - Senzala dos Pretos Velhos

Localizada ao lado do cemitério de Goiás Velha, a tenda de Umbanda Mamã Oxum - Senzala dos Pretos Velhos representa o local em que se pode encontrar o mais tradicional expoente das religiões afro-brasileiras. A tenda apresenta diversas imagens de santos católicos e entidades de Umbanda, o que a torna um local excêntrico. É uma comunidade bastante receptiva, o que faz dessa tenda um excelente lugar para se conhecer sobre a Umbanda, religião que costuma ser pejorativamente marginalizada.

4.4.2.B ESPAÇOS PÚBLICOS URBANOS RECOMENDÁVEIS PARA EVENTOS

1) Teatro São Joaquim

O Teatro São Joaquim foi inaugurado em 1857 no Beco da Lapa e desativado em 1920, voltou a funcionar na década de 1950 como CineTeatro Anhangüera e posteriormente foi mais uma vez desativado. Voltou a funcionar em 1992 e encontra-se em excelente estado de conservação. Apresenta cadeiras acolchoadas e com braços individualizados para 386 pessoas.

2) Teatro Casa de Fundação

O Teatro Casa de Fundação funciona no espaço em que ficavam as antigas máquinas de fundição de

moedas. O teatro possui palco sala de som e uma área para até 250 cadeiras, entretanto, o teatro não as tem.

3) Associação dos Trabalhadores Santa Luzia

A associação dos Trabalhadores de Santa Luzia apresenta uma história de destaque. Fundada em 1912, período em que a organização dos trabalhadores em nível nacional ainda era embrionária. Relatos dizem que a precocidade dessa associação em Goiás Velha se deve a ida de um anarquista, fugido do Rio de Janeiro, para a cidade. Ele organizava associações de trabalhadores. A Associação de Trabalhadores Santa Luzia possui um galpão disposto de salas contíguas, que é recomendável para realização de eventos até 150 pessoas assentadas.

4) Clube do Banco do Brasil

A Associação Atlética Banco do Brasil possui em Goiás Velha um clube de boa infra-estrutura, se destacando pela piscina semi-olímpica, e portanto, recomendável para competições de natação.

5) Quartel do XX

O antigo Quartel do XX possui diversas salas dotadas de infraestrutura para a realização de palestras, seminários, etc. Bem como dois auditórios cobertos que podem comportar em um cerca de 100 pessoas e em outro cerca de 200.

6) Praça do Chafariz

A Praça do Chafariz é um excelente espaço para eventos abertos. Sua enorme área permite, como se costuma fazer, a montagem de um grande palco e o espaço já comportou *shows* com mais de 25 mil pessoas. Entretanto, a utilização da praça com essa finalidade é altamente questionada devido aos impactos de tamanha multidão. Pode também ser a praça do Chafariz utilizada como espaço para instalação de estandes, como já se realizou, sem entretanto causar tantos efeitos quanto um grande palco.

7) Largo da Carioca

O Largo da Carioca, como a praça do Chafariz é ideal para realização de eventos ao ar livre, com diferencial ainda de possuir estrutura para restaurante, espaço coberto e sanitários.

8) Estádio de Futebol

O Estádio Estadual Hélio Loiola tem capacidade para mil e quinhentas pessoas sentadas. Entretanto, encontra-se desativado. Por motivo de falta de pagamento das contas, água e luz foram cortadas e assim não há utilização efetiva daquele espaço. O estádio de futebol é um excelente espaço para a realização de diversos eventos, tanto de competições esportivas quanto de *shows* (como os “*megashows*” do FICA).

Foi reformado em 1992, encontra-se em excelente estado de conservação, tanto o campo quanto as arquibancadas, entretanto, não há qualquer tipo de utilização pública naquela área.

9) Universidade Federal de Goiás- UFG

O Campus avançado da Universidade Federal de Goiás possui uma boa estrutura para receber eventos. São dez salas de aula, sanitários em bom estado, cantina, biblioteca, uma área coberta e uma grande área descoberta. Neste campus acontece apenas aulas do curso de Direito.

10) Universidade Estadual de Goiás

O Campus da Universidade Estadual de Goiás em Goiás Velha apresenta uma infra-estrutura bem maior do que o Campus avançado da UFG. Nesta unidade são 18 salas de aula, sanitários em ótimo estado, cantina, biblioteca, uma quadra de esportes, uma área coberta e uma grande área descoberta. Neste campus existem os cursos de História, Letras, Geografia, Matemática, Gestão Pública e licenciatura “parcelada” em pedagogia.

1) Balneário Bacalhau

O Balneário Bacalhau se encontra no vilarejo de mesmo nome. Se destacam dois poços para banho: o Poço da Sota e o Poço Rico. O primeiro forma grandes piscinas envoltas em pedras com correntezas de pequeno risco, porém alto prazer, já o Poço Rico é um grande poço calmo com margens de areia, tipo praia, ideal para banhos mais calmos. O Balneário Bacalhau encontra-se em área pública.

2) Balneário Cachoeira Grande

Apresenta um alto volume de água, formado pelo encontro dos Rios Vermelho, Bacalhau e Bagagem, o nome prevalece do Rio Vermelho. Ideal para atividades de canoagem e banhos. Possui uma praia em areia, propícia para banhos de sol e lazer. Possui sanitários, restaurante e área para camping.

3) Balneário Santo Antônio

Tradicional local de banho da população vilaboense o Balneário Santo Antônio encontra-se aos pés da Serra Dourada e é repleto de poços com média profundidade, o que proporciona um local propício ao descanso em águas limpas e calmas. Possui sanitários, chuveiros, restaurante e área para camping.

4) Balneário Sucuri

No Balneário Sucuri tem destaque o Poço da Sucuri, uma ampla piscina natural que possibilita saltos de 8 metros. Existem várias piscinas naturais, área para camping e restaurante. As águas são limpas e também tranquilas.

5) Cachoeira das Andorinhas

Localizada a sete quilômetros da cidade, a Cachoeira das Andorinhas é um dos principais atrativos para o lazer em ambiente natural em Goiás Velha. Sua queda e poços são de raro prazer ao visitante.

6) Clube Serra Dourada

O Clube Serra Dourada é composto por infraestrutura de duas piscinas uma infantil e uma semi-olímpica (30 metros), restaurante e quadra de esportes, trilhas ecológicas, cascata, aquário, jardim japonês, toboágua, área de pesque-pague, chalés, área de camping. Encontra-se ainda próximo ao balneário Bacalhau.

7) Reserva ecológica da UFG

A reserva ecológica da UFG é o principal local da Serra Dourada aberto à visitação. Nesta reserva se encontram trilhas e o espaço conhecido como areal, local onde podem ser encontradas areias de mais de 500 tonalidades.

No que tange aos atrativos naturais, tem destaque na Goiás Velha a Serra Dourada, apresenta esse nome por ter sido imaginada pelo Anhangüera Bandeirante Colonizador como uma enorme pepita de ouro. Na Serra Dourada é possível se fazer trilhas com diversos pontos de mirantes, passando por riachos e pequenas cachoeiras.

Todavia, a parte que envolve o lazer em águas naturais a cidade não se encontra em posição tão privilegiada quanto na parte de atrativos culturais. A quantidade de cachoeiras e rios com alto poder de atração ao contexto turístico é muito menor na Goiás Velha do que em outras localidades, como Pirenópolis, Caiapônia, Alto Paraíso, entre outras no Estado de Goiás.

Assim, a Goiás Velha apresenta uma excelente estrutura ao turismo com fortíssimos atrativos e atrações culturais e naturais.

A Goiás Velha apresenta uma série de atividades para aqueles interessados em cultura e arte. Levando-se em consideração que o núcleo urbano se iniciou em princípios do século XVIII e que o povo goiano se destaca pela sua intensa produção artístico-cultural, é praticamente impossível o visitante conhecer com qualidade as atrações acima citadas em um curto período de tempo. Todos aqueles interessados em história, arquitetura, arte, artesanato, ou em sentido lato, todos interessados em cultura, se deslumbram com as atrações de Goiás Velha. A quantidade e qualidade de artistas na cidade encanta. São escritores, pintores, escultores, poetas e músicos. Sem dúvida, toda essa diversidade passada e presente faz da Goiás

Velha um berço impar de cultura.

O visitante que deseja conhecer Goiás Velha para vislumbrar minimamente tudo o que o seu contexto turístico oferece necessita de pelo menos 10 dias de hospedagem na cidade.

4.5 ANÁLISE DO ENFOQUE SÓCIO-CULTURAL

O enfoque sócio-cultural diz respeito à participação e atuação da população dentro do contexto turístico. É dentro deste enfoque que se destaca a percepção das pessoas sobre as atividades correlatas contexto turístico.

A análise do enfoque sócio-cultural foi feita através de entrevistas e questionários com os moradores de Goiás Velha. Segui a tipologia apresentada por Krippendorff (2000) para analisar a percepção da população vilaboense sobre o turismo e o patrimônio cultural na cidade. A análise seguinte foi feita em separado de acordo com a percepção de cada um dos olhares apresentados pelo autor. Posteriormente segue a análise feita em conjunto entre os cinco grupos analisados.

4.5.1 ANÁLISE SOBRE A PERCEPÇÃO DO GRUPO 1 OS EMPREENDEDORES DAS ATIVIDADES DE TURISMO

O primeiro grupo a ser analisado são os empreendedores do contexto turístico, os quais formam o grupo responsável pelo brotar de vários impactos e efeitos no contexto turístico de uma cidade. Esses atores sociais apresentados por Krippendorff são os mais atuantes agentes propulsores do contexto turístico. Os empreendedores das atividades turísticas estão diretamente relacionados aos cinco sub-contextos propostos nesta dissertação.

Este é o grupo social responsável pela criação do sub-contexto relacionado à infra-estrutura. São os empreendedores das atividades de turismo e lazer, os atores que criam sustentações para o contexto turístico. São os responsáveis pela implementação de pousadas, restaurantes, lojas de souvenirs, áreas de camping, balneários e alguns espaços culturais voltados à visitação.

Tabela 1.1 Tipo de estabelecimento

Tipo de estabelecimento	freqüência	porcentagem - %
Restaurante	14	29,16
Hotel	17	35,41
Balneário	4	6,25
Artesanato/ souvenir	13	27,08
Total	48	100

Os estabelecimentos mais encontrados foram os restaurantes, em seguida os hotéis e pousadas e em terceiro lugar as lojas de souvenirs seguidas pelos balneários. O contexto turístico envolve diversas outras atividades econômicas, entretanto, é inegável o maior interesse dessas analisadas. Portanto preferi aqui analisar censitariamente o grupo com maior envolvimento com o contexto turístico em detrimento de uma pesquisa que envolvesse uma gama muito maior de agentes mais distantes. Se eu optasse por esse grupo maior, a análise censitária seria inviabilizada. E a análise censitária possibilita uma maior fidedignidade dos fatos.

Tabela 1.2 Idade do empreendedor

Idade do empreendedor	freqüência	porcentagem - %
20 - 29 anos	3	6,25
30 - 39 anos	5	10,41
40 - 49 anos	23	47,91
50 - 59 anos	10	20,83
Mais de 59 anos	7	14,58
Total	48	100

O grupo representado pelas pessoas entre 40 e 49 anos é o maior, cabendo-lhe praticamente metade do universo, assim, os empreendedores do contexto turístico de Goiás Velha é um público relativamente jovem.

Tabela 1.3- Tempo do empreendimento

Tempo do empreendimento	freqüência	Porcentagem - %
até 5 anos	25	52,08
5 - 15 anos	15	31,25
> 15 anos	8	16,66
Total	48	100

Os dados acima apontam para uma explosão de empreendimentos nas atividades de turismo nos últimos cinco anos. Mais de metade do universo teve sua gênese nesse período. A significância desse dado é muita pois aponta para o forte apelo e desenvolvimento do contexto turístico em um curto período de tempo. Goiás Velha tem passado por um crescimento exponencial do turismo, e isso tem culminado em impactos e efeitos em diversas ordens da sociedade vilaboense.

Tabela 1.4- Grau de Escolaridade

Grau de Escolaridade	freqüência	porcentagem - %
até o primeiro grau	15	31,25
Segundo grau	13	27,08
Terceiro grau	20	41,66
Total	48	100

O grau de escolaridade encontrado entre os empreendedores do turismo aponta que aproximadamente um terço cursou até o primeiro grau, os que estudaram ou estudam o segundo grau representam aproximadamente um terço da população e que estudam ou já fizeram curso superior representam mais de 41,66%, sendo o maior intervalo do universo.

Assim, o que se pode perceber é que se trata de um grupo bastante heterogêneo quando se trata de educação formal. Há um predomínio daqueles com ensino superior, entretanto, o que se pode aferir é que as divergências quanto à quantidade de ensino é muito grande. O que pode provocar divergências entre o grupo, entretanto, a coesão, que é fundamental para a existência de qualquer grupo que comungue interesses em comum.

Tabela 1.5- Grau de escolaridade por Tempo do empreendimento

Grau de escolaridade	Tempo do empreendimento - %	Total
até 5 anos	5	33,33
5 - 15 anos	5	31,3
> 15 anos	24	50
até o primeiro grau	28	37,5
Segundo grau	20	27,1
Terceiro grau	48	46,66
	12,5	41,7

Agora, quando se analisa o grau de instrução dos empreendedores com o tempo do estabelecimento, percebe-se que quanto mais novos são os empreendimentos, mais instruídos foram os seus proprietários. Por exemplo, 48% dos empreendimentos de até cinco anos pertencem a pessoas que possuem curso superior e o grau de instrução diminui conforme aumenta o tempo do empreendimento. A instrução formal indica alguma proximidade maior com as estratégias de reprodução social (BOURDIEU; PARSONS, 1992) assim, esse grupo consegue traçar melhores estratégias para a obtenção de resultados do contexto turístico.

Tabela 1.6- Tempo de residência na cidade

Tempo de residência	freqüência	Porcentagem - %
até 5 anos	8	16,66
5 - 15 anos	12	25
> de 15 anos	28	58,33
Total	48	100

Entretanto, se por um lado a maior parte dos empreendimentos são novos, a maioria desses empreendimentos, 58%, se concentram nas mãos de moradores com mais de 15 anos de residência. E o número de pessoas que se mudaram para a cidade em menos de cinco anos é relativamente pequeno, trata-se de 16,66% ou o menor conjunto do universo. Isso implica que são, na maioria, pessoas da própria cidade que têm decidido investir nas atividades de turismo, não somente pessoas vindas de fora que visam a exploração do local. O que aponta para um receptivo turístico ainda em mãos de moradores locais, não somente em mãos de especuladores capitalísticos.

Tabela 1.7- Razão do empreendimento

Razão do empreendimento	freqüência	porcentagem - %
Herança	4	8,33
Potencial pelo título de patrimônio	12	25
Carência do mercado local	15	31,25
Outros	17	35,41
Total	48	100

A próxima variável diz respeito aos motivos que fizeram com que os investidores abrissem tal estabelecimento. Perguntei e deixei os entrevistados responderem livremente. O conjunto mais significativo diz respeito a motivos pessoais como prazer pela atividade, buscar uma renda complementar, gerar benefícios sociais. O segundo conjunto mais significativo se exprimia por razões de carências mercadológicas locais, afirmavam que a cidade ainda não tinha infra-estrutura suficiente para a demanda turística. Entretanto, o grupo que mais chamou a atenção é o terceiro, quando 25% dos entrevistados afirmaram ser o título de Patrimônio da Humanidade o motivo para a abertura do empreendimento. Assim, a busca e reconhecimento desse título possibilitou um salto na atividade turística de Goiás Velha.

Dessa forma, o título de Patrimônio da Humanidade pode ser visto como um impacto dentro do contexto turístico vilaboense, e a explosão do receptivo turístico um efeito desse impacto.

Tabela 1.8- Razão para exercer essa atividade por Tempo do empreendimento

Razão para exercer essa atividade	Tempo do empreendimento	-%	Total
Herança	até 5 anos	5	6,67
	5 - 15 anos	25	8,33
Carência do mercado local		16	60
Potencial pelo título de patrimônio		48	0
Outros		32	33,33
Total		52,08	31,25
		16,67	100

Quando se analisa separadamente os conjuntos, percebe-se que, 48% dos empreendedores com até 5 anos afirmam ser o título de patrimônio o motivo da abertura do empreendimento, o que ratifica a relação

entre o título e o crescimento vertiginoso do turismo.

Tabela 1.9- Influência do título de patrimônio no fluxo de visitantes

Influência do título de patrimônio no fluxo de visitantes	
freqüência porcentagem - %	
Aumentou muito	5 10,41
Aumentou pouco	18 37,5
Não houve diferença	11 22,91
Reduziu o movimento	14 29,16
Total	48 100

A pergunta seguinte diz respeito à influência do título de patrimônio no fluxo de visitantes no estabelecimento. O que chama a atenção é que 52% da amostra acham que não houve diferença ou que reduziu o movimento. Esse dado parece ir de encontro aos dados que apontam a expansão do receptivo turístico. Com análise pelo tempo do empreendimento esse antagonismo se clarifica.

Tabela 1.10 Influência do título de patrimônio no fluxo de visitantes por Tempo do empreendimento

Influência do título de patrimônio no fluxo de visitantes		
Tempo do empreendimento -% Total		
até 5 anos	5 - 15 anos	> 15 anos
Aumentou muito	20 0 0	10,42
Aumentou pouco	36 46,66	25 37,50
não houve diferença	16 20 50	22,92
Reduziu o movimento	28 33,33	25 29,17
Total	52,08	31,25 16,67 100

Somente os empreendedores com até cinco anos afirmaram que o título fez com que o número de visitantes aumentasse muito. O item que se refere a um pequeno aumento do fluxo de visitantes é o mais representativo do universo, apresenta os maiores índices pelos intervalos de classes dos empreendedores, foi a opção mais escolhida. A única exceção se dá para os 50% dos empreendedores com mais de 15 anos que acreditam que o título não trouxe diferença para o turismo da cidade. Em verdade, 75% dos empreendedores do contexto turístico com mais de 15 anos de estabelecimento acham que o título não trouxe diferença ou que reduziu o movimento. Assim, fica evidente que para esses empreendedores mais antigos os efeitos causados pelo impacto do título de Patrimônio da Humanidade são inócuos ou ruins. Outro conjunto muito significativo é o que responde pela retração do movimento turístico em relação ao título de patrimônio, 29,17% de todo o universo acreditam que o título depreciou a atividade turística na cidade. Chama a atenção a equitativa distribuição entre essa análise negativista do título: dos mais novos 28%, dos empreendedores intermediários 33% e entre os mais antigos 25%, ou seja há uma grande insatisfação em relação ao título de patrimônio por parte dos empreendedores do turismo.

Tabela 1.11- Opinião sobre o FICA

Opinião sobre o FICA	
Freqüência Porcentagem-%	
Excelente idéia	31 64,58
Boa idéia	17 35,42
Prejudicial	0 0
Total	48 100

O FICA é visto como uma excelente idéia sem apresentar lados negativos significantes para 64,58% do universo, entretanto, para 35,42% dos empreendedores, é uma boa idéia mas apresenta lados negativos

significantes.

Tabela 1.12- Opinião sobre o FICA por Tempo do empreendimento

Opinião sobre o FICA			
Tempo do empreendimento	% Total		
até 5 anos	5 - 15 anos	acima 15 anos	
Excelente idéia não apresenta lados negativos significantes	68,00	53,33	75,00 64,58
boa idéia mas apresenta lados negativos significantes	32,00	46,67	25,00 35,42
Prejudicial	0	0	0 0
Total	52,08	31,25	16,67 100,00

O FICA apresenta uma aceitação muito alta entre os empreendedores do contexto turístico, eles sabem dos efeitos positivos desenrolados por esse evento. Todavia, há uma parcela deles que apontam lados negativos significantes no evento. Destacam-se os empreendedores entre 5-15 anos os quais são os mais críticos quanto ao evento.

Sobre os efeitos negativos oriundos do impacto do festival se deram da seguinte natureza:

Falta de participação da população local (14 ocorrências)

Para 14 empreendedores a população vilaboense não é envolvida para a realização do evento, esta foi a principal crítica feita pelo esse grupo. Toda a estrutura é trazida de fora, não abrindo espaço para o vilaboense se apresentar e trabalhar.

Falta envolvimento de todo o receptivo (10 ocorrências)

Esses empreendedores do contexto turístico de Goiás Velha dizem que há uma centralização dos efeitos benéficos do evento, que somente uma parte do receptivo se beneficia, enquanto o restante apenas assiste.

Baixa qualidade do público (6 ocorrências)

O FICA é apontado por esses empreendedores como um festival que se assemelha ao carnaval, trazendo um público que não está interessado em desenvolver conhecimentos sobre o festival, mas sim, apenas busca diversão momentânea.

Esses foram os principais efeitos negativos do FICA, entretanto, alguns outros também merecem destaque: falta de divulgação do evento na cidade, poluição excessiva, contraditoriamente em evento ambiental, falta de espaço apropriado, falta de formação “turística” isto é, não sabendo o turista como deve fazer turismo.

Todavia, mesmo com todas as críticas feitas ao evento, nenhum empreendedor do contexto turístico colocou seus efeitos como predominantemente negativos, assim, não houve rejeição para com o FICA. O festival mesmo apresentando uma série de efeitos negativos é visto com bons olhos por essa categoria de moradores.

Tabela 1.13- Satisfação como estabelecimento

Satisfação como estabelecimento	
freqüência	Porcentagem - %
Sim	15 31,25
Sim, mas está aquém do potencial	21 43,75
Não	12 25
Total	48 100

Na tabela 1.13, o nível de satisfação com o estabelecimento uma porcentagem de 43,75% se manifestou mediamente satisfeita, o que é significativo, entretanto, tal valor deve ser pautado pela existência de uma insatisfação costumeira entre comerciantes. Contudo, sendo o segundo intervalo de maior representatividade o positivo, indica que, mesmo havendo reclamações sobre o título, há uma boa satisfação dos empreendedores locais.

Tabela 1.14 - Satisfação com o estabelecimento por Tempo do empreendimento

Satisfação com o estabelecimento				
Tempo do empreendimento - % total				
até 5 anos	5 - 15 anos	> 15 anos		
Sim	32	33,33	25	31,25
sim, mas está aquém do potencial	48	33,33	50	43,75
Não	20	33,33	25	25
Total	52,08	31,25	16,67	100

Do cruzamento da satisfação com o tempo do empreendimento o primeiro dado que destaca é a paridade entre o intervalo de 5 até 15 anos, a amostra de dividiu homogeneamente nesse grupo. Já entre o grupo de até cinco anos e o de mais de 15 as amostras variaram. Enquanto o grupo de até cinco anos apresenta espontaneamente satisfação de 32% os empreendedores com mais de 15 anos expressam satisfação na ordem de 25%. Restando assim ao conjunto dos insatisfeitos uma proporção maior para os empreendimento mais antigos e menor para os mais novos.

Tabela 1.15- Benefício à maior parte da população vilaboense pelo título de patrimônio

Benefício à maior parte da população vilaboense pelo título de patrimônio	
freqüência porcentagem - %	
Sim	18 37,5
Não	30 62,5
Total	48 100

Quando os empreendedores foram perguntados se acreditam que o título de patrimônio da Humanidade é benéfico à maior parte da população uma parcela de 62% do total acredita que não. Estando os empreendedores entre as pessoas que mais se beneficiam do título é fácil imaginar que tenderiam a maciçamente se posicionarem em prol do benefício a maior parte da população, entretanto, não é assim que pensam os empreendedores. Esses acreditam que o título ainda não trás benefícios à maior parte das pessoas ou vezes as pessoas não sabem usufruir o título que elas possuem, foram comentários espontâneos bastante expressos.

Tabela 1.16- Benefício à maior parte da população vilaboense pelo título de patrimônio por Tempo do empreendimento

Benefício à maior parte da população vilaboense pelo título de patrimônio				
Tempo do empreendimento - % Total				
até 5 anos	5 - 15 anos	> 15 anos		
Sim	44	26,67	37,5	37,5
Não	56	73,33	62,5	62,5
Total	52,08	31,25	16,67	100

No cruzamento com o tempo do empreendimento, os empreendimentos até 5 anos foi o conjunto mais equilibrado, quase metade acredita que sim e pouco mais da metade acredita que não. É o conjunto que mais atribui os benefícios do título à maior parte da população. A insatisfação aumenta nos dois conjuntos mais velhos sendo o intermediário o mais crítico quanto ao benefício do título para a população. Os efeitos positivos do título, para os empreendedores do contexto turístico, não contemplam a maior parte da população. Todavia, vale frisar que para alguns empreendedores, a população não sabe usufruir dos benefícios proporcionados pelo título, o que apresenta grande evidência, tendo em vista que a população vilaboense não apresenta em seu cotidiano um vivência patrimonial (isso será melhor apresentado na análise do grupo 4).

Tabela 1.17- A importância do título de patrimônio

A importância do título de patrimônio	
freqüência Porcentagem - %	
Muito importante	26 54,16
Importante	20 41,67
Indiferente	0 0

Ruim 2 4,17
Total 48 100

Quando perguntados pela importância do título de patrimônio 96% do conjunto acredita ser muito importante e 4% vêem o título como algo ruim. Os empreendedores atribuem grande importância ao título, por outro lado, na pergunta anterior afirmaram que esse título não é benéfico à maior parte da população.

Assim, faz-se necessário a criação de estratégias para fazer com que a população sinta e viva esse título. Resultando em maneiras de fazer com que a maior parte da população se sinta beneficiada pelo título que eles têm.

Tabela 1.18- A importância do título de patrimônio por Tempo do empreendimento

A importância do título de patrimônio	Tempo do empreendimento - % total		
	até 5 anos	5 - 15 anos	> 15 anos
muito importante	56	60	37,5 54,17
Importante	44	40	37,5 41,67
Indiferente	0	0	0 0
Ruim	0	0	25 4,17
Total	52,08	31,25	16,67 100

No cruzamento com o tempo do empreendimento o intervalo entre 5-15 anos é o que posiciona maior importância ao título, depois o intervalo até cinco anos e posteriormente os com mais de 15 anos. A rejeição do título para essa categoria de moradores só foi encontrada entre aqueles com mais de 15 anos de estabelecimento, talvez possa ser apontado que, tais empreendedores ao verem a cidade aumentando vertiginosamente o seu receptivo turístico tiveram esses empreendedores que dividir sua demanda com uma nova concorrência, e essa tem absorvido grande parte do fluxo dos visitantes, que antes iam para os antigos estabelecimentos. Vale também notar a ausência da indiferença nesta questão, nenhum informante disse que o título é inócuo.

Tabela 1.19- Gestão municipal do turismo

Gestão municipal do turismo	frequência porcentagem - %	
Muito eficaz	0	0
Eficaz	7	14,58
Insuficiente	14	29,16
muito insuficiente	27	56,25
Total	48	100

Na pergunta sobre a gestão municipal do turismo, o grau de insatisfação foi muito elevado. Um total de 85,41% dos empreendedores estão insatisfeitos com a administração local. O índice de satisfação mediana é de 14,58% e o de satisfação plena é nulo. Esses dados são muito evidentes para revelar a pequenez das qualidades dos gestores municipais no que tange a administração do turismo.

Tabela 1.20- Gestão municipal do turismo por Tempo do empreendimento

Gestão municipal do turismo	Tempo do empreendimento -% total		
	até 5 anos	5 - 15 anos	> 15 anos
muito eficaz	0	0	0 0
Eficaz	16	6,67	25 14,58
Insuficiente	16	26,66	75 29,17
muito insuficiente	68	66,67	0 56,3
Total	52,08	31,25	16,67 100

No cruzamento, o grupo entre 5-15 anos novamente se posiciona como o mais crítico, seu grau de insatisfação foi de 93,33%, foi o índice mais alto de reprovação dos gestores municipais. O conjunto dos

empreendedores com até cinco anos foi o segundo maior na insatisfação do governo local, 84% dos informantes desse grupo crêem ser insuficientes ou muito insuficientes as formas de gestão local. E o grupo mais antigo apresenta resultados brandos, predominando uma rejeição de 75% e uma aceitação de 25% da gestão local.

A ausência de programas públicos voltados ao turismo impede um desenvolvimento socialmente sustentável para o contexto turístico. Tais programas, planos e metas são nesta análise vistos como impactos que podem causar efeitos posteriores. Entretanto, na ausência dessa estrutura organizacional, o enfoque de planejamento fica fragilizado, ou mesmo inexistente. A ausência ou extrema insipiência do enfoque de planejamento fica todo o contexto turístico ameaçado, tendo em vista que esse sub-contexto é o pilar central e que, de acordo com os impactos e efeitos desse enfoque, poder-se-ão sentir e saber como serão os impactos e efeitos nos outros sub-contextos.

Tabela 1.21- Possui outra atividade remunerada

Possui outra atividade remunerada	
Frequência porcentagem - %	
Sim	28 58,33
Não	20 41,67
Total	48 100

A maior parte dos empreendedores do contexto turístico em Goiás Velha possui outra atividade remunerada, o que quer dizer que não vivem exclusivamente da receita proveniente do empreendimento turístico.

Tabela 1.22- Possui outra atividade remunerada por Tempo do empreendimento

Possui outra atividade remunerada		
Tempo do empreendimento -% total		
Até 5 anos	5	15 anos > 15 anos
sim	60 66,67	37,5 58,33
não	40 33,33	62,5 41,67
total	52,08	31,25 16,67 100

O índice de empreendedores do contexto turístico em Goiás Velha que possui outra atividade remunerada é muito alto, principalmente entre os empreendimentos com até 15 anos, reduzindo drasticamente entre os empreendedores mais velhos.

Tabela 1.23- Papel e atuação do IPHAN na cidade

Papel e atuação do IPHAN na cidade	
frequência porcentagem - %	
Fundamental e atuam corretamente	30 62,5
Fundamental porém atuam inadequadamente	18 37,5
Desnecessária à conservação do Patrimônio	0 0
Um obstáculo ao desenvolvimento da cidade	0 0
Total	48 100

O papel do IPHAN é considerado fundamental por todos os empreendedores do contexto turístico de Goiás Velha. Entretanto, houve uma variação entre a atuação do órgão. 37,5% dos empreendedores acreditam que o IPHAN não trabalha adequadamente. Não foi objeto desta pesquisa aprofundar em um porquê das falhas do IPHAN, entretanto, os informantes apontavam para basicamente dois tipos de falhas: tratos na conservação do patrimônio arquitetônico e carência de participação do IPHAN no que tange ao patrimônio imaterial.

Tabela 1.24- Papel e atuação do IPHAN na cidade por Tempo do empreendimento

Papel e atuação do IPHAN na cidade		
Tempo do empreendimento -% Total		
até 5 anos	5	15 anos > 15 anos
Fundamental e atuam corretamente	52 73,33	75 62,5

Fundamental porém atuam inadequadamente 48 26,67 25 37,5
Desnecessária à conservação do Patrimônio 0 0 0 0
Um obstáculo ao desenvolvimento da cidade 0 0 0 0
Total 52,08 31,25 16,67 100

Nesta pergunta os empreendedores com até 5 anos foram os mais críticos com o órgão, o grau de satisfação com o IPHAN aumenta conforme aumenta o tempo do estabelecimento. A vinda do IPHAN para Goiás Velha pode ser vista como um impacto em uma condição inicial que não tinha estrutura de preservação do patrimônio. Entretanto, os efeitos causados não são apontados como positivos por todos os empreendedores, porém, a grande maioria dos empreendedores se sentem satisfeita com os efeitos causados pela atuação ou impacto do órgão.

Considerações Finais sobre o Grupo 1

A análise desse primeiro grupo aponta para uma boa satisfação dos empreendedores para com o turismo.

Entretanto, a satisfação varia conforme o tempo do empreendimento, os empreendedores mais novos estão conseguindo melhores resultados do que os mais velhos. Tal fato pode ser explicado por algumas variáveis, como o grau de instrução, que por serem os mais novos mais instruídos estão mais próximos a oferecer o que o “mercado” deseja.

A satisfação não é a mesma quando se remete aos órgãos gestores locais. O índice de reprovação é muito alto, o que indica a carência de novas estratégias para administrar o turismo.

Os empreendedores foram unânimes ao afirmarem que o título de patrimônio é importante ou muito importante, entretanto, os empreendedores se dividiram quando perguntados se o título beneficia a maior parte da população. Isso aponta para carências de se pensar em estratégias de envolver a população local para que ela se sinta envolvida pelo contexto patrimonial.

4.5.2 ANÁLISE SOBRE A PERCEPÇÃO DO GRUPO 2

O segundo grupo de pessoas apresentado por Jost Krippendorf (2000) é representado pelos funcionários dos estabelecimentos do contexto turístico. São as pessoas que mais trabalham diretamente com os turistas, sendo aquelas que mais apresentam contato com essa categoria de visitantes.

Tabela 2.1- Idade do entrevistado

Idade do entrevistado	Freqüência	Porcentagem - %
- 29 anos	44	50
30 39 anos	10	11,36
40 49 anos	30	34,09
50 59 anos	4	4,54
Total	88	100

Dos entrevistados dois conjuntos etários se destacaram, aqueles que têm até 29 anos, representando metade da amostra, podendo assim aferir que é um público jovem. E as pessoas entre 40 e 49 anos, conjunto que somou 34,09% da população.

Tabela 2.2- Grau de escolaridade

Grau de escolaridade	freqüência	porcentagem - %
até o primeiro grau	38	43,18
Segundo grau	42	47,72
Terceiro grau	8	9,09
Total	88	100

A escolaridade dos funcionários está representada por predominância daqueles que fazem ou terminaram o segundo grau, seguida daqueles que cursam ou terminaram o primeiro grau e em menor instância uma pequena parcela que cursa ou já cursou ensino superior. Apresentam assim, uma baixa ou média escolaridade.

Tabela 2.3- Tempo de trabalho na atividade atual

Tempo de trabalho na atividade atual	
freqüência porcentagem - %	
até 5 anos	62,70,45
de 5 até 15 anos	24,25
Mais de 15 anos	4,55

Total 88 100

A amostra correspondente aos funcionários com até 5 anos de trabalho representou 70,45% da amostra, sendo majoritária, o que quer dizer que os funcionários não apresentam muita experiência nesta profissão. Deve-se somar a isso o fato de que os próprios empreendimentos, mais de 50% deles, também são jovens, tendo até 5 anos de existência.

Tabela 2.4- Grau de escolaridade por Tempo de trabalho

Grau de escolaridade			
tempo de trabalho -% Total			
até 5 anos	5	15 anos	> 15 anos
até o primeiro grau	32,25	72,72	50,00
Segundo grau	58,06	18,18	50,00
Terceiro grau	9,67	9,09	0,00
Total	70,45	25,00	4,55

O cruzamento da escolaridade com o tempo de trabalho indica para algo que aparentemente é um contrasenso, os funcionários com menor tempo de trabalho são aqueles que apresentam maior grau de instrução. Pode-se imaginar que os funcionários mais antigos seriam os de níveis educacionais mais elevados, entretanto, são os mais jovens os mais instruídos formalmente. Isso se deve às tendências de educação formal que existem, quando as pessoas cada vez mais buscam se instruir visando melhores condições de ingresso no mercado de trabalho.

Tabela 2.5- Tipo de estabelecimento

Tipo de estabelecimento	
freqüência porcentagem - %	
Balneário	6,82
museu/ espaço cultural	8,909
artesanato/ souvenir	14,15,91
Restaurante	18,20,45
Hotel	42,47,73
Total	88 100

Os funcionários encontram-se principalmente nos hotéis. A rede de hospedagem é a atividade do contexto turístico que mais gera emprego em Goiás Velha, seguida dos restaurantes e dos estabelecimentos de vendas de artesanato e souvenirs, em terceiro lugar na geração de emprego estão os museus e espaços e fundações culturais e em quarto lugar os balneários. A pequena representatividade dos balneários indica a carência deste tipo de estabelecimento na cidade, faltam locais para atividades diurnas em ambiente aberto em Goiás Velha.

Tabela 2.6- Tipo de estabelecimento por Tempo de trabalho

Tipo de estabelecimento			
tempo de trabalho -% Total			
até 5 anos	5	15 anos	> 15 anos
Balneário	7,69	0,00	0,6,82
Museu/ espaço cultural	6,82	18,18	100,9,09
artesanato/ souvenir	22,58	0,00	0,15,91
Restaurante	18,95	27,27	0,20,45
Hotel	43,96	54,55	0,47,73
Total	70,45	25,00	4,55

No cruzamento do tipo de estabelecimento por tempo de trabalho, no grupo até cinco anos continua o predomínio da rede hoteleira, entretanto, a segunda amostra mais significativa são os funcionários das

lojas de artesanato e souvenir (22,58%), que neste primeiro conjunto ultrapassam a quantidade de funcionários dos restaurantes (18,95%). Outro fato que se destaca é que os funcionários com mais de 15 anos de trabalho só foram encontrados em espaços culturais ou museus, entretanto, representam uma pequena amostra (4, 55%).

Tabela 2.7- Satisfação com o trabalho atual

Satisfação com o trabalho atual	
Frequência porcentagem - %	
Muito satisfeito	36 40,91
Sim, satisfeito	52 59,09
Não	0 0,00
Total	88 100

Quanto à satisfação, o contentamento foi geral, ninguém afirmou estar insatisfeito com o trabalho e 40,91% da amostra afirmou estar muito satisfeito com o trabalho atual.

Tabela 2.8- Satisfação com o trabalho atual por tempo de trabalho

Satisfação com o trabalho atual			
tempo de trabalho -% Total			
até 5 anos	5 - 15 anos	> 15 anos	Total
Muito satisfeito	38,71	54,55	0 40,91
Sim, satisfeito	61,29	45,45	100 59,09
Não	0 0 0		
Total	70,45	25,00	4,55 100,00

O cruzamento aponta que o maior intervalo de satisfação é daqueles que trabalham entre 5 e 15 anos; vale destacar também que os funcionários com mais de 15 anos nenhum manifestou muita satisfação ou insatisfação para com seu trabalho. Esses dados revelam que há uma alta satisfação dos funcionários do contexto turístico em trabalhar na função atual.

Tabela 2.9- Pretende ter outro emprego no futuro

Pretende ter outro emprego no futuro	
Frequência porcentagem - %	
Sim	62 70,45
Não	26 29,55
Total	88 100

Se por um lado a satisfação com o emprego é alta, por outro a vontade de ter outro emprego também. 70,455 da amostra manifestou interesse em ter outro emprego no futuro.

Tabela 2.10- Pretende ter outro emprego no futuro por tempo de trabalho

Pretende ter outro emprego no futuro			
Tempo de trabalho -% Total			
Até 5 anos	5 - 15 anos	> 15 anos	Total
Sim	77,42	63,64	0 70,45
Não	22,58	36,36	100 29,55
Total	70,45	25,00	4,55 100,00

A vontade de ter outro emprego no futuro está inversamente relacionada ao tempo de trabalho. Quanto menor o tempo de trabalho maior a vontade de ter outro emprego. As pessoas gostam de trabalhar no contexto turístico, entretanto, não pretendem trabalhar nele durante, ou pelo menos na forma atual, o

resto da vida. Muitas vezes esse fato se deve à baixa remuneração proporcionada pelo contexto turístico, que é capaz de gerar muitos empregos sem no entanto, gerar altas remunerações. Sobre geração de emprego e remuneração vale citar o exemplo da Alemanha, país que tem a sua segunda maior receita proveniente do turismo (275 bilhões de marcos/ ano), ficando apenas atrás da indústria automobilística (337 bilhões de marcos/ ano). Entretanto, quando se analisa a quantidade de empregos gerados a proporção se inverte drasticamente, enquanto a indústria automobilística gera 727 mil empregos, o turismo gera 2 milhões e 800 mil empregos naquele país. Assim, o contexto turístico é um forte gerador de emprego, sem contudo apresentar altas remunerações. (Perfil da Alemanha, 2000).

Tabela 2.11- Influência do título de patrimônio no fluxo de visitantes

Influência do título de patrimônio no fluxo de visitantes	
	freqüência porcentagem - %
Aumentou muito	16 18,18
Aumentou pouco	42 47,73
Não houve diferença	14 15,91
Reduziu o movimento	16 18,18
Total	88 100

Quando foram perguntados sobre a influência do título de patrimônio no fluxo de visitantes 65,91% afirmaram perceber aumento dos visitantes, sendo que 47,73% afirmaram que tais mudanças foram leves. Deve ser destacado que para 15,91% da amostra não houve diferença e para 18,18% da amostra o fluxo reduziu depois do título de patrimônio da humanidade. Assim, os funcionários dos empreendimentos do contexto turístico se diluíram entre as opções, enquanto 65,91% acreditam que houve aumento, 34,09% acreditam que não houve diferença ou que reduziu o movimento.

Tabela 2.12- Influência do título de patrimônio no fluxo de visitantes por Tempo de trabalho

Influência do título de patrimônio no fluxo de visitantes		
Tempo de trabalho	Total	
	até 5 anos	> 15 anos
aumentou muito	25,81	0 18,18
aumentou pouco	54,84	27,27 50 47,73
não houve diferença	12,90	18,18 50 15,91
Reduziu o movimento	6,45	54,55 0 18,18
Total	70,45	25,00 4,55 100,00

Somente os mais novos funcionários acreditam que o impacto causado pela obtenção do título fez com que resultasse em efeitos de grande aumento do fluxo de visitantes, muitos deles começaram a trabalhar depois da outorga do título e não têm grandes referências anteriores.

O intervalo de mais expressão é aquele que representa um leve aumento, corresponde a 47,73% da amostra. Ou seja, para quase metade dos funcionários houve um leve aumento depois do título.

Outro intervalo que merece destaque é a posição dos funcionários que trabalham entre 5 e 15 anos, 54,55% dessa amostra acredita que reduziu o movimento depois da outorga do título. Assim, para esse conjunto os efeitos do título são sentidos como redução do movimento de visitantes. A percepção desses informantes se deve ao aumento da oferta do contexto turístico, o que fez com que os visitantes se dividissem entre os antigos e os novos estabelecimentos, o que pode ter causado uma impressão de redução de fluxo de visitantes. O que pode realmente ter acontecido dentro dos estabelecimentos, que tiveram seus demandantes divididos com novos ofertantes do contexto turístico.

Tabela 2.13- Opinião sobre o FICA

Opinião sobre o FICA	
	freqüência porcentagem - %
Excelente idéia, não apresenta lados negativos significantes	62 70,45
Boa idéia, mas apresenta lados negativos significantes	26 29,55
Prejudicial	0 0,00
Total	88 100

A aceitação do FICA foi total entre os funcionários dos empreendimentos, todos acham uma boa ou excelente idéia. Para 70,45% dos funcionários o Festival não apresenta lados negativos significantes, todavia, para 29,55% do universo o FICA causa efeitos negativos para a população e a cidade, citaram abertamente quais são os efeitos negativos do festival e as ocorrências mais freqüentes foram:

Críticas ao público do evento (13 ocorrências);

O problema mais apontado sobre o festival foi quanto ao público. São pessoas que não querem saber de cinema ou desenvolvimento de consciência ambiental, mas sim pessoas que só querem saber de diversões.

Benefício a um grupo limitado (12 ocorrências);

O segundo problema mais apontado foi a centralização dos benefícios do evento, para os informantes existem uma “panela” que absorve os efeitos positivos do festival.

Má organização ou falta de capacitação da população local (9 ocorrências);

Outro problema bastante apontado diz respeito à própria população local, que não sabe se preparar para receber um evento dessa natureza.

Falta divulgação na cidade e envolvimento da mesma na realização do evento (7 ocorrências);

O último problema de destaque diz respeito à participação da população no evento. A população sente que a cidade funciona apenas como um palco para o festival, sendo que toda a estrutura é organizada e vinda de fora, não havendo espaço para decisões locais.

Outros efeitos negativos também formam apontados, porém com recorrências menos frequentes como o aumento da violência, furtos e roubos, a poluição que deixam na cidade.

Tabela 2.14- Opinião sobre o FICA por Tempo de trabalho

Opinião sobre o FICA				
Tempo de trabalho -% Total				
até 5 anos	5 - 15 anos	> 15 anos		
Excelente idéia não apresenta lados negativos significantes	67,74	72,73	100	70,45
Boa idéia, mas apresenta lados negativos significantes	32,26	27,27	0	29,55
Prejudicial	0,00	0,00	0	0,00
Total	70,45	25,00	4,55	100,00

No cruzamento da opinião sobre o FICA com o tempo de trabalho, uma surpresa, o grau de satisfação com o evento aumenta conforme o tempo de trabalho. Eu imaginava que a satisfação dos mais novos tenderia a ser maior, entretanto, foram os mais velhos que apresentaram maior simpatia pelo evento.

Tabela 2.15- Benefício à maior parte da população vilaboense pelo título de patrimônio

Benefício à maior parte da população vilaboense pelo título de patrimônio	
Frequência porcentagem - %	
Sim	24 27,27
Não	64 72,73
Total	88 100

Uma parcela de 27,27% acredita que o título de patrimônio é benéfico à maior parte da população e uma de 72,73% acreditam que o título não trouxe benefícios à maior parte da população.

Tabela 2.16- Benefício à maior parte da população vilaboense pelo título de patrimônio por tempo de trabalho

Benefício à maior parte da população vilaboense pelo título de patrimônio				
Tempo de trabalho -% Total				
Até 5 anos	5 - 15 anos	> 15 anos		
Sim	29,03	18,18	50,00	27,27
Não	70,97	81,82	50,00	72,73
Total	70,45	25,00	4,55	100,00

Do cruzamento da pergunta sobre o benefício do título à maior parte da população com o tempo de trabalho, temos que 81,82% da amostra entre 5 e 15 anos acreditam que não. O índice de pessoas que atribuem valor alto ao benefício é bastante irrisório, com exceção daqueles que trabalham há mais de 15 anos, segmento que ficou dividido, entretanto, representa apenas 4,55% da amostra total.

Tabela 2.17- A importância do título de patrimônio

A importância do título de patrimônio

freqüência porcentagem - %
Muito importante 38 43,18
Importante 34 38,64
Indiferente 6 6,82
Ruim 10 11,36
Total 88 100,00

O título de patrimônio da humanidade é considerado importante ou muito importante para 81,82% do universo pesquisado, número bastante elevado, entretanto, é também bastante elevado o número daqueles que são indiferentes ao título ou que o vêem como negativo, o que soma quase 20%. Esse número é bastante elevado, tendo em vista que o título de patrimônio da humanidade é um forte apelo ao contexto turístico e uma amostra de 20% ser considerá-lo ruim ou indiferente é bastante alta.

Tabela 2.18- A importância do título de patrimônio por tempo de trabalho

A importância do título de patrimônio	tempo de trabalho -%	Total		
	até 5 anos	5 - 15 anos	> 15 anos	
muito importante	48,39	27,27	50,00	43,18
Importante	45,16	18,18	50,00	38,64
Indiferente	6,45	9,09	0,00	6,82
Ruim	0,00	45,45	0,00	11,36
Total	70,45	25,00	4,55	100,00

Do cruzamento do valor atribuído ao título por tempo de trabalho, destaca o intervalo de 5 até 15 anos de trabalho, que é composto por aquelas pessoas mais críticas em relação ao título, sendo 45,45% dos entrevistados acham que o título é ruim à cidade e 9,09% acreditam ser inócuo esse título. A rejeição do título por essa parcela das pessoas pode estar relacionada com a redução do movimento sentida nesses estabelecimentos intermediários com a explosão de novos estabelecimentos após a outorga do título, que fez com que esses estabelecimentos vissem sua demanda ser dividida. Ou tal rejeição pode se dar por perceberem que o título não têm trazido benefícios à maior parte da população, como foi por eles evidenciado na pergunta anterior.

Tabela 2.19- Gestão Municipal do turismo

Gestão Municipal do turismo
Freqüência porcentagem - %
muito eficaz 2 2,27
Eficaz 16 18,18
Insuficiente 46 52,27
muito insuficiente 24 27,27
Total 88 100,00

A gestão municipal do turismo, na ótica dos funcionários apresenta 20,45% de aprovação e 79,54% de rejeição. Tal dado indica uma alta insatisfação dos funcionários do contexto turístico com a administração

dos poderes locais para gerir o turismo.

Tabela 2.20- Gestão Municipal do turismo por tempo de trabalho

Gestão Municipal do turismo			
tempo de trabalho -% Total			
Até 5 anos	5 - 15 anos	> 15 anos	
muito eficaz	3,23	0,00	0,00 2,27
Eficaz	22,58	9,09	0,00 18,18
Insuficiente	45,16	63,64	100,00 52,27
muito insuficiente	29,03	27,27	0,00 27,27
Total	70,45	25,00	4,55 100,00

Os funcionários com até 5 anos de trabalho se mostraram os mais satisfeitos com a gestão municipal do turismo, somente este intervalo apresentou satisfação plena com a administração local e apresentaram 22,58% de satisfação mediana para com a gestão local. Talvez a satisfação desses novos funcionários se deva pela possibilidade de estar trabalhando, mais do que por motivos de conhecimento de gestão, assim, por terem obtido um emprego recente, crêem estar as políticas públicas do turismo bem geridas.

Todavia, a resposta mais encontrada foi a de gestão insuficiente, o que representa 52,27% de todo o universo pesquisado, seguido daqueles que consideram muito insuficiente 27,27%. Esses dados apontam para uma insatisfação dos funcionários para com os gestores públicos no que tange as atividades de turismo.

Tabela 2.21- Possui outra atividade remunerada

Possui outra atividade remunerada	
Frequência porcentagem - %	
Sim	8 9,09
Não	80 90,91
Total	88 100,00

A maior parte dos funcionários não possui outra atividade remunerada, diferentemente dos seus empregadores.

Tabela 2.22 - Possui outra atividade remunerada por tempo de trabalho

Possui outra atividade remunerada			
tempo de trabalho Total			
Até 5 anos	5 - 15 anos	> 15 anos	
Sim	6,45	18,18	0,00 9,09
Não	93,55	81,82	100,00 90,91
Total	70,45	25,00	4,55 100,00

O cruzamento indica que é mais fácil encontrar pessoas que possuem outra atividade remunerada entre aquelas que trabalham entre 5-15 anos no contexto turístico, seguido dos funcionários com até 5 anos e nenhuma ocorrência entre aqueles que trabalham há mais de 15 anos.

Tabela 2.23- Atuação do IPHAN na cidade

Atuação do IPHAN na cidade	
Frequência porcentagem - %	
Fundamental e atuam corretamente	36 40,91
Fundamental, porém atuam inadequadamente	42 47,73
Desnecessária à conservação do Patrimônio	0 0,00
Um obstáculo à cidade	10 11,36
Total	88 100,00

O IPHAN tem uma aceitação de 88,64% dentre os funcionários dos empreendimentos do contexto turístico, entretanto, para 47,73% desta amostra esse órgão não apresenta atuação adequada.

Tabela 2.24- Atuação do IPHAN na cidade por tempo de trabalho

Atuação do IPHAN na cidade			
tempo de trabalho -% Total			
	até 5 anos	5 - 15 anos	> 15 anos
Fundamental e atuam corretamente	38,71	36,36	100,00 40,91
Fundamental, porém atuam inadequadamente	51,61	45,45	0,00 47,73
Desnecessária à conservação do Patrimônio	0,00	0,00	0,00 0,00
Um obstáculo à cidade	9,68	18,18	0,00 11,36
Total	70,45	25,00	4,55 100,00

O IPHAN alcançou maior índice de satisfação entre os funcionários com mais de 15 anos, seguido pelos que trabalham há até 5 anos e depois daqueles entre 5 e 15 anos. Assim, o impacto causado da instalação de um escritório do IPHAN em Goiás Velha tem causado efeitos positivos para esse grupo pois é bem visto pelos mesmos.

4.5.3 ANÁLISE SOBRE A PERCEPÇÃO DO GRUPO 3

Para Jost Krippendorf (2000), um terceiro grupo que se encontra em uma cidade turística são aquelas pessoas que trabalham esporadicamente no contexto turístico. Para visualizar essas pessoas em Goiás Velha, analisei a percepção dos membros da associação dos barraqueiros, essa é uma entidade que monta suas barracas durante os principais eventos da cidade. E somando a eles, entrevistei pessoas que disponibilizam suas casas para serem alugadas, um fenômeno recente, porém crescente na cidade.

Tabela 3.1- Tipo de contato

Tipo de contato	Frequência	porcentagem - %
Aluguel de casa	5	33,33
Membro da associação dos barraqueiros	10	66,67
Total	15	100

Para analisar as pessoas que apresentam contatos esporádicos com turismo encontrei dois segmentos da população vilaboense que se enquadram satisfatoriamente nesta categoria, as pessoas que alugam suas casas nos picos da atividade turística e outro grupo de pessoas que se juntaram e fundaram a associação dos barraqueiros.

Tabela 3.2- Idade do entrevistado

Idade do entrevistado	frequência	Porcentagem - %
20 - 29 anos	1	6,67
30 - 39 anos	5	33,33
40 - 49 anos	7	46,67
50 - 59 anos	1	6,67
mais de 59 anos	1	6,67
Total	15	100

A idade desses empreendedores se concentrou entre 30 e 49 anos, o que representa um total de 80% da população.

Tabela 3.3- Grau de escolaridade

Grau de escolaridade	Frequência	porcentagem - %
Até o 1º grau	4	26,66
2º grau	9	60
3º grau	2	13,33
Total	15	100

A maior parte desses informantes concluiu ou cursa o segundo grau, o que representa 60% da amostra. Os que estudam ou estudaram até o primeiro ou o terceiro grau representam 40% do total.

Tabela 3.4- Tempo de trabalho

Tempo de trabalho -%	Frequência	porcentagem - %
Até 5 anos	11	73,33
5 - 15 anos	4	26,67
> 15 anos	0	0,00
Total	15	100

Os trabalhadores esporádicos encontrados não constituem um grupo que trabalha há muito tempo na atividade, 73,33% da amostra tem menos de cinco anos de atividade e 26,67% trabalham com a atividade entre 5 e 15 anos. Nenhum dos informantes trabalha no ramo há mais de 15 anos. Isso indica que o trabalho esporádico no contexto turístico de Goiás Velha é recente.

Tabela 3.5- Grau de escolaridade por tempo de trabalho

Grau de escolaridade	tempo de trabalho- %	Total
Até 5 anos	5	15
Até o 1º grau	36,36	0 26,67
2º grau	45,45	100 60
3º grau	18,18	0 13,33
Total	73,33	26,67 100

O cruzamento do grau de escolaridade por tempo de trabalho ratifica o predomínio daqueles que cursam ou cursaram o segundo grau, seguido daqueles que cursaram ou cursam o primeiro grau e em menor instância aqueles que cursam ou cursaram o terceiro grau.

Tabela 3.6- Influência do título de patrimônio no fluxo de visitantes

Influência do título de patrimônio no fluxo de visitantes	freqüência	porcentagem - %
Aumentou muito	3	20
Aumentou pouco	9	60
não houve diferença	0	0
Reduziu o movimento	3	20
Total	15	100

A influência do título de patrimônio no fluxo de visitantes foi marcada pelo aumento. 80% dos informantes acreditam que em decorrência do impacto do título houve um efeito de acréscimo no número de visitantes. Entretanto, 60% dessa amostra acredita que o aumento foi pequeno e 20% acreditam que o aumento foi grande. O mesmo número de pessoas as quais acreditam que aumentou muito o fluxo de visitantes (20%) é encontrado entre aqueles que crêem que como efeito ao título o movimento de visitantes reduziu (20%). Assim, a opinião variou, entretanto, o efeito predominante concentrou-se na afirmativa que aumentou pouco o fluxo de visitantes (60%).

Tabela 3.7- Influência do título de patrimônio no fluxo de visitantes por tempo de trabalho

Influência do título de patrimônio no fluxo de visitantes	tempo de trabalho -%	Total
até 5 anos	5	15
Aumentou muito	27,27	0 20
Aumentou pouco	63,64	50 60
Não houve diferença	0	0 0
Reduziu o movimento	9,09	50 20
Total	73,33	26,67 100

Quando cruzada a opinião dos informantes sobre a influência do título no fluxo de visitantes com o tempo de trabalho é possível notar que somente os informantes mais recentes acreditam que houve um grande aumento, os informantes que trabalham há mais tempo ficaram divididos entre um leve aumento e a redução do fluxo. Conforme nos grupos 1 e 2, são as pessoas em contato há mais tempo com o contexto turístico aqueles que mais sentem a chegada de novos empreendimentos, pois lhes reduz a demanda.

Tabela 3.8- Opinião sobre o FICA

Opinião sobre o FICA	freqüência	porcentagem - %
Excelente idéia, não apresenta lados negativos significantes	11	73,33
Boa idéia, mas apresenta lados negativos significantes	4	26,67
Prejudicial	0	0
Total	15	100

Para este conjunto o FICA também apresenta uma aceitação generalizada, nenhum dos informantes acredita que o Festival é prejudicial à cidade.

Tabela 3.9- Opinião sobre o FICA por tempo de trabalho

Opinião sobre o FICA	
tempo de trabalho - % Total	
até 5 anos	5 - 15 anos
excelente idéia 72,73	75 73,33
boa idéia 27,27	25 26,67
Prejudicial 0	0 0
Total 73,33	26,67 100,00

A opinião sobre o FICA de acordo com o tempo de trabalho foi bastante homogênea entre os dois universos encontrados. Mais de 70% dos dois grupos acreditam ser uma excelente idéia e mais de 20% dos dois grupos pensam ser uma boa idéia, porém com lados negativos significantes.

Os efeitos negativos provenientes do festival apontados por esse grupo foram:

Falta de participação da população local (14 ocorrências)

A questão da participação local foi evidenciada por como ponto chave em todos os grupos até agora, a população não se sente satisfeita com sua condição de espectadora no evento.

Outros problemas apontados pelo grupo formam: falta de infraestrutura adequada, uso abusivo de drogas, despreparo dos atendentes locais e aumento dos índices de criminalidade durante o evento.

Todavia, esse grupo também percebe que os efeitos positivos do festival superam os negativos e nenhum informante afirmou ser o evento primordialmente prejudicial à cidade. O que novamente ratifica a validade do evento, devendo, contudo se pensar em como organizá-lo melhor, sanando os problemas apontados.

Tabela 3.10- Benefício à maior parte da população vilaboense pelo título de patrimônio

Benefício à maior parte da população vilaboense pelo título de patrimônio	
freqüência	porcentagem - %
Sim 4	26,67
Não 11	73,33
Total 15	100

Quando perguntados se acreditam o que o título de patrimônio da humanidade trás benefícios à maior parte da população, 73,33% da amostra acredita que não e 26,67% acredita que sim.

Tabela 3.11- Benefício à maior parte da população vilaboense pelo título de patrimônio por Tempo de trabalho

Benefício à maior parte da população vilaboense pelo título de patrimônio	
tempo de trabalho	Total
Até 5 anos	5 - 15 anos
Sim 36,36	0 26,67
Não 63,64	100 73,33
Total 73,33	26,67 100,00

Dentre os informantes que trabalham até cinco anos houve uma divisão, enquanto 36,36% acreditam que o título é benéfico para a maior parte da população 63,64% acreditam que não. Já entre os informantes com mais de 5 anos, todos acreditam que o título não é benéfico para a maior parte da população. Assim, para a maioria esse grupo, os efeitos positivos proporcionados pelo título não alcançam a maior parte da população. Havendo assim, uma lacuna para se buscar algum impacto que tenha como efeito o envolvimento da população nos benefícios do título de patrimônio.

Tabela 3.12- A importância do título de patrimônio

A importância do título de patrimônio	
Freqüência	porcentagem - %
Muito importante 4	26,67

Importante 8 53,33
 Indiferente 1 6,67
 Ruim 2 13,33
 Total 15 100

O título de patrimônio da humanidade é considerado importante ou muito importante para 80% da amostra, sem dúvida um alto valor, entretanto, 13,33% da amostra acredita ser ruim o título de patrimônio da humanidade também é um número alto.

Tabela 3.13- A importância do título de patrimônio por tempo de trabalho

A importância do título de patrimônio
 tempo de trabalho - % Total
 até 5 anos 5 - 15 anos
 Muito importante 27,27 25,00 26,67
 Importante 54,55 50,00 53,33
 Indiferente 9,09 0,00 6,67
 Ruim 9,09 25,00 13,33
 Total 73,33 26,67 100,00

São os informantes com até 5 anos trabalhando aqueles que mais atribuem importância ao título de patrimônio, 81,82% dessa categoria diz ser o título importante ou muito importante. Enquanto a mesma resposta foi alcançada por 75% dos entrevistados com mais de 5 anos de experiência. Uma parcela de 9,09% dos empreendedores com até 5 anos dizem ser o título inócua à cidade e a mesma parcela acredita se o título ruim para a cidade. Vale o destacar que 25% da amostra entre 5-15 anos acha que o título de patrimônio é ruim, um índice bastante elevado, para uma categoria que tem contato direto com o contexto turístico.

Tabela 3.14- Gestão Municipal do Turismo

Gestão Municipal do Turismo
 frequência porcentagem - %
 muito eficaz 0 0
 Eficaz 1 6,67
 Insuficiente 8 53,33
 muito insuficiente 6 40
 Total 15 100

A gestão municipal do turismo foi considerada satisfatória para 6,67% da amostra, nenhum informante considerou muito boa a gestão local do turismo. A administração foi considerada insatisfatória para 93,33% da amostra, predominando aqueles que acreditam ser insuficiente a gestão do turismo, seguido de 40% que consideram muito insuficiente a gestão local.

Tabela 3.15- Gestão Municipal do Turismo por tempo de trabalho

Gestão Municipal do Turismo
 tempo de trabalho - % Total
 até 5 anos 5 - 15 anos
 muito eficaz 0 0 0
 Eficaz 0 25 6,67
 Insuficiente 72,73 0 53,33
 muito insuficiente 27,27 75 40
 Total 73,33 26,67 100,00

O cruzamento da gestão municipal com o tempo de trabalho mostra que aqueles que estão na atividade até cinco anos são os mais insatisfeitos, apresentam 100% de insatisfação, enquanto os que trabalham a mais de cinco anos chegam a apresentar 25% de satisfação e 75% de insatisfação. Esse alto índice de insatisfação das pessoas com envolvimento esporádico com o turismo aponta para a necessidade de revisão das estruturas governamentais locais, as quais, não têm conseguido impor impactos com vias a resultar em efeitos positivos para a população sobre o contexto turístico.

Tabela 3.16- Possui outra atividade remunerada

Possui outra atividade remunerada	
Freqüência porcentagem - %	
Sim	13 86,67
Não	2 13,33
Total	15 100

Por serem trabalhadores esporádicos a presença de outra fonte de renda na vida dessas pessoas é bastante alta, 86,67% da amostra apresenta outra atividade remunerada.

Tabela 3.17- Atuação do IPHAN na cidade

Atuação do IPHAN na cidade	
Freqüência porcentagem - %	
Fundamental e atuam corretamente	7 46,67
Fundamental porém atuam inadequadamente	5 33,33
Desnecessária à conservação do patrimônio	0 0
Um obstáculo à cidade	3 20
Total	15 100

A atuação do IPHAN é considerada fundamental por 80% da amostra, e 46,67% consideram a atuação do IPHAN adequada na cidade, 33,33% consideram a atuação inadequada, nenhum informante considerou a atuação do IPHAN desnecessária para a conservação do patrimônio e 20% da amostra considerou o IPHAN como um obstáculo ao desenvolvimento da cidade. Dos três grupos até agora analisados, somente uma parcela das pessoas que trabalham esporadicamente com o turismo vêem o IPHAN como um obstáculo à cidade.

Tabela 3.18- Atuação do IPHAN na cidade por tempo de trabalho

Atuação do IPHAN na cidade		
tempo de trabalho -% Total		
até 5 anos	5 - 15 anos	
Fundamental e atuam corretamente	45,45 50	46,67
Fundamental porém atuam inadequadamente	45,45 0	33,33
Desnecessária à conservação do patrimônio	0 0 0	
Um obstáculo a cidade	9,09 50	20
Total	73,33 26,67	100,00

No cruzamento sobre a percepção da atuação do IPHAN com o tempo de trabalho o grupo até cinco anos apresentou uma aceitação do trabalho do órgão de 90,90%, enquanto o grupo com mais de 5 anos se dividiu entre aqueles que consideram fundamental e atuam corretamente e aqueles que consideram o órgão um obstáculo ao desenvolvimento da cidade.

Assim, aqui há uma pequena divisão entre aqueles os quais consideram que o impacto da vinda do órgão para a cidade tem resultado em efeitos positivos e aqueles que acreditam ser a existência do órgão um entrave. Contudo, as proporções são díspares, sendo o conjunto que vê como positivos os efeitos do órgão bastante superiores ao conjunto que vê como negativos os efeitos.

Tabela 3.19- Satisfação com a produção do estabelecimento

Satisfação com a produção do estabelecimento
 Freqüência porcentagem - %
 Sim 11 73,33
 sim, mas está aquém do potencial 4 26,67
 Não 0 0,00
 Total 15 100

O índice de satisfação com a produção do estabelecimento foi bastante elevado, 73,33% dos informantes se consideram bastante satisfeitos com o trabalho esporádico.

Tabela 3.20- Satisfação com a produção do estabelecimento por tempo de trabalho

Satisfação com a produção do estabelecimento
 tempo de trabalho Total
 até 5 anos 5 - 15 anos
 Sim 72,73 75 73,33
 sim, mas está aquém do potencial 27,27 25 26,67
 Não 0 0 0
 Total 73,33 26,67 100,00

O cruzamento da satisfação com a produção do estabelecimento com o tempo de trabalho apresenta homogeneidade entre as amostras, não há uma variação considerável da satisfação devido ao tempo do empreendimento. Para este grupo é possível encontrar um alto grau de satisfação tendo em vista que trabalham esporadicamente e têm no contexto turístico apenas um complemento para suas rendas, assim é mais fácil encontrar um contentamento, tendo em vista ser a receita apenas uma receita extra.

4.5.4 ANÁLISE SOBRE A PERCEPÇÃO DO GRUPO 4

Um quarto grupo apresentado por Jost Krippendorf diz respeito à maior parte da população de uma localidade envolvida pelo contexto turístico, são as pessoas que não apresentam contatos econômicos diretos com a atividade. São as pessoas que vivem mas não trabalham no contexto turístico.

Tabela 4.1- Intervalo de Idade e quantidade de habitantes

Intervalo de idade Quantidade de Habitantes
 0-4 anos 2281
 5 9 2388
 10- 19 anos 5587
 20 29 anos 4639
 30 39 anos 4361
 40 49 anos 3149
 50 59 anos 2171
 60 ou mais 2544

As análises foram feitas conforme a idade dos entrevistados, e foi aplicado um filtro de entrevistas relacionado com o tempo de domicílio na cidade; apenas moradores com mais de cinco anos de residência em Goiás Velha responderam ao questionário. Outro filtro aplicado foi em relação à idade, para a redução do universo questionado, apenas as pessoas com mais de 19 anos foram avaliadas.

Tabela 4.2- Idade do entrevistado

Idade do entrevistado	Freqüência	Porcentagem - %
20 29 anos	40	25,32
30 39 anos	39	24,68
40 49 anos	32	20,25
50 59 anos	23	14,56
mais de 59 anos	24	15,19
Total	158	100

As idades foram analisadas conforme o percentual da população encontrada na cidade, tendo como referência a tabela 4.1.

Tabela 4.3- Grau de Escolaridade

Grau de escolaridade	freqüência	porcentagem - %
até 1º grau	87	55,06
2º grau	48	30,38
3º grau	23	14,56
Total	158	100

O grau de escolaridade formal não foi utilizado como filtro, entretanto, foi objeto de pesquisa. O conjunto de maior significância é aquele das pessoas que estudaram até o primeiro grau, o que demonstra uma baixa quantidade de instrução formal da população vilaboense.

Tabela 4.4- Região da cidade

Região da cidade	freqüência	Porcentagem - %
Núcleo patrimonial	54	34,18
Entorno nuclear	53	33,54
Periferia distante	51	32,28
Total	158	100

Para o estudo da percepção deste maior segmento da população, fiz uma divisão entre três regiões da cidade, foram três áreas por mim notadas em Goiás Velha. A primeira, o centro chamado de núcleo patrimonial, uma segunda o entorno nuclear e uma terceira, a periferia distante.

Existe uma configuração atípica em Goiás Velha, no que tange ao seu crescimento geográfico. A cidade, desde os tempos de arraial, não apresentou expansão alguma para o sentido noroeste e seu crescimento maior foi no sentido sudeste. Devido a essa expansão assimétrica é possível se encontrar uma região do núcleo patrimonial no extremo da cidade, sendo, no entanto, centro.

Assim percebi que uma divisão geográfica da cidade deveria levar em conta tal idiossincrasia da cidade. Portanto, há um núcleo, uma região que o envolve e uma terceira, a periferia, entretanto, como o próprio centro se encontra na região periférica, adjectivei a terceira área de periferia distante, pois as três áreas da cidade são regiões que chegam ao extremo da área urbana.

Tabela 4.5- Grau de escolaridade por Região da cidade

Grau de escolaridade			
Região da cidade - % Total			
Núcleo patrimonial	entorno	nuclear	periferia distante
até o 1º grau	20,37	67,92	78,43 55,06
2º grau	46,30	26,42	17,65 30,38
3º grau	33,33	5,66	3,92 14,56
Total	34,18	33,54	32,28 100,00

O cruzamento do grau de escolaridade com a região da cidade apresentou dados lógicos, que a população do centro apresenta maior grau de instrução que daquelas mais afastados do centro. Todavia, a discrepância é muito alta quando se analisa o grau de instrução pela região. Somente 20% da população do centro cursou apenas o primeiro grau, índice que aumenta para 67% e 78% nas outras regiões. Já aqueles que cursam ou cursaram o ensino superior, o centro apresenta uma amostra de 33% com população com nível superior, enquanto o entorno nuclear e a periferia distante apresentam 5,6% e 3,9% respectivamente.

Tabela 4.6- Influência do título de patrimônio no fluxo de visitantes

Influência do título de patrimônio no fluxo de visitantes	
frequência porcentagem - %	
Aumentou muito	42 26,58
Aumentou pouco	49 31,01
Não houve diferença	50 31,65
Reduziu o movimento	17 10,76
Total	158 100

Quando as pessoas foram perguntadas sobre a sua percepção da influência do título de patrimônio da humanidade no fluxo de visitantes, a amostra se dividiu entre as quatro possibilidades. Enquanto 57,59% da população pesquisada acredita que houve um aumento do fluxo de visitantes, 42,41% acreditam que não houve diferença ou que reduziu o movimento de visitação na cidade.

Tabela 4.7- Sabe o que é o FICA?

Sabe o que é o FICA?	
frequência porcentagem - %	
Sabe	96 60,76
ouviu falar	37 23,42
não sabe	25 15,82
Total	158 100

Essa pergunta foi feita para vislumbrar o conhecimento da população sobre o evento que acontece na cidade desde 1999. Uma parcela de 60% diz saber o que é o evento, um segundo extrato aponta para 23% da população que já ouviu falar mas não sabe o que é. Foi muito corriqueiro a resposta de correlação entre FICA e um carnaval fora de época, quando se tem palco e shows. E uma parcela de 15,82% da amostra disse não saber ou nunca ter ouvido falar do Festival. O que demonstra uma parcela elevada de pessoas que não conhecem o evento mais oneroso da cidade.

Tabela 4.8- Sabe o que é o FICA? Por Região da cidade

Sabe o que é o FICA?			
Região da cidade Total			
Núcleo patrimonial	entorno	nuclear	periferia distante
Sabe	72,22	60,38	49,02 60,76
ouviu falar	16,67	28,30	25,49 23,42
não sabe	11,11	11,32	25,49 15,82
Total	34,18	33,54	32,28 100,00

O conhecimento sobre o festival está diretamente relacionado com a proximidade do centro, assim, quanto mais próximo ao núcleo patrimonial mais informações têm as pessoas sobre o evento. Isso indica tanto o conhecimento quanto a participação durante o festival.

Tabela 4.9- Participação no FICA

Participação no FICA	
freqüência porcentagem	
Sim Filme, oficina/palestra	12 7,86
shows/apresentações	61 28,47
Não	85 63,67
Total	158 100,00

A participação no festival de cinema chega a 36,33% da população vilaboense. Entretanto, quanto ao tipo de participação ela se reduz a somente 7,86% que assistiu algum filme ou participou de algum evento durante os festivais já realizados.

Tabela 4.10- Participação no FICA por região da cidade

Participação no FICA		
Região da cidade Total		
Núcleo patrimonial	entorno patrimonial	periferia distante
Sim filme/palestra/oficina	11,7 8,33	3,56 7,86
shows / apresentações	35,36 27,7	22,35 28,47
Nunca participou	52,94 63,97	74,09 63,67
Total	34,18 33,54	32,28 100

No cruzamento da participação com a região da cidade, se destaca a participação do núcleo patrimonial no festival. O núcleo obteve maior participação nas duas formas de participação. Com o afastar do núcleo patrimonial reduz a participação das pessoas no festival, chegando a ser de apenas 3,56% em eventos de filmes, palestras ou oficinas na população da periferia distante, sendo essa parte da cidade a que apresenta maior afastamento com o festival, sendo 74,09% da população nunca ter participado de nenhum evento durante os festivais já realizados.

A participação da população é algo que deve ser melindrosamente analisado. Tendo em vista que o FICA é um evento que atrai muitos visitantes, se a população vilaboense ocupar em números mais representativos os locais de apresentação de filmes, não haverá espaço suficiente para os visitantes, então como buscar participação e ao mesmo tempo haver espaço para os visitantes? Uma possibilidade é a realização de um Pré-FICA, evento que consta na análise de planejamento (*notattus et meditatus*).

Tabela 4.11- Opinião sobre o FICA

Opinião sobre o FICA	
freqüência porcentagem - %	
excelente idéia	71 44,94
boa idéia	23 14,56
Prejudicial	11 6,96
sem opinião	53 33,54
Total	158 100

O FICA apresenta uma excelente aceitação entre 44,94% do universo pesquisado, em contrapartida é visto como negativo por 6,96% da amostra. Os principais problemas apontados por essas pessoas dizem respeito primeiramente ao aumento de violência, seguido da superlotação da cidade, em terceiro o uso de drogas e em quarto o descaso dos turistas para com a população local.

Vale destacar também o alto número de pessoas que não quiseram se manifestar sobre o festival.

Tabela 4.12- Opinião sobre o FICA por região da cidade

Opinião sobre o FICA		
Região da cidade Total		
Núcleo patrimonial	entorno patrimonial	periferia distante
excelente idéia	38,89 58,49	37,25 44,94
boa idéia	33,33 3,77	5,88 14,56

Prejudicial	5,56	3,77	11,76	6,96
sem opinião	22,22	33,96	45,10	33,54
Total	34,18	33,54	32,28	100,00

O FICA encontrou maior aceitação entre as pessoas do entorno patrimonial, provavelmente são aquelas que conseguem se beneficiar do evento, como o centro, sem contudo ter os problemas que o centro enfrenta quando acontece o evento.

Vale notar que a maior parcela que não gosta do evento não se encontra no centro, mas sim na periferia distante, mesmo não tendo muito contato com o evento, 11% dessas pessoas acreditam que o festival é prejudicial, para esse segmento os problemas de violência e drogas são os maiores entraves proporcionados pelo evento.

Tabela 4.13- Benefício à maior parte da população vilaboense pelo título de patrimônio

Benefício à maior parte da população vilaboense pelo título de patrimônio	
Frequência porcentagem - %	
Sim	49 31,01
Não	109 68,99
Total	158 100

Uma parcela de 31,01% da população acredita que o título de patrimônio é benéfico à maior parte da população, entretanto, 68,99% não acreditam que esse título seja benéfico à maior parte da população. O que mostra que esse grupo também não acredita que os efeitos positivos do título alcançam a maior parte da população.

Tabela 4.14- Benefício à maior parte da população vilaboense pelo título de patrimônio por Região da cidade

Benefício à maior parte da população vilaboense pelo título de patrimônio			
Região da cidade Total			
Núcleo patrimonial	entorno patrimonial	periferia distante	Total
sim	22,22	39,62	31,37 31,01
não	77,78	60,38	68,63 68,99
Total	34,18	33,54	32,28 100,00

Aqui é interessante notar que o núcleo patrimonial, exatamente aquele que mais recebe as benesses do título é o mais cético sobre ser o título benéfico à toda a cidade. Essa parcela de moradores tem claro que o título não beneficia a todos. O entorno patrimonial é a parcela que mais acredita ser o título benéfico à maior parte da população e a periferia distante se posiciona como intermediária.

Tabela 4.15- A importância do título de patrimônio

A importância do título de patrimônio	
Frequência porcentagem - %	
muito importante	44 27,85
Importante	25 15,82
Indiferente	49 31,01
Ruim	40 25,32
Total	158 100

A população que constitui a amostra, aqui se dividiu, enquanto 43,67% acham que o título é muito importante e trouxe benefícios à população ou que é importante mas não trouxe benefícios à população, uma amostra de 56,33% da população acredita ser o título inócua ou ruim.

Tabela 4.16- A importância do título de patrimônio por Região da cidade

A importância do título de patrimônio			
Região da cidade Total			
Núcleo patrimonial	entorno patrimonial	periferia distante	Total

muito importante	31,48	30,19	21,57	27,85
Importante	22,22	15,09	9,80	15,82
Indiferente	18,52	33,96	41,18	31,01
Ruim	27,78	20,75	27,45	25,32
Total	34,18	33,54	32,28	100,00

No cruzamento da relevância do título com a região da cidade, o núcleo patrimonial é a camada que mais atribui valor ao título, seguido do entorno e em terceiro lugar a periferia distante. A proporção se inverte quando se analisa aqueles que julgam o título ser algo insignificativo, a proporção cresce à medida que sai do centro para a periferia. E sobre aqueles informantes que acham o título ruim, um total de 25,32% da amostra, se encontram equilibrados entre as três regiões da cidade. Essas pessoas acreditam ser o título ruim principalmente por uma inflação causada na cidade depois do título de patrimônio da humanidade. O título se transformou no principal argumento para a explicação sobre o aumento do custo de vida em Goiás Velha.

Tabela 4.17- Papel do turismo na cidade

Papel do turismo na cidade	
freqüência	Porcentagem - %
muito importante	94 59,49
Importante	35 22,15
pouco altera	20 12,66
Prejudicial	9 5,70
Total	158 100

Fiz uma pergunta sobre o papel do turismo na cidade, a atividade turística apresenta uma aceitação de 81,64% da amostra, que consideram o turismo como importante ou muito importante. Isso indica que a população encontra-se aberta a desenvolver o contexto turístico naquela cidade. Existe também uma parcela de 12,66% da população que considera o contexto turístico causador de poucos impactos e efeitos, se posicionando neutra em relação ao turismo. E uma parcela de 5,7% que considera o turismo como prejudicial, sendo seus efeitos negativos superiores aos positivos. Essa é a única parcela da população que se posicionou contra o contexto turístico em Goiás Velha.

Tabela 4.18- Papel do turismo na cidade por Região da cidade

Papel do turismo na cidade			
		Região da cidade	
		Total	
Núcleo patrimonial		entorno patrimonial	periferia distante
muito importante	59,26	71,70	47,06 59,49
Importante	27,78	16,98	21,57 22,15
pouco altera	9,26	9,43	19,61 12,66
Prejudicial	3,70	1,89	11,76 5,70
Total	34,18	33,54	32,28 100,00

O entorno patrimonial foi a região da cidade que mais apresenta simpatia para com o turismo 71,7% dessa população acredita ser o turismo muito importante. O turismo é visto como uma atividade que pouco altera a vida das pessoas principalmente na periferia distante, onde 19,61% dessa população acreditam que o turismo não traz grandes mudanças, esta é exatamente a parcela da população que tem menos contato com o turismo, por isso é o segmento que mais afirma ser o contexto turístico causador de poucos impactos e efeitos.

Vale notar também que é entre a periferia distante que se encontra o maior número de pessoas que são contrárias ao turismo. Nesse segmento é onde se encontram as pessoas que apresentam receios para com

o turismo, temem a vinda de visitantes e de todos os problemas que eles podem trazer consigo.

Tabela 4.19- Papel e Atuação do IPHAN na cidade

Papel e Atuação do IPHAN na cidade	
freqüência porcentagem - %	
fundamental e atuam corretamente	44 27,85
fundamental porém atuam incorretamente	27 17,09
Desnecessária à conservação do patrimônio	0 0,00
um obstáculo à cidade	14 8,86
não sabe/ não respondeu	73 46,20
Total	158 100

Dentre a população em geral, que não apresenta contado econômico direto com o contexto turístico, o IPHAN apresentou uma aceitação de 44,49% e uma rejeição de 8,86%. Entretanto, a maior parte da população preferiu não opinar sobre o órgão; 46,2% da população não têm opinião formada sobre o IPHAN.

Tabela 4.20- Papel e Atuação do IPHAN na cidade por Região da cidade

Atuação do IPHAN na cidade				
Região da cidade Total				
Núcleo patrimonial	entorno patrimonial	periferia distante		
Fundamental e atuam corretamente	37,04	28,30	17,65	27,85
Fundamental, porém atuam de forma inadequada	38,89	7,55	3,92	17,09
um obstáculo a cidade	11,11	5,66	9,80	8,86
não sabe/ não respondeu	12,96	58,49	68,63	46,20
Total	34,18	33,54	32,28	100,00

O IPHAN apresenta grande aceitação entre o núcleo patrimonial, e essa aceitação reduz com o distanciar do centro. Entretanto, a parcela da população que não quis responder a essa pergunta é muito significativa, chegando a 68,63% da população da periferia distante.

Dessa pergunta é possível perceber que existe uma distância entre o IPHAN e a população, uma boa parcela da mesma sabe da importância e atuação do órgão, entretanto, uma parcela muito maior não sabe como se posicionar sobre o IPHAN. Muitas pessoas nunca haviam ouvido falar sobre o órgão e eu explicava sinteticamente o que é o IPHAN. Outra coisa notável foi a quantidade de pessoas que ainda dizem SPHAN, sendo esta uma referência ao antigo órgão que antecedeu o IPHAN.

Considerações Finais sobre o Grupo 4

Na análise do quarto grupo destacam-se algumas variáveis. Primeiramente a baixa quantidade de ensino formal na população, a qual apresenta mais de 55% com estudo até o primeiro grau. Também se destaca a baixa participação da população durante o FICA, principal evento do turismo em Goiás Velha, e maior investimento do governo estadual em eventos na cidade. A busca por uma maior participação da população é fundamental para uma melhor harmonia da população, que, se participa em coletivo de eventos pode desenvolver ainda mais seus laços comunitários.

Merece destaque também a aceitação do turismo na população. A atividade turística tem aceitação de 80% da população e rejeição de 5%, o que mostra estar a população disposta a se abrir para a atividade turística.

Outro tópico de destaque são os 25% da população que acham ruim o título de patrimônio da humanidade, trata-se de uma amostra muito alta, tendo em vista que tal título, pode ser uma estratégia de captação de recursos para a cidade, entretanto, a população não sabe disso, por exemplo o turismo tem uma aceitação de 80%, e o título de Patrimônio da Humanidade é uma forte alavanca para o turismo da cidade, assim, há um contra-senso em ser a favor do turismo e contra o patrimônio.

Foram feitas entrevistas gravadas com o prefeito, o secretário de turismo, um líder religioso, que também é presidente de associação de artesãos, dois representantes de instituições não governamentais da cidade e um representante do IPHAN, totalizando seis entrevistas.

A análise foi feita pela ordem das perguntas e em conjunto. Primeiro apresento a questão 01, seguidas das respostas que tiveram destaque, depois a questão 02 com as respostas e assim sucessivamente. Nas análises, trechos das respostas gravadas foram selecionadas, pois, várias vezes as respostas se tangenciavam, assim, fiz um recorte das respostas, destacando o conteúdo mais relevante das mesmas, independente de quem foi o informante. E o número de respostas na análise não se manteve fixo; ora todas as respostas mereciam destaque, ora duas ou três representavam bem o pensamento dos informantes. Trata-se assim de uma tipologia, e não de uma amostra quantitativa. A extensão desta subseção se justifica pela importância especialmente estratégica dessas posturas aos efeitos de um planejamento turístico para Goiás Velha.

Análise da Atuação dos Políticos e Formadores de Opinião

1) O que representa o título de Patrimônio Cultural da Humanidade para a Goiás Velha?

Informante I

É o reconhecimento de todo o trabalho, não do prefeito, mas de toda a população pela conservação e boa dedicação ao patrimônio arquitetônico que nós temos. Nós tivemos com o ministro do turismo e ele disse que a cidade histórica mais bem conservada que ele visitou foi a cidade de Goiás. Ele só notou, que acha que deve ser reparado, é que existem algumas casas antigas, mas sem uma pintura recente. Então ele acha que a prefeitura tinha que conseguir uma maneira de fornecer e pintar essas casas, além de antigas, melhor conservadas, mas bonitas.

Informante II

Para nós foi uma deferência muito grande, e o reconhecimento do trabalho que a gente vem desenvolvendo na parte de preservação, na parte de movimentação da parte cultural.

Informante III

O título de PCH para a Cidade de Goiás é um título honorífico que representa a importância, a história o reconhecimento de uma cidade de quase trezentos anos, que foi construída por mãos de tantos anônimos, de tantas autoridades para que nós conseguíssemos hoje 2003, nos orgulhar com o título de Patrimônio.

Informante IV

Esse título é o reconhecimento pela preservação de um núcleo histórico, que possui uma arquitetura vernacular; que é uma arquitetura marcante, da época, que foi o grande motivo da conquista deste título. O título é muito importante para Goiás, como é muito importante para qualquer cidade que almeja essa conquista. A lista da UNESCO é restrita, e as pessoas que preservaram esse patrimônio são vitoriosas de terem conseguido isso.

Informante V

Representa muita coisa, antes de tudo representa o reconhecimento de uma cultura local, que não é baseada somente nos monumentos, mas esses são sinais desta cultura que foi preservada pela mudança da capital em tempo e permanecer as construções primitivas e representa, de uma certa forma, o despertar da consciência da população por pensar em suas própria cultura, seus valores por isso eu não me julgo como formador de opinião, mas o contrário, como um provocador de reflexão sobre a cultura, num espírito crítico para valorizar a cultura especialmente a imaterial que é mais deixada de lado. Além de mostrar através do artesanato que nossa cultura não é de 270 anos como dizem, mas pelo menos 11 mil anos, mostrando a influencia indígena em nossa cultura e também preocupado com a influencia negra em nosso povo que tomem consciência que participem os negros com seus valores porque também são raízes culturais de nosso povo.

Informante VI

Existem vários aspectos a serem considerados, com relação à concessão e obtenção e confirmação desse título. Eu entendo que foi muito importante, no sentido em que a auto-estima do vilaboense por ocasião do recebimento desse título foi bastante beneficiada.

Eu entendo que a questão da auto-estima mudou muito e uma questão de uma consciência maior na questão de uma preservação no sentido de uma expectativa melhor de vida, de crescimento de negócios, pelo menos um brotar de esperanças.

A gente sentiu isso e também presenciou esse tipo de reação na população como um todo, e eu acho que isso foi um ponto muito positivo, um ponto muito importante. Algumas pessoas esperaram e talvez esperem até hoje que a concessão do título implique diretamente numa possibilidade de liberação de recursos. Ele por si não trás essa alternativa, mas naturalmente coloca a cidade na mídia, a cidade é mais divulgada tudo isso naturalmente, pode, através de articulações adequadas e forem desenvolvidas chegar a atração desses recursos em benefício da cidade. Em verdade o título por si é honorífico.

Nesta primeira pergunta preferi destacar pontos chaves das falas de todos os informantes. Tendo em vista que a pergunta é bastante significativa, possibilita que o informante posicione o que de destaque deve ser dado sobre o título. Nesta pergunta aponto alguns pontos:

Esponaneamente nenhum dos informantes afirmou nada negativo sobre o título outorgado.

As respostas dos informantes apontaram para reconhecimento e valorização da cultura local. Dos seis informantes quatro se posicionaram sobre a cultura material e imaterial e dois deles se focaram na material. Isso indica que dois deles atribuem primordialmente à cultura material as honrarias. É um número significativo, quando imagino que, por estar em posição de destaque na cidade, todos os seis deveriam ter equilibrado entre as duas faces do patrimônio.

3) Existe algum malefício nesse título?

Informante I

O centro histórico foi bastante valorizado e as pessoas que vivem na cidade, a maioria vinham herdando esses prédios, são pessoas que vivem com um salário pequeno e vivem passando esses prédios de pais para filhos, e de repente, com o advento do patrimônio mundial, as pessoas de fora começaram a comprar essas casas. Uma casa que antes valia 20 mil, chega alguém e oferece 80, 100 mil. O proprietário não agüenta e vende. E essas casas ficam fechadas para que o turista fique aqui uma vez por semana uma vez por mês. E isso está levando a um despovoamento do centro histórico.

Informante II

Eu acredito que possa haver coisas ruins, o aumento de pessoas interessadas em visitar a cidade, com esse aumento, podem vir pessoas mal intencionadas, por exemplo, Goiás não tinha pixadores, agora já tem e os pequenos furtos Goiás não tinha, agora tem. Tudo isso é consequência dessa publicidade, que vem divulgando a potencialidade turística do município desde a conquista do título, assim, junto com essa captação vem aspectos bons e ruins. Mas tudo isso é natural.

Informante III

Não há malefício direto no título, a não ser a insatisfação daqueles que não conseguem participar diretamente do processo de renda, principalmente, através do turismo, que se exclui portanto.

Informante IV

Não, não vejo nenhum tipo de malefício, eu acho que o que se pode perceber, o que se pode atentar com relação ao título é necessário uma atenção maior, um cuidado maior.

Os informantes que posicionaram algum caráter negativo sobre o título apontaram para as questões da especulação imobiliária e seus impactos e efeitos. De uma condição inicial onde o preço encontrava-se

estável no mercado, tem-se um impacto, o título de patrimônio, e seu conseqüente efeito, a decolagem dos valores imobiliários.

Outro lado negativo foi o vandalismo e a violência. Não há dados sobre o aumento de violência em Goiás Velha depois do título de patrimônio. Todavia, independente se foi ou não por causa do título o aumento de violência e vandalismo, ver tais atos meramente como “normal”, sugere uma passividade e aceitação, quanto a isso, o que não deve acontecer.

4) O que a população pensa sobre ser Patrimônio Cultural da Humanidade?

Informante I

O povo de Goiás hoje é um povo que sabe o valor que eles tem em mãos, sabe o potencial que a cidade tem tanto cultural quanto turístico. E o povo de Goiás é muito vaidoso, eles se orgulham das tradições, dos rituais, do próprio povo, e isso é muito importante, esse auto reconhecimento.

Informante II

O título de patrimônio mundial ele teve pessoas que acham que é bom e pessoas que não gostaram. As pessoas pensam muito no imediato, que com o título na mão se abririam todas as portas, que todos os problemas da cidade seriam solucionados. As pessoas que moram fora do centro histórico, e que vêem uma avenida como essa aí ser proibida por Goiás ter se tornado patrimônio mundial, eles abominam o título. Quando você olha para a periferia e lá estão a maioria dos habitantes da cidade. Há uma rejeição da periferia para com o centro histórico.

Nesta questão houve uma polarização entre os informantes. Enquanto três se posicionaram ressaltando aspectos positivos da população, outros três ressaltaram que existem insatisfações que devem ser consideradas. O preço pago pela periferia foi destacado por três dos informantes.

5) O que mudou na cidade durante e depois do processo de transformação em Patrimônio da Humanidade?

Informante I

O processo de Patrimônio da Humanidade ele veio aos poucos, uma valorização e melhoramentos das ruas, das pontes, conscientização das pessoas e preservarem as construções, voltarem às fachadas antigas, e manutenção de tradições.

Informante II

Depois da enchente nós tivemos uma queda significativa, porque a imprensa foi muito má com a cidade, a imprensa divulgou que toda a cidade foi destruída, inclusive que essa casa de Cora rodou na enchente, isso saiu na Veja.

Informante III

A questão dos postes de luz, da rede de esgoto, que está bem adiantada, a fiação elétrica e telefônica. Foram mudanças materiais bem chamativas.

Nas condições iniciais da cidade foram feitas mudanças materiais em prédios históricos e para despertar e motivar a população houve uma inflamação das pessoas para com o patrimônio, pois, se houve uma exacerbação do desejo sobre esse título, parte foi devido à própria euforia humana em encontrar panacéias, e parte por causa da forma como foram envolvidas as pessoas que não foram informadas sobre os impactos e efeitos do título.

A questão da enchente, que aconteceu duas semanas depois da confirmação do título, foi uma referência, houve um efeito altamente negativo no fluxo turístico em decorrência da enchente e do efeito midiático posterior.

As benfeitorias dos aterros dos fios, a despoluição do Rio Vermelho e o tratamento de resíduos líquidos,

foram grandes obras feitas, entretanto, vale notar que existem em Goiás Velha outros córregos dentro da cidade. E a limpeza desses outros córregos não constou como exigência para a obtenção do título, somente o que corta o centro histórico, o que justifica parte da revolta da periferia.

A cidade começou a passar por reformas na década de 1980 e as reformas continuaram na década de 1990, quando se pensou em trazer o título para Goiás Velha. Em 1999 foi concluído o inventário para proposta de inscrição na UNESCO, o dossiê, e enviado àquela instituição.

6) É possível notar alguma mudança nas atitudes da população em decorrência desse título de Patrimônio da Humanidade?

Informante I

Eu acho que a população a inda não absorveu o que é o título, não absorveu essa questão. É preciso de mais trabalho, é preciso que as entidades, as ong,s juntamente com as secretarias municipais de educação estadual, o governo através da AGETUR, da AGEPEL, que trabalhem mais essa questão da conscientização de passar essa responsabilidade para o cidadão. É um trabalho também muito sério, é uma parceria muito grande, que tem que cumprir o que o decreto 25 manda.

Informante II

É bem visível o interesse, o despertar da comunidade, após a conquista do título, foi aí que o povo descobriu a jóia que eles tem em mãos, é o que eu falo de ser o povo responsável pela preservação e agora esse mesmo povo, notou naturalmente através de um título da UNESCO que é uma cidade que precisa ser preservada, precisa ser mantida, e precisa ter vida no centro histórico, porque não adianta um centro histórico preservado sem o lado humano lá dentro, o humano é mais importante que o físico.

Informante III

A recomendação nossa é que não se mude, essas atitudes, porque mesmo se a pessoa faz um treinamento por exemplo para atendimento ao turismo deve estar muito atento para que se faça de um jeito nosso, é uma manifestação cultural, o jeito de ser, e mais a classe aqui é o problema do dinheiro que obriga muito e as vezes as pessoas tentam imitar outros jeitos de ser, e as vezes quando vem um curso, alguma formação, muitas vezes buscam uma formação de fora em vez de ser uma formação a partir daqui.

É interessante agora contrapor as respostas dos informantes I e II, para o primeiro o impacto do título teve pouco efeito nas atitudes da população. Para essa pessoa então, falta se trabalhar melhor a percepção da população sobre o título, pois as pessoas ainda não atribuem valor à outorga recebida. Assim, para o informante I nada significativo brotou como efeito do impacto do título.

Já a percepção do informante II é contrária ao primeiro, para esse, o título é bem visto pela população que se sente orgulhosa por tê-lo, e passou a dar mais valor à cidade depois da outorga, tendo assim, efeitos positivos quanto à valorização da população para com seu patrimônio.

Notável também é a percepção do informante III que sugere a não mudança, a preservação das atitudes e dos valores tradicionais da população.

7) Qual o papel do Turismo em Goiás Velha?

Informante I

O turismo é muito importante pois é um gerador de emprego e renda, as pessoas devem perceber que ele é a melhor estratégia de desenvolvimento para nossa cidade.

Informante II

O turismo é, tem um papel positivo, o turismo cultural, insisto bastante na questão cultural, mas a gente sabe que a maioria dos turistas não tem essa clareza cultural. A maioria que vem, quer levar alguma coisa, 80% leva algo que não foi feito em Goiás. A população, por outro lado, não suficientemente amadurecida ela oferece coisas que não são de Goiás como se fossem. E isso é um equívoco muito grande.

Informante III

Na verdade, o turismo em Goiás é um turismo limitado. Os nossos atrativos estão mais do que saturados. As pessoas não voltam em Goiás para ver casa de Cora duas, três, quatro, dez vezes, elas não voltam. Elas vão procurar outras coisas. Conheceu o Museu das Bandeiras, Palácio, Casa de Cora e Museu de Arte Sacra, você já visitou a cidade. O centro histórico é pequeno. Numa manhã você conhece o centro histórico todo.

Os nossos rios, Ah o pessoal diz: temos o Rio Bagagem, o Bacalhau..., mas na verdade, rios como esses, no Brasil inteiro tem, se você procurar no Paraná, você vai achar rios lindos no Paraná, se você procurar em Maceió, você vai encontrar rios lindos em Maceió, em Alagoas alias. Se você procurar rios como os nossos tem outros rios no Brasil interessantes como os nossos. E fora, não só no Brasil, no estado de Goiás, nós temos uma forte concorrência, nós temos a concorrência com Caldas Novas, que tem um potencial de águas quentes que é violento, nós temos a Lagoa Santa, temos Pirenópolis, que é cheio de cachoeira no seu entorno de Pirenópolis. Então na verdade os nossos atrativos são pequenos....

A pessoa tem que unir o antigo com o moderno é preservar o passado mas de olho no futuro. Não podemos Ter um aeroporto moderno na cidade de Goiás? Podemos sim, devemos, não temos um aeroporto, não temos um centro de convenções, que turismo é esse? Nós falamos em turismo em Goiás, falamos sim, mas é com o que a gente tem. Baseado no pouco que a gente tem. Goiás está muito longe de ser uma cidade realmente turística, isso é duro dizer, ainda mais sendo um secretário de cultura e turismo, mas esse “turisminho” nosso é muito fraco ainda. Esses atrativos nossos estão muito fora de serem um turismo de primeiro muito, você tem um cartão magnético para visitar os museus, você entra na cidade você já tem todas as informações, já tem tudo o que você precisa num folder. Nós fizemos agora um folder em 4 idiomas, no Festival de Cinema, que foi a primeira publicação em 4 línguas que foi feito em Goiás

Eu acho que o que está faltando em Goiás é o Aeroporto, o Centro de Convenções e aumento das ofertas turísticas, dos atrativos turísticos, que é muito importante isso para Goiás.

O turismo em Goiás Velha foi apontado sobre três óticas diferentes. Na primeira e comum a todos, a possibilidade de geração de emprego e renda. O informante II foi o único que, ao ser questionado sobre o papel do turismo em Goiás Velha apontou efeitos negativos sobre a descaracterização do artesanato local para adequações mercadológicas. Esse é um efeito negativo do contexto turístico muito encontrado em diversas localidades e a preocupação para evitar essa descaracterização é muito relevante.

Vale destacar também as colocações do informante III, que apresentou fragilidades estruturais no turismo em Goiás Velha, e, sob sua ótica, enquanto não houver um aeroporto e um centro de convenções na cidade e a criação de novos atrativos, o turismo estará empacado.

8) Existem e como são geridas as políticas públicas municipais voltadas ao turismo?

Informante I

Eu entendo que essa área, deveria e poderia ter um tratamento melhor. Não estou querendo dizer que está ruim, mas tem e pode melhorar, eu acho que é começando pela existência de uma política definida, clara, consistente, seqüencial, para que não se interrompa, como tem ocorrido normalmente, determinados trabalhos, determinadas linhas de atuação mudam quando simplesmente muda de prefeito. Então isso tem ocorrido, agente tem percebido isso, em várias gestões, pelo fato de nunca ter havido uma política clara e definida não há uma seqüência, há a falta de um trabalho de continuidade.

Informante II

Bem infelizmente falta muito e ainda não conseguimos organizar um conselho de turismo municipal, estamos tentando novamente. Com isso as políticas Públicas são muito pouco incentivadas.

Informante III

Nós não temos tido um apoio, devido a questão da prefeitura hoje. A prefeitura está numa situação, ela tem vivido problemas financeiros enormes, e não dá para a gente ficar sugando mais do que a gente pode. Então a gente não faz mais do que a gente pode fazer.

Temos convidados pessoas a visitar a cidade, e essa captação mais recente, em nível de embaixadores,

gabinetes, políticos, lideranças, ministros, presidente da república, governadores, e isso têm dado resultado.

Temos buscado apoio em instituições parceiras para poder imprimir os impressos, os nossos fôlderes, as pessoas que a gente contrata durante os eventos, não temos condições para manter o ano todo pessoas atendendo os turistas que chegam.

Então a política nossa foi de trabalhar dentro do possível, as informações, a divulgação através da panfletaria.

Não adianta tentar desenvolver ações, programas e projetos, sem a infra-estrutura básica, que seria aeroporto, centro de convenções e aumento dos atrativos.

A gente enxerga as coisas, mas sem a infra-estrutura básica, sem o aeroporto, sem o centro de convenções e sem o aumento dos atrativos, Goiás não tem como sobreviver por muito tempo.

Informante IV

Não. Categoricamente não. Nós ainda não temos uma política voltada ao turismo, não temos ainda um planejamento estratégico, sabemos o que é ponto fraco e ponto forte, estamos cansados de saber. Mas nunca conseguimos recuperar os pontos fracos e nem melhorar os fortes. Por isso é que o município, não estou falando só dessa gestão de hoje, mas essas gestões passadas, ainda não encontramos um prefeito que realmente entendesse que essa cidade só vai desenvolver, só vai ter sustentabilidade se realmente tiver uma política pública voltada para o turismo.

Informante V

As políticas públicas ficaram voltadas mais para a limpeza da cidade durante os picos do movimento turístico.

Informante VI

Nós já pegamos o patrimônio, assumimos na minha gestão e então não teve disputas de correntes, contra ou a favor, então nenhuma corrente política vai ser contra o patrimônio mundial. Se bem que a grande maioria das pessoas, do entorno do centro histórico, elas ainda precisam se conscientizar sobre a importância do centro histórico.

Mas quais são as ações locais da prefeitura?

Temos que desenvolver o turismo, fazer aeroporto, centro de convenções, há o plano de fazermos um lago artificial e tudo mais o que for preciso para desenvolver o turismo para o bem da cidade.

A elaboração de uma pergunta sobre a administração local do turismo, se deve em decorrência da atual diretriz nacional de gestão do turismo. O Programa Nacional de Municipalização do Turismo é a estratégia formulada e estimulada pelo Governo Federal com vias a desenvolver o turismo, assim, a formulação dessa pergunta se faz relevante.

Nessa questão recortei parte das falas de todos os informantes. Quatro deles apontaram carências estruturais na gestão local do turismo, como a falta de planejamento, a falta de continuidade, e a falta do conselho municipal de turismo, características imprescindíveis em uma cidade que almeja ter o contexto turístico como um referencial socialmente sustentável.

A administração municipal indica que sem a construção de um aeroporto e o centro de convenções é inviável o desenvolvimento turístico da cidade. E as políticas públicas voltadas ao turismo estão reduzidas à formação de panfletos turísticos.

9) Percebe alguma mudança no turismo depois do título de Patrimônio da Humanidade?

Informante I

Com a obtenção do título mais gente procura a cidade pela sua situação de ser Patrimônio da Humanidade.

Informante II

Entendo que houve uma expansão numérica, não sei se houve também alguma mudança qualitativa.

Informante III

Não. Normal não houve nenhum tipo de explosão, como se esperava. O turismo continua da mesma forma que antes.

Para o informante I, houve uma mudança qualitativa, agora existem pessoas que procuram a cidade pelo seu status de Patrimônio da Humanidade. Entretanto, as respostas dos informantes II e III são antagônicas. Enquanto II acredita que houve uma expansão numérica, III acredita que não houve alteração. Assim, para esse grupo se houve alguma mudança no turismo depois do título de patrimônio da humanidade, a mudança foi muito sutil.

10) Como surgiu e o que representa o FICA para a Goiás Velha?

Informante I

Assim que surgiu a idéia de se colocar Goiás como Patrimônio Mundial, o Governador do Estado pensou em algum evento que pudesse dar uma maior visibilidade para a cidade, então, surgiu a possibilidade de se criar um festival ambiental, que seria uma temática única. Foi uma idéia do Governador do Estado de divulgar a Cidade de Goiás. Então o FICA nasceu com essa finalidade.

Informante II

Eu acho que ele é muito importante para o Estado e para a Cidade de Goiás porque o público do FICA é um público formador de opinião, leva as informações para outros locais, para outras cidades, então isso enquanto divulgação e incentivo ao turismo eu acho muito importante, além do que ele trabalha o aspecto da preservação que eu acho que não pode de forma alguma estar desligado da questão da preservação arquitetônica e tudo mais, eu acho que é um conjunto, quando se fala em preservação deve-se pensar no conjunto, não só em preservações estanques.

Informante III

O FICA hoje é a vitrine de Goiás para o mundo é um dos pontos importantíssimos para a Cidade de Goiás é a realização do FICA.

Informante IV

Traz para a cidade muita gente que não tem nada a ver nem com turismo, nem com cultura, nem com o festival nem com meio ambiente. Há invasão de pessoas que só vem por causa do mega show e da propaganda, isso é contra-producente, porque se enche a cidade, fica muito cheia, não tem acomodações suficientes. Há uma série de outras conseqüências, como as drogas, e outros motivos que tem trazido essas pessoas para nossa cidade. E parte da nossa juventude da cidade entra na onda.

Informante V

Eu acho que ele só traz benefícios, trás divisas, movimenta a economia, todo mundo ganha na cidade, os hotéis, restaurantes, o picolezeiro, o engraxate, a doceira, as casas que são alugadas. Todos os seguimentos... aumenta o número de funcionários, o pessoal da periferia tem emprego, mesmo que seja emprego temporário, eu acho que toda a cidade ganha e muito com o festival.

A pergunta sobre FICA foi feita por ser esse o maior evento da cidade, é hoje o pico máximo da atividade turística em Goiás Velha. Foi criado pelo Governo Estadual como uma estratégia para divulgar a cidade, e apresenta também forte apelo preservacionista, um discurso que deve se expandir muito ainda no Brasil.

O FICA é inegavelmente um excelente evento, pois permite somar estratégias de preservação e conservação com lazer. Dentre os informantes apenas o IV apontou aspectos negativos sobre o festival. A questão da falta de infra-estrutura para receber a quantidade de visitantes que chegam no final do evento, quando acontece um grande show (já se apresentaram Gilberto Gil, duas vezes, Milton Nascimento, Elba Ramalho, Zé Ramalho e Geraldo Azevedo). Por ser um show aberto, muitas pessoas se sentem motivadas a fazer uma viagem para assistir ao show, que no entanto, pouco tem a ver com o festival, porém, é

apreciado por todos.

11) O que tem sido feito para desenvolver educação patrimonial e responsabilidade social nas população?

Informante I

O IPHAN aqui na Cidade de Goiás atualmente não tem nenhum tipo de programa desse tipo. Temos avaliado isso, conversado muito sobre isso, a gente entende essa necessidade sem dúvida nenhuma.

Informante II

Neste sentido tem sido feito relativamente pouco. Mas é feito nas escolas um projeto muito bom é chamado: “Viva e reviva Goiás” que é através dos alunos se faz toda uma pesquisa que é uma busca de dados, desperta também nas crianças uma vontade de conhecer suas raízes, seus valores, os valores de seus antepassados. Através da escola faz-se exposições para ver se fica alguma coisa no sentido de patrimônio.

Informante III

Viva e Reviva Goiás. Um projeto hoje da secretaria de educação, um projeto patrimonial, onde se trabalham os alunos da primeira até a oitava série do ensino fundamental, os alunos estudam sobre o município, sobre a cidade sobre o que é patrimônio e depois eles fazem visita técnica aos locais, aos monumentos, aos museus, etc. é um projeto da secretaria de educação.

Informante IV

Eu, em 1996, criei uma campanha vamos colorir Goiás, faça de sua fachada um cartão postal, era uma campanha que pedia à comunidade para que pintasse as casas. Foi a única campanha na cidade durante seus 276 anos, que pedia para a comunidade pintar as suas fachadas. Foi uma campanha que teve sucesso absoluto, mas foi boicotada pelo patrimônio histórico porque não partiu deles, do IPHAN. Tudo o que acontecem em Goiás em termos de patrimônio ou acontece por intermédio deles ou é eliminado.

A relevância de educação patrimonial em uma cidade como Goiás Velha é fundamental. A falta de atuação do IPHAN é sem dúvida um ponto muito grave daquele órgão, que deveria ter um programa permanente de educação patrimonial. Entretanto, o programa feito pela secretaria estadual de educação supre parte dessa demanda por educação. Todavia, deve-se buscar estimular ainda mais estratégias para alcançar a vivência patrimonial, mais do que a simples educação. Vale notar a discrepância do informante IV, ao ser perguntado sobre estímulo à responsabilidade social, responder sobre pinturas de casas. Uma resposta totalmente desconexa.

12) A população se sente satisfeita por viver em uma cidade turística?

Informante I

As pessoas têm que perceber que o turista é muito importante, elas têm que perceber que é ele que trás o dinheiro, é ele que trás a divisa, para o município, ele movimenta a economia do município.

Informante II

Se não tiver, burice né? Se ela não tiver satisfeita o que você acha que nós podemos ter? Você acha que nós podemos ter indústrias? Para poluir o nosso meio ambiente? Nós podemos progredir com o turismo, que é o nosso caminho. Em princípio o caminho é esse, acho que a cidade deve estar feliz por ser uma cidade turística.

Informante III

Eu creio que sim porque é um convívio pacífico com a movimentação dos turistas e todo mundo está satisfeito com sua vida. Apesar da situação financeira está sempre ruim, mas vai tocando a vida.

Informante IV

Ainda não conscientizaram da importância do turismo. Eu acho que vai vir ainda no futuro, nós ainda estamos engatinhando, estamos preparando ainda a cidade para receber o turista. Tinha que ser um trabalho planejado...

Sobre a satisfação das pessoas quanto ao município ser turístico, houve uma variação das respostas. O informante I lançou mão do caráter economicista para justificar a satisfação das pessoas, pois, devido aos fluxos econômicos, as pessoas devem ficar satisfeitas. Em caminho semelhante o informante II teceu um comentário polêmico, por apontar que se a população não se sente satisfeita, isso é burrice. Muitas vezes os efeitos negativos do turismo são preponderantes aos positivos, o turismo muitas vezes não consegue trazer benefícios à população.

O informante III também acredita na satisfação da população pela ausência de conflitos, o que seria o oposto da satisfação. Assim, se não está satisfeita, também não está insatisfeita, podendo estar em uma situação intermediária.

O informante IV afirmou sobre a insatisfação das pessoas, que ainda não foram conscientizadas ou sensibilizadas sobre a possibilidade da preponderância dos efeitos positivos do turismo.

13) Comente a construção da avenida Rio Vermelho.

Informante I

Eu acho que é um projeto viável, não acho que agride, apesar de que passaram para a imprensa que vão descaracterizar o centro histórico, não é verdade, eu vi o projeto, a intenção da prefeitura não é essa, isso é um sonho antigo, vem do pai dele, melhorou o sonho e transformou em quase realidade, agora, eu acho que precisa unir o centro histórico com o entorno, na verdade, existe um descaso, uma rejeição da periferia e dos bairros mais afastados com o centro histórico, então eu acho que isso possibilitaria um intercâmbio uma união de valores e culturas de pessoas, eu acho que isso é muito importante, não é porque a pessoa é pobre ou mais humilde que ela não tem direito a ter acesso a um asfalto, a um bloquete a um carro, a uma casa, aos confortos da vida moderna.

Acho que esse intercâmbio entre o entorno com o centro histórico é muito importante até mesmo para se deixar essa exclusão de lado. Essa história de que a exclusão da periferia do povo pobre fica no canto e a burguesia, a nata fica, os brancos da vida no centro histórico. Acho que esse intercâmbio precisa acontecer para minimizar essas diferenças.

Informante II

É uma obra impactante, uma proposta impactante, mas não é por ser impactante que causou toda essa polêmica. Fundamentalmente a questão da polêmica ou das dificuldades que cercaram essa proposta foi que determinados passos necessários para serem seguidos e tudo, de apresentação de projeto, de consulta e estudo não foram simplesmente cumpridos.

É como eu havia dito, de repente uma coisa de tal forma não é a forma mais adequada de se realizar aquela obra, ou aquela proposta, mas sempre se busca uma alternativa para aquela proposta, desde que se sente se converse, que exista um projeto que seja avaliado, que seja apresentado. A política, o posicionamento do IPHAN é esse, não é o não pode, mas vamos analisar se esse não for o melhor jeito, vamos buscar outra alternativa.

Então eu acho que faltou isso faltou mais diálogo, faltou realmente o cumprimento das etapas devidas no seu tempo, devido às suas instâncias, não só a questão do IPHAN, então eu acho que faltou isso.

Informante III

Eu acho que é um projeto megalomaníaco desse prefeito. Então eu acho que o prefeito deveria muito bem ter ligado os dois bairros com uma rua de pedra, uma rua bonita, que daria essa beleza às margens do Rio, porque ali é um local muito bonito. Está próximo dali o matadouro, que é do século XIX, que está

acabando, está desaparecendo o matadouro, por falta de um trabalho de recuperação e restauração. Com esse dinheiro que veio em consequência da enchente, esse dinheiro veio para recuperação turística, para recuperar a área degradada pela enchente, e não para fazer avenida.

A relevância dessa pergunta se deve ao fato de que, a construção dessa avenida é o fator que está colocando em risco o título de patrimônio da humanidade outorgado à cidade. Entretanto, dos entrevistados nenhum deles se posicionou contra a construção de uma ligação entre o centro e a periferia, quatro se posicionaram a favor de uma via de ligação e dois se mantiveram neutros.

A construção da via de ligação é uma vontade declarada e manifestada do povo, que já fez mobilização na frente do IPHAN pela construção da avenida. A possibilidade de ligar o setor Rio Vermelho ao Centro reduziria grande parte da distância percorrida pelos moradores daquele bairro para chegar até ao centro. Entretanto, a construção dessa obra foi iniciada sem diálogo com o IPHAN, órgão que, de acordo com a legislação nacional e o próprio plano diretor de Goiás Velha, deve avaliar as obras que possam afetar o patrimônio histórico. E isso não aconteceu, a prefeitura não procurou o IPHAN para saber sobre a possibilidade e viabilidade de construir essa obra.

O projeto atualmente encontra-se sob avaliação do poder judiciário. Vale também ressaltar que esse recurso foi liberado para reformas da cidade em consequência da enchente. E que teria prazo até dezembro de 2003 para utilizá-lo.

14) Comente sobre a atuação do IPHAN na Goiás Velha.

Informante I

A presença do IPHAN aqui foi de fundamental importância, uma vez que ele ajudou a preservar e conservar muitos monumentos que poderiam estar hoje mudados, ou destruídos. Ou construídos novas coisas modernas na cidade. Ele foi um dos grandes responsáveis pela conquista do título, ele assumiu esse papel, que lhe cabia de montar o dossiê.

Então o IPHAN em Goiás ele é muito importante, as pessoas precisam entender, é o papel dele. Então é por isso que ele é visto como um órgão chato, um órgão que atrapalha. É como eu sempre digo, quem gosta do DETRAN? Ninguém. Mas se você não vai infringir a lei, se você anda dentro da quilometragem que é determinada por lei você não vai ter problema nenhum com o DETRAN, a mesma coisa é o IPHAN, todo órgão fiscalizador ele paga um ônus muito caro por isso. E ele tem cumprido seu papel aqui em Goiás com muita competência, com muita procedência,

Informante II

Eu sou contra a política do IPHAN e cito vários exemplos, o prédio da Real Fazenda, que fica na praça do coreto, vizinho ao cartório, que tinha uma platibanda de fora a fora do telhado e que foi arrancada sem critério, tiraram a platibanda e deixaram as colunas laterais, e aquelas colunas também fizeram parte desse patrimônio na mesma época desse patrimônio, então foi um prédio mutilado.

O que fizeram com a catedral de Santana foi um crime, rebocá-la pelas metades e deixá-la como ela está, apresentando três fases, um projeto ultra arrojado, eu não questiono o projeto do arquiteto, mas eu acho que para Goiás agrediu, é uma agressão aquilo ali, aquela forma com que ela está.

A Rua do Carmo, por exemplo, eles fizeram tantas janelas no mesmo tamanho e saíram instalando. Eles mandaram fazer um número X de janelas e saíram instalando. Inclusive uma das casas, a porta ficou tão pequena que eles fizeram um degrau por cima da calçada para poder justificar o tamanho da porta, que a porta ficou curta para o tamanho da parede. Então em Goiás, cada edificação tem uma proporção de janelas, você não pode sair colocando janelas pequenas em casas de pé direito alto.

Então cada casa, o pé direito da casa é que determina o tamanho das janelas. Então não houve critérios para poder instalar essas janelas. Eu acho que os órgãos de preservação eles precisam ser vistos como órgãos parceiros, órgãos que ajudam, orientam ensinam as pessoas a preservar, e não órgãos que chegam para rebentar com a pessoa e puni-la.

Informante III

O IPHAN tem um papel bastante grande, e está bastante presente e consegue preservar bastante, como outras entidades, como a Casa de Cora, o Museu de Arte Sacra, tem mantido uma boa melhoria do aspecto físico da cidade. Mas falta da parte do IPHAN, esclarecimentos à população, diretamente, assim, mais amplo, visando transmitir algo para todos.

Nessa pergunta sobre a atuação do IPHAN, três óticas diferentes foram apontadas. Para um primeiro grupo de três informantes a atuação do IPHAN está correta e trabalham corretamente, tendo em vista que o trabalho de fiscalização, regulação e normatização costuma ser algo gerador de polêmicas no Brasil, vale a comparação feita por um dos informantes com o DETRAN.

Outro grupo de dois informantes apontou preponderância de aspectos negativos do IPHAN, que não prioriza as pessoas e comete erros ao lidar com o patrimônio arquitetônico. E um informante pesou prós e contras ao IPHAN, que é um órgão atuante, porém distante da população, não tendo contado efetivo e não trabalhando de forma abrangente na cidade.

15) Existe mais alguma informação que o você gostaria de complementar em uma entrevista sobre o turismo, o patrimônio na Goiás Velha?

Informante I

A questão da continuidade é fundamental, a falta de política que determine que essa continuidade que essa falta de sistematicidade de um trabalho nesse sentido, então eu acho que isso seria um ponto inicial importante, fundamental.

Informante II

Com relação a concepção de Patrimônio Histórico, precisa do Governo Federal, do Governo Estadual a reciclagem das pessoas que coordenam essa parte.

Informante III

Acho que o importante é isso, que depois de você de terminar esse trabalho, ele ser conhecido de todos nós, uma vez que você está levantando problemas, e com certeza vai Ter como solucionar esses problemas, para nós da cidade com certeza é importante que agente tenha esse estudo acadêmico e alguma coisa que agente puder melhorar, alguma coisa que possa melhorar o atendimento ao turista, melhorar o receptivo, da cidade, será muito bem vindo. A gente precisa do seu trabalho para levantar o nosso turismo.

Informante IV

Os órgãos competentes devem se preocupar mais com a parte de propaganda, de fôlderes, dinamizar mais essa parte de vinculação na mídia. O marketing está deixando muito a desejar. O título de patrimônio é apenas um título. Eu acho que é a partir daí é que as pessoas podem tirar proveito disso, ele por si só não traz benefício algum caso não trabalhemos com ele, o título é apenas honorífico.

Informante V

Não, alias, se você me perguntar se eu acredito mesmo, todo muito é muito cético diante do ... mas o governador tem falado tanto para a gente e eu gosto tanto desse governador, que ele está me convencendo que o turismo é o reboque aqui para esta cidade.

Os comentários dos informantes que quiseram complementar com alguma informação tomaram caminhos bastante distintos.

O informante I ratificou o falta de uma política pública voltada ao turismo, uma política que permita se fazer um trabalho de continuidade em um prazo mais longo, pois até então nunca houve essa formulação em Goiás Velha.

O informante II também apontou a ineficiência da gestão local, carecendo principalmente de divulgação da cidade. Outro ponto frisado por esse informante é a significação do título, que é apenas honorífico, e é como uma ferramenta para se desenvolver a cidade, ele por si só, é inócuo.

O informante III sugeriu a reciclagem dos agentes federais e estaduais que são responsáveis pela administração, conservação e preservação do patrimônio histórico, pois na sua visão, esses agentes atuam de forma muito insuficiente em Goiás Velha.

O informante IV destacou a importância desta dissertação para a solidificação do contexto turístico na cidade. Este comentário vai ao encontro dos objetivos desta pesquisa.

O informante V apontou que se encontra ainda em um estágio de convencimento sobre os benefícios que o turismo pode trazer à cidade, assim, não está consolidada a idéia de se desenvolver o contexto turístico pelo órgãos gestores.

Considerações Finais sobre o Grupo 5

Todos os seis entrevistados vêm com bons olhos a titulação outorgada à cidade. Entretanto, problemas estruturais foram apontados por todos os informantes. A questão da falta de uma estrutura organizacional planejada para o turismo é marcante nas falas dos entrevistados.

As diretrizes voltadas à organização turística da cidade estão relacionadas com a panfletagem, a construção de aeroporto, centro de convenções e o estímulo a pessoas de destaque nacional para visitarem a cidade. Esse foco que almeja trazer pessoas de avião, grandes personalidades, a realização de fôlderes em quatro idiomas, indica claramente que o objetivo dos gestores municipais está relacionado com a vinda de visitantes com alto poder aquisitivo. Assim, almeja-se consolidar um contexto turístico elitizado e internacional em Goiás Velha.

Essa diretriz falha pois, a prioridade deve ser levar o turista regional, depois o nacional e em terceira instância, o turista internacional. É mais fácil conseguir trazer primeiramente os turistas mais de perto, aqueles de distâncias maiores também devem ser cooptados, entretanto, a prioridade deve ser primeiramente divulgar Goiás Velha, dentro do Estado de Goiás, por se tratar de um público próximo e potencialmente disposto a conhecer a sua antiga capital.

Todavia, qualquer estratégia de se buscar turistas, deve ser posterior ou paralela a uma consolidação do que chamo de vivência patrimonial, algo ainda mais aprofundado do que a mera educação patrimonial. Se a população não conhece, não vive seu patrimônio, a estratégia primordial deve ser essa, como diz a máxima: “uma cidade só será boa realmente para o turista se for boa para o cidadão local”. Assim, a estratégia primordial deve ser estimular as pessoas conhecer e participar do patrimônio.

Para tanto uma maior atuação do IPHAN é fundamental. Esse órgão não pode ser apontado por manter-se distante da população, deve ser um órgão presente e atuante, não só no que tange ao patrimônio arquitetônico, mas principalmente ao cultural imaterial.

É interessante notar que houve dois informantes os quais priorizaram o patrimônio material como relevante. Esse fato é raro entre formadores de opinião e gestores, entretanto, não é incomum entre a população em geral. Assim, é muito importante estimular a participação da população nos eventos culturais da cidade; mesmo que não sejam nas tradições seculares de Goiás Velha, mas de alguma forma participem da produção cultural e artística.

Para alcançar uma vivência patrimonial efetiva em Goiás Velha é fundamental a participação combinada de todas as entidades - ONGs, prefeitura e IPHAN - bem como qualquer outra entidade presente em Goiás Velha que tenha algum caráter de mobilização e organização social.

4.5.6 ANÁLISE COMPARADA DOS GRUPOS

A análise comparada foi feita tomando algumas variáveis que foram analisadas para todos que responderam às entrevistas ou aos questionários, contemplando assim, todos os cinco olhares descritos por Krippendorf.

O estudo comparativo permite vislumbrar a população como um todo de acordo com cada variável analisada, pois, a análise feita por grupo permite apenas a percepção dentro do grupo, assim, esta análise comparada facilita a visualização sobre as variáveis tomando todo os grupos referenciais.

Tabela 5.1- Grau de Escolaridade

	Grau de escolaridade %				
	grupo 01	grupo 02	grupo 03	grupo 04	grupo 05
Até o primeiro grau	31,25	43,18	26,66	55,06	0
segundo grau	27,08	47,72	60	30,38	0
Terceiro grau	41,66	9,09	13,33	14,56	100
Total	100	100	100	100	100

O grau de escolaridade encontrados entre os grupos teve uma grande disparidade, principalmente entre os

grupos 4 e 5. Vale apresentar que o critério para escolha de formadores de opinião não passou pelo crivo escolar, foram escolhidos pela sua atuação dentro da sociedade vilaboense, não pela sua formação educacional.

Outro fato que chama a atenção é a quantidade de pessoas com curso superior nos grupos 3 e 4. Enquanto os trabalhadores do contexto turístico apresentam 13,33 % de seus integrantes com curso superior, 14,56% da população sem contato ocupacional apresentam formação universitária, assim, os trabalhadores universitários do contexto turístico são um pequeno número, menor ainda do que a própria média da cidade.

Tabela 5.2 - Influência do título de Patrimônio no fluxo de visitantes

Influência do título de patrimônio no fluxo de visitantes - %									
grupo	01	grupo	02	grupo	03	grupo	04	grupo	05
Aumentou muito	10,41	18,18	20	26,58	0				
Aumentou pouco	37,5	47,73	60	31,01	83,34				
Não houve diferença	22,91	15,91	0	31,65	16,66				
Reduziu o movimento	29,16	18,18	20	10,76	0				
Total	100	100	100	100	100				

O grupo que mais acredita ter o fluxo de visitantes aumentado muito foi o representado pelas pessoas sem contato ocupacional, para esse grupo 26,58% o fluxo de visitantes aumentou muito com o título de Patrimônio da Humanidade. O segundo grupo que mais acreditou ter o fluxo de visitantes aumentado muito foram aqueles que apresentam contato esporádico (20%) seguido dos funcionários dos empreendimentos (18,18%), que antecedem os proprietários dos estabelecimentos (10,41%) e por último os gestores e formadores de opinião, dentre os quais nenhum dos informantes acredita ter o fluxo de visitantes aumentado muito. Assim, a percepção de que o fluxo de visitantes aumentou muito pelo título de patrimônio da humanidade cai conforme se aproximam das pessoas com mais contato com o contexto turístico.

A segunda hipótese é de que o fluxo de visitantes aumentou pouco. Essa resposta foi a mais encontrada em todos os extratos, sendo portanto a mais coerente com a realidade de Goiás Velha. O fluxo turístico em praticamente todas as localidades do mundo tem apresentado expansão, o que por si só já é fonte para o aumento do fluxo de visitantes em Goiás Velha, assim, dada a expansão natural do turismo, não há como saber das reais influências do título de Patrimônio da Humanidade no aumento do fluxo de visitantes em Goiás Velha, entretanto, pode-se afirmar que foi muito pequeno. Levando-se em conta a própria expansão natural do turismo já é força suficiente para aumentar o fluxo de visitantes.

O olhar que mais acredita não ter havido diferenças no fluxo de visitantes são aqueles que não apresentam contatos ocupacionais com o contexto turístico (31,65%), seguido dos empreendedores (22,91%), em terceiro lugar os gestores e formadores de opinião (16,16%) e para encerrar a amostra, os trabalhadores esporádicos, grupo que não respondeu ter o fluxo se mantido como antes. Fica evidente uma considerável amostra de pessoas que não acreditam que houve diferenças.

No que tange à última hipótese levantada nessa pergunta, a redução do fluxo de visitantes também aponta para números muito expressivos, principalmente para os empreendedores, os quais 29,16% acreditam ter reduzido o fluxo de visitantes depois da outorga do título. Os empreendedores apresentam termômetros bastante aproximados para a avaliação do contexto turístico, entretanto, não pode ser esquecido o aumento vertiginoso dos estabelecimentos abertos na cidade, que causaram uma redução no fluxo dos estabelecimentos mais antigos.

Todavia, a possibilidade do título ter causado redução do fluxo de visitantes aponta para uma contradição, tendo em vista que o título é um viés para aumentar o número de visitantes, não reduzi-lo.

5.3-Benefício à maior parte da população vilaboense pelo título de Patrimônio

Benefício à maior parte da população vilaboense pelo título de Patrimônio -%									
grupo	01	grupo	02	grupo	03	grupo	04	grupo	05
Sim	37,5	27,27	26,67	31,01	50				
Não	62,5	72,73	73,33	68,99	50				
Total	100	100	100	100	100				

Quando as pessoas foram perguntadas se acreditam que o título de Patrimônio da Humanidade é benéfico para a maior parte da população os grupos apresentaram uma relativa proximidade das respostas, variando entre 26,67% e 50% dos grupos acreditam que sim, que o título é benéfico à maior parte da população. O grupo que menos aponta para um benefício amplo à população é o constituído pelas pessoas que tem contatos esporádicos (26.67%), seguido dos funcionários dos empreendimentos (27,27%), depois as pessoas que não apresentam ocupação no contexto turístico (31,01%), em quarto lugar os empreendedores (37,05%) e o grupo que mais acredita ser o título benéfico à maior parte da população são os gestores e formadores de opinião (50%).

As respostas desses informantes destoaram do que eu imaginava antes da análise. Eu acreditava que uma parcela muito grande dos empreendedores apontariam que o título seria benéfico à maior parte da população, entretanto, 62,5% dessa população acredita que o título não trás benefícios à maior parte da população.

Por outro lado, eu acreditava que maciçamente as pessoas sem contato ocupacional diriam ser o título inócuo para a maior parte da população, todavia, 31,01% dessa população acredita que o título é benéfico sim à maior parte das pessoas da cidade.

Assim, por um lado existe a uma forte opinião entre os empreendedores de que o título não é benéfico à maior parte da população, por outro lado, grande parte da população sente que tal título é benéfico.

Vejo como positiva as duas surpresas. É representativo de uma consciência dos empreendedores o, atualmente, limitado alcance de benfeitorias do título, como também representa uma crença em 31,01% da população ser esse título benéfico à maior parte. Vale destacar também a própria divisão dos gestores e formadores de opinião, grupo que dividiu ao meio suas opiniões sobre os benefícios à maior parte da população pelo título de patrimônio da humanidade.

O título deve ser benéfico à maior parte da população, e na verdade o é, entretanto, muitas pessoas não sabem ou não conseguem perceber isso, tendo em vista que inexistente uma vivência patrimonial intensa em Goiás Velha e as pessoas não alcançam a apropriação psicológica do patrimônio. Caso essa vivência e a apropriação fossem mais presentes, o índice de pessoas que acreditariam ser o título benéfico à maior parte da população certamente seria maior.

Tabela 5.4- A importância do título de patrimônio

A importância do título de patrimônio - %					
	grupo 01	grupo 02	grupo 03	grupo 04	grupo 05
Muito importante	54,16	43,18	26,67	27,85	100
Importante	41,67	38,64	53,33	15,82	0
Indiferente	0	6,82	6,67	31,01	0
Ruim	4,17	11,36	13,33	25,32	0
Total	100	100	100	100	100

A próxima variável também diz respeito ao título, entretanto, envolve o que as pessoas pensam sobre ele.

Os gestores e formadores de opinião apresentaram um consenso, todos acreditam ser o título muito importante e trouxe uma maior valorização para a cidade. O segundo grupo mais otimista sobre o título são os proprietários dos estabelecimentos (54,16%), seguido de seus funcionários (43,18%), em quarto lugar ficam as pessoas que não apresentam contato ocupacional (27,85%) e o grupo que apresenta o menor índice de satisfação máxima com o título são os trabalhadores esporádicos, para esses, apenas 26,67% acreditam ser o título muito importante e trouxe uma maior valorização para a cidade.

Outra hipótese que se destacou, foi a do título ser importante, entretanto não ter trazido maior destaque para a cidade. O grupo das pessoas que trabalham esporadicamente com o turismo foi o que mais opinou nessa variável 53,33% dessas pessoas acreditam que o título é importante, porém não tem valorizado a cidade. Em segundo lugar numa visão otimista mediana encontram-se os proprietários 41,67%, em terceiro lugar os funcionários com 38,64% em quarto lugar a grande maioria da população, o grupo 4 com 15,82% de otimismo mediano.

Se por um lado, grande parte da população não acredita ser o título benéfico à maior parte da população, por outro a maioria também acredita ser o título importante ou muito importante, o que revela uma

aceitação da população pelo título, entretanto, essa aceitação não tem se convertido em utilização pela população, a qual acredita ser importante mas não acredita que o título é benéfico a maior parte. Assim, faz-se necessário a busca de estratégias para envolver a população para se alcançar uma maior vivência patrimonial, pois a população sabe da importância do título, como também sabe da ausência dele em suas vidas.

As pessoas que vêem o título como algo indiferente não foram encontradas nos grupos 1 e 5 (empreendedores e gestores / formadores de opinião), representam apenas 6,82% entre os funcionários, 6,67% dos trabalhadores esporádicos e a parcela de maior destaque, 31,01% do grupo 4 (sem contato ocupacional), o que demonstra uma considerável parcela da população que apresenta pouco ou nenhum contato com esse título.

Vale destacar também a última hipótese dessa questão, a insatisfação com o título de Patrimônio da Humanidade. Dentre os empreendedores somente 4,67% deles vêem o título como negativo, no geral eles sabem da propulsão do contexto turístico pelo título patrimonial, seguido de seus funcionários (11,36%) e dos trabalhadores esporádicos (13,33%).

Todavia, vale destacar a percepção da população sem contato ocupacional com o contexto turístico, aqui 25,32% da população acredita ser o título algo ruim para a cidade, sem dúvida um valor muito alto, de insatisfação para com o título. Essa pessoas não se sentem beneficiadas pelo popularmente dito “patrimônio”, e atribuem grandes obstáculos e entraves à cidade como consequência desse título. Se somar a insatisfação com a indiferença, teremos nesse grupo 4 mais de 56% da população que acham o título inócuo, não mudando em nada a vida das pessoas ou ruim. Essa visão negativista ou indiferente sobre o título de patrimônio é muito elevada, e indica a distância da população de grande parte de seus bens patrimoniais.

Tabela 5.5- Gestão municipal do turismo

Gestão municipal do turismo - %	grupo 01	grupo 02	grupo 03	grupo 05
Muito eficaz	0	2,27	0	0
Eficaz	14,58	18,18	6,67	33,33
Insuficiente	29,16	52,27	53,33	33,33
Muito insuficiente	56,25	27,27	40	33,33
Total	100	100	100	100

A gestão local do turismo também foi objeto de análise, entretanto, essa variável não foi analisada pelo grupo 4, tendo em vista a relativa distância dessas pessoas da administração com relação ao turismo e por consequência a menor fecundidade de suas informações sobre a variável analisada.

Dentre os olhares vilaboenses sobre os gestores do turismo, somente 2,27% dos funcionários acreditam ser a gestão local muito eficaz, os outros olhares analisados não responderam ter uma alta satisfação para com os gestores de turismo.

Sobre uma satisfação mediana, foi encontrada em 14,58% dos empreendedores, 18,18% dos funcionários, 6,67% dos esporádicos e 33,33% dos gestores e formadores de opinião. Assim, o índice de satisfação mediana também é muito baixo em Goiás Velha para com a gestão local.

Entretanto, os pesos se aumentam quando se avalia a insatisfação, pois para 85,41% dos empreendedores, a gestão local do turismo é insuficiente ou muito insuficiente. Entre os funcionários, 79,54% consideram insuficiente ou muito insuficiente a gestão local do turismo, para aqueles que tem contato esporádico com o contexto turístico, 93,33% de insatisfação e para os gestores e formadores de opinião, uma insatisfação da ordem de 66,66% com a gestão local do turismo.

Os índices de insatisfação para com a gestão local do turismo estão muito elevados, entretanto, refletem a carência dos gestores em formular políticas públicas e estratégias de planejamento apropriados ao desenvolvimento socialmente sustentável que pode ser proporcionado pelo turismo.

Tabela 5.6- Papel e atuação do IPHAN na cidade

Papel e atuação do IPHAN na cidade - %

	grupo 01	grupo 02	grupo 03	grupo 04	grupo 05
Fundamental e atuam corretamente	62,5	40,91	46,67	27,85	50
Fundamental porém atuam inadequadamente	37,5	47,73	33,33	17,09	33,33
Desnecessária à conservação do Patrimônio	0	0	0	0	0
Um obstáculo ao desenvolvimento da cidade	0	11,36	20	8,86	16,66
Não sabe, não respondeu	0	0	0	46,2	0
Total	100	100	100	100	100

O papel e atuação do IPHAN também foram avaliados nesta pesquisa. Os resultados mais positivos sobre a atuação do órgão foram encontrados entre os empreendedores do contexto turístico. 62,5% do total dessa categoria acreditam ser o IPHAN fundamental e atuar corretamente na cidade, em segundo lugar os formadores de opinião (50%); em seguida, as pessoas com contato esporádico, (46,67%)% em quarto lugar de aceitação e papel do órgão vêm os funcionários (40,91%); e as pessoas que menos valor atribuem ao IPHAN são aquelas que não apresentam contato ocupacional com o contexto turístico.

Desse grupo, 27,85% da população acredita ser o IPHAN fundamental e atuar corretamente.

Uma atuação do órgão avaliada como fundamental porém inadequada foi encontrada em 37,5% dos empreendedores, 47,73% dos funcionários, 33,33% das pessoas que tem trabalhos esporádicos no contexto turístico, 17,09% da população sem contato ocupacional e 33,33% dos gestores e formadores de opinião. Ratificando ainda a importância do órgão, entretanto, caindo para esses informantes as qualidades dos serviços prestados pelo IPHAN.

É interessante também notar como ninguém de todos os grupos pesquisados considerou o órgão como desnecessário à conservação do Patrimônio.

Na hipótese de ser o IPHAN um obstáculo ao desenvolvimento da cidade, nenhum dos empreendedores considerou o órgão dessa forma, 11,36% dos funcionários o consideram um obstáculo, 20% dos que apresentam contato esporádico, 8,86% da população sem vínculo ocupacional com o contexto turístico acreditam ser o órgão um obstáculo e 16,66% dos gestores e formadores de opinião apresentam essa idéia mais negativista sobre o papel e a atuação do órgão em Goiás Velha.

Vale destacar, que, ao perceber dúvidas nas pessoas do grupo 4, se firmaram maciçamente em não responder à pergunta sobre o IPHAN (46,2%) pois não tinham opinião formada ou se sentiam despreparados para responder sobre o órgão. Esse alto índice pode ser atribuído a um afastamento existente entre o órgão e a população, que não apresentam laços estreitos de convivência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A ANÁLISE COMPARADA

A análise em conjunto dos grupos apresentados por Jost Krippendorf possibilita a percepção sobre a variação de perguntas dentro dos olhares existentes na cidade. A análise isolada de cada grupo por si só deixaria de fora a compreensão do conjunto, melhor percebida quando se analisa por assunto os diversos olhares existentes.

A percepção das visões da população em conjunto permite vislumbrar e analisar a visão de cada grupo quando comparada aos outros grupos. Grau de instrução, influência do título de patrimônio no fluxo de visitantes, benefício à maior parte da população vilaboense pelo título de patrimônio, a importância do título de patrimônio, gestão municipal do turismo e papel e atuação do IPHAN em Goiás Velha. Essas variáveis apresentam um suporte para se perceber diversos fatores sobre a população vilaboense e suas relações com seu patrimônio e seus órgãos responsáveis.

A análise dos grupos proposta por Krippendorf é uma ferramenta de extrema valia para perceber a visão de uma população sobre o turismo. E, seguindo a ótica do autor a análise de Goiás Velha pode ser feita alcançando dados bastante significativos.

4.6 ANÁLISE DO ENFOQUE DE PLANEJAMENTO

A análise sobre o enfoque do planejamento de Goiás Velha foi praticamente toda feita em conjunto com o enfoque sócio-cultural, tendo em vista que as pessoas responsáveis pelo planejamento responderam às

perguntas sobre o contexto turístico e suas estruturas de intervenção planejada. Todavia, vale frisar que toda a estrutura de planejamento público do contexto turístico de Goiás Velha se reduz a fôlderes e placas de sinalizações turísticas. Assim, a análise do planejamento não pode ser feita de forma aprofundada tendo em vista a inexistência de planejamento para fundamentar a análise. Entretanto, a existência de um socialmente sustentável contexto turístico em Goiás Velha pode passar por diversas pequenas, médias e grandes estratégias que foram por mim elaboradas e seguem abaixo. O resultado da análise deste enfoque é um esboço de planejamento para a consolidação de pontos estratégicos para um contexto turístico mais forte e socialmente sustentável para aquela cidade, que, conforme já analisado no enfoque sócio-cultural, está carente de um planejamento estrutural para a gestão do turismo.

SUGESTões (NOTATUS ET MEDITATUS)

Dada a identificação entre estrutura física, cultural e elementos do contexto turístico em Goiás Velha, proponho agora uma série de fatores que servem à pontencialização do contexto turístico naquela cidade. Entre os ofertantes do contexto turístico na Goiás Velha, é consensual que a produção da atividade naquela cidade está muito aquém do seu potencial. Para desenvolver o turismo naquela cidade são necessários diversos fatores como: melhor utilização das atrações histórico-culturais, bem como das atrações naturais, formulação e consolidação de eventos periódicos que venham a atrair visitantes, reformas e adaptações na cidade, estratégias de marketing, bem como diversos outros elementos para a consolidação de um turismo socialmente sustentável para aquela cidade. Seguem abaixo alguns pontos por mim elaborados que caso venham a ser criados, desenvolverão do contexto turístico sustentável em Goiás Velha, certamente priorizando a qualidade de vida da população local.

4.6.1 AMBIÊNCIA DA CIDADE ATRATIVA AO CONTEXTO TURÍSTICO

Casa da Família Carvalho Ramos

Em uma casa localizada na praça do Chafariz viveu Hugo de Carvalho Ramos renomado escritor goiano autor de diversos contos e um livro que lhe deu destaque nacional: “Tropas e Boiadas”, que narra em forma literária, a fase de ocupação do centro do Brasil por tropeiros, viajantes que transportavam gado.

Hugo de Carvalho Ramos teve início e fim precoce na produção literária, seu livro foi escrito quando tinha vinte e três anos e aos vinte e cinco morreu por suicídio. Hugo de Carvalho Ramos era filho de Manoel de Carvalho Ramos baiano de nascimento, goiano por consentimento, escreveu uma das maiores obras em língua portuguesa desde “Os Lusíadas”, de Camões. Escreveu a Epopéia dos Bandeirantes pelo sertão do Brasil, e em especial do Anhangüera Bandeirante Colonizador em um livro chamado “Goyania” (fonte da qual surgiu o nome da nova capital). Sua obra é muito pouco conhecida mesmo entre estudiosos de literatura. Manuel de Carvalho Ramos e seu filho Hugo de Carvalho Ramos são de destaque na História da literatura Brasileira, assim, faz-se necessário homenagear esses escritores.

Casa de Otto Marques

Otto Marques foi talvez o maior desenhista de toda a história de Goiás Velha. Pintou e desenhou várias paisagens da cidade. Sua casa foi recentemente reformada com dinheiro proveniente da prefeitura municipal e do governo do Estado. Tal investimento público sugere a utilização do espaço em prol de algo público, o que até agora não tem ocorrido.

Casa de Pedro Ludovico Teixeira

Em uma casa da rua D´Abadia nasceu Pedro Ludovico Teixeira, o fundador de Goiânia. Nesta casa existe somente uma pequena placa fazendo alusão a tal personalidade. Em Goiânia existe um Museu em seu nome e ele dá nome à Agência de Cultura do Estado de Goiás, em Goiás Velha nenhuma referência é feita ao político.

Casa de Veiga Valle

A casa em que morou o escultor Veiga Valle também é apresentada no centro histórico de Goiás Velha e consta em guias e folhetos locais. Entretanto, não há um funcionamento da casa voltado à visitação.

Consulado da Alemanha

Em um sobrado edificado em meados do século XIX funcionou o consulado da Alemanha em Goiás, atualmente desativado. A existência desse consulado certamente tem ligações com a Colônia de Uvá, que se constitui hoje em um distrito da Goiás Velha e que foi fundado por um grupo de Alemães que imigraram para a cidade em 1921.

Casa utilizada pela APAE- associação para auxílio do excepcional (antiga Câmara Municipal)

O centenário prédio com destacada arquitetura eclética encontra-se praticamente desativado. A Apae utiliza o local e a tendência de se tratar as pessoas com necessidades especiais não é mais segregá-las e sim mantê-las em conjunto com as demais pessoas, tratando-as como normais, não como excepcionais. Assim, a nova estratégia de se cuidar dessas pessoas somada ao esporádico uso do espaço, o possibilitam para possível introdução ao contexto turístico.

Criação de parques urbanos: Pomar Público e Parque do Matadouro

Existem chácaras dentro da cidade que podem ser desapropriadas em benefício da comunidade. Em especial duas delas: a chacara ao lado da escola João Perillo, uma área central da cidade que pode ser transformada em área pública para lazer, tanto do visitante quanto da população local. Nesta primeira pode haver a criação de um pomar público com frutas tipo laranja, mamão, abacate, jabuticaba, mixirica, goiaba, caju, manga, entre outras. Existem duas chácaras ao lado da cidade, essas chácaras margeiam o histórico, descuidado e desativado matadouro municipal, datado do século XIX, pode formar o parque municipal do matadouro. Desse matadouro se destaca o curral de pedras, um enorme curral cercado por quatro paredes de pedra.

4.6.2 AMBIÊNCIA DO ENTORNO ATRATIVA AO CONTEXTO TURÍSTICO

Cachoeira da Cascavel

Uma cachoeira com enorme queda, dizem os informantes, chega a 40 metros, localizada a 5 quilômetros da cidade. Trata-se da principal área com maior potencial para ingresso no contexto ecoturístico de Goiás Velha (levando-se em conta que atualmente existe apenas uma cachoeira aberta a visitantes, e cachoeiras são de primordial interesse por eles).

Cachoeira Cabeça do Touro

Uma cachoeira de 4 metros seguida e antecedida por diversas pequenas quedas. Localizada a 8 quilômetros da cidade. Entretanto, a via de acesso a essa cachoeira é bastante difícil.

Paraíso Perdido

Poço com atratividade acompanhado de diversas pequenas quedas d'água e poços naturais. Fica localizado a 7 Km da cidade.

Cachoeira do Bagagem

Atrás do vilarejo de Areias passa o Rio Bagagem naquela altura existem piscinas naturais e uma cachoeira de aproximadamente 6 metros. Também muito pouco conhecida e visitada.

Cachoeira do Troca-tapa/ trilha da Cidade das Pedras

Existe atrás do vilarejo chamado de Troca-tapa uma trilha que leva a uma cachoeira, esta ainda não se encontra disponível à visitação e é de alta beleza, entretanto, a cachoeira é bastante frágil certamente não suportando um número maior que dez ou 15 pessoas por dia. Acompanha também uma trilha que passa por formações rochosas deslumbrantes, são enormes blocos de pedra que encontrados às centenas, formam juntos uma espécie de cidade. A Cachoeira junto com essa trilha somam um alto e potencial da área para ingresso no contexto turístico, se forem respeitadas as fragilidades da natureza.

Águas de São João

O distrito de São João é dotado de fontes com águas ferruginosas, tomadas como medicinais. Trata-se de

um atrativo com alto potencial de formação, tendo em vista a possibilidade de visitação em busca de tratamentos pela água.

Assentamentos rurais

Existe a simpatia de grande parte das pessoas pela reforma agrária o que já é uma possibilidade de formação de atrativos em reforma agrária. Existem na Goiás Velha 22 assentamentos de reforma agrária, é a maior quantidade de assentamentos em um mesmo município no Brasil, alguns deles apresentam vastas condições de formação de produtos turísticos, pois apresentam rios com condições de se tornarem balneários, casarios coloniais e produção de frutas, esses diferenciais fecundam a possibilidade de se criar produtos turísticos em áreas de assentamento.

Trilha Imperial

Um antigo caminho conhecido como trilha imperial está se fechando. Alguns trechos já se encontram bastante fechados. Trata-se de um caminho histórico, deve ser analisado se é viável a reabertura da trilha. Uma trilha como essa inegavelmente apresenta grande importância histórica, dessa forma deve-se estudar a viabilidade de se voltar a utilizar aquele espaço.

Grutas de Furnas

Existe dentro de um área pertencente a prefeitura a menos de 2km do centro da cidade um local conhecido como "Furnas". Formam uma seqüência de dezenas de grutas e cavernas subterrâneas em seqüência e isoladas por água cristalina, que, dizem, ligam até um vilarejo extinto (dizem que era para transporte de ouro). A existência das primeiras é fatídica, o que já proporciona um local de visitação.

Antiga Usina Hidroelétrica

Existia em Goiás Velha uma barragem com a finalidade de produzir energia elétrica, ela foi desativada, entretanto, parte da sua infra-estrutura ainda se encontra presente. Trata-se de um excelente local para visitação, levando-se em consideração que se pode agregar os recursos hídricos, para balneário, e históricos como local de memória de produção de energia.

Serra Dourada

O Parque Ecológico da Serra Dourada aprovado em junho de 2003 ainda não entrou em fase de demarcação, é fundamental o conhecimento sobre a área oficialmente demarcada para o início do planejamento sobre a utilização do espaço do parque.

Sugestões de áreas para a Serra Dourada:

Área Intocada - uma parcela do Parque não estar aberta a visitação. 30% da área total do Parque.

Áreas para camping/ trilhas de bicicleta - traçar trilhas que comportem somente bicicletas ou andarilhos. Distribuída entre essas trilhas áreas dotadas de alguma infraestrutura para camping 60% da área do parque. Essa área terá demarcações em matriz, e só será ocupada por quadrantes. os quadrantes iniciais serão os mais próximos da área reservada para a pista de motor (moto, carro, jipe).

Área de trilhas para motor - menor área do parque, com grandes ressalvas de estudos das condições iniciais, impactos e seus conseqüentes efeitos. 10% da área do parque. Todavia, a existência dessa área pode ser questionada, podendo ou não existir uma área de trilhas para motor.

Formação de trilhas para Serra Dourada bem como pelos diversos morros que circundam a cidade.

A cidade é rodeada por diversos morros os quais possibilitam a realização de trilhas pelos mesmos.

Destacam-se os morros da Índia, do Canta Galo e o da Lage.

Formular encontros esportivos periódicos na cidade, encontros que podem ser planejados em conjunto com entidades esportivas já existentes. A cidade apresenta alto potencial para a realização de encontros esportivos de:

Mountain Bike, Motocross, Jepcross. Essas modalidades podem ser proficuamente realizadas em Goiás Velha, devido ao seu entorno repleto de morros e em especial a Serra Dourada. Entretanto, essas modalidades devem ser bem planejadas e estudadas pois, os efeitos e impactos ambientais negativos causados nas condições iniciais por essas atividades é muito elevado. Assim a realização desses eventos pode ser um forte elemento basilar ao contexto turístico, entretanto causadora de fortes impactos efeitos negativos no meio ambiente natural.

Outras Modalidades esportivas de destaque para a Goiás Velha:

Caiaque. Existem rios com excelente potencial para a prática desse esporte na Goiás Velha, em meados dos anos 1980 já houve um campeonato na cidade. Existe um campeonato estadual dessa modalidade. A estratégia então é inserir a cidade em alguma das etapas do campeonato.

Botes. Como os caiaques os botes também podem ser muito desenvolvidos como prática esportiva em Goiás Velha, dado a mesma atratividade que existe aos caiaques.

Asa delta. No alto da Serra Dourada já existe uma pista feita para o salto de Asa delta, entretanto, não há qualquer movimento atualmente. Espera-se buscar as pessoas que possuem tal equipamento e estimulá-las a utilizar a pista já existente. Bem como tentar conseguir de algumas dessas pessoas a possibilidade de deixar sua asa delta para salto dos visitantes, após fazerem curso ou acompanhados.

Rapel. Não existe na cidade nenhuma agência ou guia com material para a realização dessa atividade, entretanto, existem diversos paredões muito propícios para a realização da mesma.

Deve-se considerar que as modalidades esportivas acima citadas se enquadram dentro de atividades relacionadas a ecoturismo e dados nacionais apontam que esse setor tem crescido uma média de 20% ao ano. Goiás Velha apresenta-se como muito pouco receptiva ao turismo ecológico. É uma área com alto potencial de expansão como essa necessita de olhares atentos ao seu planejamento.

E em conjunto com prefeituras da região é possível se organizar campeonatos de diversas modalidades esportivas, como futebol, basquete, volei, xadrez, handboll, peteca, ente outros. Mais do que para estimular o contexto turístico, estimular a participação da população em atividades coletivas. Como premiações aos campeonatos realizados podem ser disponibilizados elementos da infraestrutura do contexto turístico como por exemplo: diárias nos hotéis, refeições nos restaurantes, passeios por trilhas, etc. A premiação feita pelo próprio receptivo do contexto turístico representa uma boa premiação sem alto custo, tendo em vista que se pode dividir entre toda a infraestrutura receptiva a responsabilidade pela oferta da premiação.

4.6.3 PONTOS ESTRATÉGICOS PARA O DESENVOLVIMENTO DO CONTEXTO TURÍSTICO SOCIALMENTE SUSTENTÁVEL EM GOIÁS VELHA

Isenção ou redução da entrada para a população vilaboense

Atualmente, em alguns locais de visitaçao de Goiás Velha é cobrada a entrada mesmo da população local. Vale desenvolver estratégias para que a população local não tenha que pagar entrada ou que esta seja mais reduzida. Isso é um estímulo ao morador da cidade para conhecer seu patrimônio, valorizar sua cidade e cuidar dela conforme ela merece.

Site para Internet

Site com recursos tridimensionais para vislumbrar mais ainda o visitante, há a possibilidade de criação de um site para a internet com recursos tridimensionais, é o mais desenvolvido em termos de tecnologia virtual para locais de visitaçao. A tecnologia conhecida com VR (*virtual reality*) possibilita a criação de sites em 360°, o que deslumbra ainda mais aqueles que a observam. Esta deve ser a prioridade de Goiás Velha em seus investimentos na área de marketing nacional e internacional.

Portal de Entrada

É muito comum encontrar em cidades turísticas portais de entrada. Goiás Velha ainda não possui este recurso. Sugiro a criação de um portal de entrada na rodovia Goiás Velha-Itaberaí (principal acesso da cidade). O portal feito por dois farricocos, um de cada lado da rodovia e esses segurando uma tocha na mão de cada um e na outra uma faixa escrita Goiás Velha- Patrimônio da Humanidade escrita em diversas línguas.

Encontro de jovens da terceira idade

Encontros de “jovens da terceira idade”. Existe somente na Goiás Velha mais de 4.700 pessoas acima de 50 anos, cerca de 20% da população. Trata-se de um público, que é muito carente de atividades que os agregue, mais do que atividades voltadas ao turismo, encontros que beneficiem aos próprios moradores da cidade.

Estímulo aos Eventos Acadêmicos

Soma-se aos eventos da cidade a possibilidade de diversos encontros científicos que podem ser realizados pelos cursos de graduação e pós-graduação das Universidade Federal de Goiás e Universidade Estadual de Goiás. Seus campi na cidade oferecem boa estrutura para a realização de encontros acadêmicos. São seis cursos de bacharelado ou licenciatura plena mais cursos de graduação tipo “parcelada”. Isso possibilita a realização de diversos encontros de cunho científico, o que também faz apelo ao contexto turístico.

Criação e divulgação de pacotes turístico-religiosos

Criação de pacotes turísticos para eventos religiosos e divulgação dos mesmos em comunidades católicas de Goiânia, Brasília, Anápolis e outras cidades. A formação dos pacotes é relativamente simples uma vez que se tenha organizado o receptivo e a locomoção do turista até lá. A dificuldade maior é a venda dos pacotes. Entretanto, levando-se em consideração que existem centenas de vilaboenses católicos espalhados por essas cidades, qualquer um deles pode se tornar organizador de pacotes turísticos da cidade. O fato recomendável de serem católicos os organizadores é apenas um aproximador sociocultural, certamente pessoas de outras religiões também poderão organizar grupos de visitaçao e ganhariam comissão por grupo formado.

Reuniões das “Regionais” Sediadas em Goiás Velha

Goiás Velha é sede regional de diversas instituições, como a delegacia regional de ensino, a delegacia regional civil, é sede da diocese da região, sede regional do IBGE, da polícia militar, dos bombeiros, da celg, da saneago. Essa centralização permite se pensar na realização de pelo menos um encontro anual para confraternização ou mesmo um encontro profissional das pessoas vinculadas a essas instituições.

Centro de Trabalho Temporário CTT

Criação de um Centro de Trabalho Temporário- CTT. Durante os picos da atividade turística vários trabalhos temporários surgem na cidade. Pode-se então criar um lugar que administre essas demandas. São diversas funções como lavadores e vigias de carros (o número de furtos a rádios de carros é alto na cidade durante os maiores eventos), faxineiros e cozinheiros (várias pessoas alugam casas e se amontoam nessas casas, muitas vezes gostariam de lavar o banheiro ou fazer comida, entretanto, não fazem ou fazem de muito mal gosto), cabeleireiros, manicuras e pedicuras, massagistas, acompanhantes (é bastante comum os visitantes quererem algum tipo desses serviços durante dias de descanso, o CTT poderia informar e conseguir tal serviço ao interessado).

Eventos que envolvam a Escola de Artes Veiga Valle

A existência de uma escola de artes plásticas possibilita a criação de eventos sobre artes plásticas, visando estimular ainda mais a produção local e a vinda de visitantes.

Concursos Literários

Realização de concursos literários. Existe em Goiás Velha a Associação Feminina de Letras e Artes de Goiás- AFLAG essa associação poderia, em conjunto com as universidades, realizar concursos de textos, crônicas, poesias, contos, estimulando assim, a produção de escritores locais.

Análise da proposta de viabilidade de construção do teleférico

Recentemente, foram liberados recursos para a construção de um teleférico em Goiás Velha, entretanto, por desacordos locais a obra não foi efetivada. Houve liberação de parte do recurso que teve de voltar ao Governo Federal. A obra de construção de um teleférico em Goiás Velha deve ser novamente analisada pois, os impactos e efeitos ambientais serão pequenos, levando-se em conta que os morros já estão alterados por antenas e é uma possibilidade de uma atração a mais para a cidade.

Utilização Freqüente dos teatros

Outro fato que deve ser alcançado é a existência de uma utilização mais constante de espaços na cidade, como o teatro São Joaquim e teatro da Casa de Fundação, que devem ter apresentações com a maior freqüência possível. As apresentações devem privilegiar os artistas da cidade, depois os da região e em seguida os de outras regiões.

Acordo com as empresas de ônibus

A possibilidade de se criar um convênio com as empresas de ônibus que fazem o percurso Goiás Velha pode potencializar a vinda de artistas para a cidade. Esses artistas podem vir fazer apresentações, ministrar oficinas e minicursos. Seria um estímulo das empresas (principalmente a Moreira Transportes S/A) para a vida cultural de Goiás Velha.

Apoio da infraestrutura para receber artistas

Para receber os artistas é necessário hospedá-los e fornecer-lhes comida, e minimamente alguma remuneração. Caso haja apoio da infraestrutura local, a hospedagem e alimentação pode ser fornecida pelos empreendimentos do contexto turístico, ficando a cargo dos poderes públicos as despesas de cachê.

Apoio aos Afro e Índios Descendentes

Existem, segundo o censo de 2000, 176 pessoas que se identificam como sendo indígenas na Goiás Velha. O que se quer nessa proposta é que essas pessoas se organizem em busca de suas raízes indígenas, trazendo e (re)criando sua identidade cultural matriz. Em um momento posterior pode-se pensar em agregar essa comunidade ao contexto turístico. Entretanto, o objetivo principal é acabar com essa lacuna existente na história de Goiás de extermínio dos índios. O mesmo pode ser aplicado aos afro-descendentes, que almejem buscar suas raízes identitárias. Existem locais apropriados para ceder a essas pessoas, para que elas possam começar a se organizar. Existe um galpão abandonado na rua Félix Bulhões, acima do Clube do Canta Galo. Outro espaço no centro e abandonado é o antigo laticínio. Lá existem uma área verde, salas e um galpão, totalmente abandonados, necessitando de olhares atenciosos para aquele lugar.

Revitalização das raízes alemãs da Colônia de Uva

A Colônia de Uva, distrito de Goiás Velha, foi fundada por imigrantes alemães, entretanto, pouco resta dessa matriz naquele vilarejo. Mais do que um incremento ao contexto turístico, o resgate das tradições alemãs daquelas pessoas é objeto de desejo de muitos deles, entretanto, os próprios descendentes, apesar do interesse manifesto, não sabem o que, nem como fazer. Vale então se pensar em uma estratégia de resgate cultural desse grupo, que hoje encontra-se culturalmente sem traços germânicos. A possibilidade de se conseguir apoio da embaixada da Alemanha ou de empresas daquele país é muito alta.

Reconstrução Muro no Largo da Carioca

Reconstrução da parte danificada do muro de arrimo do Rio Vermelho no Largo da Carioca. O muro está caído e a terra está desbarrancando. Existem blocos do muro no fundo do Rio, que talvez possam ser reaproveitados e um alto volume de terra na outra margem do rio que, atualmente polui visualmente o ambiente, pode ser utilizada para tampar o enorme buraco que lá se encontra. A obra do muro é prioridade pois já existe ameaça de uma nova parte do mesmo cair, e o largo tem caído lentamente a cada dia.

Reconstrução da mureta Rio Vermelho/ Hospital São Pedro

O muro que segue a margem do Rio Vermelho pela Avenida Fleury encontra-se danificado, além disso há um desbarrancamento de terras na área. A reconstrução do muro e adequação da área são obras primordiais para se evitar danos maiores.

Necessidade de Utilização da Igreja São João Batista

Utilização da Igreja São João Batista. Apesar de ter sido restaurado pelo governo do Estado em 1993, dois anos depois já se encontrava depredada, prejudicada por infiltrações e exigindo novos reparos.

Entretanto, para especialistas, nenhuma obra conseguirá preservar esse edifício se, associado à restauração, não for desenvolvido um programa de uso e manutenção com a presença constante de pessoas no local.

Funcionamento dos Chafarizes que estão desativados

Os chafarizes da praça do coreto e o chafariz de cauda encontram-se desativados. Sugiro a ativação desses, mesmo que seja através de água da SANEAGO, não mais de nascentes como antes. E a ligação do Chafariz da Carioca ao sistema da SANEAGO, para que possa funcionar durante o ano todo.

Reativação de Associação de Arte e Música

Reativação da Associação de Santa Cecília. Essa associação era uma organização que funcionava pelos interesses de música e da arte, estando atualmente desativada. Possui sede própria, entretanto a única atividade que acontece na sede são orações nos dias de Santa Cecília (22 de novembro) e no dia de Nossa Senhora da Imaculada Conceição (8 de Dezembro), o restante do ano o espaço fica fechado.

Opções para a Crise financeira das Escolas de Samba

Existem duas escolas de samba na cidade, entretanto elas não podem nem ensaiar periodicamente pois o próprio ensaio danifica os instrumentos, levando-se em consideração que as escolas não têm renda, assim, se se danifica os instrumentos, eles ficam parados. Sugiro então a tentativa de que cada escola saia um final de semana por mês, e também durante os picos da atividade turística e durante a saída pela cidade, tenham uma caixa para doação daqueles que virem a escola passando. É um paliativo enquanto não se encontra uma solução mais adequada. Porém, proporciona aos músicos um encontro mensal, o que eles gostariam e não fazem para poupar os instrumentos para serem usados durante o carnaval. Uma solução alternativa à caixa de doações seria a escola vender ingressos ou abadás ou camisas, etc. que divida por uma corda quem tiver pago a taxa estabelecida ou outros, a conhecida "pipoca". Esta última solução pode vir a ser pensada, entretanto é notoriamente uma solução excludente.

Devolução de Espaço à Escola de Samba

Devolução do antigo espaço público municipal para a escola de samba Associação Mocidade Independente do João Francisco. Essa escola ensaiava em um galpão municipal e foram de lá tirados em 2001. Atualmente o galpão se encontra fechado e a escola não tem local coberto e próprio para ensaio. Pode-se também analisar a viabilidade de se realizar festas das escolas de samba neste local.

Carnaval Tradicional

Criação do Carnaval tradicional da Goiás Velha. Existe um interesse por parte da Banda de Música do 6º Batalhão da Polícia Militar a volta ao carnaval regido por marchinhas. A banda do batalhão está disposta a animar esse acontecimento, visando não se perder a tradição das marchinhas carnavalescas e oferecer um divertimento carnavalesco a pessoas de média e alta idade, que geralmente não participam das festas de carnaval.

Linha de Ônibus Brasília- Pirenópolis- Goiás Velha

Inexiste uma linha de ônibus que ligue Goiás Velha a Brasília. Essa carência enfraquece o fluxo de visitação pois um importante centro emissor de turistas não tem acesso direto. E vale frisar o dado levantado pela AGETUR, o turista de Brasília é o que mais gasta em Goiás Velha, (superando mesmo os estrangeiros que na maioria das vezes são estudantes) Então faz-se necessário buscar junto a empresas de ônibus e as agências públicas responsáveis por tal regulação a criação desta linha. Sugere-se a criação da linha Brasília-Pirenópolis-Goiás Velha.

Banheiros Públicos na Praça do Coreto

Construção de banheiros públicos na praça do Coreto. Essa obra há longo tempo é discutida, já se chegou inclusive a vender um prédio público para pagar essa construção, entretanto, nada foi feito. A construção

desses banheiros deve ser prioridade para a cidade, tendo em vista que durante os picos de atividade turística os problemas com sanitários são constantes.

Centro de Atendimento ao Turista - CAT

Reconstrução do Centro de Atendimento ao Turista. Existe um prédio na Goiás Velha que se destina ao C.A.T. todavia, não há nenhum tipo de movimento. Hoje prevalece o consenso de que a escolha do local (entrada da cidade, na rodovia) foi mal feita. Entretanto, erro maior é manter Goiás Velha sem um local para atender aos turistas.

Banco 24 horas

Não existe em Goiás Velha um banco 24 horas, e os horários de funcionamento das agências bancárias se encerram as 22:00 horas. É bastante comum as pessoas quererem sacar dinheiro depois desse horário, entretanto, ficam sem condições de fazê-lo devida a ausência de locais disponíveis ao saque. A criação e disponibilização de agências que funcionem, pelo menos até a meia noite certamente estimularia o turismo local.

Telefones públicos no núcleo patrimonial

A quantidade de telefones públicos no centro da cidade é muito pequena, mal suportam a demanda local, e durante os eventos de pico, a carência aumenta muito. Faltam telefones nas praças e ruas de maior movimento.

Cestas de lixo

A Goiás Velha não apresenta cestas de lixo suficientes para depósito temporário dos resíduos sólidos, existem baldes que são colocados durante eventos, entretanto, o ideal é a colocação de lixeiras fixas pela cidade.

Estímulo à abertura de Bares e Restaurantes na Rua Moretti Foggia

É bastante comum em cidades turísticas com o mesmo perfil de Goiás Velha (Cidades como Pirenópolis-Go, Porto Seguro/Arraial da Ajuda-Ba, Itacaré-Ba, Porto de Galinhas-Pe, Tibal do Sul-RN, etc.) se encontrar ruas que concentram bares, restaurantes, pequenas casas shows, etc. A formação de um espaço dessa natureza em Goiás Velha aponta para duas direções: em torno da praça do coreto, que pouco mais pode oferecer devido aos prédios históricos, e a rua Moretti Foggia. Recomenda-se a tentativa de utilização dessa rua como pontos estratégicos para bares na Goiás Velha. A escolha dessa rua como local estratégico se dá também pelo fato de dois grandes bancos da cidade se localizarem naquela rua (Itaú e C.E.F.), também se concentra naquele espaço a sede do Instituto de previdência Social de Goiás IPASGO. Como Goiás Velha apresenta um crescimento bastante desequilibrado para o sentido leste, grande parte da população se encontra muito distante dessas agências, devendo então percorrer longos trajetos até alcançar aqueles pontos. Assim, a transferência dessas agências para uma região mais central irá tanto beneficiar o turismo quanto principalmente a própria população local.

Contratação de um economista

É fundamental para se realizar os cálculos referentes ao enfoque econômico a presença de um economista. O recomendável é a contratação de um que seja exclusivo para acompanhar as atividades do contexto turístico em Goiás Velha. Levando-se em consideração a abundante oferta de pessoas com curso superior e a baixa quantidade de empregos disponíveis, é possível contratar um profissional dessa área com custos relativamente baixos.

Criação de produtos da Irmandade Bom Jesus dos Passos

Das históricas irmandades da Igreja Católica, restou na cidade apenas a Bom Jesus dos Passos. A formatação de produtos com imagens e o símbolo da irmandade pode resultar em atraentes souvenirs (especialmente bonés, camisetas, canecas em barro, chaveiros, caneta e adesivos).

FICA em Casa

O FICA, maior evento de Goiás Velha, tem basicamente dois lugares de apresentação de cinema: o teatro São Joaquim e o cinemão (uma quadra de esportes adaptada a cinema). Sugiro que os filmes dos FICAs anteriores sejam apresentados em domicílios particulares, sendo uma possibilidade a mais para gerar

renda temporária e uma possibilidade de se divulgar os filmes sempre educativos que foram apresentados nos anos anteriores.

Pré-FICA

O Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental de Goiás Velha atrai um grande número de visitantes, contudo, não há uma grande participação da população local. Uma das principais justificativas é a falta de divulgação do evento dentro da cidade, que a população só fica sabendo na véspera. A estratégia de não divulgar o evento com antecedência na própria cidade deve estar relacionada a um receio de, caso a população vá em peso assistir aos filmes, não haverá espaço para os visitantes assistirem. Há procedência, tendo em vista que o espaço para filmes os espaços em que são apresentados os filmes não comportam muitas pessoas. Então há a possibilidade de se fazer um pré-FICA, quando seriam apresentados os filmes uma semana antes, para a população local, a qual, poderia deixar os locais de apresentação durante o FICA para os visitantes.

Estímulo ao Turismo Educacional Regional

Criação de convênios com as secretarias municipais de educação com as escolas da região para estimular a visitação de estudantes a Goiás Velha. Tendo em vista que a mais interessante aula de história de Goiás ser dada naquela cidade, onde a colonização teve início.

Geração de Renda do Parque da Carioca e na Igreja N. S. da Abadia

Colocar no Parque da Carioca, na Igreja N. S. da Abadia uma caixa de doação dos visitantes para cobrir as despesas de manutenção. Esta é uma alternativa que tende a gerar algum lucro, em detrimento da cobrança direta de entrada nesses locais, outra possibilidade a ser avaliada, pois no momento a entrada nesses dois locais é franca, e são locais muito visitados.

Criação do Cartão de Visitação

Existe no núcleo patrimonial da Goiás Velha seis locais onde a entrada é paga. Penso na possibilidade de criação de um cartão que permite ao visitante o acesso a todos esses lugares. Seria uma possibilidade a mais, estimulando ao visitante conhecer todos esses locais. A criação de um cartão de visitação não limitaria a entrada individualizada em cada local.

Acabar com a tarifa para segurança

Existe hoje em Goiás Velha um imposto pago à delegacia pela segurança dos locais do contexto turístico, sugere-se aqui a eliminação dessa tarifa, tendo em vista que a segurança é um direito já implícito aos contribuintes. Ou a criação de um serviço de segurança privada com o dinheiro hoje pago à delegacia.

Criação do fundo municipal do turismo

O fundo municipal do turismo será provido por parte da receita da prefeitura e visará prover recursos à implantação de programas e a manutenção de parte dos serviços oficiais de turismo no município, é um recurso bastante utilizado em municípios turísticos.

Auditório para as Universidades Federal e Estadual de Goiás

Criação de um auditório em comum entre a Universidade Estadual de Goiás e a Universidade Federal de Goiás. É comum a reclamação de docentes e discentes das duas instituições a falta de um auditório. Pode se pensar na construção em parceria dessas duas instituições a construção de auditório para as duas universidades. A proximidade entre as duas (distam 400 metros) potencializa essa idéia.

Criação de Calendário de Eventos de Goiás Velha

Proponho a criação de dois calendários de eventos da cidade por ano. Sendo o primeiro apresentado em dezembro do ano anterior e o segundo apresentado em junho do ano corrente. Cada calendário apresentará os eventos da cidade correspondentes ao semestre próximo. Em dezembro se apresenta o calendário do primeiro semestre (janeiro até junho), e em junho se apresenta o calendário do segundo semestre (julho a dezembro). Com a formação de um calendário de eventos perene e previamente organizado é possível divulgar os acontecimentos da cidade com algum tempo prévio, o que possibilita ao visitante um melhor agendamento de quando vir até à cidade, bem como a quantidade de eventos,

estimulará diversos segmentos de visitantes para que venham até a cidade.

Venda dos Calendários de Eventos

Venda dos calendários turísticos de Goiás Velha. Mantendo a forma de um calendário por semestre. Em cada página do calendário pode haver uma foto da cidade tirada naquele mês, um diagrama com o mês que se passará e os eventos da cidade. O tamanho ideal é dos tamanhos de calendários de bolso, constando cada mês em uma página.

Curso de Graduação em Turismo pela UEG

Goiás Velha apresenta um perfil para se tornar uma cidade universitária, e desse perfil a formação do curso de turismo é bastante apropriada. Dois pontos contribuem para facilitar formação desse novo curso.

Primeiro é o interesse várias vezes manifestado do Governo do Estado em abrir esse curso, o segundo ponto é a existência de um curso de turismo pela UEG em Caldas Novas-Go, o que contribui por já haver um modelo a ser seguido.

Criação da Entidade das Associações de Turismo- ENAT

Essa entidade agregará as associações vinculadas ao contexto turístico em Goiás Velha. Deve ser constituída por representantes de cada associação vinculada ao contexto turístico. E essa entidade, em conjunto com a secretaria de cultura e turismo e os conselhos municipais de cultura, o de turismo e o de meio ambiente, avaliarão este plano turístico.

Criação do Sindicato dos trabalhadores das Associações de Turismo- SINTAT

Esse sindicato deve agregar a todos os funcionários que trabalham nos empreendimentos vinculados à ENAT. Entretanto, só poderá vir a surgir quando a ENAT já estiver consolidada.

4.6.4 PRINCIPAIS PARCEIROS PARA A IMPLEMENTAÇÃO DO PLANO

Prefeitura da Goiás Velha/ Secretaria de Cultura e Turismo

A parceria da prefeitura formalizada pela secretaria de Cultura e Turismo é o pilar para a formação de um plano dessa natureza. A tendência do turismo, de acordo com o Plano Nacional de Municipalização do Turismo, é ser gerida pela município, assim, a efetiva participação e formulação do plano deve partir da prefeitura, representada pela secretaria de turismo.

Agência Goiana de Turismo

A AGETUR é o maior parceiro em nível estadual, pois trata-se do órgão estadual responsável pela administração do turismo em Goiás, assim, qualquer plano que almeje o desenvolvimento do turismo no Estado, é recomendável que conte com seu apoio.

Ministério do Turismo

O novo ministério criado para gerir as atividades de turismo é parceiro importante pois é o maior órgão nacional para gestão do turismo. É esse ministério o principal fomentador de projetos e programas do turismo nacional.

PETROBRÁS

Esta é a empresa que mais tem investido em projetos socio-culturais-ambientais no Brasil. Já é forte parceira da Goiás Velha, assim, deve ter papel destacado pelos benefícios já prestados à cidade. Dessa forma o contado entre a PETROBRÁS e a cidade deve ser continuamente cultivado.

Entidades organizadas da cidade

Um papel importante, aí, cabe a diversas entidades como a Associação de Restaurantes Pousadas Hotéis e Similares - ARPHOS, Associação dos Ceramistas da Goiás Velha, Associação Raízes Vilaboenses, Associação Das doceiras da Goiás Velha, Associação dos Guias da Goiás Velha, Associação dos Barraqueiros, Associação das Lojas de Artesanato e Associação da Feira do Cerrado. Essas associações coordenam os maiores interessados no contexto turístico na Goiás Velha. São Parceiras fundamentais para desenvolvimento do plano, bem como reúnem a parcela da população mais beneficiada pelos

resultados do mesmo. São essas associações que constituirão a ENAT (Entidade das Associações de Turismo) acima sugerida.

As entidades culturais e sócio-ambientais como a OVAT (Organização VilaBoense de Artes e Tradições), Fundação Casa de Cora Coralina, AFLAG (Associação Feminina de Letras e Artes de Goiás), Movimento Pró-Goiás Velha, Anjos Verdes, PUMA (Programa Meio Ambiente), Núcleo Consciência e Cidadania, PROAVI (movimento Pró- águas vilaboenses) são responsáveis por grande parte das ações não governamentais da Goiás Velha. Como o turismo na Goiás Velha se beneficia profundamente pela cultura e meio ambiente do município, a participação dessas entidades é fundamental na realização do plano.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN

O IPHAN como parceiro para esse plano de desenvolvimento turístico é fundamental, tendo em vista que é esse órgão o responsável pela conservação e preservação do Patrimônio Histórico Cultural do município e grande parte das atividades turísticas da Goiás Velha se dão em áreas tombadas.

Conselho Municipal de Turismo;

Até o momento da escrita desse plano, inexistente na Goiás Velha, entretanto, trata-se de parceiro de grande valia para se pensar as diretrizes do turismo na cidade. É necessário a criação desse conselho para um melhor direcionamento do turismo na cidade.

Conselho Municipal de Cultura;

Este conselho existe na Cidade porém, trata-se de órgão inoperante, é parceiro fundamental para a realização de qualquer plano sobre o turismo, tendo em vista que grande parte das atividades de turismo na Goiás Velha envolvem a cultura local.

Conselho Municipal do Meio Ambiente

Até a escrita desse plano, inexistente na Goiás Velha. Entretanto, devido aos danos com que os seres humanos têm dado ao meio ambiente, é fundamental a criação desse conselho, não somente para ajudar a desenvolver as ações de turismo, mas para melhorar toda o meio ambiente da cidade.

SEBRAE

O SEBRAE é um importante parceiro para as atividades de turismo. Possui secretarias exclusivas para o financiamento de projetos dessa natureza. Assim, esse parceiro deve ser fundamental para a realização desse plano.

Universidade Estadual de Goiás / Universidade Federal de Goiás;

As universidades existentes na cidade também são parceiras importantes para a realização desse plano, tendo em vista a possibilidade de disponibilizarem mão de obra crítica para a ação e planejamento das atividades de turismo, também dispõe de espaço físico para a realização de eventos e ainda são fomentadoras desses, através dos diversos encontros científicos que podem e são realizados.

Câmara dos Dirigentes Lojistas de Goiás Velha;

Este é o órgão responsável pela centralização das atividades econômicas da cidade e qualquer plano que almeje o desenvolvimento socio-econômico para uma localidade, pode se pensar em buscar essa organização como parceira. Este órgão pode ser parceiro fundamental para eventos por ser um potencial doador de brindes, os quais podem ser premiações aos eventos, assim, o comércio local pode ser um forte patrocinador para as atividades da cidade. Esses parceiros geralmente são cientes dos efeitos positivos que o contexto turístico pode lhes beneficiar. (o turista abastece o carro, compra no supermercado, revela e compra filmes em lojas. Etc)

Moreira / São Geraldo (Empresas de Transportes)

Essas empresas são importante parceiras pois almeja-se que elas se disponibilizem a trazer artistas de Goiânia, de outras cidades do interior e de outros Estados, para realizarem apresentações na cidade.

Comunidade vilaboense

O apoio da comunidade vilaboense é sem dúvida o mais importante para a realização desse plano, uma vez que não seja vontade das pessoas o estímulo à atividade turística, todos os esforços para se realizar qualquer empreendimento será em vão ou caso concretize sem o desejo deles, será uma forma de exploração da população.

Considerações finais sobre o planejamento

A implementação deste plano resultará em um forte desenvolvimento socialmente sustentável para o turismo em Goiás Velha, e acima disso, tal plano apresenta propostas para a melhoria da qualidade de vida para a população local, que deve ser a maior beneficiada em qualquer estratégia de desenvolvimento. Na análise sobre a estrutura apontei que para o turista conhecer satisfatoriamente Goiás Velha são necessários 10 dias. Caso este plano venha a ser implementado, esse turista teria como ocupar 15 dias em Goiás Velha sem precisar repetir o itinerário.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do contexto turístico em Goiás Velha foi um processo extremamente laborioso. Primeiramente, pela própria formação do contexto turístico, conceito chave elaborado e desenvolvido nesta Dissertação.

O aprofundamento em questões da epistemologia ou filosofia da ciência permitiu-me conhecer mais a fundo como os processos de construção do conhecimento científico têm se desenvolvido através da história. A longa digressão pelo método científico feita nesta dissertação partiu de Galileu Galilei, um referencial da ciência clássica até Boaventura Sousa Santos, o principal artífice da ciência pós-moderna e base fundamental para a construção do referencial teórico desta pesquisa.

É com os fundamentos propostos por esse autor, ao apresentar uma nova perspectiva científica, que fundamento grande parte desta Dissertação. Isto me permitiu o uso da linguagem em primeira pessoa, bem como assumir a inexistência de neutralidade axiomática, vista em tempos modernos como elemento fundamental para a realização de uma pesquisa científica. Tais elementos são pontos chaves neste trabalho.

Tal liberdade proposta por Boaventura Souza Santos implica também uma nova visão da relação sujeito-objeto, categorias dicotomizadas; antes, tal separação era ponto fundamental para a produção do conhecimento em ciências humanas. Entretanto, fato maior e que urge ser notado é que, nas ciências humanas, não há possibilidade de se fazer esse desvinculamento. Como separar o pesquisador da sociedade pesquisada? Malinowski, ao propor o clássico método etnográfico, já se via embrenhado entre as populações da Polinésia e por elas era fortemente influenciado...

O pesquisador de ciências humanas não é máquina e menos estuda máquinas ou micro-formas de vida que não interferem no seu viver. Embebido por toda a carga de subjetividade, a vivência em Goiás Velha, bem como a convivência com as pessoas daquela cidade, em muito influenciaram esta pesquisa, os resultados bem como toda a análise. Erro mais grave que assumir tais influências é tentar negá-las.

A ciência moderna se propunha a elaborar um constructo que almejava ser a verdade; entretanto, conforme E. Babbie (1999), a ciência não busca mais a verdade, mas sim a utilidade. A verdade... o que adianta tê-la quando não sabemos usá-la? Assim, esta dissertação, mais do que levantar hipóteses para construir verdades, buscou um conhecimento que efetivamente tivesse alguma utilidade, um retorno, que culminasse não em verdades absolutas como a ciência se firmava, mas em outras formas de conhecimento que possam ser aplicadas e estudadas para se contribuir com o desenvolvimento, tanto do saber científico quanto, principalmente, da realidade local estudada.

Vale lembrar ainda A. Chalmers: “pode-se dizer que o problema de utilizar eqüitativamente o conhecimento científico que temos é um problema de urgência maior que a produção de mais conhecimento científico na sociedade contemporânea” (p. 59). Assim, urge a necessidade de utilização, mais do que produção de conhecimento científico.

Ou ainda, trazendo novas luzes às formas de conhecimento científico, indico o pensamento de M. Moesch (2000), que também questiona a construção da verdade científica. A autora expõe que o eixo da ciência se desloca; não se almeja mais a busca pela verdade, mas sim a busca pelo poder, que passa a ser a constituição do discurso científico e sua legitimação. Assim, devemos dentro das universidades, enquanto pesquisadores nos voltarmos à produção de um conhecimento analítico-propositivo, não apenas analítico-reflexivo.

Toda essa retórica vai ao encontro do pensamento de Araújo (2000), para quem:

Uma universidade pública, e mais do que tudo uma universidade de terceiro mundo como a nossa, precisa identificar e reconhecer o seu papel, e orgulhar-se desse papel, com todos os pressupostos básicos e indissociavelmente políticos de sua função social. A universidade de que falamos deve gerar e gerir os fundamentos e ações do conhecimento humano na direção do bem comum. E nessa tarefa, que não é apenas de dirigentes ocasional e provisoriamente no poder, nessa tarefa, repito, todos devemos nos alinhar. (P.14)

Assim, o autor expõe a função social da universidade e da pesquisa científica, e tudo o que almejo nessa Dissertação é contribuir para que esses ideais de Araújo sejam cada vez mais difundidos e vividos dentro das universidades, em especial, as públicas.

Vale encerrar esses apontamentos metodológicos com a síntese de Bachelard, quando propõe a “razão de renascimento quase inesgotável para o espírito científico”. Assim, tudo o que tento demonstrar é que este trabalho se constitui em algo novo e vivo dentro do espírito científico, que, como frisou Bachelard, tem um renascimento quase inesgotável e este trabalho nada mais é do que um escopo de uma nova forma de pensamento científico. Brando e profundo, simples e sublime, abstrato e evidenciável, chato e formidável.

Os dados levantados durante a realização desta pesquisa são bastante claros para entender quais são os principais problemas vividos em Goiás Velha no que diz respeito ao seu contexto turístico. Entretanto,

uma série de outros problemas também se fizeram fundamentais para a realização desta Dissertação. Os pontos de partida sobre discussões acerca da ciência se fizeram fundamentais para a construção e análise do objeto, bem como da compreensão do processo genealógico da ciência.

As discussões acerca do patrimônio cultural também foram de extrema relevância, tendo em vista que Goiás Velha sustenta o invulgar título de Patrimônio Cultural da Humanidade. Dentro da perspectiva ocidental, os primeiros a valorizarem os aparatos culturais foram os romanos (Choay, 2001), quando ao se remeterem aos gregos que os antecederam. Entretanto, somente no período de transição da Idade Média para a Moderna é que se houve uma valorização mais efetiva do que pode ser entendido como patrimônio cultural. O Iluminismo foi um dos momentos mais marcantes na história da humanidade e, sem dúvida, também o foi na história do patrimônio cultural.

Todavia, foi somente no século XIX que a Europa se debruçou efetivamente sobre o tema, criando as primeiras legislações sobre proteção. Inglaterra e França tiveram papel pioneiro nesta etapa. Contudo, o grande marco do patrimônio cultural foi criado em meados do século XX. Foi durante uma convenção da Unesco em Paris que foram criados os títulos de Patrimônio Cultural e Natural da Humanidade, títulos que são destinados a localidades por apresentarem destaque mundial por suas belezas e ou referências históricas.

E por representar um momento referencial da história da expansão européia, bem como pela preservação de um centro arquitetônico e vastos aparatos culturais imateriais, Goiás Velha foi outorgada com o título de Patrimônio Cultural da Humanidade, no ano de 2001.

No Brasil, a gênese de um pensamento voltado ao patrimônio cultural nacional está vinculado à fuga da corte real portuguesa para o Brasil (Gonçalves, 1994). Até então não se pensava em Patrimônio nacional.

Todavia, nesta ótica inicial sobre os bens patrimoniais nacionais, somente os de origem portuguesa tiveram destaque. Uma visão mais ampla que contemplasse as outras matrizes culturais brasileiras sobre os bens patrimoniais só foi alcançada durante o século XX. Somente durante o período que ficou conhecido como Modernismo, que houve manifestações no intuito de valorizar os bens patrimoniais nacionais de uma forma panorâmica. Neste contexto, vale destacar o trabalho de Mário de Andrade, escritor brasileiro que se debruçou sobre a valorização da cultura nacional.

Outro ponto de destaque da valorização dos bens patrimoniais brasileiros foi a criação da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional SPHAN, em 1937, proposta feita pelo próprio Mário de Andrade. Em Goiás Velha o IPHAN fez suas primeiras atuações na década de 1950; hoje, possui uma sede a qual funciona no intuito de preservar e conservar os bens patrimoniais existentes na cidade.

As digressões teóricas realizadas culminaram numa lapidação e aperfeiçoamento do modelo analítico aqui proposto, bem como contribuíram para a compreensão do contexto turístico de Goiás Velha, assim, retomo agora resultados sobre os enfoques do contexto turístico naquela cidade.

O enfoque econômico necessita de estudos periódicos de um pesquisador da área, pois é fundamental o conhecimento sobre essa esfera para alcançar informações satisfatórias sobre o contexto turístico.

O enfoque ambiental encontra-se bastante equilibrado. O contexto turístico não causou impactos e conseqüentes efeitos de grande ordem no meio ambiente da Velha Goiás. Os únicos efeitos negativos que podem ser notados são os volumes de lixo durante os picos da atividade turística. Entretanto, esse bom estado do meio ambiente natural não deveria gerar despreocupações; pelo contrário, devemos sim estar atentos para manter a frágil vegetação conservada. Todavia, vale lembrar que a ausência de efeitos de grande magnitude no meio ambiente natural de Goiás se deve na verdade à pequena de visitantes em atividades de ecoturismo, mais do que de uma suposta consciência ambiental desenvolvida por esses visitantes.

No que diz respeito ao enfoque da estrutura, Goiás Velha apresenta uma boa infraestrutura, com todo o seu receptivo turístico e uma excelente superestrutura. A superestrutura encontrada em Goiás Velha, no Estado de Goiás, somente pode ser comparada àquela encontrada em Goiânia. Certamente, não há outra cidade no interior desse Estado com a quantidade e qualidade de produção artístico-cultural como a encontrada em Goiás Velha. Assim, a superestrutura se constitui como a principal fonte atrativa para o contexto turístico daquela cidade.

O enfoque socio-cultural apresenta situação mais delicada. Goiás Velha vive uma situação contraditória. Apesar de ser uma cidade com uma vida artístico-cultural muito intensa, grande parte da população não vive, mesmo intimamente, aquilo que a cidade oferece.

A distância da população com relação ao seu patrimônio pode ser explicada pelos conceitos desenvolvidos ao longo das digressões teóricas. A população vilaboense apresenta majoritariamente uma apropriação propedêutica incipiente e essa se encontra distante da apropriação psicológica. As pessoas só alcançam minimamente tudo o que seu patrimônio cultural oferece. Não existe, entre a maior parte da população de Goiás Velha, uma vivência patrimonial intensa. Isso deve ser estimulado antes de qualquer

plano de desenvolvimento turístico. Até mesmo porque, quanto mais ativa for a população, quanto mais atuante, alegre e artística, melhor será para o próprio contexto turístico, que poderá oferecer ainda mais atrações locais. Além disso, vale lembrar a consagrada frase do escritor russo Dostoiévski: “se queres ser universal pinte a tua terra”, assim, a melhor forma de se posicionar num contexto global é sendo local. Isso é o principal atrativo e diferencial que se pode lançar mão, trata-se assim de uma estratégia que une produção e prazer, sendo essa a tendência do mundo pós-moderno, a simbiose do *homo faber* e do *homo ludens*.

A estratégia de se desenvolver apropriação patrimonial pedagógica é um importante viés para alcançar a apropriação psicológica; entretanto, deve a apropriação pedagógica estar ciente de seu caráter intermediário. Assim, como as pessoas não alcançam uma apropriação psicológica do patrimônio, não consomem seus bens patrimoniais, que devem ser consumidos, antes de qualquer visitante, pela população vilaboense.

Registro então os pareceres finais sobre o sub-contexto do planejamento, tido como o mais importante de todos, pois é através desse que todo o contexto turístico deve ser implementado. Cabe às pessoas responsáveis pelo planejamento turístico um papel crucial no sentido de organizar e direcionar o contexto turístico. É na esfera do planejamento que todos os impactos e efeitos podem ser previamente imaginados. E isso não só no âmbito deste enfoque, mas no que tange a todos, por isso tal enfoque é de suma importância.

A análise do enfoque de planejamento em Goiás Velha indica apenas a sua ausência. Não há qualquer plano, programa ou projeto de desenvolvimento turístico público naquela cidade. Todos os planejamentos encontram-se apenas no plano particular e individual, sem dúvida importante, entretanto, insuficiente. A ausência de uma política pública direcionada para o turismo em Goiás Velha fragiliza todo o contexto turístico daquela cidade.

Uma cidade que detém o título de Patrimônio Cultural da Humanidade não pode ter sua gestão turística voltada apenas para placas, folders e convites a personalidades internacionais. O planejamento turístico de Goiás Velha deve ser voltado para um recorte mais próximo e certo, visando, em primeiro plano, o público regional; em segundo, o nacional; e em terceiro, o internacional.

A realização desta obra *Novidades em Goiás Velha: um estudo do contexto turístico na antiga capital goiana* foi de árdua e gratificante realização. A formulação de um método analítico e a aplicação do mesmo foi uma tarefa que necessitou de muito fôlego, pois todo o referencial teórico, o conhecimento empírico e o plano propositivo foram densamente explorados aqui. O que faz deste trabalho uma obra referencial tanto para as análises turísticas, ainda tão carentes de referências, quanto para Goiás Velha, que em muito pode ser beneficiada com este trabalho dissertativo, e é este o principal objetivo agora que se encerra esta Dissertação: buscar melhorias para a população vilaboense.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria G. Refletindo Sobre o Lugar Turístico Global. In **Turismo Com Ética**. Luzia Neide Coriolano (Org.). Fortaleza Ceará: Editora da Universidade Federal do Ceará, UECE, 1998.

ARAÚJO, Jorge S. A quem (ainda) Interessar Possa. In **Críticas do Viver Efêmero, Precário e Provisório**. Ilhéus, Ba: Editora Letra Impressa, 2002.

_____. **Caderno de Exercícios**- algumas reflexões sobre o ato de ler. Ilhéus Bahia: Editora Letra Impressa, 2000.

BABBIE, Earl. **Métodos de Pesquisa de Survey**. Belo Horizonte, MG: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 1999.

BACHELARD, Gaston. **O Novo Espírito Científico**. Rio de Janeiro, RJ: Edições Tempo Brasileiro LTDA, 2ª Ed, 1985.

_____. **O Novo Espírito Científico e a Poética do Espaço; A Poética do Espaço**. São Paulo-SP: Editora Nova Cultural, 1998.

BAPTISTA, Myrian V. **PLANEJAMENTO. Introdução à metodologia do planejamento social**. São Paulo-SP: Editora Moraes, 3º Ed, 1991.

BARRETTO, Margarita. **Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo**. Campinas, São Paulo: Editora Papirus, 10ª Ed, 2001.

- BENI, Mário. **Análise Estrutural do Turismo**. São Paulo SP: 2ª Ed. Editora Senac, 1997.
- BERNADO ELIS. **Vila Boa de Goiás**. Companhia Editora Nacional. Embratur, 1979.
- BERTRAN, Paulo. **Notícia Geral da Capitânia de Goiás**. Goiânia, Goiás: Editora da Universidade Federal de Goiás, 1997.
- BERTRAN, Paulo. **O Cerrado e o Planalto Central: transformações**. Revista do DF letras. A revista Cultural de Brasília. Nº 59-62, 1999.
- BERGER, Peter. **Perspectivas Sociológicas- Uma Visão Humanística**. Petrópolis, Rio de Janeiro: 5ª Ed. Editora Vozes, 1980.
- BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte, Minas Gerais: Editora UFMG, 1998.
- BOURDIEU, Pierre & PASSERON, Jean C. **A Reprodução**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Francisco Alves, 3º Ed., 1992.
- BRASIL. **Meu Negócio é Turismo**. Ministério do Esporte e Turismo / SENAC. Sem data.
- BUZZI, Arcanjo. **A Identidade Humana**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.
- CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. Vol 1 Sociedade em Rede**. São Paulo, São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000.
- CHALMERS. Alan. **A Fabricação da ciência**. São Paulo, SP: Editora Unesp, 1994.
- CHAUÍ, Marilena. Política Cultural, Cultura Política e Patrimônio Histórico. In **O Direito à Memória**. Departamento de Patrimônio Histórico de São Paulo, 1992.
- CHAUL, Nasr F. **Coronelismo em Goiás: estudos de casos e famílias**. Goiânia, Goiás: Editora Kelps, 1998.
- _____ **Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade**. Goiânia, Goiás: UFG, 1997.
- _____ **A Cidade Umbilical**. Monumentos Brasileiros no Patrimônio Mundial. Revista do ICOMOS-BRASIL. 2000.
- CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. São Paulo-SP: Editora da UNESP-Estação Liberdade, 2001.
- COELHO, Gustavo N. **A Formação do Espaço Urbano nas Vilas do Ouro: o Caso de Vila Boa**. Goiânia, Goiás: Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Goiás 1997.
- _____ **Guia dos Bens Imóveis Tombados em Goiás**. Volume I. Instituto dos Arquitetos do Brasil, 1999.
- CORALINA, Cora. **Vintém de Cobre**. Goiânia, Goiás: Editora da Universidade Federal de Goiás- UFG, 3ª Ed, 1985.
- DENKER, Ada. **Métodos de Pesquisa em Turismo**. São Paulo: 6ª ed, Editora Futura, 2002.
- DORFLES, Gildo. **Novos Ritos, Novos Ritmos**. Lisboa: Edições 70, 1980.
- DOSSIÊ. **Proposta de Inscrição da Cidade de Goiás na Lista do Patrimônio Cultural da Humanidade**. Goiás-Go, 1999.
- DURKHEIM, Emille. **Da Divisão do Trabalho Social**. São Paulo, SP: Editora Martins Fontes, 1996.
- FERREIRA, Antônio G. **Dicionário de Português Latim**. Porto Editora, Lisboa Portugal, 1985.
- FERREIRA, Maria N. **As Festas Populares na Expansão do Turismo**. São Paulo, SP: Editora Arte e ciência, 2001.
- FREITAS, Vinícius J. R. **Fronteira Agrícola no Estado de Goiás: um estudo sobre as décadas de 1960, 1970 e 1980**. Goiânia- Goiás: Relatório Final do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica. Universidade Federal de Goiás, 2001.
- FUNES, E. A. **1800-1850: Um Período de Transição da Mineração à Agricultura**. Goiânia-Goiás: Editora da Universidade Federal de Goiás, 1996.
- GEETZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Guanabara Koogan, 1989.
- GOMES, Edvânia T. *A Ressurgência do Turismo nos Anos 90- Campo de Possibilidades de revisitações da Região, Natureza e a Paisagem na Geografia*. In **Turismo com Ética**. Fortaleza, Ceará: Editora Funece, 1998.
- GOMES, Modesto. **Estudos de História de Goiás**. Goiânia, Goiás: Editora Gráfica do Livro Goiano, 1974.
- GOMES, Romeu. **A análise de dados em pesquisa qualitativa**. In PESQUISA SOCIAL: teoria, método e criatividade. Petrópolis RJ: Editora Vozes, 4ªEd, 1995.
- GONÇALVES, José R. S. **A Retórica da Perda- os discursos do Patrimônio Cultural no Brasil**. Rio de Janeiro-RJ: Editora UFRJ/ MinC- IPHAN, 1996.
- GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro-RJ: Coleção Perspectivas do Homem. Volume 48. Série Filosofia. Editora Civilização Brasileira, 1968.

- GUERREIRO DE FREITAS, Antônio. "Eu vou para a Bahia": a construção da regionalidade contemporânea. In **Bahia Análise e Dados**. Salvador-Ba: v. 09 nº 4 Março, 2000.
- GUIMARÃES, Leda. GUIMARÃES, Alexandre. GOYA, Flávia. **Objetos Populares da Cidade de Goiás: Cerâmica**. Goiânia, Goiás: SEBRAE/ Universidade Federal de Goiás, 2001.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro-RJ: Editora DP&A, 2001.
- HARVEY, David. **A Condição pós-moderna**. Rio de Janeiro-RJ: Editora Loyola, 1990.
- HOBBSAWN, Eric & TERENCE, Ranger. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro-RJ: Editora Paz e Terra, 1997.
- IPHAN. 14ª Coordenação Regional. **Patrimônio Cultural: boletim informativo**. Ano 05, nº07, dez.1995.
- JARDIM, Márcia. FERREIRA, Maria. BARROS, Milena. PRUDENTE, Rúbia. **A Infra-estrutura do Setor de Turismo na Cidade de Goiás Durante o V FICA**. Cidade de Goiás, Go: Monografia defendida para formação do Curso Superior de Formação Específica em Gestão Pública. Universidade Estadual de Goiás, 2003.
- JR. BANDUCCI, Álvaro. Turismo e Antropologia no Brasil: Estudo preliminar. In **Turismo e Identidade Local**. Campinas-SP: Papyrus editora, 2001.
- KAPPLER, Arno. **Perfil da Alemanha**. Publicado pelo Departamento de Imprensa e Informação do Governo Federal da Alemanha. Westermann, Braunschweig, Alemanha, 2000.
- KERSTEN. Márcia S. A. **Os Rituais do Tombamento e a Escrita da História**. Curitiba-Pr: Editora da UFPR, 2000.
- KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo- Para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. São Paulo-SP: Editora Aleph, 2000.
- KUHN. Thomas. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo-SP: 6ª Ed, Editora Perspectiva, 2001.
- LARAIA, Roque de B. **CULTURA: Um conceito Antropológico**. Rio de Janeiro- RJ: Jorge Zahar Editor, 11º Ed, 1996.
- LEVIN, Jack. **Estatística Aplicada a ciências Humanas**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Harpe & Row do Brasil, 1978.
- MANUAL DE NORMATIZAÇÃO DE TRABALHOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS. **Universidade Estadual de Santa Cruz UESC**, 2002.
- MAX, Robson e AGOSTINI Lucia. **Afoxé Aiyó Delê**. Cidade de Goiás, Goiás, Março de 2002.
- MENDONÇA, Belkiss S. C. **A Música em Goiás**. Goiânia-Goiás: 2ª Ed., Editora da Universidade Federal de Goiás, 1981.
- MILONE, Paulo e LAGE, Beatriz. **Impactos Socioeconômicos Globais do Turismo**. In Turismo Teoria e Prática Org. Beatriz Lage e Paulo Milone. São PauloSP: Editora Atlas, 2000.
- MINISTÉRIO DA CULTURA/IPHAN. **A Invenção do Patrimônio**. Rio de Janeiro- RJ: IPHAN, Departamento de Promoção, 1995.
- MOESCH, Marutschka. **A Produção do Saber Turístico**. São Paulo-SP: Editora Contexto, 2000.
- MONDIN, Batista. **Curso de Filosofia**. São Paulo SP: Edições Paulinas, 1981.
- MONICA, Laura D. **Turismo e Folclore- um binômio a ser cultuado**. São Paulo-SP: 2ª Ed. Editora Global Universitária, 2001.
- MORAES, Dominga C.P. **CIDADE DE GOIÁS: patrimônio histórico, cotidiano e cidadania**. Goiânia-Go: Dissertação de Mestrado IESA/UFG, 2002.
- MORAIS, Frederico. I Bienal do Mercosul: regionalismo e globalização. In: **Margens Revista de Cultura**. nº 1 Jul/2002.
- ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo-SP: Editora Brasiliense, 1994.
- PALACIN, Luiz. **O Século do Ouro em Goiás**. Goiânia-Go: 4ª Ed, Editora da Universidade Católica de Goiás, 1996.
- _____ **Goiás 1722-1822: Estrutura e Conjuntura Numa Capitania de Minas**. Goiânia-Go: Editora Gráfica Oriente, 1972.
- PATIÑO, Roxana. Identidad, Territorios, Diversidad. Para Pensar a integración em el Mercosur. In ANTELO et Alii (org). **Declínio da Arte e Ascensão da Cultura**. Florianópolis: Abralic/Letra Contemporâneas, 1998.
- PELLEGRINI FILHO, Américo. **Ecologia, Cultura e Turismo**. Campinas-SP: 7ª Ed, Editora Papyrus, 2001.
- POPPER, Karl. **A Lógica da Pesquisa Científica**. São Paulo-SP: Editora Kultrix, 2000.
- RAMOS, Manuel L. **GOIANIA Poema Épico**. Goyaz-Go: Fundação Cultural de Goiás, 1896.
- RODRIGUES, Adriano D. **Comunicação e Cultura experiência cultural na era da informação**.

Lisboa: Presença, 1993.

SANTOS, Boaventura S. **Introdução a Uma ciência pós-moderna.** Rio de Janeiro-RJ: Editora Graal, 1989.

SEBRAE. **Turismo: Seja Bem Vindo!** São Paulo, SP, 2000.

